



Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre

Filiada à Associação Psicanalítica Internacional desde 1963 e
à Associação Brasileira de Psicanálise

Presidente

Gerson Isac Berlim

Secretário

Paulo Fernando B. Soares

Secretário Científico

Raul Hartke

Tesoureiro

Ruggero Levy

Conselheiros

Isaac Pechansky

Luiz Carlos Mabilde

Diretora do Instituto

Marlene Silveira Araujo

Secretário do Instituto

Sérgio Lewkowicz



ISSN 1413-4438

Revista de Psicanálise

da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre

Indexada na Base de Dados LILACS desde 1997

Rua Gen. Andrade Neves, 14 conj. 802

90010-210 - Porto Alegre-RS

Tel/Fax: 051 3224-3340

E-mail: revista@sppa.org.br

Homepage: www.sppa.org.br

Volume X - Nº 3 - Dezembro - 2003

Editor

José Carlos Calich

Editores Associados

Executivo: Paulo Oscar Teitelbaum • **Redação:** Paulo Henrique Favalli • **Seções Especiais e Entrevistas:** Viviane S. Mondrzak

Conselho Consultivo

Carlos Gari Faria - SPPA • Carmen Médici de Steiner - APU • Elias Mallet da Rocha Barros - SBPSP • Elizabeth T. de Bianchedi - APdeBA • Joel Nogueira - SPPA • Jorge L. Ahumada - APdeBA • Juan Francisco Jordán Moore - APCh • Julio Moreno - APdeBA • Leopold Nosek - SBPSP • Maria Olympia de A. F. França - SBPSP • Mauro Gus - SPPA • Ney Couto Marinho - SBPRJ • Norberto C. Marucco - APA • Paulo Fonseca - SPPA • Plínio Montagna - SBPSP • Raquel Zak de Goldstein - APA • Ricardo Bernardi - APU • Robert Michels - APsaA • Virgínia Ungar - APdeBA

Conselho de Revisores

Alírio Torres Dantas Junior - SPR • Arnaldo Chuster - SPRJ • Bruno Salésio da Silva Francisco - SPPel • Carlos Edson Duarte - SPRJ • Cláudio Laks Eizirik - SPPA • David Epelbaum Zimerman - SPPA • Flávio Rotta Corrêa - SPPA • Germano Vollmer Filho - SPPA • Isaac Pechansky - SPPA • Juarez Guedes Cruz - SPPA • Luiz Carlos Mabilde - SPPA • Marlene Silveira Araujo - SPPA • Nilde J. Parada Franch - SBPSP • Paulo Fernando B. Soares - SPPA • Raul Hartke - SPPA • Roaldo Naumann Machado - SPPA • Roberto Gomes - SPPA • Roosevelt Moises S. Cassorla - SBPSP • Ruggero Levy - SPPA

Conselho Editorial

Anette Blaya Luz • César Luís de Souza Brito • Gisha Brodacz • Lucia Thaler • Luciane Falcão • Luisa Maria R. Amaral • Magali Fischer • Matias Strassburger • Patrícia Fabrício Lago • Rose Eliane Starosta • Tula Bisol Brum

Secretária Executiva

Irma Ângela Manassero

Revisão

Clotilde Favalli

Capa

Arte: Liziane Cruz

Composição

Luiz Cezar F. de Lima

Impressão

Gráfica Editora Pallotti



Figura da capa: Peça integrante da obra “O jogo de xadrez”. Encontra-se em exposição na Galeria Escultura / Sala de Arte, em Porto Alegre. Agradecemos ao autor e a Roberta Karam pela permissão de utilização da fotografia da obra em nossa capa.

Produção gráfica: Liziane Cruz

Gustavo Nakle:

Escultor. Nascido em Montevideu, Uruguai em 1951. Cursou a Escola Nacional de Belas Artes de Montevideu e mudou-se para Porto Alegre em 1972. Após experiências com desenho, história em quadrinhos e desenho publicitário, retomou a escultura e a pesquisa de materiais como resina, bronze, tinta automotiva, acrílico e cerâmica. Realizou exposições individuais em importantes espaços no Brasil e Exterior. Na sua obra, fruto de uma imaginação exuberante, funde o homem e o animal, mostrando um surrealismo que provoca polêmica. Tem obras no Museu Blanes de Montevideu, Fundação Lam, em Havana e no Stedelijk Museum, em Amsterdam.

R 454 Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre /
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre. – Vol. X, nº 3 (dez., 2003)
– Porto Alegre: SPPA, 1993 –

Quadrimestral

ISSN 1413-4438

1. Psicanálise – Periódicos I. Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

CDU: 159.964.2 (05)
616.89.072.87 (05)

CDD: 616.891.7

Bibliotecária Responsável: Mônica Nodari
CRB/10 - 900





Vol. X - Nº 3 - Dezembro/2003

S U M Á R I O

EDITORIAL
José Carlos Calich / 385

ARTIGOS

O inconsciente e suas tensões atuais
José Carlos Calich / 391

Três acepções da palavra “inconsciente” no quadro da Teoria da Sedução
Generalizada
Jean Laplanche / 403

O inconsciente e as relações de objeto
Charles Hanly / 419

O inconsciente e suas máscaras
Salomon Resnik / 437

O analisando de hoje e o inconsciente (sobre o conceito de zonas psíquicas)
Norberto C. Marucco / 453

O inconsciente freudiano na atualidade: um olhar lacaniano
José E. Milmaniene / 475

O inconsciente na pós-modernidade: as tensões epistêmicas
Jorge L. Ahumada / 495

Epistemologia do inconsciente – Características esquizo-paranóides nos caminhos
da ciência e da prática psicanalíticas: tolerância de paradoxos, realismo e idealismo
ingênuos
Paulo Cesar Sandler / 509

Representação e inconsciente
Roaldo Naumann Machado / 529

O inconsciente na perspectiva da complexidade e do caos: uma abordagem inicial
**Viviane Mondrzak, Aldo Duarte, Alice Lewkowicz, Anna Luiza Kauffmann,
Eneida Iankilevich, Gisha Brodacz, Gustavo Soares, Luiz Ernesto Pellanda,
Maria Regina Ortiz / 559**

ÍNDICE Volume X / 575





Atenção montador
a página **382** é branca





número temático

O Inconsciente

Tensões Atuais





Atenção montador

a página **384** é branca





Editorial

A concepção de um fenômeno inconsciente como centro da realidade psíquica e sua sistematização estruturou a teorização freudiana e a de seus seguidores, colocando a psicanálise como pensamento único, distinto de todas as outras áreas do saber humano.

Por ser um termo definatório, confunde-se com a própria essência da psicanálise. A evolução das teorias psicanalíticas, no entanto, com seus diferentes prismas, lógicas internas variadas e leituras diversificadas, interagindo com o desenvolvimento de outras áreas do conhecimento e associada ao estudo de patologias mais regressivas e de fenômenos mentais tanto mais primitivos quanto complexos, traz tensões ao conceito que demandam reflexão sobre sua unidade e coerência.

Pensamos que esta reflexão devesse ocorrer como um corte, a exemplo de tantas outras com igual propósito. Assim, propusemos um corte que visasse não uma revisão conceitual com a compilação das teorias já existentes, mas que possibilitasse, através da compreensão das tensões, a abertura de caminhos para a expansão do tema.

Tendo em mente os referenciais do como pensar o inconsciente, o pensar sobre o pensar (epistemologia) e o pensar contextualizado (diferentes referenciais teóricos), solicitamos aos autores que produzissem textos inéditos sobre o tema, com suas visões pessoais e ‘colocassem o conceito a trabalhar’ (seguindo a consagrada formulação de Laplanche).

Os artigos foram solicitados a destacados pensadores da psicanálise de distintas regiões geográficas e com tendências teóricas diferentes: Jean Laplanche, Charles Hanly, Salomon Resnik, Norberto Marucco, José Milmaniene, Jorge Ahumada, Paulo Cesar Sandler, Roaldo Machado e ao grupo de estudos sobre epistemologia psicanalítica, de nossa Sociedade.

O resultado foi um conjunto de excepcional qualidade, com novos e originais aportes teóricos, importantes contribuições tanto para a expansão da noção de inconsciente como para a compreensão dos fenômenos psíquicos complexos (principalmente para as organizações limítrofes, para as chamadas patologias atuais com predomínio da ação e da adição e fenômenos primitivos como fanatismo e psicopatia), possibilitando suportes para a evolução da teoria da técnica.

Jean Laplanche amplia seu modelo da Teoria da Sedução Generalizada, alberga em um mesmo “aparelho da alma”, simultaneamente, o inconsciente recalcado, o inconsciente encravado e o pseudo-inconsciente do mito-simbólico, conceitos esses introduzidos no artigo aqui presente.





José Carlos Calich

Charles Hanly apresenta uma crítica fundamentada à evolução daquilo que sublinha como sendo a “guinada relacional”, ou seja, o abandono do modelo pulsional com a ênfase “irredutível” na subjetividade dada pela teoria das relações de objeto, principalmente nos seus desenvolvimentos na América do Norte, correlacionando-a com uma possível alteração do conceito de inconsciente, que ficaria implícita nestas teorias.

Salomon Resnik, através de um texto repleto de citações literárias, psicanalíticas e filosóficas, procurou relacionar a apresentação clínica das manifestações do inconsciente, suas máscaras, com sua natureza ontológica e seu realismo.

Norberto Marucco, através de desenvolvimentos de seus conceitos de formas de inconscientização e zonas psíquicas, aborda o “analisando de hoje”, o lugar e papel do analista, bem como o desligamento, o cerceamento da potência da pulsão, que chama de “surdez libidinal”, levando-o a formular o conceito de um inconsciente gerado por “trauma cumulativo”.

José Milmaniene, partindo de um referencial lacaniano, faz evoluir o conceito de inconsciente forcluído, relacionando-o às patologias do gozo, à despoetização do inconsciente (ligada a um núcleo residual irredutível à metaforização), apresentando seus componentes sócio-culturais e as repercussões destes últimos no processo psicanalítico.

Jorge Ahumada e Paulo Cesar Sandler, aos quais solicitamos especificamente textos sobre ‘epistemologia do inconsciente’, abordam de forma complementar, a situação do pensamento psicanalítico frente às principais questões da filosofia do pensamento contemporâneo, procurando aproximar-se da essência de nossa disciplina e de seu método.

Roaldo Machado contribui com sua visão atual sobre a questão da representação. Partindo de um referencial essencialmente freudiano, desenvolve a questão dos três níveis de registro e sua articulação na estruturação do inconsciente

O grupo de estudos sobre epistemologia psicanalítica de nossa Sociedade, coordenado pela editora associada de nossa Revista, Viviane Sprinz Mondrzak, aborda preliminarmente a questão do inconsciente pensado à luz da teoria do caos e da complexidade.

Quanto a mim, em um artigo inicial, com a finalidade de servir de introdução ao tema, procurei situar algumas das atuais tensões a respeito da noção de inconsciente.

Nossos agradecimentos a todos os autores pela disponibilidade, interesse e qualidade das contribuições.

Este é o último número comemorativo dos 10 anos da Revista de Psicanálise da SPPA, dos 40 anos da fundação da SPPA e o último número desta gestão.





Nos quatro anos que se passaram, uma agradável, porém laboriosa meta de manter a qualidade crescente da Revista foi insistentemente buscada. O trabalho em equipe a permitiu e a amizade o temperou e amenizou. Minha sincera gratidão a todos os membros da Comissão Editorial, bem como aos colegas que colaboram nos Conselhos de Revisores e Consultivo.

Meus agradecimentos à diretoria da SPPA, principalmente pela confiança e pela liberdade que permitiu o continuado desenvolvimento da Revista.

Também a dona Irma Manassero, Clotilde Favalli, Luiz Cezar F. de Lima, Mônica Nodari, Livia Amaral e Liziane Cruz pelo apoio inestimável que prestaram à Revista.

Ao novo grupo Editorial, o desejo de muito trabalho e sucesso.

Ao finalizar e me despedir, desejo que, em 2004 e no futuro, na impossibilidade de desejar que o construtivo suplante o destrutivo – pela realidade que o conhecimento do inconsciente nos propicia – tenhamos pelo menos o que está ao nosso alcance: a integridade ética de aceitar e enfrentar aquilo que já não pode mais não ser conhecido, possibilitando continuarmos crescendo com valores humanos melhores e um otimismo realista.

A todos uma boa leitura.

Dezembro de 2003

José Carlos Calich

Editor da *Revista de Psicanálise* da SPPA



Atenção montador

a página **388** é branca





Artigos





Atenção montador

a página **390** é branca





O inconsciente e suas tensões atuais

José Carlos Calich, Porto Alegre*

À guisa de introdução a este número temático da Revista de Psicanálise da SPPA, o autor examina brevemente algumas das “tensões atuais” a respeito do conceito de inconsciente, principalmente aquelas relacionadas aos temas desenvolvidos pelos demais autores. São abordados os problemas com a linguagem e a comunicação na psicanálise, suas tensões escolásticas, os problemas com a delimitação do campo da psicanálise e da natureza do inconsciente. Ao final, é apontada uma possível “onda evolutiva” da teoria do inconsciente, através da busca, por autores de diferentes orientações teóricas, de modelos que integrem os variados níveis de mentalização em distintas zonas de funcionamento psíquico, consideradas co-existentes e em relacionamento dinâmico.

• Membro Associado da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

Revista de Psicanálise, Vol. X, Nº 3, p.391-402, dezembro 2003 □ 391





José Carlos Calich

“O inconsciente é a verdadeira realidade psíquica; em sua natureza mais íntima, ele nos é tão desconhecido quanto a realidade do mundo externo, e fica apresentado de modo tão incompleto pelos dados da consciência quanto o mundo externo fica incompletamente apresentado pela comunicação de nossos órgãos sensoriais”.

Freud, 1900, p.613 (grifos de Freud)

A intenção deste artigo é servir como introdução ao presente número da *Revista de Psicanálise da SPPA*, procurando situar algumas das tensões atuais sobre o conceito de inconsciente.

A meta não é uma revisão abrangente, porque de certa forma abarcaria grande parte da teoria psicanalítica, nem procurar ou propor respostas, o que será objeto dos artigos que seguem. A tentativa é de localizar, contextualizando-os, alguns dentre os diversos emaranhados teóricos e clínicos sobre o inconsciente com que convivemos em nossa disciplina, enfatizando os abordados neste número.

Babelização e crise de comunicação da psicanálise

“Uma ciência, em última instância, permanece ou sucumbe enquanto é uma técnica válida para a descoberta, e não em virtude do “conhecimento” ganho. O conhecimento sempre está sujeito a ser substituído; de fato, o critério pelo qual se julga a vitalidade de um assunto é a substituição de descobertas, por novas descobertas”.

Bion, W.R. (1992), p.199

Todo corpo teórico necessita de uma ou algumas hipóteses que constituam seu núcleo firme, irreduzível. Essas seriam as hipóteses definitórias da teoria, sem as quais ela não sobreviveria como tal (Lakatos, 1970). É possível considerar que o núcleo irreduzível de hipóteses da psicanálise seja constituído pela noção básica desenvolvida por Freud sobre o papel central da atividade inconsciente no funcionamento mental humano (Guimarães Filho, 1999).

Ainda que a formulação seja de fácil aceitação e, provavelmente, tenha unanimidade entre os psicanalistas, não conduz ao mesmo consenso a pergunta: qual é a “atividade inconsciente no funcionamento mental humano”?





A apreciação da questão, como, na atualidade, qualquer questão conceitual em psicanálise, passa por suas escolas com suas diferentes coerências internas, seus diferentes modos de olhar o psiquismo humano, bem como a diferente linguagem que utilizam para referirem-se a ele.

Cada escola tem seu próprio princípio organizador, sua própria episteme. São oriundas de saltos teóricos, rupturas maiores ou menores em relação às escolas de onde se originaram. Utilizam-se, de modo velado ou explícito, de pensamentos não psicanalíticos que influenciaram a cultura na qual seus fundadores estão imersos (*zeitgeist*). São, em geral, fruto de necessidades geradas na própria clínica, decorrentes da insuficiência dos modelos anteriores em dar conta de determinados fenômenos psíquicos, patológicos ou não, com conseqüências na técnica psicanalítica.

Em geral, também, depois de lançado um novo elemento organizador, sua confrontação inevitável e discussão com as outras escolas de pensamento psicanalítico fazem com que as duas teorias, antiga e nova, se desenvolvam e se aprimorem. Encontram seguidores, comunicadores proselitistas e detratores, contribuindo para o crescimento do pensamento psicanalítico em geral. Trazem, contudo, fragmentação teórica e institucional (esta última não somente por esses motivos).

Agrega-se a constatação de que os conceitos psicanalíticos, ao serem transportados e lidos por outra cultura (e.g., outra região ou país), assumem novas conotações regionalizadas (Mezan, 1988). Supõe-se que sobrevivam os conceitos e as escolas que tenham maior valor heurístico (Lakatos, 1970) ainda que parcial. Acredito, contudo, que persistam por longo tempo aqueles que têm a capacidade de exercer um valor mítico, servindo como fonte de manutenção da identidade, de poder ou de aparente integração do pensamento.

A convivência destes diferentes conceitos, de origens, linguagens, significados e razoamentos diversos, passou a ser referida na literatura de modo muito apropriado como a 'Babel Psicanalítica' (Amati-Mehler et al., 1990; Steiner, 1994) na qual, ao tentarmos construir os alicerces de nossa torre, encontramos dificuldade em estabelecer uma linguagem minimamente comum. Ao pensar que a estamos alcançando, percebemos que aquilo que chamamos, por exemplo, de transferência, desejo, identificação projetiva, falso-*self*, campo ou qualquer outro conceito tem tantas 'traduções' que dificilmente será compreendido como quem o diz pretende, a menos que muito trabalho 'tradutivo' já tenha ocorrido ou venha a ocorrer. Isto faz com que a torre tenha sempre dificuldades de se estabelecer de forma definitiva.

Evidentemente, o conceito de inconsciente, por mais fundamental que seja à própria essência e definição da psicanálise, é submetido à mesma babelização. Falamos por exemplo de inconsciente-lugar, inconsciente-reservatório-energético, inconsciente instância, inconsciente qualidade, inconsciente sistema, inconsciente dinâmi-





José Carlos Calich

co, inconsciente reprimido, inconsciente forcluído, inconsciente tradutor, inconsciente codificador, inconsciente alienado, inconsciente cindido, inconsciente passado, inconsciente presente.

Eventualmente, “inconsciente” expressa apenas um ‘sentido oculto’, implícito, da ordem do narrativo ou do coletivo, como em textos, nas estruturas da comunicação social ou mesmo nas estruturas narrativas do paciente em análise (ver Laplanche neste número). O termo é amplamente utilizado fora da psicanálise com outros significados e que retornam à psicanálise confundindo-se com suas origens metapsicológicas.

Ainda que, com todos os adjetivos que eventualmente o especificam, muitas vezes (talvez a maioria) é chamado apenas de ‘inconsciente’, opacificando ainda mais o conceito e fazendo com que a pergunta de Imbasciati (2001) se destaque: “qual inconsciente?”

A impossibilidade de comprovação empírica da teoria psicanalítica (e talvez com maior peso, a dificuldade de transmissão da vivência emocional que ‘valida’ o encontro experiência-conceito, porque ocorreria fundamentalmente na análise pessoal de cada psicanalista, portanto sem uniformidade ou universalidade) faz com que muitos de seus argumentos sejam ‘legitimados’ com base na autoridade de quem o diz (Khun, 1962). Todos convivemos com discussões que foram fundamentadas e muitas vezes encerradas por argumentos do tipo ‘isso foi Bion quem disse’ ou ‘então, estás contrariando a Freud’, mesmo que a citação descontextualizada do autor possa apenas estar sendo adaptada para referendar, ‘validar’ o que o locutor quer dizer.

Nos tempos atuais, como parte de nosso momento cultural e integrante da chamada ‘crise da representação’ (Jameson, 1983, 1984), uma reação contrária a ‘argumentos de autoridade’ se amalgama às outras dificuldades de conceitualização do inconsciente, com um novo tipo de linguagem. A ‘politicamente correta’ e por vezes apenas sedutora ‘tolerância à diversidade’ dentro do regime de pensamento em que as interpretações criam a realidade¹, associada às más compreensões de ‘destruição’ e ‘complexidade’, confundidas com ‘simplificação’ e ‘reducionismo’, têm diluído muitos debates significativos. Mesmo dentre os psicanalistas ganham igual aceitação e peso argumentos de natureza e consistência muito diferentes. Surge uma tendência de favorecimento à permissividade confundindo-a com continência; ‘melhor, mais rápido e mais barato’ é confundido com eficiência e ‘desempenho de papéis sociais’ é confundido com crescimento.

Essa nova linguagem começa a aparecer e ter espaço na psicanálise com argu-

1. Passos da crise de representação, segundo Hermannn (1977): Se os fatos são incognoscíveis, sua interpretação é mais relevante do que eles. E se não há critérios para validar as interpretações, todas podem ser verdadeiras. Portanto, vale mais aquela que convencer o interlocutor.





mentos do tipo 'temos que pensar o que funciona e não o que é analítico'. Quando provocados pela dificuldade de contato com antigas e novas tensões do *setting* (o 'analisando de hoje') ou por fortes pressões de mercado de trabalho, promovem uma atitude que tende a negar, desvalorizar e forcluir 'de novo' o inconsciente (ver Milmaniene e Ahumada neste número). Essa tendência é alimentada por aquela de nosso momento cultural em que imagem e ação se colocam no lugar da reflexão e a satisfação de mútuos interesses é confundida com crescimento e intimidade. Esta realidade desfaz ou impede a progressão de cadeias simbólicas, forçando a psicanálise a se apartar do inconsciente, a desconsiderar os tempos necessários para o contexto de descoberta da experiência emocional e sua elaboração, apartando-se também dos métodos necessários para sua realização.

A necessidade de adaptar a teoria à realidade externa promove o surgimento de hipóteses 'ad-hoc' sobre o inconsciente, os quais muitas vezes não valorizam sua complexidade ou o quanto o conceito já foi trabalhado. Servem, nestas situações, mais como justificativas para alterações técnicas conseqüentes às pressões já mencionadas, do que de fato para ampliar o conhecimento sobre o fenômeno e a experiência do inconsciente. Ao final, colocam em cheque a validação da psicanálise como disciplina pela descaracterização de seu conceito nuclear, sua hipótese definitiva (ver Hanly neste número).

Alguns problemas ligados à delimitação do campo da psicanálise e da natureza dos fenômenos inconscientes.

"...Nossa mente é tão frágil quanto os nossos sentidos; ela se perderia na complexidade do mundo, se tal complexidade não fosse harmoniosa; como o míope, ela enxergaria apenas os detalhes, e seria obrigada a esquecer cada um deles antes de examinar o seguinte, pois seria incapaz de assimilar o todo."

Henri Poincaré, *Science and Method*, p.30, citado por Bion (1992) p.16

Considerando a psicanálise como um 'olhar', como um ângulo ou viés de observação ao qual corresponde um método para sua realização e a noção de inconsciente como resultado desta observação, teremos que esta noção estará inextricavelmente ligada tanto à abrangência e delimitação de campo da psicanálise quanto às particularidades de seu método.

O método utilizado por Freud (associação livre, observador neutro) permitiu a visualização de um ângulo do inconsciente que foi tomado como a totalidade durante muito tempo (Imbasciati, 2001; Kandel, 1999). O inconsciente reprimido, formado





por representações, dentro desta lógica seria apenas um aspecto do inconsciente privilegiado pelo instrumento de observação.

Os desenvolvimentos da teoria e do método psicanalítico, com a introdução de novos ângulos e métodos de observação (a partir da contratransferência, da evolução da neutralidade para o ‘sem memória e sem desejo’, da observação de elementos objetivos do desenvolvimento, da valorização dos elementos lingüísticos, da observação da realidade externa, para citar alguns) trouxeram conseqüentes modificações à noção de inconsciente, nem sempre percebidas ou explicitadas. Estas modificações apresentam graus variados de possibilidades para ampliarem a teoria e valores clínicos radicalmente diferentes.

Além disso, como já foi mencionado, o ‘espírito’ cultural de uma época determinada, sua *zeitgeist*, é um elemento organizador fundamental da observação. Assim foi para Freud, com o predomínio das ciências baconianas no cenário científico, do ambiente cultural da Áustria e com o contexto iluminista pós-revolução industrial e revolução francesa, acrescidos das diversas influências literárias e filosóficas presentes em sua extensa obra (Mezan, 1985; Rouanet, 2003). Para Melanie Klein com Hegel (Mills, 2000). Para Bion, com os filósofos Hume, Wittgenstein, Mach e Kant, os matemáticos Poincaré e Frege, os escritores Milton e Keats, os físicos Heisenberg e Einstein (Bléandonu, 1990). Lacan foi influenciado pelo pensamento estruturalista de Lévi-Strauss, pelos estudos lingüísticos de Saussure, além de Hegel e Heidegger (Mezan, 1996). Winnicott aproxima-se de Heidegger, Merleau-Ponty e Husserl (Loparic, 1995). Atualmente os pensadores pós-modernos e teorias como a do caos e a da complexidade tendem a servir como novos elementos organizadores (ver Mondrzak et al. neste número).

Para cada um destes autores, as abstrações sobre o ‘inconsciente’ passam a ter as características, as ‘máscaras’, das teorias que lhe dão corpo (numa extensão ao sentido dado por Resnik neste número).

Deste modo, o inconsciente de Freud foi descrito em termos deterministas, o de Melanie Klein em termos dialéticos, o de Lacan em termos estruturalistas, o de Bion em termos estéticos, o de Matte-Blanco em termos de lógicas.

Ao privilegiar ângulos permitidos pelas variações no “instrumento de observação”, outros necessariamente têm sua importância diminuída. Isto vale tanto para os “elementos psicanalíticos” observados, quanto para os “elementos não psicanalíticos”, que interagem com os primeiros na constituição do psiquismo (“equação etiológica”). Vieses cognitivos, biológicos, lingüísticos, podem ser facilmente privilegiados, dependendo do método da observação e considerados “psicanalíticos”, na dependência da delimitação do campo da psicanálise (ver Laplanche neste número e 1987).





Propor um “modelo integrado” abrangendo influências genéticas (hereditárias), cognitivas, traumáticas, transgeracionais, da memória extra-somática (via linguagem) em inter-relação com os aspectos oriundos da transformação simbólica envolve inúmeras dificuldades. Estas vão da complexidade das dimensões do modelo ao conhecimento de cada um destes elementos, suas propriedades, possibilidades de interação e os diferentes tempos de encontro que propiciam o estado de co-realidade² do qual resulta a “unidade de informação” (como é genericamente chamada por Piera Castoriadis-Aulagnier, 1977), e que pode ser utilizada pelo psiquismo como geradora de significados ou auxiliar na cadeia de significados. Poucos são os autores psicanalíticos que se propuseram a esta tarefa; nestes incluem-se Freud, Bion e Laplanche.

Algumas das tentativas de integração colocam a psicanálise como um princípio único organizador e caem em um outro pólo do problema: a expansão do campo da psicanálise a todo o comportamento humano, normal e patológico. Ao fazê-lo, a noção de inconsciente deveria ser ampliada para unitariamente abarcar e ‘explicar’ (ser o princípio organizador de) todas as dimensões não perceptíveis pela consciência: dimensões simbólicas, não simbólicas, formas de memória, funcionamento cognitivo não consciente, formas de aprendizado, fenômenos lingüísticos e comunicacionais não perceptíveis pela consciência, bem como todo comportamento social não consciente e as manifestações diretas de estímulos biológicos.

Neste caso, o “inconsciente psicanalítico” seria tudo o que não é percebido pela consciência e um fenômeno único.

Ainda que pareça caricatural, assim colocado, há eventualmente uma tendência em graus variados tanto entre psicanalistas quanto em contestadores da psicanálise (mais raramente entre teóricos de outras disciplinas que mantêm a noção da psicanálise como uma *weltanschauung*) a assumirem este viés.

A tendência a estabelecer “causas” e reduzir o número de variáveis na apreensão dos fenômenos não materiais (Sandler, 1997) favorece a “causa única”, psíquica. Freud alerta que a própria noção de “determinismo psíquico”, referente a que cada acontecimento psíquico seja determinado por um precedente (psíquico ou não-psíquico), possa ser, pelos mesmos motivos, distorcida: “Notarão desde logo que o psicanalista se distingue pela rigorosa fé no determinismo da vida mental. Para ele não existe nada insignificante, arbitrário ou casual nas manifestações psíquicas. Antevê um motivo suficiente em toda parte onde habitualmente ninguém pensa nisso; está até disposto a aceitar causas múltiplas para o mesmo efeito, *enquanto nossa necessidade causal, que supomos inata, se satisfaz plenamente com uma única causa psíquica*” (Freud, 1909, p.36, grifos meus).

2. No sentido aproximado ao de Bense (1968) para o objeto estético e aqui tomado como padrão do encontro entre a realidade material e a experiência nova, do qual resulta um estado criativo.





A tarefa de delimitar qual é o campo da psicanálise e o modelo que integre a experiência psíquica do inconsciente é matéria controversa e certamente além das intenções ou possibilidades deste artigo. Considero-a, entretanto, como uma meta necessária para a viabilidade de integração das teorias sobre o “inconsciente psicanalítico” e, talvez de modo ainda mais enfático, como imprescindível para o relacionamento da psicanálise com outras disciplinas.

Uma possível “onda evolutiva”

“Essas duas realidades (realidade psíquica e realidade histórica) que estão naturalmente em interações, como já salientei antes, procedem de universos diferentes, conhecem sua própria lógica, suas próprias leis de funcionamento e não podem se reduzir uma a outra. Todo comportamento implica pelo menos duas significações (pelo menos porque é sempre superdeterminado): a que a realidade histórica lhe dá e a que a realidade psíquica lhe fornece. Minha intenção se define: o objetivo não é encontrar o sentido oculto das instituições e das condutas, mas sim achar um outro sentido (nem mais nem menos válido que o primeiro), assim como a outra cena na qual elas existem e o outro registro em relação ao qual elas se exprimem.”

E. Enriquez, 1997, p.28 (grifos do autor)

Freud (1923) considerou que o sentido “descritivo” de “inconsciente” (cujo critério é a simples não consciência) deveria ser distinguido do sentido “dinâmico”, sendo este último a principal preocupação da psicanálise. Definiu neste mesmo artigo o inconsciente dinâmico como uma fonte de motivação, especificamente a motivação que é real ou potencialmente uma causa do conflito mental, sendo essencialmente o modelo dos fenômenos neuróticos.

A necessidade clínica gerada pelos fenômenos psicossomáticos, pelos estados borderline, pelos fenômenos da sobreadaptação dos estados pseudomaduros, pelas patologias não simbólicas, pelo fanatismo, por alguns estados perversos e pela existência destes aspectos em personalidades que atingiram um nível mais avançado de transformação simbólica exigiram que a teoria da motivação fosse além do conflito.

A identificação de fenômenos inconscientes protomentais, de elementos não transformados, não metabolizados, não mentalizados ou não representados, das falhas no processo de simbolização passou a ocupar um importante grupo de teóricos da psicanálise, como Bion, Winnicott, Tustin, Meltzer, Aulagnier, Green, Botella, dentre outros.





A partir de então, a necessidade de compreender a relação entre estas áreas mentalizadas e não mentalizadas vem crescendo e tem, em meu modo de ver, aproximado alguns modelos que pareciam muito distantes entre si.

A tendência a identificar diferentes níveis de funcionamento psíquico, co-existent, inicia-se com o próprio Freud, quando no estudo do caso do Homem dos Lobos (1914), refere pela primeira vez “diferentes correntes” co-existent na personalidade (“corrente sexual masoquista”, “corrente sexual masculina” e “corrente sexual feminina, passiva”).

O avanço da compreensão do fenômeno da identificação projetiva permitindo não apenas um nível de *splitting*, mas diversos, com a descrição de ‘partes psicóticas’ da personalidade convivendo e se relacionando de modo complexo com partes neuróticas, dependentes, infantis foi estudado por Bion (1957) e ampliado posteriormente por Steiner (1988, 1993) e por Meltzer (1992) em seus trabalhos sobre o ‘claustro’.

Grotstein (2000), partindo de Bion e Matte-Blanco, propõe a idéia de um inconsciente estruturado holograficamente cuja compreensão abrange vastas redes de dados paralelos.

Botella e Botella (2002, 2003) em seus recentes estudos sobre o irrepresentável, figurabilidade e regrediência, estudam minuciosamente esta relação entre os estados primitivos da mente e as áreas de representação através do “trabalho de figurabilidade” e seus potenciais de transformação.

Partindo do fenômeno da *verleugnung*, Marucco (1998 e neste número) descreve a criação de diferentes ‘zonas psíquicas’ que permitem, do mesmo modo, a compreensão de distintos níveis de funcionamento mental simultaneamente operantes.

Neste número Laplanche introduz três acepções possíveis da palavra inconsciente, ampliando sua Teoria da Sedução Generalizada, que permite a compreensão da convivência de um inconsciente constituído de material traduzido e recalçado e outro, o ‘encravado’, constituído de material não traduzido ou com sua tradução desfeita, além de um pseudo-inconsciente mito-simbólico que auxiliaria na tarefa tradutora das mensagens enigmáticas sexuais.

Esta tendência a incluir em uma mesma teoria do inconsciente distintas zonas de funcionamento psíquico (ou mesmo diferentes inconscientes), com distintos níveis de mentalização co-existent e em relacionamento dinâmico parece presente em vários dos principais pensadores da psicanálise. Este ‘salto teórico’ conjunto pode representar uma importante onda evolutiva dentro da teoria psicanalítica, com a decorrente ampliação dos fenômenos clínicos por ela abrangidos, auxiliando a delimitar e discriminar quais destes poderiam ser beneficiados por técnicas interpretativas e quais não, estando, portanto indicadas outras abordagens (medicamentosa, cogniti-





José Carlos Calich

vas (*lato senso*), de ‘alfabetização simbólica’, etc.), eventualmente em uma mesma pessoa.

A possibilidade de uma teoria integrada ou pelo menos de um potencial aumento do diálogo entre as teorias, pode, portanto, também acompanhar-se de um diálogo maior com outras disciplinas, conforme mencionado anteriormente. Essa evolução pode trazer novo fôlego à psicanálise, pressionada a ‘adaptar-se’, recolocando-a em sua ‘estranheza inquietante’, eterno desafio de, a exemplo do próprio inconsciente, poder ser um estranho à sociedade, à cultura e ao senso comum, mas um estímulo fundamental em direção a busca de humanização através da ligação, busca da verdade e expansão do mundo simbólico. □

Abstract

As to introduce this thematic issue of the Psychoanalytical Journal of the Porto Alegre Psychoanalytical Society (SPPA), the author briefly examines some of the “current tensions” on the concept of “Unconscious”, mainly those related to the themes developed by the other authors of this number. Difficulties with language, communication in psychoanalysis, its scholastic tensions, questions related to the delimitation of the psychoanalytic field and on the nature of the unconscious are focused. Ultimately, a possible “evolutionary wave” on the theory of the unconscious is suggested, through the pursuit, by authors from diverse theoretical orientation, of models that integrate the various levels of mentalization in distinct zones of psychic functioning, considered co-existent and in dynamic relation.

Resumen

Como forma de introducción a este numero temático de la revista de Psicoanálisis de la SPPA, el autor examina de manera breve algunas de las “tensiones actuales” al respecto del concepto de inconsciente, principalmente en aquellas vinculadas a los temas considerados por los demás autores de esa publicación. Son repasados los problemas con el lenguaje y la comunicación en el psicoanálisis, sus tensiones escolásticas, los problemas con la delimitación del campo del psicoanálisis y de la naturaleza del inconsciente. Concluyendo, el autor propone la existencia de una posible “ola evolutiva” en la teoría del inconsciente, por intermedio de la búsqueda por autores de diferentes orientaciones teóricas, de modelos en que vengan a hacer parte los variados niveles de mentalización en distintas áreas del funcionamiento psíquico, consideradas co-existentes y dinámicamente entrelazadas.

400 □ Revista de Psicanálise, Vol. X, Nº 3, p.391-402, dezembro 2003





Referências

- AMATI-MEHLER, J., ARGENTERI, S., CANESTRI, J. (1990). The babel of the unconscious., *Int. J. Psychoanal.*, 71:569-584
- BION, W.R. (1957). Diferenciação entre a personalidade psicótica e a personalidade não-psicótica. In: Estudos psicanalíticos revisados. Rio de Janeiro: Imago. 1988.
- . (1970). *Atenção e interpretação*. Rio de Janeiro: Imago, 1973.
- . (1992). *Cogitações*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.
- BLÉANDONU, G. (1990). Wilfred R. Bion: A vida e a obra. Rio de Janeiro: Imago. 1993.
- BOTELLA, C. e BOTELLA, S. (2002) *Irrepresentável: mais além da representação*. Porto Alegre: Sociedade de Psicologia do RGS e Criação Humana.
- . (2003). Figurabilidade e regrediência. *Rev. Psicanálise da SPPA*. Vol X, n. 2. agosto 2003.
- CASTORIADIS-AULAGNIER, P. (1977). *La violencia de la interpretación. Del pictograma al enunciado*. Buenos Aires: Amorrortu,
- Enriquez, E. (1997). *A Organização em análise*. Petrópolis: Vozes, p.28
- FREUD, S. (1900). A interpretação dos sonhos. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- . (1909). Cinco lições de psicanálise. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- . (1914). História de uma neurose infantil. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- . (1923). O Ego e o Id. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago. 1976.
- GUIMARÃES FILHO, P.D. (1999). A psicanálise em tempo de maturidade. *Rev. Bras. de Psican.* 34(1):9-24.
- GROSTSTEIN, J. (2000). *Who is the dreamer who dreams the dream*. Hillsdale: The Analytic Press.
- HERMANN, F. (1997). *Psicanálise do cotidiano*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- IMBASCIAI, A. (2001). Que Inconsciente? *Revista de Psicanálise da SPPA*, v. VIII. 1. Abril. 2001
- JAMESON, F. (1983). Postmodernism and consumer society. In: FOSTER H. (org.) *The Anti-aesthetic, essays on postmodern culture*. Washington: Bay Press, 1993.
- JAMESON, F. (1984). The cultural logic of late capitalism. In: *Postmodernism or the cultural logic of late capitalism*. Durham. Duke University Press. 1992.
- KUHN, T. (1962). *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- LAKATOS, I. (1970). Falsification and the methodology of scientific research programmes. In: Lakatos, I. e Musgrave, A. (eds.) *Criticism and the growth of knowledge*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- LAPLANCHE, J. (1976). *Vida e morte em psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- . (1987). *Novos fundamentos para a psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- LOPARIC, Z. (1995). Winnicott e o pensamento pós-metafísico”, *Psicologia USP*, v. 6, no. 2, p. 39-61
- KANDEL, E.R. (1999). A biologia e o futuro da psicanálise: um novo referencial intelectual para a psiquiatria revisitado. *Rev. da SPRS*. v. 25,(1), jan/abr, 2003.
- MARUCCO, N. (1998). *Cura analítica y transferencia*. Buenos Aires. Amorrortu.
- MELTZER, D. (1992). *The claustrum*. Perthshire: Clunie
- MEZAN, R. (1985). *Freud, pensador da cultura*. São Paulo: Brasiliense,.
- . (1988). *A vingança da esfinge*. São Paulo: Brasiliense.
- . (1996). O olhar epistemológico. In: Pellanda, N.C.R. e Pellanda, L.E.C (orgs.) *Psicanálise: uma revolução do olhar*. Petrópolis: Vozes;





- MILLS, JON (2000). Hegel on Projective Identification: Implications for Klein, Bion, and Beyond. *The Psychoanalytic Review*, 87(6), 841-874.
- OGDEN, T. (1994). *Os sujeitos da psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.
- ROUANET, S.P. (2003). *Os dez amigos de Freud*. São Paulo: Companhia das Letras.
- SANDLER, P.C. (1997). *A Apreensão da Realidade Psíquica*. Rio de Janeiro: Imago.
- STEINER, J. (1988). The Interplay between Pathological Organizations and the Paranoid-Schizoid and Depressive Positions. In Spillius, E. B. (ed) *Melanie Klein Today*. London: Routledge, vol.1 p. 324-42.
- . (1993). *Psychic Retreats. Pathological Organisations in Psychotic, Neurotic, and Borderline Patients*. London: Routledge.
- STEINER, R. (1994). The tower of Babel or after Babel in contemporary psychoanalysis. *Int. J. Psychoanal.* 75:883-902.

Recebido em 01/12/2003

Aceito em 01/12/2003

José Carlos Calich

24 de Outubro 838 sala 603

90480-000 – Porto Alegre – RS – Brasil

E-mail: jccalich@sppa.org.br

© Revista de Psicanálise – SPPA



Três acepções da palavra “inconsciente” no quadro da Teoria da Sedução Generalizada

Jean Laplanche, Paris*

A Situação Antropológica Fundamental é apresentada como base da mensagem enigmática do outro e sua tradução, através da Teoria da Sedução Generalizada. A partir daí, a palavra inconsciente pode corresponder a três acepções: o inconsciente no sentido freudiano (o recalcado), com resíduos imperfeitos de tradução da mensagem; o inconsciente encravado, constituído de mensagens não traduzidas, correspondendo à parte psicótica da mente e o pseudo-inconsciente do mito-simbólico, sem lugar no interior do aparelho psíquico.

* Membro da Associação Psicanalítica da França.





I – A Teoria da Sedução Generalizada e a Situação Antropológica Fundamental

I – 1. A Teoria da Sedução Generalizada origina-se na teoria da sedução de Freud, ao mesmo tempo que a generaliza. A teoria freudiana dos anos 1896-1897 explicava bem a noção de recalçamento, mas dentro dos limites de uma situação contingente, restrita: limitava-se ao domínio da psicopatologia. Para empregar uma fórmula rápida: “a filha neurótica, pai perverso”. Para reformá-la generalizando-a, em vez de abandoná-la na famosa carta de 21 de setembro de 1897, faltavam a Freud diversos elementos. Faltavam-lhe as noções de perversidade polimorfa e de *sexualidade generalizada*, tal como vai descrevê-la nos *Três Ensaios* de 1905. Faltava-lhe ainda ter teorizado a fundo a noção de *tradução* como motor do recalçamento. A noção de tradução é coerente com a concepção do ser humano como ser de linguagem e de comunicação e vem proveitosamente se substituir aos esquemas mecânicos utilizados na teoria clássica do recalçamento.

I – 2. A Teoria da Sedução Generalizada quer explicar a gênese do aparelho psíquico sexual do ser humano a partir da relação inter-humana e não a partir de origens biológicas. O aparelho psíquico do ser humano é, antes de tudo, consagrado à pulsão, à pulsão sexual (de vida e de morte). As montagens *instintuais* somáticas não são recusadas, mas não encontram seu lugar nas origens da sexualidade infantil, nem na gênese do inconsciente recalçado.

I – 3. A sedução não é uma relação contingente, patológica (mesmo se, por vezes, pode sê-lo), episódica. Funda-se sobre a situação à qual nenhum ser humano pode escapar, a que chamo de Situação Antropológica Fundamental. Esta situação é a relação adulto-criancinha, adulto-*infans*¹. Adulto que possui um inconsciente tal qual a psicanálise o descobriu, um inconsciente sexual, essencialmente feito de resíduos infantis, um inconsciente perverso, no sentido dos *Três Ensaios*. E criança que não tem ativadores hormonais da sexualidade e que, no início, não tem fantasmas sexuais. A idéia de uma sexualidade infantil endógena foi criticada em profundidade e não somente por mim, mas uma tal crítica não pode terminar por negar a sexualidade infantil em geral, ou por englobá-la numa teoria de vagos contornos.

I – 4. Como situar aqui as contribuições da psicologia moderna da primeira infância? Graças à observação recente, há muito a acrescentar. Sobretudo o desenvolvimento considerável do que Freud chamava, em outros tempos, de *autoconservação*. Ora, a autoconservação freudiana nos reaparece com o “apego” e com todos

1. Criança que ainda não fala. (N.doT.)





os desenvolvimentos e observações em torno deste tema. Sobre uma base genética instintual, evidente, desenvolve-se bem cedo, e mesmo imediatamente, um diálogo, uma comunicação adulto-*infans*. A velha teoria da “simbiose” (um estado do qual se sairia não se sabe como) esvanece-se graças à observação das relações precoces organizadas, diferenciadas, imediatamente recíprocas, nas quais o não-eu é imediatamente distinguido do que é da alçada pessoal.

Mas o que falta à teoria e às observações do apego é levar em conta a *dissimetria* no plano sexual. Falta-lhe a insistência sobre o fato de que o diálogo adulto-*infans*, por mais recíproco que seja, é imediatamente *parasitado por outra coisa*. A mensagem é perturbada. Existe, da parte do adulto, num sentido unilateral, intervenção do inconsciente. Digamos mesmo do inconsciente *infantil* do adulto, na medida em que a situação adulto-*infans* é uma situação que reativa suas pulsões inconscientes infantis.

I – 5. Para enfatizar, coloquemos a questão: por que falar do adulto e de Situação Antropológica Fundamental? Por que não falar de situação familiar, ou até mesmo de situação edipiana fundamental? Porque a relação adulto-*infans* ultrapassa, em sua generalidade, em sua universalidade, a relação pais-criança. Pode haver Situação Antropológica Fundamental entre uma criança sem família e um meio de criação absolutamente não-familiar. Nesta Situação Antropológica Fundamental, os termos importantes são “comunicação” e “mensagem” – com esta idéia, sobre a qual gostaria de insistir: falando de mensagens adultas, não queremos dizer mensagens inconscientes. Toda mensagem é uma mensagem que se produz no plano consciente-preconsciente. Quando falo de mensagem enigmática, falo de mensagem “comprometida” pelo inconsciente. Caráter, então, comprometido da mensagem, e isto num sentido único no início, mesmo se uma reciprocidade se estabelece rapidamente em seguida, mesmo no plano sexual. Finalmente, o que conta nesta situação é o que faz o receptor, isto é, precisamente a tentativa de tradução e o necessário fracasso desta tentativa.

I – 6. Acrescentemos a isto uma observação sobre a questão da *opção biológica*. A Teoria da Sedução Generalizada e a Situação Antropológica Fundamental não implicam de modo algum uma tomada de posição contra a biologia. A nosso ver, todo processo humano é indissociavelmente biológico e psíquico. Mesmo o raciocínio matemático mais abstrato não pode se conceber sem correlato corporal biológico. Quando Freud abandona a teoria da sedução, na famosa carta do equinócio de 1897, ele não diz: “eu retorno ao biológico”, mas sim “eu retorno ao inato, ao hereditário”. Não diz de modo nenhum: “o fator biológico reconquista seu lugar”, porque este não tem nada a reconquistar. O biológico permanece sempre presente como o outro face ao psicológico. Em compensação, esta reconquista pelo hereditário anunciada por





Jean Laplanche

Freud, o retorno do fator inato, percorre toda a história do freudismo com algumas etapas dentre as quais só quero mencionar três: *os fantasmas originários*², *Totem e tabu*, *O homem Moisés e a religião monoteísta*³.

Para voltar ao “biológico”, este pode ser tanto adquirido quanto inato. É, portanto, o primado do hereditário que contestamos, no que concerne à sexualidade infantil. Digo precisamente *sexualidade e infantil*, entendendo por isso que há algo de hereditário e de inato *no que não é sexual* (autoconservação) e igualmente na sexualidade *que não é infantil* (a sexualidade gonádica adolescente). Existe, a meu ver, uma diferença fundamental entre a pulsão sexual da infância e o que ressurge no momento da *adolescência*, isto é, a aparição, efetivamente, do *instinto* sexual. O instinto sexual, neste momento, realça a pulsão de origem intersubjetiva que se desenvolveu de maneira autônoma durante longos anos, e então surge entre os dois um grave problema de coerência, de coesão.

Contestamos igualmente a noção de um *isso primordial* na origem da vida psíquica, idéia que vai no sentido diretamente oposto ao da novidade implicada na noção de pulsão, como processo sexual não adaptado (no homem) a uma finalidade preestabelecida. Se a noção de *isso* conserva um sentido, é o de caracterizar o inconsciente recalcado que, por sua alteridade, *se torna* verdadeiramente “alguma coisa em nós”, “um corpo estranho interno”, um “*isso*”.

II – Recalcamento originário, tradução, constituição do inconsciente e do aparelho psíquico em seu aspecto normal e neurótico⁴

II – 1. A Situação Antropológica Fundamental confronta, num diálogo simétrico/dissimétrico, um adulto que possui um inconsciente sexual (essencialmente pré-genital) e um *infans* que ainda não constituiu um inconsciente, nem a oposição inconsciente/pré-consciente. O inconsciente sexual do adulto é reativado na relação com a criança pequena, com o *infans*. As mensagens do adulto são mensagens pré-conscientes-conscientes, elas são necessariamente “*comprometidas*” (no sentido do retorno do recalcado) pela presença da “interferência” inconsciente. Estas mensagens são, então, *enigmáticas*, ao mesmo tempo para o emissor adulto e para o recep-

2. Nota do Revisor : Em português também traduzido como: protofantasias, fantasias primitivas ou fantasias originárias. Em alemão «*urphantasien*».

3. Nota do Revisor : na *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro: Imago, 1974: ‘Moisés e o monoteísmo’, Vol XXIII.

4. Para toda esta parte, ver meu “Court traité de l’inconscient” (1993). In: *Entre séduction et inspiration, l’homme*, p.67-114 (“Curto tratado do inconsciente”, trad.bras.de M.Marques. *Jornal de Psicanálise da SBPSP*, vol.32, 1999, n°58/59).





tor *infans*.

Enquanto que, num diálogo normal (verbal ou não-verbal), existe um código comum e não há necessidade de tradução (ou que, então, esta é instantânea), na comunicação original, a mensagem adulta não pode ser captada em sua totalidade contraditória. Nela se misturam, por exemplo, no modelo típico da amamentação, amor e ódio, acalmia e excitação, leite e seio, seio “contínente” e seio excitado sexualmente, etc.

Os “códigos” inatos ou adquiridos de que o *infans* dispõe são, então, insuficientes para fazer face a esta mensagem enigmática. A criança deve recorrer a um novo código, ao mesmo tempo improvisado por ela e buscado nos esquemas fornecidos pelo meio cultural.

II – 2. A tradução da mensagem enigmática adulta não se faz em uma só vez, mas *em dois tempos*. O esquema em dois tempos é o mesmo do traumatismo: no primeiro tempo a mensagem é simplesmente inscrita, ou implantada, sem ser compreendida. Como se fosse mantida sob a camada fina da consciência ou “sob a pele”. Num segundo tempo a mensagem é revivificada do interior. Ela age como um corpo estranho interno que é preciso a todo preço integrar, controlar.

Trata-se, diz Freud, “... de um tipo particular de experiências vividas, extremamente importantes, que se situam nos primeiros tempos da infância e que, em seu tempo, foram vividas sem compreensão, mas que a posteriori⁵ reencontraram compreensão e interpretação”⁶.

II – 3. A tradução ou tentativa de tradução tem por função fundar, no aparelho psíquico, um nível *pré-consciente*. O pré-consciente – essencialmente o eu – corresponde à maneira pela qual o sujeito se constitui, se representa sua história. A tradução das mensagens do outro adulto é essencialmente uma historização mais ou menos coerente.

Mas, sendo a mensagem comprometida e incoerente, situada em dois planos incompatíveis, sua tradução é sempre imperfeita, deixando de lado *restos*. São estes restos que constituem, por oposição ao eu pré-consciente, o *inconsciente* no sentido *próprio*, no sentido freudiano do termo. É evidente que o inconsciente é marcado pelo *sexual*, já que tem sua origem no comprometimento da mensagem adulta pelo sexual. Mas não é de maneira alguma a cópia do inconsciente adulto, por causa do duplo “metabolismo” que o sexual sofreu neste percurso: deformação na mensagem comprometida no adulto e depois, na criança receptora, trabalho da tradução que remaneja completamente a mensagem implantada.

5. «*Nachträglich*», «*après coup*». (N. doT.).

6. S. Freud (1914): *Erinnern, Wiederholen und Durcharbeiten*. GW – X, p.129; S.E. – XII, p.149; (trad. bras. de P. C. de Souza, Recordar, Repetir e Elaborar. *Jornal de Psicanálise da SBPSP*, vol.27, n° 51, 1994).





Jean Laplanche

II – 4. As características típicas, indicadas pelo próprio Freud, para o inconsciente são as conseqüências diretas de sua origem no recalçamento:

1) *ausência de temporalidade*, já que ele é o que escapa, no processo do recalçamento, à constituição deste domínio do temporal que é o surgimento e o enriquecimento da personalidade pré-consciente;

2) *ausência de coordenação e de negação*, já que, precisamente, ele é aquilo que escapa à coordenação indispensável ao processo de tradução;

3) *o realismo do inconsciente* – correspondendo à “realidade psíquica” de Freud – é repudiado como escandaloso por um grande número de interpretações modernas. Este realismo é uma réplica à idéia de que o inconsciente é *um segundo sentido* subjacente ao sentido pré-consciente e “oficial” proposto pelo sujeito. Ao contrário, o inconsciente é aquilo que escapou a esta colocação em sentido que designo como tradução. Ele não é do domínio do sentido, mas constituído de significantes privados de seus contextos originais, logo, largamente privados de sentido e muito pouco ordenados entre si.

Para dizê-lo numa palavra, o inconsciente recalçado está na origem das *pulsões*, pulsões sexuais de vida e de morte, pulsões que podemos considerar (invertendo a famosa formulação de Freud) como uma “exigência de trabalho” imposta ao corpo por sua ligação com os significantes inconscientes recalçados.

III – O aspecto psicótico e borderline. O fracasso radical da tradução. O não-traduzido encravado

III – 1. O fracasso parcial da tradução explica o inconsciente “clássico”, neurótico-normal. A seu lado, convém conferir todo o seu lugar a um fracasso radical. Nada é traduzido, a mensagem original permanece tal qual no aparelho psíquico, implantada ou intrometida (Laplanche, 1990). Ele constitui, então, o que se poderia denominar de “inconsciente encravado”.⁷

Quais são as características e as causas de tal inconsciente?

III – 2. O inconsciente encravado não é correlativo de um pré-consciente. No psicótico há pouca ou nenhuma historização. O inconsciente encravado permanece, se podemos dizer, “à flor de consciência”. Ele é mantido por uma fina camada de

7. Christophe Desjours propõe o termo de “inconsciente amencial” que me é difícil aceitar, pois supõe que o recalçamento-tradução é um processo de mentalização a que não é submetido o inconsciente psicótico. Supõe também que as mensagens do outro não são “mentais”, mas que devem tornar-se “mentais”. Tenho dificuldade em fazer minha uma oposição ou mesmo uma dialética alma/corpo, mens/soma.





defesa consciente, funcionando segundo um modo aparentemente lógico, “operatório”. A modalidade principal desta defesa não é o recalçamento/tradução, mas a recusa (*Verleugnung*). Constata-se freqüentemente que a defesa (o raciocínio consciente) é como que o reflexo invertido do que é recusado. Apenas o “sinal da negação” os separa.

III – 3. Dentre as mensagens não traduzidas que constituem este inconsciente, destacamos particularmente mensagens superegóicas. Assinalei freqüentemente que o “imperativo categórico” é, por natureza, intraduzível em outra coisa que ele mesmo, impossível de metabolizar: “você deve porque deve” (Kant) e é impossível explicar isso por meio de uma justificação qualquer.

III – 4. Quais são as condições, as causas de um tal fracasso radical da tradução?

Estas condições são provavelmente múltiplas. Abri neste ponto uma pista de investigação que não posso ser o único a explorar, confiando a outros o cuidado de continuá-la, caso se mostre viável.

O fracasso da tradução pode ter por resultado especialmente uma transmissão tal qual, intergeracional, sem nenhuma metabolização. A questão do “intergeracional” seria a retomar perguntando-se quais são suas condições do ponto de vista da comunicação, do ponto de vista da estrutura mesma da mensagem, ou do ponto de vista do receptor desta transmissão. Muitos já se debruçaram sobre a questão: a pista e o quadro teórico foram propostos especialmente para psiquiatras confrontados, me parece, cada vez mais, a estes problemas. Existe mensagem quando esta não é mais comprometida, mas habitada, sem distância, pelo inconsciente? É isso mesmo possível? Existe mensagem quando esta veicula e impõe seu código, quando, então, impõe uma tradução que não é outra coisa senão a própria mensagem? Talvez, também, quando a mensagem é paradoxal? Qual é o uso possível da noção de paradoxo, se esta é utilizada com rigor?

Um livro como o de Tarelho (1999), *Paranóia e teoria da sedução generalizada*, abre vias interessantes neste sentido. Como o homem pode ser “possuído” por mensagens que não consegue traduzir? Para mim aí está uma interrogação de primeira importância colocada à psicopatologia psicanalítica.

IV – Em direção a uma teoria unificada do aparelho da alma

IV – 1. O modelo freudiano do aparelho da alma é um modelo neurótico-normal. Confrontados cada vez mais, em sua prática, a casos que se afastam largamente deste modelo (casos limites, psicoses, psicopatias, perversões), um grande número de teóricos pôs *de lado* a concepção freudiana, fundada no recalçamento e no incons-





Jean Laplanche

ciente, como reservada a um pequeníssimo número de casos. Construíram, então, *ao lado* do edifício freudiano, outros modelos, sem procurar guardar a unidade com o pensamento freudiano. Além disso, na maior parte do tempo, estes modelos são dessexualizados e não recorrem mais à noção de inconsciente. É como se, num outro registro, face a dois aspectos diferentes do mundo, fossem propostas duas cosmologias perfeitamente distintas e sem comunicação nenhuma entre elas.

IV – 2. Em que a teoria da sedução generalizada permite propor uma visão unitária, englobando os modelos ditos separados, neurótico/normal e psicótico/borderline?

a) Referindo-os a uma mesma base comum: a Situação Antropológica Fundamental e a hipótese tradutiva.

b) Lembrando-se que o estado não-traduzido, o inconsciente encravado, não é apanágio exclusivamente do fracasso radical da tradução. Efetivamente, é preciso lembrar-se, no modelo neurótico, que o processo tradutivo se produz sempre em *dois tempos*, o primeiro sendo o de uma latência da mensagem do outro, num estado não-traduzido, em espera, verdadeiro estado de inscrição “subconsciente”, sem ter ainda “encontrado compreensão e interpretação” (Freud, 1914). Existiria, então, não somente na criança, mas em todo ser humano, uma espécie de *estoque de mensagens não-traduzidas*: algumas praticamente impossíveis de traduzir, outras na espera provisória de tradução. Tradução que só pode ser provocada por uma reatualização, por uma reativação. O inconsciente dito encravado pode, então, ser um lugar de estagnação, mas também um lugar de espera, uma espécie de “purgatório” das mensagens que esperam.

IV – 3. É aqui que convém lembrar-se do que descreve Freud em seu artigo sobre a clivagem do eu: a existência lado a lado, no mesmo indivíduo, de dois mecanismos, o mecanismo neurótico do recalçamento e o mecanismo perverso ou psicótico da recusa.

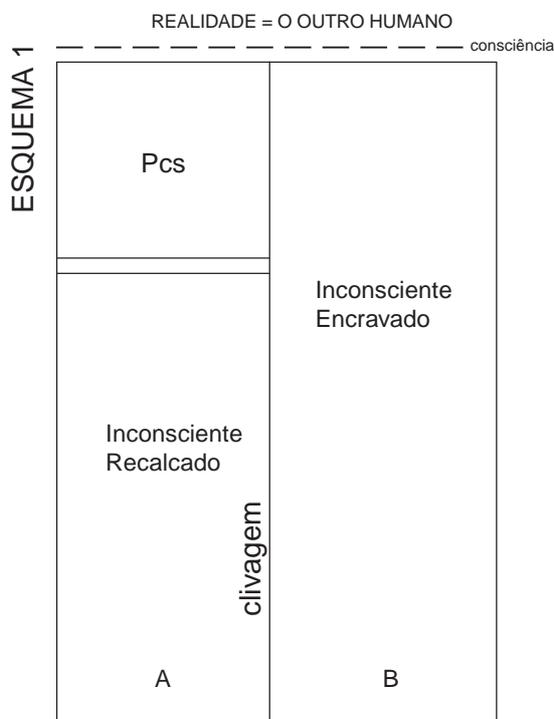
O que Freud descreve como estando presente somente em certos indivíduos, nós nos propomos, após Christophe Dejours (2001), a generalizar a todos os seres humanos.

O psiquismo de todo ser humano compreenderia, então, duas partes, ignorantes uma da outra, mas não sem passagens de uma a outra. Entre as duas partes, o limite é flutuante, de um indivíduo a outro, e, segundo os momentos da vida, num mesmo indivíduo. O limite da clivagem, limite vertical em relação à barreira “horizontal” do recalçamento, não é uma barreira de conflito, mas, como em Freud, a separação de dois “processos de defesa”. Além disso, este limite pode ser atravessado, por exemplo, quando se engaja um novo processo de tradução.





Três acepções da palavra "inconsciente" no quadro da Teoria da Sedução Generalizada



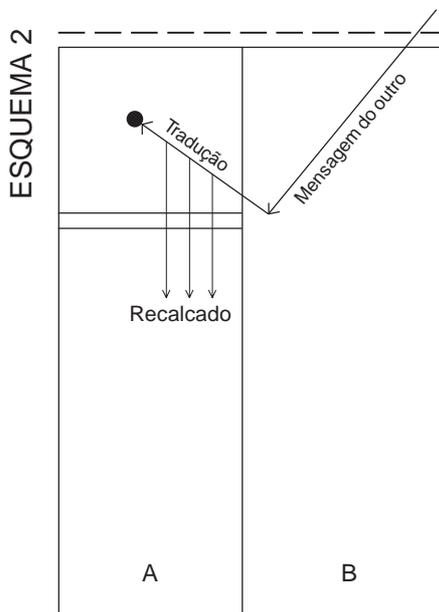
No caso do neurótico-normal, a parte A é muito mais larga do que B. E isso se inverte no não-neurótico. Mas, como sublinha Dejours (2001), em certas circunstâncias a parte direita pode ganhar: “*nenhum sujeito está totalmente ao abrigo da somatização, nem do delírio, mesmo se certas estruturas são mais protegidas do que outras*” (p.95).

IV – 4. No recalçamento, e especificamente no recalçamento originário, as mensagens do outro, provenientes da única realidade para o humano, *a realidade do outro*, vêm a) se inscrever, num primeiro momento, no inconsciente encravado ou subconsciente. b) São em seguida retomados, retraduzidos, e desde então repartidos entre uma tradução pré-consciente e restos inconscientes.





Jean Laplanche



IV – 5. Uma vez constituídas as duas partes A e B, como conciliar a idéia de um “desconhecimento recíproco” (Dejours, 2001, p.98) entre as duas partes separadas pela linha de clivagem e a possibilidade de um fenômeno de comunicação, de vasos comunicantes entre as duas partes? Remetemos aqui aos ricos desenvolvimentos de Christophe Dejours, que recorre ao que denomina de “zona de sensibilidade do inconsciente” (p.97) e, sobretudo, aos mecanismos de perlaboração pelo sonho.⁸

Para voltar a nosso modelo típico comum à neurose e à psicose, podemos afirmar que este possui o grande mérito de propor um quadro de referência para situar o duplo problema: a possibilidade de uma nova tradução de mensagens encravadas, particularmente na psicoterapia dos casos borderline ou psicóticos, e, inversamente, a possibilidade (mesmo se fraca) de uma descompensação delirante em qualquer ser humano.

Notemos ainda, num outro domínio, que a cura clássica dos neuróticos, por

8. Por meu lado, com e depois de outros autores, já tentei destacar esta função criativa do sonho, ao evocar o sonho não somente como expressão, mas como “marmita” do inconsciente. Marmita* de perlaboração e de neocriação do inconsciente sexual (cf. *Problématiques V: le baquet – transcendance du transfert*, p.197-210). A mesma intenção se encontra em meu artigo: *Rêve et communication/Faut-il réécrire le chapitre VII de Die Traumdeutung?*. In: *Le rêve dans la pratique psychanalytique*, coletivo. Dunod, 2003. * O autor emprega a palavra *creuset*, cuja tradução precisa é “cadinho” ou “crisol”, recipiente usado para fundir metais a altíssimas temperaturas. Como estas palavras parecem ser de pouca evocação metafórica na língua portuguesa (ao contrário do francês), optamos por “marmita”. (N. do T.).





sua ação maior de *destradução*, tem por efeito o enriquecimento temporário do estoque de mensagens a retraduzir, a re-simbolizar. O que é interpretado deveria, então, repassar pela parte B do esquema, antes de ser integrado a um pré-consciente mais rico.

V – Tradução e neocódigo. O mito-simbólico

V – 1. Confrontado às mensagens do adulto comprometidas pelo inconsciente, logo enigmáticas, intraduzíveis somente pelos meios dos códigos relacionais que tem a sua disposição (códigos autoconservativos), o *infans* deve recorrer a novos códigos. Mas ele não os inventa a partir de nada. Possui a seu alcance, muito cedo, por seu meio cultural geral (e não unicamente familiar), códigos, esquemas narrativos pré-formados. Poder-se-ia falar aqui de uma verdadeira “ajuda à tradução”⁹ proposta pela cultura ambiente.

V – 2. É aqui que intervém o que denominaremos o universo do “mito-simbólico”, nele incluindo tanto códigos (clássicos) como “complexo de Édipo”, “assassinato do pai” ou “complexo de castração”, quanto esquemas narrativos mais modernos, em parte aparentados aos precedentes, mas em parte inovadores.

O erro da psicanálise, em relação ao “mito-simbólico”, é duplo:

1) Querer incluir em meio às verdades que ela efetivamente descobriu (concernentes ao aparelho da alma e à situação intersubjetiva adulto-criança) e que são verdades “metapsicológicas”, os esquemas de narração, mais ou menos contingentes, que servem ao homem, numa situação cultural dada, para ordenar, para historizar seu destino. É o caso antes de tudo do “complexo de Édipo” que, por mais geral que seja (com numerosas variantes), não é uma característica do homem universal, não estando obrigatoriamente presente na Situação Antropológica Fundamental.

2) Ter querido, mais ou menos explicitamente, indexar os mitos sobre a evolução “psicossexual” do *indivíduo*. Geralmente enumeram-se de um só fôlego as “formações do inconsciente”: sintoma, ato falho, chiste, etc...e o mito.

Ora, os mitos não são uma produção e nem mesmo um decalque da evolução individual. Fazem parte do universo cultural, onde podem ser observados, descritos e eventualmente explicados.

Mas, em compensação, a psicanálise não deve baixar os braços quando se trata de dar conta da intervenção do “mito-simbólico” na constituição do aparelho

9. A idéia de “ajuda à tradução” foi proposta e desenvolvida por Francis Martens (Lanzarote, agosto de 2003).





Jean Laplanche

psíquico humano e mais precisamente no que dele é um motor fundamental, o modelo “tradutivo”.

V – 3. Entre os etnólogos, a descrição e a teorização dos mitos desdobraram-se há décadas, principalmente a partir do pensamento de Claude Lévi-Strauss (1962). A noção de código se torna cada vez mais pregnante. O mito age propondo um código, ou talvez uma pluralidade de códigos. Eles são conversíveis uns nos outros, a partir de esquemas lógicos simples. Cada um deles pode ser considerado como legível a partir dos outros, mas em si, sem esta leitura, permanece opaco. O sentido é latente, sem que se possa dizer, finalmente, que algum mito revele o sentido final, último.

Pode-se fazer, aos etnólogos, particularmente àqueles que estudam os mitos, duas objeções maiores :

1) anunciam a ambição de se denominarem “antropólogos” quando, mais frequentemente, se restringem a setores bem particulares da condição *humana*, – particularmente as “sociedades ditas primitivas” – deixando de lado as sociedades contemporâneas e seus próprios mitos bem específicos;¹⁰

2) outra limitação: restringem-se ao universo adulto, sem jamais se interrogarem sobre a maneira pela qual o pensamento mito-simbólico é comunicado ou proposto à criança e mesmo ao *infans*.

V – 4. Os etnólogos mais próximos da psicanálise frequentemente dela só retêm os aspectos que lhes convêm. Não o método associativo-dissociativo, que tem por campo de aplicação o tratamento psicanalítico individual, mas os aspectos mais próximos do simbolismo, sendo este concebido como de natureza finalmente universal. É nesse sentido restrito que estão prontos a falar de “inconsciente”, logo que descobrem uma legibilidade própria aos mitos, utilizando eventualmente “chaves” psicanalíticas, mas numa “leitura” que é reconhecida sem ter que vencer uma censura, nem um recalçamento e sem recorrer a outros meios que não os intelectuais.

Nisso se aproximam da maneira com que o próprio Freud descreve o domínio do simbolismo e do mito. Um domínio onde é legítimo ler “a livro aberto”, já que não há nenhuma necessidade do método *analítico* para a ele ter acesso.

Uma tal concepção da psicanálise não está tão distante assim da *Vulgata* atualmente em curso no que concerne ao “inconsciente”: tratar-se-ia de um *sentido oculto*, universal ou transindividual, ao qual se pode ter acesso sem esforços, desde que se seja um pouco informado. O Édipo e a castração fazem sucesso nos escritos, seja na “mídia” ou em trabalhos ditos mais especializados. O “realismo do inconsciente”, tal

10. Mitos modernos, como o do “proletariado” ou, mais próximo de nós, o da “star”, não têm nada a invejar em complexidade e em eficácia à *Gesta de Asdrual*.





qual pensamos encontrá-lo em Freud, cedeu lugar à universal legibilidade de alguns grandes esquemas míticos de compreensão.

No entanto, em Freud, o “método simbólico” não vem jamais se substituir ao método associativo individual: ele é um complemento deste. Que esta “complementaridade” pessoalmente não nos satisfaça e que possamos propor um outro modo de articulação entre os dois é o que vamos desenvolver.

V – 5. Longe de nós a idéia de recusar a noção de implícito (que outros chamariam talvez de “inconsciente”) no domínio do mito-simbólico. Os mitos se interpretam uns em relação aos outros, assim como os símbolos.¹¹ Trata-se de uma reversibilidade universal como por vezes parece pensar Lévi-Strauss (1985) – caso em que não haveria interpretação última – ou bem o conjunto dos mitos permite pôr a descoberto estruturas gerais, estruturas de ordenação com referência, por exemplo, à oposição continente/conteúdo (*La potière jalouse*), à noção de “terceridade”, etc.

Assim a concepção do inconsciente recalcado individual, tal como a mantenho, não exclui de modo algum a necessidade de levar em consideração, ao seu lado, a noção de *implícito*, pela qual o inconsciente freudiano é indevidamente substituído por muitos autores. Qualquer que seja a concepção que nos façamos da superposição de diferentes códigos num enredo mítico, que se admita ou não uma hierarquia destes níveis, resta que convém dar lugar, não a um *outro* inconsciente, mas a uma outra espécie de latência, a que existe notadamente nas produções culturais coletivas. Esta latência é da ordem do implícito: o movimento de sua leitura é o da explicitação (*Auslegung*), um trabalho que não exige vencer resistências.

V – 6. O que, em todo caso, é decisivo para nós é a maneira pela qual estas estruturas narrativas coletivas – quaisquer que sejam seus níveis de generalidade ou, inversamente, seus aspectos concretos e mesmo episódicos – se *inscrevem no esquema* do aparelho psíquico.

Contra a opinião geralmente admitida por muitos, e mesmo por Freud, que vê na relação edípica o próprio “núcleo” do inconsciente, é preciso situar tais estruturas *não do lado do recalcado, mas do lado do recalcante*; não do lado do sexual primário, mas do lado do que vem ordená-lo e, finalmente, dessexualizá-lo, em nome da aliança, da procriação, etc. Nada de menos sexual (no sentido originário dos *Três Ensaíos*) que o mito de Édipo e a tragédia de Sófocles. Nada que nos fale menos do gozo sexual, para não falar da busca de excitação.

Os grandes esquemas narrativos transmitidos e depois modificados pela cultura vêm ajudar o pequeno sujeito humano a tratar, isto é, a ligar e simbolizar, ou ainda,

11. Lacan nota que nada se opõe, num sonho, a que um pênis do conteúdo manifesto remeta a um guarda-chuva no conteúdo latente, tanto quanto o inverso. (*Écrits*. Seuil, p.709, trad. bras. In: *Escritos*. J. Zahar, 1998, p.716).





Jean Laplanche

a traduzir as mensagens enigmáticas traumatizantes que lhe vêm do adulto. Uma ligação evidentemente indispensável ao tornar-se humano do homem.

Conclusão

Referir-se à Situação Antropológica Fundamental é levar em consideração ao mais alto grau a mensagem enigmática do outro e sua tradução.

A partir daí, a palavra “inconsciente” pode encontrar três acepções que correspondem a três elementos referidos a um mesmo esquema do aparelho da alma:

1) O inconsciente, no sentido próprio, freudiano, só pode ser o *recalcado*, isto é, em nossos termos, o resíduo da tradução, sempre imperfeita, da mensagem. A ele se opõe um eu pré-consciente que é o domínio onde se constitui, historizando-se, uma personalidade que mantém o Inconsciente sob pressão, ainda que infiltrada por ele.

2) O *inconsciente encravado* pode ainda ser chamado de subconsciente, na medida em que só é mantido latente pela fina camada da consciência. Constituído de mensagens não-traduzidas, ele pode – mas sem razão – ser considerado como co-extensivo a uma parte psicótica do ser humano. Um exame mais completo nos permite aí distinguir – ao lado do que verdadeiramente sofreu um fracasso da tradução, e que seria verdadeiramente inassimilado, pré-psicótico – elementos de mensagem ainda não traduzidos, aguardando tradução, e talvez também mensagens destraduzidas à espera de uma nova tradução. Tanto quanto uma zona de estagnação, ele seria, então, uma zona de passagem, de trânsito.

3) Enfim, não encontra seu lugar no *interior do aparelho* o pseudo-inconsciente do mito-simbólico. Podemos dizê-lo implícito, mais estrutural do que propriamente coletivo. Sua *função psíquica* deve ser distinguida de seu ser e de sua gênese histórico-social. Esta função, capital para o pequeno ser humano, é de lhe fornecer precocemente uma “ajuda à tradução”, não o deixando no desamparo face à tarefa de conter, de simbolizar, de “tratar” as mensagens adultas que não cessam de atacá-lo, à tarefa de se historizar graças a elas e contra elas. □





Abstract

The Fundamental Anthropological Situation is presented as the basis of the other's enigmatic message and its translation, through the Generalized Seduction Theory. From there on, the word unconscious can correspond to three meanings: the unconscious in the freudian sense (the repressed), with imperfect residues of the message's translation; the incarnated unconscious, constituted by messages that have not been translated, corresponding to the psychotic part of the mind and the pseudo unconscious of the symbolic myth, that has no place in the interior of the psychic apparatus.

Resumen

La Situación Antropológica Fundamental es presentada como base del mensaje enigmático del otro y su traducción, por intermedio de la Teoría de la Seducción Generalizada. A partir de ese punto, la palabra inconsciente puede corresponder a tres significados: el inconsciente en el sentido freudiano (el reprimido), con restos imperfectos de traducción del mensaje; el inconsciente encarnado, constituido de mensajes no traducidos, correspondiendo a la parte psicótica de la mente y el seudo inconsciente del mito simbólico, sin lugar en el interior del aparato psíquico.

Referências

- DEJOURS, C. (2001). *Le corps d'abord*. Paris: Payot.
- FREUD, S. (1914). Recordar, repetir e elaborar. *Jornal de Psicanálise da SBPSP*, v. 27, p. 125-136, 1994. No original: Erinnern, Wiederholen und Durcharbeiten (1914), GW – X, p.129.
- LACAN, J. (1998). *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- LAPLANCHE, J. (1987). Le baquet: transcendance du transfert. In: *Problématiques*. Paris: U.P.F., v. 5, 197-210.
- LAPLANCHE, J. (1990) Intromission, implantation. In: *La révolution copernicienne inachevée*. Aubier, 1992 (publicado em ed. de bolso sob o título *Le primat de l'autre en psychanalyse*. Champs-Flammarion, 1997).
- LAPLANCHE, J. (1993). Court traité de l'inconscient In: *Entre séduction et inspiration, l'homme*. Paris: PUF, 1999, p.67-114; Versão Brasileira: Curto tratado do inconsciente. *Jornal de Psicanálise da SBPSP*, v. 32, 1999, p. 307-338.





Jean Laplanche

LAPLANCHE, J. (2003). Rêve et communication/Faut-il réécrire le chapitre VII de Die Traumdeutung?

In: *Le rêve dans la pratique psychanalytique*. Paris: Dunod.

LÉVI-STRAUSS, C. (1962). *La pensée sauvage*. Paris: Plon.

LÉVI-STRAUSS, C. (1985). *La potière jalouse*. Paris: Plon.

TARELHO, L.C. (1999). *Paranoïa et théorie de la séduction généralisée*. Paris: PUF.

Recebido em 01/12/2003

Aceito em 03/12/2003

Tradução de **Marcelo Marques**

Revisão técnica de **Gisha Brodacz e Luisa Maria Rizzo**

Jean Laplanche

55 rue de Varenne

75007 – Paris

© Revista de Psicanálise – SPPA





O inconsciente e as relações de objeto

Charles Hanly*, Toronto

Este artigo explora o impacto dos processos inconscientes em nossa compreensão do que ficou conhecido como teorização psicanalítica relacional. Essa visão relacional está baseada em duas premissas principais: primeiro, as relações de objeto são os fatores causais fundamentais na vida psíquica em geral e na patogênese, tendo prevalência sobre as pulsões e o desenvolvimento da pulsão; segundo, a relação de objeto que existe entre o analista e o analisando é caracterizada pela ocorrência de enactments recíprocos da transferência/contratransferência. Os fundadores da teorização psicanalítica relacional afirmavam que a primazia da libido, como Freud a definiu, não concordava com as relações de objeto ou não conseguia valorizar a importância dessas relações. Contudo, Freud inclui o objeto e a relação com o objeto em sua definição esquemática de instinto. As inovações conceituais da teoria relacional são, sem dúvida, bem intencionadas. Uma vez que a implicação da objetividade do analista é considerada e que a idéia epistemológica do analista irreduzivelmente subjetivo é modificada por tornar-se consistente com essa implicação, a idéia propõe uma cautela altamente salutar para os analistas, ou seja, tratar suas observações, sentimentos e idéias sobre seus pacientes com um ceticismo informado e nunca tomá-los por certos. Essa posição modificada é o realismo crítico. Finalmente, a psicanálise relacional pode acabar se tornando mais um escape do inconsciente, em vez de ser um insight mais profundo na sua natureza e em suas formas de funcionamento.

* Membro da Sociedade Psicanalítica Canadense.





Charles Hanly

O inconsciente dinâmico consiste na criação da repressão e de outros processos defensivos mobilizados pela ansiedade contra necessidades instintivas e suas pulsões, seu afeto e seus derivativos ideacionais (memória e fantasia). A repressão pode ser causada tanto pelas próprias necessidades instintivas como por um trauma na relação de objeto, ou, freqüentemente, pelos dois fatores em conjunto, entrelaçados e reforçando-se mutuamente. Este artigo explora o impacto dos processos inconscientes em nossa compreensão do que ficou conhecido como a guinada relacional psicanalítica. Essa visão relacional está baseada em duas premissas principais: primeiro, as relações de objeto são os fatores causais fundamentais na vida psíquica em geral e na patogênese, tendo prevalência sobre as pulsões e o desenvolvimento da pulsão; segundo, a relação de objeto que existe entre o analista e o analisando é caracterizada pela ocorrência de *enactments* recíprocos da transferência/contratransferência.

A “guinada relacional” no pensamento psicanalítico teve suas origens na oposição de Fairbairn (1946) à hipótese de Freud de que a libido seria uma pulsão que exerceria sua própria influência decisiva sobre o desenvolvimento psíquico. Essa oposição manteve-se viva parcialmente por analistas que queriam desligar a mente de suas origens biológicas e físicas. A “guinada relacional” é freqüentemente associada a outras idéias filosóficas, tais como o repúdio de Kohut (1959) ao determinismo psíquico, a negação da natureza científica do conhecimento psicanalítico, como em Spence (1994), e o subjetivismo epistemológico, como em Orenstein (1994). Kohut (1977) também deu prioridade exclusiva às relações de objeto em sua argumentação de que o complexo de Édipo deriva de uma criação inadequada. Essas idéias formam um conjunto, embora não sejam logicamente coerentes, já que algumas podem ocorrer sem as outras. Juntas, tendem a ter o caráter de um humanismo religioso secularizado do tipo encontrado no existencialismo de Sartre (1943), Merleau-Ponty (1945) e Heidegger (1927), apesar de seu ateísmo declarado.

Epistemologica e metodologicamente, a “guinada relacional” considera que o conhecimento de pessoas, tanto de si mesmo como dos outros, está baseado nas relações entre as pessoas. As relações são tratadas como sintéticas *a priori*, no sentido de Kant, ou seja, como fundamentos do conhecimento clínico. As formas de experiência e as categorias de compreensão de Kant (1781) são, obviamente, substituídas por relações de pessoa a pessoa, mas, como as predecessoras kantianas, as relações de pessoa a pessoa são tratadas como condições universais e necessárias para qualquer experiência ou compreensão possível de si mesmo ou dos outros. É claro que ninguém concordaria com Kant no que se refere a afirmar que a geometria euclidiana é universal e necessariamente verdadeira, nem negaria que o espaço é relativo à massa, como propõe a teoria geral da relatividade, em vez de ser relativo ao observador





humano, como a epistemologia de Kant (1781) propõe, mas não consegue provar. A epistemologia da “guinada relacional” tem somente um ponto em comum com a epistemologia de Kant (1781). É, contudo, o ponto crucial que define que o conhecimento de pessoas é universal e necessariamente baseado em relações. A relação é anterior ao conhecimento e constitutiva dele. A conseqüência disso para a psicanálise é a seguinte: o conhecimento que o analista é capaz de obter sobre os motivos, o caráter e os conflitos de um paciente em análise está inevitavelmente condicionado pela interação entre analista e paciente e é produto dessa interação. É essa idéia que concede à transferência e à contratransferência sua importância na epistemologia da “guinada relacional”.

É, obviamente, um truísmo inescapável que o conhecimento direto de uma outra pessoa, por exemplo, conhecimento pessoal, exige uma relação com a pessoa a ser conhecida. Essa pessoa precisa ser percebida, experienciada em suas várias capacidades, hábitos e maneiras. E, se o conhecimento é para ser do tipo exigido para uma compreensão psicanalítica da pessoa, a relação terá que ser estabelecida com a pessoa, que, provavelmente, provocará atitudes e evocará sentimentos com relação a si mesmo no analista observador. A observação psicanalítica não é dificultada pelas ilusões visuais físicas que por muito tempo enganaram a humanidade com relação à natureza, à organização e à dinâmica de corpos sagrados e ao lugar do homem na natureza. Contudo, a observação clínica psicanalítica tem a dupla desvantagem de ser qualitativa, em vez de quantitativa, e inevitavelmente sujeita à influência subversiva dos afetos.

O racionalismo científico e filosófico (por exemplo, Descartes, 1649, Spinoza, 1677), desde o princípio, não confiou nas emoções e temeu sua influência sobre a observação racional e sobre o pensamento. Essa atitude crítica é amplamente justificada pela destruição forjada pela ansiedade e pelos afetos hostis que enredaram e distorceram as percepções dos outros indivíduos e de grupos, naqueles que foram inspirados por eles, para fornecer desculpas a vários tipos de violência privada e pública. É um pouco surpreendente que Freud (1933) tenha encorajado os analistas a cultivarem uma atitude clínica de curiosidade benigna imparcial. Porém pode ser que tal atitude seja psicologicamente inatingível, que seja baseada em uma ilusão tanto quanto a astronomia de Ptolomeu?

A atitude racionalista, embora razoável em geral, é falha ou, no mínimo, limitada quando se trata de conhecer os outros e nós mesmos. A clareza e a precisão intelectuais cartesianas não são uma prova irrefutável da verdade. Obviamente, em psicanálise, deveríamos ser capazes de definir o que dizemos conhecer com uma clareza e uma precisão que não dêem lugar a mal-entendidos e forneçam testes de evidência. Porém o racionalismo tradicional não conseguiu valorizar a contribuição





Charles Hanly

que os afetos podem trazer, motivando a investigação referente à organização da percepção e à clareza de julgamento. É claro que a inveja, a crueldade, o ódio, a violência e o amor perverso precisam ser combatidos por uma razão moral (Kant, 1788), mas a razão moral é ineficiente e cansativa, a não ser que seja guiada e informada pelos afetos compensadores como pena, amor e respeito pelo bem-estar dos outros, de acordo com a idéia defendida pelo utilitarismo. O dever animado pelos sentimentos sociais (Mill, 1863) ou, se estes falharem, pelo medo da exposição e da punição são essenciais para o pensamento moral poderoso. O que é verdade sobre o pensamento moral humano também é verdade sobre o conhecimento psicológico humano. O racionalismo representou uma esperança nobre, mas foi uma esperança que negou de forma pouco realista a dependência inevitável do caráter humano quanto aos dons genéticos, à pulsão de vida, às relações familiares e às identificações.

Reporto-me (Hanly, 1995) a Proust para ilustrar a noção de que as idéias nos capacitam a perceber as coisas como elas são. O sentimento cultivado, contudo, também nos capacita a perceber as coisas como elas são. O amor ajuda-nos a discernir e discriminar. O animal amante percebe, na floresta, os rastros de diversas espécies selvagens, o que outros não perceberiam, sem falar na capacidade de distinguir os detalhes identificados de pegadas. O trabalho psicanalítico adequado requer um discernimento e uma discriminação que somente a sintonia afetiva e a compreensão do outro podem oferecer. Porém, embora o amor dos animais possa ser o suficiente para os objetivos e tarefas cognitivos do guarda florestal, o amor dos analisandos não é o bastante para o analista. A sintonia afetiva do analista deve ser mais diversificada, mais vulgar, grosseira, irônica, iconoclasta, ímpia, escandalosa, suspeita, lastimável, excêntrica, mais chauceriana e shakespeariana para discernir e discriminar precisa e harmoniosamente os caprichos e as vicissitudes da vida psíquica. Sem discriminação afetiva, os derivativos das fantasias inconscientes do paciente e, portanto, a agressão e a libido inconscientes, as defesas contra eles e seu investimento na transferência e outras relações de objeto do paciente continuarão desconhecidas, não serão percebidas e serão mal-entendidas pelo analista.

Os psicanalistas que tomaram a “guinada relacional” propagam a impressão de que são os defensores de uma nova idéia e que a análise clássica (psicanálise antes da “guinada relacional” da intersubjetividade) não reconhece as relações de objeto. A psicologia de Freud é uma psicologia para indivíduos. Fairbairn (1946, 1963) iniciou essa crítica um pouco mais cedo do que aqueles que recentemente tomaram a “guinada relacional” com seu repúdio do conceito freudiano da libido como uma pulsão. A crítica de Fairbairn foi uma maneira de retirar a força da primazia e da instintividade da libido – sua capacidade independente e espontânea de gerar necessidades prementes. A crítica de Fairbairn parecia implicar que a primazia da libido,





como Freud (1915) a definiu, não concordava com as relações de objeto ou não conseguia valorizar a importância dessas relações.

Acredito que essa implicação é injustificada. Freud (1915) torna isso claro quando afirma que “*Um termo melhor para definir um estímulo instintivo é uma ‘necessidade’*” (p.118-119). Uma necessidade depende de um objeto para sua satisfação; motiva uma busca por um objeto satisfatório; forma uma relação de objeto de um tipo específico. O primeiro ataque ao narcisismo primário infantil, um ataque que coloca o princípio da realidade a trabalhar (Freud, 1895), é o sentimento ansioso do desamparo incitado pela fome. Nessa luta, o narcisismo deve perder e ceder um pouco de libido ao amor objetal, para que o bebê sobreviva. É assim, mesmo que o narcisismo tenha que tentar reparar o dano em sua onipotência através da ilusão de um seio indiferenciado. Freud (1914) já tinha descrito as relações de objeto narcísicas e as diferenciava de laços libidinais dependentes com objetos. Da mesma forma, Freud (1915) inclui o objeto e a relação com o objeto em sua definição esquemática de pulsão. Até mesmo a formação de uma atividade com o ego que o capacita a formar uma relação consigo mesmo – o superego – é, de forma original e prototípica, uma relação de objeto internalizada, causada pela identificação fortalecida com o pai ou a mãe (Freud, 1923). A relação é modelada pela experiência edípica do menino de uma relação com seu pai, ou pela experiência edípica da menina da relação com sua mãe. As relações de objeto fazem parte do mesmo tipo de organização tripartida da psique. Embora Freud (1923) tenha especulado de forma equivocada sobre a origem do superego como sendo um resíduo arcaico, sua teoria não requer essa hipótese porque suas considerações sobre o desenvolvimento oferecem uma explicação razoável de sua psicogênese. E o pensamento clínico de Freud, desde o início (1895) até o final (1937), está fundamentado na relação de objeto do analista/paciente e paciente/analista, revelando a compreensão da transferência e da contratransferência. Não nos surpreendemos, portanto, com o fato de Freud dar a mesma importância aos fatores de desenvolvimento subjetivo e de relação de objeto (o sofrimento do indivíduo causado por ele mesmo e o sofrimento do indivíduo causado pelos outros) no que diz respeito à causa das neuroses. Na visão de Freud (1917), não faz mais sentido inserir uma alternativa exclusiva entre o desenvolvimento interno e as relações de objeto no que se refere à causa da neurose do que optar pelo óvulo feminino ou pelo esperma masculino na concepção, em vez de considerar os dois. Esse esquema etiológico geral está fundamentado em seus relatos de caso. As relações de objeto e as vicissitudes pulsionais são reciprocamente co-determinantes embaralhados das vidas das pessoas. Nenhuma teoria que não considere tanto os fatores causais endógenos como os exógenos auxiliará nossa compreensão da realidade psíquica. Ainda que, em suas reivindicações por originalidade, os psicanalistas da “guinada relacional” às





Charles Hanly

vezes atribuem à psicanálise clássica um detrimento das relações de objeto em favor dos determinantes pulsionais, uma leitura justa de Freud considerará a atribuição equivocada.

O que, afinal, é a “guinada relacional” e o que ela alcança? Se as relações de objeto nunca foram abandonadas, o que está sendo conquistado pela “guinada relacional”? Pode-se argumentar que, na psicologia do ego freudiana dos Estados Unidos durante o período pós-guerra, havia uma tendência a enfatizar fatores de desenvolvimento libidinosos e agressivos em detrimento das relações de objeto. Essa tendência era encontrada na confiança exclusivista e muito simplificada no “modelo pulsão/defesa”, como se a realidade psíquica de vidas individuais não precisasse de outras categorias de compreensão. Também era encontrada na idéia de que uma pessoa que tivesse sobrevivido após passar pelas depredações traumáticas do holocausto somente se tornaria neurótica como consequência de uma precondição de seu desenvolvimento infantil. Essa atitude não reconhecia que o trauma causado pelo fato de ser tratado de forma bruta pode causar danos severos a estruturas e funções psíquicas saudáveis. Porém, se alguns psicólogos do ego superestimaram as pulsões em detrimento das relações de objeto, Freud nunca cedeu em seu repúdio insistente de tais idéias (Hanly, 1986).

Embora se considere com freqüência que a teorização de Klein tenha contribuído mais para as relações de objeto do que a teorização de Freud, por ter tomado e trabalhado as implicações da teoria da pulsão de morte de Freud, a teoria de Klein expande o âmbito para o qual o desenvolvimento do ego é impelido e determinado pela pulsão. Especificamente, postula-se que as precoces posições esquizo/paranóides e depressivas se desenvolvem sob a influência da luta do bebê com a pulsão de morte, independentemente das contribuições da relação de objeto. Os objetos primários do ego do bebê, primeiro o seio da mãe e depois a própria mãe, devem seus significados experimentais primários e sua influência na formação do ego ao trabalho da pulsão de morte e à libido. O drama fundamental kleiniano da fase oral desenvolve-se de uma maneira que supera e se apropria antecipadamente da natureza das relações de objeto oferecidas ao bebê pela mãe e seu seio. Na verdade, devido à adesão de Klein à pulsão de morte, sua teorização é mais freudiana do que a teorização de muitos freudianos (Hanly, 1978). A teoria de Klein sobre a relação geral entre os determinantes pulsionais e os determinantes da relação de objeto no desenvolvimento psíquico é freudiana, não somente no que diz respeito à sua adesão à pulsão de morte, mas também na ênfase que coloca na contribuição das pulsões para o desenvolvimento psíquico, para as relações e para a experiência dos objetos.

Se as relações de objeto foram negligenciadas por alguns psicólogos do ego freudianos dos Estados Unidos, não foram negligenciadas por outros. Os trabalhos





de Abrams (1986), Chused (1986), Loewald (1951), Neubauer (1987), Novick & Novick (1987), Shengold (1989) e muitos outros tornam isso claro. Nas controvérsias entre Melanie Klein e Anna Freud, os psicólogos do ego americanos ficaram do lado de Anna Freud. A psicologia do desenvolvimento de Anna Freud não estava tão fundamentada na pulsão de morte de Freud como estava a psicologia do desenvolvimento de Klein. Conseqüentemente, a mãe e sua maternidade e as necessidades do bebê são mais claramente co-determinantes do desenvolvimento infantil no trabalho de Anna Freud (1946, 1949), embora também não sejam negligenciadas por Klein. As repressões e outros processos defensivos que abastecem e dão vida ao inconsciente psíquico podem ser causados pela ansiedade gerada de forma inerente ou pela força traumática das relações de objeto falhas. A hipótese mais realista parece ser a de que os dois fatores estão sempre presentes, ao menos até certo ponto. Contudo, no meu ponto de vista, essa discordância localizada sobre o estágio oral pode ser facilmente exagerada. Fundamentalmente, Klein concordava com Freud sobre o fato das relações de objeto serem motivadas e informadas pelas necessidades do indivíduo, tanto bebê quanto adulto. Essa concordância mais profunda é claramente enfatizada quando se consideram as premissas da psicanálise relacional.

Há um ponto fundamental no qual as considerações oferecidas até o momento não englobam a idéia das relações de objeto no subjetivismo psicanalítico contemporâneo. Essa teorização começa e termina com uma relação de objeto, embora haja exceções: a relação entre o paciente e o analista. Faz uso de discussões recentes das psicologias individual ou de pares, na qual a psicanálise clássica é tratada como se fosse uma psicologia do indivíduo, quando não é assim (Hanly & Nichols, 2001). Reivindica o fato de respeitar mais o analisando, já que o trata como um parceiro igual no trabalho. Evita o autoritarismo dos analistas clássicos. É democrática e igualitária. É adequada às necessidades do paciente. Evita subjugar e humilhar o analisando. Seu objetivo é destruir a ortodoxia antiquada da ação unilateral sobre a mente encapsulada do analisando pela mente encapsulada do analista. Para alcançar tudo isso, algumas idéias mais radicais do que as que já consideramos devem ser consideradas.

A psicanálise relacional considera a matriz transferência/contratransferência dada e oferece uma racionalização para uma forma radical dessa matriz, que poderia ser descrita de modo mais apropriado, do meu ponto de vista, como transferência/transferência. Na verdade, esse uso de termos seria melhor para evidenciar a igualdade dos parceiros na díade relacional. A noção clássica de que a transferência pode ocorrer sem que o analista necessariamente reaja com uma contratransferência é repudiada. Esse repúdio questiona de forma radical a obrigação aí contida de que o analista deva considerar que a contratransferência não perturba sua capacidade ana-





Charles Hanly

lítica. Se a contratransferência realmente é inevitável, analisá-la é impossível e não se pode esperar que os analistas façam o impossível. Tais tentativas seriam sisifianas e ilusórias, se a contratransferência é inevitável. Os psicanalistas relacionais também não permitem que o analista use a contratransferência para entender melhor a transferência do paciente. Se não houver transferência identificável que pertença ao paciente de forma independente da transferência do analista com o paciente, o analista fica destituído de qualquer posição a partir da qual poderia ter uma visão do paciente ou da transferência do paciente que não fosse comprometida pela sua própria atividade primária de pensamento do inconsciente subjetivo. Já que a atividade de pensamento inconsciente é impulsionada pela busca de satisfação da infância não-satisfeita do inconsciente do analista, o vínculo transferência/contratransferência torna-se um emaranhado transferência/transferência.

A teoria relacional também faz uma reivindicação ontológica, uma reivindicação sobre o que é fundamental e o que é derivativo. A relação é tomada como sendo o fundamento do ser dos indivíduos. Essa conjectura contradiz a visão de que as relações influenciam profundamente a personalidade e o caráter devido ao seu impacto sobre as necessidades do indivíduo, exatamente como as necessidades do indivíduo exercem uma profunda influência em suas relações. Essa visão está implícita, por exemplo, na hipótese de Freud (1917) de que nossa personalidade seja, em parte, formada por identificações com objetos de amor perdidos em uma tentativa de preservar uma relação com o objeto. Nessa visão, as relações, as necessidades e, podemos ainda incluir, as características genéticas, são igualmente fundamentais.

O vínculo transferência/contratransferência é levado um passo adiante pela idéia de co-criação. Quem o analisando é ou foi é o resultado de uma co-criação da relação entre o analista e o analisando. A partir do mesmo tipo de raciocínio do postulado da co-criação, quem o analista é ou foi é o resultado de uma co-criação das interações governadas pela mesma relação. Uma consequência dessa teoria é a de que o analista, diferentemente do analisando, terá que ser capaz de suportar tantas co-criações quantos pacientes ele tenha – superficialmente, ao menos, uma perspectiva vertiginosa. Mas vamos deixar a díade relacional de lado momentaneamente. Se um membro da família ou um amigo do analista são tão importantes para ele quanto seus pacientes e se considerarmos a premissa da primazia da relação de forma séria e não somente como uma idéia experimental com a qual atacar a análise clássica e o realismo científico, o analista também teria algumas outras co-criações para realizar e suportar depois da sua co-criação no trabalho. Se a relação é anterior, e as condições de ser (natureza) existem na díade analítica, a mesma precedência e condições não seriam aplicadas de forma geral? Que equilíbrio delicado de ser para si mesmo e ser para outros, para tomar emprestada a terminologia de Sartre (1943), permite a consis-





tência e coerência de ser do analista relacional? Ele não teria de suportar um ser kohutiano fraturado? A identidade pessoal do analista e do analisando pode ser sustentada na base dessas suposições, já que a identidade pessoal depende da lembrança do passado, se uma relação sempre altera, constringe ou facilita as lembranças do passado? Se a relação é anterior ao ser, podemos usar a expressão “o passado de alguém” de forma apropriada para nos referirmos a uma realidade da qual podemos não nos lembrar do todo, mas que, de qualquer forma, aconteceu, quer nos lembremos ou não? A primazia relacional, quando ligada à co-criação, não implica que nosso passado é meramente o resumo dos passados produzidos pelas co-criações nas quais nos envolvemos?

A relação entre analista e analisando é anterior (no sentido de ser fundamental e determinativa) a tais procedimentos analíticos como identificações experimentais. A identificação experimental na análise, na premissa relacional, não se dá com o analisando; dá-se com o analisando co-criado. Acontece com a imagem do analisando criada pelo analista. Uso “imagem” aqui no sentido de imagem perceptiva, imagem da memória e idéia sintética. O analista relacional pode escapar da tontura de identidade porque tem que lidar somente com sua própria imagem do paciente, uma imagem que será informada por sua teoria, seu caráter, seu humor, seus sentimentos e necessidades e, em grande parte, de forma inconsciente? Mas é a imagem que o analista faz do analisando que muda de uma relação para outra e não o analista. O analista é salvo da mutabilidade vertiginosa, mas a questão que surge agora é a de que influência tem o analisando sobre a imagem que o analista faz do analisando. O que foi ganho para o analista foi perdido para o analisando. E há ainda outra pergunta: “O que pensar sobre a empatia com a imagem que o analista forma do analisando em vez de com o próprio analisando na identificação experimental”?

O problema torna-se ainda mais complicado devido à idéia da subjetividade irremediável do analista (Renik, 1993). Essa idéia ganhou aceitação merecida entre os analistas ligados à teoria relacional. Se as observações do analista e as idéias sobre seus analisandos são, na verdade, epistemologicamente incorrigíveis, então a influência que o analisando exerce sobre sua imagem co-criada com o analista não importa, já que a personalidade, a teoria, etc., do analista anulará essa influência de maneira suficiente para torná-la irremediavelmente subjetiva. Será fundamentalmente uma imagem do analista em vez de ser uma imagem do analisando. Sofrerá da falta irremediável da objetividade.

Essa implicação vem da premissa da subjetividade irremediável do analista quando oferece uma interpretação epistemológica. Essa implicação ainda não foi bem entendida. Levantou-se a hipótese de que a objetividade analítica pode ser alcançada, apesar da subjetividade irremediável, através de previsões sobre o curso da





Charles Hanly

análise e através da observação de que as previsões realmente se concretizam. Porém essa afirmação implica que a subjetividade do analista é, afinal, remediável. Uma hipótese pode ser cogitada pelo analista que (a) não influencia o curso da análise de forma a torná-la uma profecia de auto-satisfação ou o resultado de sugestão e (b) possa ser testada empiricamente, à medida que o processo se desenvolve, através de observações que não sejam comprometidas pelo viés do analista e pelo pensamento desejoso, ou seja, sejam objetivas. Contudo, se isso pode ser feito, a tese irremediavelmente subjetiva foi falsificada. Conseqüentemente, a tese da subjetividade irremediável é tão solipsística quanto contraditória.

As inovações conceituais da teoria relacional são, sem dúvida, bem intencionadas. Além disso, essas idéias servem a objetivos úteis. Uma vez que a implicação da objetividade do analista (Renik, 1998) é considerada e que a idéia epistemológica do analista irredutivelmente subjetivo é modificada por tornar-se consistente com essa implicação, a idéia propõe uma cautela altamente salutar para os analistas, ou seja, tratar suas observações, sentimentos e idéias sobre seus pacientes com um ceticismo informado e nunca tomá-los por certo da forma como, aparentemente, uma geração de psicólogos do ego dos Estados Unidos fez. Essa posição modificada é o realismo crítico (Hanly, 1999; Hanly & Hanly, 2001).

Um filósofo analítico de Oxford diria que a versão epistemológica da “subjetividade irremediável” é um erro de categorização originado do fato de se tratar uma idéia que expressa uma recomendação através da gramática lógica de uma descrição de fato – um erro na gramática lógica da linguagem. A proposição “as interpretações do analista são irremediavelmente subjetivas” tem a forma gramatical lógica de uma nova descrição de uma situação inesperada, mas está correta, é uma forma logicamente consistente, enquanto implica uma descrição ou, mais precisamente, uma ampla classe de descrições, é optativa ou imperativa, como na proposição “Gostaria que os analistas sempre tivessem consciência ou os analistas deveriam sempre estar cientes do risco de que suas interpretações sejam subjetivas”. A idéia, assim interpretada, serve como um resumo preventivo de todas as maneiras pelas quais nossas observações e idéias sobre nossos pacientes e, na verdade, sobre nossa terapia e ciência, podem estar equivocadas. Na literatura, há uma rica gama de contribuições específicas às maneiras pelas quais as reações afetivas e as interpretações do analista podem estar equivocadas como um resultado de sugestão, contratransferência, identificação projetiva, etc. A idéia epistemológica de que nosso processo perceptivo de pensamento e memória é incorrigível não está implicada por essas valiosas contribuições, mas a idéia preventiva de o quão vulnerável estamos à subjetividade é inferida pelas contribuições e as resume de forma útil.

Contudo, a idéia da subjetividade irredutível do analista tomada como uma





descrição epistemológica implica que o paciente e o inconsciente do paciente são desconhecidos porque nunca podem ser libertados das idéias e impressões subjetivamente comprometidas e saturadas do analista, mesmo que essas idéias possam até mesmo ter a aparência de serem empíricas, indutivas e científicas. *Porém, tomada como uma recomendação, a idéia funciona como um terceiro elemento psicanalítico útil – uma posição da qual os analistas são capazes de usar, para grande benefício do paciente e da ciência, as capacidades cognitivas finitas e falíveis da objetividade que nos são oferecidas pela evolução e por nossos esforços individuais de autocontrole e compreensão.*

Contudo, deve-se reconhecer que a co-criação é um fato inevitável da situação analítica. Os relacionistas e solipsistas dentre nós colocam uma questão importante. A pergunta que precisamos fazer sobre a situação analítica é “o que, no processo analítico, é co-criado e o que não é?” Há alguns anos atrás, o analista “A” encaminhou uma paciente, uma talentosa artista que somente podia pagar por uma sessão de psicoterapia por semana um custo bastante reduzido, a um colega cujos serviços eram totalmente cobertos pelo sistema de saúde do governo. A paciente havia desenvolvido uma transferência edipiana positiva com o analista “A”, depois de conseguir utilizar a terapia para superar uma grave depressão. Embora, em minha opinião, ela precisasse de mais sessões por semana para superar sua ligação edipiana idealizante/degradante. E o analista sentia que oferecer quatro horas por semana pelo mesmo valor semanal teria sido, para ela, uma gratificação que a teria imunizado para interpretações mais profundas de sua ligação de transferência libidinal e a resistência que esta sustenta. Como artista, a paciente era particularmente sensível ao ambiente ao seu redor. As consultas aconteciam em um consultório no primeiro andar da casa do analista, em uma grande sala bem mobiliada, com paredes cobertas de livros e uma grande escrivaninha antiga de noqueira em um canto. Sua percepção desse móvel tornou-se o núcleo ao redor do qual se desenvolveu uma fantasia de transferência e uma resistência. Ela imaginava que seu analista havia nascido em uma família muito rica, que havia herdado a grande casa em um bairro de prestígio, que nunca havia tido de trabalhar para viver, mas podia devotar-se a uma vida de cultura, ciência, psicanálise e luxo. Portanto nunca poderia entendê-la, já que ela havia nascido em uma família pobre do meio rural sem cultura. Tivera de trabalhar e sofrera reveses em sua luta para tornar-se uma pintora, seu talento somente recentemente lhe havia possibilitado alugar um apartamento pequeno e começar a ter uma vida melhor. A escrivaninha tornou-se uma ligação associativa central na sua queixa reiterada de que o analista nunca poderia entendê-la. Ele nunca compartilharia suas idéias políticas de esquerda, nem seria capaz de dar valor a sua vida e sua arte. Essas e outras queixas guardavam sentimentos de possessividade invejosa, que ocasionalmente se tornavam





Charles Hanly

mais intensos através de suas associações. Ela parecia estar protestando inconscientemente quanto ao fato de parecer muito patética na visão de seu analista, de forma que ele jamais gostaria de se casar com ela, mas se ele quisesse dividir sua riqueza e sua casa com ela, ela saberia como fazê-lo feliz. Uma fantasia inconsciente de romance familiar estava mobilizando uma resistência.

Ela selecionou a analista “B” dentre três analistas com os quais havia consultado várias vezes antes de tomar uma decisão. O consultório da analista que ela finalmente escolheu era suficientemente confortável, mas ficava em um hospital onde as salas eram iluminadas pelas lâmpadas do teto em vez de por luminárias baixas e abajures. No início, a paciente depreciou a analista, seu escritório e a mobília. A depreciação sugeria sentimentos feridos e raiva por ser abandonada pelo analista “A”, que, de acordo com sua opinião, poderia tê-la tratado por um valor irrisório. Porém ela, então, começou a se envolver na análise com a analista “B”, formando o que pareceu ser uma transferência homossexual. Essa transferência foi sugerida pelo fato de ela começar a retirar suéteres, que usava com regularidade, de forma exageradamente lenta depois de deitar no divã e comentar sobre o ato de “despir-se”, quando, na verdade, permanecia bem vestida com a camisa ou blusa que estava usando. Após ter se firmado na análise, ela formou uma nova resistência. A luz do consultório estava errada. Ela tinha que se deitar no divã olhando para o teto e para as luzes que machucavam seus olhos. Ela aceitaria isso, mas teria que manter os olhos fechados o tempo todo. A isso a analista reagiu gentilmente: “Dessa forma, você não será capaz de olhar comigo nada sobre você ou sobre mim”. As próximas associações da paciente sugeriram que ela queria pedir à analista para colocar uma nova instalação elétrica na sala de modo que pudesse ver. Assim, da mesma forma como o primeiro analista era muito rico para analisá-la, sua segunda analista era muito pobre.

Obviamente, há muita co-criação acontecendo nesta vinheta evidenciada pela troca de analista. Considerarei brevemente três elementos: a escolha de um foco e de uma razão para a resistência, a fantasia mobilizadora da resistência e a transferência. Em todos os três, há uma co-criação atuando. Os pontos centrais de resistência diferem – a escrivãzinha no consultório do analista “A” e as luzes do teto no consultório da analista “B”. Os consultórios dos analistas, sua localização e móveis contribuem de forma material para as diferentes escolhas de um foco de resistência pela paciente. Essas mesmas influências dos dois analistas também entraram na formação de uma fantasia de riqueza da paciente, com o analista “A” sendo um burguês e a analista “B” sendo uma pobre funcionária de hospital. A masculinidade do analista “A” convidou-a a uma transferência edipiana positiva; a feminilidade da analista “B” facilitou uma transferência edipiana negativa. Mas qual a profundidade dessa co-criação? Existem elementos constantes na troca de analista, apesar dessas diferenças reais?





Quão heraclitiana é a paciente?

Acredito que a co-criação possa ser melhor caracterizada através de uma analogia com a estrutura dos sonhos. A co-criação, em grande parte, é limitada ao conteúdo manifesto da neurose do paciente; não atinge o conteúdo latente, exceto no caso da transferência. Muito bem. Porém é evidente que a transferência expressa o que é fundamental no conteúdo latente, o qual era heterossexual com o analista “A” e se tornou homossexual com a analista “B”. As evidências não sugerem que a mudança de analista fez emergir uma alteração importante na organização libidinal inconsciente em funcionamento na neurose da paciente, uma co-criação em um nível profundo do conteúdo latente? As evidências disponíveis não indicaram a co-criação de uma organização homossexual inconsciente pela analista “B” e a paciente. Essa organização estava lá, nas associações da paciente com o analista “A”. Freud (1908) descreveu a natureza bissexual de algumas fantasias históricas. A fantasia da transferência de uma analista um tanto patética e empobrecida com as luzes como punição incluía um componente heterossexual e um componente homossexual unidos na imagem atrás da qual estava a imagem inconsciente de uma mãe derrotada (castrada), que não representava nenhum perigo e que precisava ser cuidada, ligada a um poderoso pai castrador que abandonava e prejudicava. A alteração na transferência não envolveu a criação de uma nova organização inconsciente, somente envolveu uma alteração de gênero em sua expressão na transferência. Assim, a influência do pai perigoso e excitante é expressa na escolha de foco para a resistência e seu significado – a luz que cega. *A co-criação ocorre, mas é limitada a associações manifestadas, resistências e transferências. A realidade psíquica inconsciente subjacente não está vulnerável à co-criação.*

A tese relacionalista enfrenta problemas similares. Não quer dizer que as relações não sejam importantes. Na teoria freudiana, as relações de objeto dividem o palco principal com o desenvolvimento da pulsão na saúde e na neurose, como tentei mostrar. É, portanto, o caso de as relações de objeto terem um papel de mesma importância que as vicissitudes da pulsão na formação da realidade psíquica inconsciente que existe e tem uma natureza que também é relativamente independente das relações. Ou seja, independente do analista ou, como no caso acima descrito, dos analisatas; independentemente de ser transportada de uma relação para outra. Os resíduos dos desejos infantis inconscientes e das formações defensivas que os combatem, auxiliados e estimulados pelas identificações, não têm exatamente uma vida independente para si mesmos, embora sejam inexoráveis. Afinal, esses desejos também procuram objetos para sua satisfação. Qualquer um que tenha dúvidas sobre esse fato pode refletir sobre as transferências de seus pacientes, mesmo as mais sutis e pouco intrusivas, que, sendo a transferência idealizante positiva, armazenam uma produção





Charles Hanly

de gratificação narcisística do sentimento resultante de ser especial, sem mencionar as possibilidades edipianas menos evidentes e o vago prazer agressivo e entusiasmo de ter enganado e desarmado um rival odiado ou um objeto traumáticamente decepcionante. São as defesas que impõem satisfações solipsísticas substitutas sobre esses desejos fixados da vida infantil. Uma das difíceis, mas necessárias, condições do trabalho analítico exige que o analista se permita ser um objeto para essas lutas inconscientes – um primeiro passo necessário na redução terapêutica da influência de suas exigências na vida psíquica do paciente. Essas transferências exigem que o analista se deixe ser, para o analisando, na relação analítica, o que ele não é para si mesmo. Se, no final, o conteúdo essencial da tese relacional não afirma mais do que isso, então está somente recomendando uma mudança de terminologia que não parece ser particularmente útil.

Os teóricos relacionais tendem a, primeiro, transformar a teoria clássica em um espantinho e depois destruí-la com afirmações das quais o analista clássico pode não discordar substancialmente, embora possa discordar com uma certa sentimentalidade do tipo encontrado na relação eu-tu de Buber ou do recurso a idéias construcionistas sociais e anticientíficas ou vagas, afirmações instáveis sobre algum antigo laço não reconhecido que une o analista e o analisando e no qual todas as transferências e contratransferências específicas estão contidas. Contudo, se esse laço submerso realmente determina quais transferências e contratransferências ocorrem na análise, trata-se, com certeza, de uma força muito poderosa, maior do que as forças inconscientes em ação nas vidas do analisando e do analista. Essa força é anterior à realidade psíquica do analisando e do analista, sendo uma condição para que desenvolvam uma relação de transferência/contratransferência. Pois determina a forma que a transferência/contratransferência tomará – as ações que irão ocorrer, as defesas que serão modificadas, as necessidades agressivas e libidinais que terão um papel nas associações, o âmbito das interpretações do analista sobre elas. A reivindicação dos teóricos relacionais, quer a relação analítica seja compreendida como um campo intersubjetivo (Stolorow & Atwood, 1997), um inconsciente relacional (Gerson, 1996), ou um terceiro elemento intersubjetivo (Ogden, 1999), parece ser a de que uma relação entre analisando e analista subjuga as forças em funcionamento no analisando, provocando suas transferências e as forças em funcionamento no analista, causando suas contratransferências. Se não for assim, a que o conceito poderia estar se referindo, a não ser ao que conhecemos como a aliança de trabalho ou a aliança terapêutica? Se for assim, esses conceitos de relação não representam tantas maneiras de “enfraquecer” com palavras o poder do ego inconsciente e das forças pulsionais em nossos analisandos e em nós mesmos com os quais não temos escolha, a não ser lutar com eles em nosso trabalho terapêutico? Quem não se sentiria muito aliviado, quem não





aplaudiria se isso pudesse ser feito? Mas as ilusões ou o pensamento desejoso não mudam a realidade material nem a psíquica. Somente obscurecem as verdadeiras dificuldades as quais somos obrigados a combater. Finalmente, a psicanálise relacional pode acabar se tornando mais um escape do inconsciente, em vez de ser um *insight* mais profundo na sua natureza e em suas formas de funcionamento. □

Abstract

This paper is an exploration of the impact on our understanding of unconscious processes of what has come to be known as relational psychoanalytic theorizing. This relational view is based on two cardinal premises: first, object relations are the fundamental causal factors in psychic life in general and in pathogenesis, taking precedence over drives and drive development; second, the object relation that exists between analyst and analysand is one of reciprocating transference-countertransference enactment.

The founders of the relational psychoanalytic theorizing asserted that the primacy of libido, as Freud defined it, was at odds with or expressed a failure to appreciate the importance of object relations. However, Freud included the object and a relation to it in his schematic definition of an instinct.

The conceptual innovations of relational theory are, no doubt, well-intentioned. Once the implication of the analyst's objectivity is taken into account and the epistemological idea of the irreducibly subjective analyst is modified by being made consistent with it, the idea provides a highly salutary caution to analysts to treat our observations, feelings and ideas about our patients with an informed skepticism and to never take them for granted. This modified position is critical realism.

In the end, relational psychoanalysis may turn out to be more of an escape from the unconscious rather than a deeper insight into its nature and its ways of working.

Resumen

Este artículo explora el impacto de los procesos inconscientes en nuestro entendimiento de lo que quedó conocido como teoría psicoanalítica relacional. Esta visión relacional está embasada en dos premisas básicas principales: primero, las relaciones de objeto son los factores causales fundamentales en la vida psíquica en general y en la patogénesis, teniendo preponderancia sobre los impulsos y el desarro-





Charles Hanly

llo del impulso; segundo, la relación de objeto que existe entre el analista y el analizado se caracteriza por la ocurrencia de la transferencia/contratransferencia recíproca. Los fundadores de la teoría psicoanalítica relacional afirmaban que la primacía de la libido, según Freud la definió, no estaba de acuerdo con las relaciones de objeto y la relación con el objeto o no conseguía valorar acerca de la importancia de estas relaciones. Aún, Freud incluye el objeto y la relación con el objeto en su definición esquemática del instinto. Las innovaciones conceptuales de la teoría relacional son, sin lugar a duda, bien intencionadas. Una vez que la implicación de la objetividad del analista es tenida en cuenta y que la idea epistemológica del analista irreductiblemente subjetivo es modificada por venir a transformarse consistente con esta implicación, la idea propone una cautela altamente saludable para los analistas, o sea, tratar sus observaciones, sentimientos e ideas a respecto de sus pacientes con un escepticismo informado y nunca tomarlos por definitivos. Esta posición modificada, es el realismo crítico. Finalmente el psicoanálisis relacional puede venir a ser mas un escape del inconsciente, a la vez de ser un insight mas profundo en su naturaleza y en sus formas de funcionamiento.

Referências

- ABRAMS, S. (1986). Disposition and the environment. *The Psychoanalytic Study of the Child*, 42:41-60.
- STOLOROW, R. & ATWOOD, G. (1997). Deconstructing the myth of the neutral analyst: an alternative from intersubjective systems theory. *Psychoanal. Q.*, 66: 431-449.
- CHUSED, J. (1986). Consequences of parental nurturing. *The Psychoanalytic Study of the Child*, 41: 419-438.
- DESCARTES, R. (1649). The passions of the soul. In: *Philosophical Works of Descartes*, v. 1. New York: Dover Publications, 1955, pp.329-427.
- FAIRBAIRN, W.R.D. (1946). Object-relationships and dynamic structure. *International Journal of Psycho-Analysis*, 27: 30-37.
- . (1963). Synopsis of an object-relations theory of personality. *International Journal of Psycho-Analysis*, 44: 224-225.
- FREUD, A. (1946). The psychoanalytic study of infantile feeding disturbances. In: *The Writings of Anna Freud*, v. 4, New York: International Universities Press, 1968, pp. 39-59.
- . (1949). Notes on aggression. In: *The Writings of Anna Freud*, v. 4. New York: International Universities Press, 1968, pp.60-74.
- FREUD, S. (1895). Project for a scientific psychology. *Standard Edition*, 1: 295-343.
- . (1908). Hysterical phantasies and their relation to bisexuality. *Standard Edition*, 9: 159- 166.





- . (1914). On narcissism, an introduction. *Standard Edition*, 14: 73-104.
- . (1915). Instincts and their vicissitudes. *Standard Edition*, 14: 117-140.
- . (1917). Mourning and melancholia. *Standard Edition*, 14: 239-25
- . (1923). The ego and the id. *Standard Edition*, 19: 12-68.
- . (1933). New introductory lectures on psychoanalysis. *Standard Edition*, 22: 1-182.
- . (1937). Analysis terminable and interminable. *Standard Edition*, 23: 216-254.
- GERSON, S. (1996). Neutrality, resistance and self-disclosure in an intersubjective psychoanalysis. *Psychoanal. Dial.*, 6: 623-647.
- HANLY, C. (1978). Instincts and hostile affects. *International Journal of Psycho-Analysis*, 59: 149-156.
- . (1986). Review of *The Assault of Truth: Freud's Suppression of the Seduction Theory*. *Int. J. Psycho-Anal.*, 67: 517-519.
- . (1995). On facts and ideas in psychoanalysis. *International Journal of Psycho-Analysis*, 76: 901-908.
- . (1999). Subjectivity and objectivity in analysis. *J. Amer. Psychoanal. Assoc.*, 47: 427-444.
- and Hanly, M.A.F. (2001). Critical realism: distinguishing the psychological subjectivity of the analyst from epistemological subjectivism. *J. Amer. Psychoanal. Assoc.*, 49: 515-532.
- and Nichols, C. (2001). A disturbance of psychoanalytic memory. *Philosophy of the Social Sciences*, 31: 279-301.
- HEIDEGGER, M. (1927). *Being and Time*. London: SCM Press, 1962.
- KANT, I. (1781). *Immanuel Kant's Critique of Pure Reason*. London: Macmillan, 1950.
- . (1788). *Kant's Critique of Practical Reason*. Toronto: Longmans, Green, 1909.
- KOHUT, H. (1959). Introspection, Empathy and Psychoanalysis. In: *The Search for the Self*. New York: International Universities Press, 1975, pp. 3-23.
- . (1977). *The Restoration of the Self*. New York: International Universities Press.
- LOEWALD, H. (1951). Ego and reality. *International Journal of Psycho-Analysis*, 32: 10-18.
- MERLEAU-PONTY, M. (1945). *Phenomenology of Perception*. London: Routledge & Kegan Paul, 1962.
- MILL, J.S. (1863). *Utilitarianism*. London: Longmans, Green, 1907.
- NEUBAUER, P. (1987). Disturbances in object representation. *Psychoanalytic Study of the Child*, 42: 335-351.
- NOVICK, K. and NOVICK, J. (1987). The essence of masochism. *Psychoanalytic Study of the Child*, 42: 353-384.
- OGDEN, T. (1999). The analytic third: an overview. In: *Relational Perspectives in Psychoanalysis: The Emergence of a Tradition*. NJ: Analytic Press, pp. 487-492.
- ORNSTEIN, A. and ORNSTEIN, P. (1994). On the conceptualization of clinical facts. *International Journal of Psycho-Analysis*, 75: 977- 994.
- RENIK, O. (1993). Analytic interaction: conceptualizing technique in light of the analyst's irreducible subjectivity. *Psychoanal. Q.*, 62: 553-571.
- . (1998). The analyst's subjectivity and the analyst's objectivity. *Int. J. Psycho-Anal.*, 79: 487-497.
- SARTRE, J.-P. (1943). *Being and Nothingness*. New York: Philosophical Library, 1956.
- SEGAL, H. (1979). *Melanie Klein*. New York: The Viking Press.
- SHENGOLD, L. (1989). *Soul Murder: The Effects of Childhood Abuse and Deprivation*. New Haven: Yale University Press.





Charles Hanly

SPENCE, D. (1994). The special nature of psychoanalytic facts. *International Journal of Psycho-Analysis*, 75: 915-925.

SPINOZA, B. (1677). Ethics. In: *Spinoza Selections*. New York: Charles Scribner's Sons, 1939, pp.94-400.

Recebido em 01/12/2003

Aceito em 03/12/2003

Tradução de **Janisa Antoniazzi**

Revisão técnica de **Anette Blaya Luz e Rose Eliane Starosta**

Charles Hanly

27 Whitney Av.,

Toronto ONT M4W 2A7 – Canada

E-mail: cema.hanly@utoronto.ca



© Revista de Psicanálise – SPPA





O inconsciente e suas máscaras

Salomon Resnik, Paris*

Neste trabalho o autor apresenta sua leitura do inconsciente em Freud e sua forma de relacionar inconsciente e corporeidade. Destaca o corpo como sendo o possível portador de diferentes máscaras que representam o inconsciente do indivíduo, ou seja, não concebe a noção de inconsciente sem sua máscara, o corpo. Para o autor, é no sonho e no corpo que o inconsciente se exprime e mostra suas diferentes máscaras.



* Membro da Associação Psicanalítica Argentina.





Introdução

O inconsciente é uma noção complexa, apresentada por vezes de uma maneira confusa, contraditória e aparentemente sem máscara, *acorporal* mesmo. Minha intenção, nesta contribuição, é retomar minha leitura sobre o inconsciente em Freud e ver a relação entre inconsciente e corporeidade, entre seu ser e sua maneira de aparecer.

Freud interessa-se pelo inconsciente e sua presença na história do indivíduo já a partir de seus Estudos sobre a Histeria (Freud, 1893-1895). Ele também reencontra a presença do inconsciente nos atos falhos e sobretudo em “A Interpretação dos Sonhos” (Freud, 1900).

O inconsciente é, em Freud, uma noção essencial. Em uma carta a seu amigo Fliess, em 7 de julho de 1897 (Freud, 1897, p.258), já o interessam os sentimentos obscuros à consciência, que ele não consegue compreender totalmente. Essa afirmação de Freud lembra a de Leibniz relativa às sensações imperceptíveis e obscuras da consciência. Th. Desdouts diz: “*Se Leibniz é um dos primeiros que insistiram sobre os fenômenos psíquicos inconscientes, não se deveria crer, no entanto, que esses fatos tenham sido sempre desconhecidos antes dele. A teoria da reminiscência em Platão implica uma certa participação da alma humana na verdade divina. A alma concebeu as Idéias em uma vida anterior; ela as esqueceu ao cair na prisão do corpo; ou melhor, ela conservou dessa alma uma lembrança vaga e confusa...*” (Desdouts, 1982).

Poder-se-ia acrescentar que, para Platão, a inspiração poética é uma reminiscência que libera da prisão do corpo.

Aristóteles, ao dizer que o corpo é sinal da existência da alma e que a alma é sinal da existência do corpo, restitui o estatuto do corpo que vive com suas reminiscências. “*A alma é a entelechia do corpo*”, dirá Aristóteles, isto é, por sua atividade, ela possui a vida em potência. A alma pensante é racional, dirá ainda Aristóteles, reconhecendo a existência de uma atividade inconsciente. Freud, em 1923, formula: “*O ego é antes de tudo um ego corporal. Ele não é somente um ego de superfície, mas ele é, ele mesmo, a projeção dessa superfície*” (Freud, 1923). Para E. von Hartmann, a presença do “corpo do inconsciente” é fundamental: “*O inconsciente vive e se exprime sobretudo no sonho*”, diz, inspirado por Kant, “*pode-se ter idéias e não ser consciente delas (...)* A noção de idéia inconsciente é certamente algo de paradoxal para a compreensão ingênua das coisas, mesmo que uma tal compreensão, diz Kant, seja somente aparente” (Hartmann, 1931).

O inconsciente não pode ser concebido a não ser em relação com a idéia de





consciente. Na tomada de consciência do que é reprimido, a psicanálise propõe uma certa cumplicidade entre consciente e inconsciente. O termo consciente, do latim “*consciens*” (derivado do modelo grego *syneidesis*), implica o sentido de partilhar com alguém o conhecimento de alguma coisa, supondo assim confiança e cumplicidade.

Ter consciência de alguma coisa é um saber (“*sapere*” significa ter gosto pelo conhecimento). Com efeito, quando se toma consciência do reprimido após um esclarecimento psicanalítico, tem-se um sentimento de espanto, descobre-se a presença de uma existência que sempre esteve lá, mas negada ou ignorada. A conscientização torna-se uma iluminação, um desvelamento do que era sempre “visível” ou “corporificado” no pensamento e em nossos sentidos, mas tornado invisível (Resnik, 1994) pela negação dos sentidos (fenômeno scópico negativo). O grau de visibilidade ou de invisibilidade vai depender do superego pessoal e cultural. Levar o discurso à luz do dia ou abandoná-lo na escuridão é, pois, uma questão sócio-cultural.

O discurso da consciência luminosa é retomado por Descartes. Ele reivindica, em oposição à escolástica medieval, uma consciência clara e reflexiva bem como o direito do corpo. A idéia cartesiana do corpo corresponde também a uma abertura da consciência que se interroga sobre a presença de uma realidade não necessariamente reflexiva, isto é, pré-reflexiva. O Descartes pós-metódico concede uma grande importância aos sonhos e conta alguns seus: ele passeava pela rua, quando lhe apareceram fantasmas que o assustaram ao ponto de o constrangerem a seguir em sua direção. Mas ele era obrigado a dobrar-se sobre o lado esquerdo, tendo o lado direito muito fraco e sem apoio. Envergonhado de caminhar nessa posição ridícula, fez um esforço para endireitar-se. Mas seus esforços foram inúteis, pois um vento impetuoso o suspendeu e o fez girar três ou quatro vezes sobre o pé esquerdo. Com dificuldade ele conseguiu alcançar a igreja do Colégio da Flecha (onde fizera seus estudos) para aí rezar. Ele estava tão preocupado que não reconheceu a pessoa que vinha saudá-lo. Quis desculpar-se junto a essa pessoa, mas um vento o soergueu novamente, levando-o até a capela. Alguém o chamou além do claustro, dizendo-lhe que tinha alguma coisa para lhe dar de parte de um outro. Descartes pensa que se tratava de um melão proveniente do estrangeiro. Os outros continuavam a caminhar normalmente, e ele curvado. Com um esforço considerável, após uma grande dor no corpo que atribuiu a um gênio maligno, voltou-se sobre o lado direito e dirigiu-se a Deus em uma prece, pedindo-lhe proteção contra todas essas perseguições... (Carta de 10 de novembro de 1619)¹.

1. Relatado por Adrien Baillet em *La vie de Monsieur Descartes*, Paris, 1691.





Salomon Resnik

Descartes recebe um “golpe de verdade inconsciente” que, numa linguagem onírica e corpórea e mesmo enigmática, tenta fazê-lo refletir sobre seu passado, seu presente e seu futuro: o destino de sua vida e suas idéias. Em um outro sonho, ele vê um dicionário e um livro de poemas intitulado *Corpus Poetarum* e ele não consegue encontrar o poema que começa por “é e não”. Descartes recebe uma mensagem fulgurante de seu *inconsciente* que o confronta com seu passado, seu presente e seu futuro. Ele abandona a “verdade” de uma certa ideologia escolástica pelo “é e o não” e abre espaço à capacidade de duvidar de toda verdade - sua dúvida metódica. Tudo isso na linguagem enigmática de seu corpo enlouquecido.

Em carta de 7 de julho de 1897, Freud fala de um sonho interessante e inquietante ao mesmo tempo. Ele se encontrava nu, ou seminú, cercado de estrangeiros e experimentava uma sensação de angústia e vergonha. As pessoas que o cercavam não o viam nu, como no conto de Hans Andersen “A roupa novo do Imperador”. Aqui Freud nos dá uma imagem muito clara do desvelamento do reprimido e da interpretação dos sonhos como pôr a nu o inconsciente, isto é, a intimidade da pessoa. Sua associação com o conto de Andersen do rei nu que os demais vêm vestido é também um exemplo da visibilidade intolerável do inconsciente por parte da consciência moral – o superego.

Na prática psicanalítica, para o paciente e mesmo para o psicanalista, desvelar o que está reprimido ou negado no inconsciente adquire com frequência um caráter de descoberta e de maravilhas: “Como eu não vi isso antes, se era tão claro e visível?”, dirá o paciente em relação a uma certa “verdade” nua, sem defesa, sem roupas. Esse aspecto inspirou-me o livro *A visibilidade do inconsciente* (Resnik, 1994).

Entrar em contato com seu inconsciente era, para Freud, pôr a nu seu ego corporal, fazer associações para conseguir desvelar o conteúdo inconsciente de suas fantasias, o equivalente a se desvestir.

O homem não pode ver-se ele mesmo, e a psicanálise é a prova dessa necessidade. É através da análise da transferência que a pessoa paciente aprende a ver-se ela mesma, do exterior (projetando uma parte de seu ego observador no analista). Eu chamo esse fenômeno adquirir uma perspectiva interior de si mesmo, olhando-se através do outro, um espelho vivo (Resnik, 1999, p.34). “*Olhar-se, ser olhado de maneira compreensiva, desenvolve no paciente a capacidade de insight ou da aquisição de perspectiva interior: tornar visível o inconsciente*”. De corpo a corpo, de máscara à máscara, de olhar em olhar e compartilhando o clima da transferência, a consciência luminosa desvela suas próprias sombras inconscientes... O próprio corpo é realidade animada, *energeia*. Freud gostava muito de falar de energia e de força do inconsciente nos seus primeiros trabalhos. O próprio corpo e suas diferentes manei-





ras de aparecer (suas máscaras) fazem parte do mundo como o coração de um organismo, sugere Maurice Merleau-Ponty (1979).

Clínica do inconsciente

Samuel, um paciente esquizofrênico, em análise comigo há quatro anos, que vejo cinco vezes por semana, sonhou que via o prédio da Pirelli, em Milão, destruído por um avião. Evidentemente ele o associa a um acontecimento real nessa cidade, em que um aviador, aparentemente deprimido, em aflição, se suicidou esfacelando uma construção provavelmente admirada e certamente odiada por ele. O paciente associa esse sonho a seu desejo ambivalente de curar-se. Por um lado, ele gostaria de se ligar de novo à vida, mas, por outro, toda sua construção delirante (seu corpo “delirante”) está em perigo de se fragmentar por um choque catastrófico com o princípio de realidade. Reencontrar seu “verdadeiro” ego corporal, sua máscara, significa também negar o personagem que ele criou. O “é e não” cartesiano aparece em Samuel sob a forma de ambivalência quanto às duas ideologias e às duas imagens do corpo vivido, a delirante e a realidade cotidiana. Curar-se é, ao mesmo tempo, uma ferida narcísica em seu personagem delirado e delirante. Assim, coloca-se seu dilema entre suas aparências corporais, seja em seu sistema delirante em perigo de se afundar, seja na redescoberta e reencontros de seu “verdadeiro self”. Coloca-se seu desejo ou não de reconciliação com o princípio de realidade. Curar-se equivale a estilhaçar o edifício megalomaniaco que fazia parte de sua corporalidade imaginária psicótica. Para seu ego delirante, curar-se era também suicidar-se, para seu ego não delirante ou normal era renascer, reencontrar sua identidade.

Com efeito, na sessão seguinte, ele teve um sentimento de desvelamento em sua alucinação onírica, como se se lembrasse de seu nascimento. Ele se via a si mesmo, com uma espécie de hiper-realismo plástico, em um lavabo do quarto onde nasceu, após o corte do cordão umbilical. Via o leito materno vazio e descobria sua mãe de pé, ao lado da avó e de uma tia. Elas olhavam com admiração o maravilhoso bebê em uma espécie de lavabo/berço. Vendo um desenho que ele fez desse sonho, eu descobri, e ele também, que o recém-nascido estava sobre um lavabo/gôndola.

A primeira vez que encontrei com ele, quando do nascimento da transferência, foi em meu estúdio em Veneza. A “paisagem” de nosso primeiro encontro permanecia impressa em seu inconsciente, mesmo com as cenas seguintes tendo ocorrido em Paris. Em um certo momento, eu lhe disse que a gôndola em um grande lavabo era uma boa definição metafórica de sua Veneza. O corte penoso do cordão umbilical era uma maneira de se separar da construção delirante vivida como uma perda, uma





mudança catastrófica em seu processo psicanalítico – *catastrophic change* segundo Bion (1970, p.92).

Freud mesmo assinalara freqüentemente o parentesco íntimo entre sonho, alucinação e delírio, título de um capítulo de meu livro *A encenação do sonho* (Resnik, 1984, p.149).

Para Freud, explorar um sonho era uma espécie de aventura magnífica, por vezes espantosa e angustiante. Interpretar um sonho é um modo de desmascarar a consciência da vigília e de tornar visível a presença do inconsciente. Isso significa entrar em um universo onírico, complexo e sugestivo.

Freud utilizou o termo inconsciente já em seu artigo “Projeto para uma psicologia científica” (1895): “*O que aparece no sonho e se torna consciente não são sempre associações... Por vezes se trata de pontos (ou de fragmentos) separados. Entre esses pontos ou fragmentos há sempre um laço inconsciente, laço que se pode descobrir em parte no momento de despertar*” (Freud, 1895, p.341). Pode-se dizer, também, que, entre associações, discussões e rupturas, o inconsciente onírico pede uma leitura, isto é, pede, no analista, uma formação na interpretação dos sonhos.

Sabe-se que Freud, através do “Projeto”, queria *casar* a psicanálise em estado nascente com a fisiologia e a psicopatologia médica. Era uma maneira de dar corpo a sua futura ciência e de dar forma científica e sentido compreensível ao inconsciente. Freud dizia ainda, a propósito do inconsciente, “*O que aparece à consciência só revela certos aspectos de sua existência*”. Com efeito, o inconsciente existe e constitui uma vasta realidade. Na “matéria” do inconsciente moram pulsões arcaicas e atuais que ainda não têm nome. Ele sugere, assim, uma presença filogenética e ontogenética da matéria viva que fala uma linguagem arcaica, enigmática e atual. Psicanalisar, ser psicanalisado, tornar-se psicanalista significa familiarizar-se com essa linguagem primordial. Freud sugere, ainda, a idéia de “forças obscuras” provenientes das profundezas da psique (comparadas ao diabo no sonho da sonata de Tartini, 1899). É sobretudo a partir de “A interpretação dos sonhos” (Freud, 1900) que se coloca a busca do inconsciente como interlocutor principal da consciência vital. É no sonho que o inconsciente se exprime e mostra suas diferentes máscaras.

A leitura do conteúdo manifesto do sonho é uma leitura de uma máscara. Trata-se de uma espécie de leitura fisionômica, parafraseando Lavater, que nos permite, por vezes, entrar em contato com o conteúdo latente do sonho, o outro lado da máscara. Mas o que é latente já está presente, de um certo modo, na máscara manifesta do sonho.

A máscara do sonho é uma presença complexa, múltipla e sempre animada. Pode-se, também, falar de um imaginário inconsciente que inspira ou é inspirado pelo autor do sonho, assim como o que concerne a seus personagens. A idéia de





encenação do sonho inspirou-me o título de meu livro, considerando que o que conta é a dramatização espontânea daquele que narra o sonho a seu interlocutor “oniromante” (Resnik, 1984). Meu analista pessoal, em Londres, Herbert Rosenfeld, era um excelente interlocutor e co-ator. Ele tinha um modo particular, nas suas interpretações, de se identificar com certos personagens do sonho e, por momentos, representava seus papéis em uma transferência lúdico-onírica. Na segunda edição de meu livro dos sonhos a ele dedicada, esse aspecto é desenvolvido.

O pensamento onírico inspira-se em suas lembranças diurnas e noturnas para dramatizar suas vocações, suas intuições e suas preocupações na cena do sonho. Através das máscaras do sonho, o inconsciente comercia sempre com a realidade presente e atual. Não somente o sonho, mas também os atos falhos e todos os atos espontâneos do ego corporal, da pessoa, denotam a presença viva e coloquial do inconsciente.

Freud fala da justificação do inconsciente (Freud, 1915): “*A hipótese do inconsciente é necessária e legítima*”, diz, “*e nós possuímos múltiplas provas de sua existência*”. Freud interessa-se, nesse artigo, pela atividade anímica do inconsciente e pelo seu modo de ação na alma (Seele, Geist ou Psyche) e é curioso que Freud fale da alma a propósito da ação e não explicitamente do corpo.

A partir do “Projeto”, no qual tenta reunir a teoria do inconsciente com a neurologia e a idéia de organismo, sua posição em relação a um casamento possível entre a alma e o corpo permanece ambígua. Mas assim mesmo ele se refere à natureza e a seus habitantes, portanto aos animais (portanto ao homem), às plantas, ao inanimado da paisagem e ao conjunto do mundo... (Freud, 1895, p.208). Depois ele falará, de modo crítico, de uma certa utilização mística do inconsciente, referindo-se provavelmente a Jung.

O inconsciente e a matéria

Em um livro científico, o autor, Brian Greene (Greene, 2000), retoma a teoria dos gregos dos átomos para falar dos pontos/partículas (partículas elementares) caracterizadas por uma espécie de “vida” da matéria inanimada. Ele faz referência a movimentos oscilatórios cíclicos da matéria que provocam um som particular e específico para cada espécime, “*effect string*”. O autor menciona uma espécie de música da matéria que caracteriza a “vida” das estruturas elementares como uma antiga linguagem de toda natureza material. Tratar-se-ia, segundo ele, de uma ressonância substancial produzida por cada natureza (Greene, 2000, p.141-147). Finalmente Greene fala da noção de energia à qual Freud era muito ligado. Planck, falando a respeito da massa de um grão de poeira, sugere também a idéia de uma propriedade vivente da





Salomon Resnik

energia da massa (Greene, 2000, p.149). Freud interessa-se pelos limites entre o inanimado e o animado e entre a vida e a morte.

Freud, com seu passado científico próximo de Maynert e da filosofia da ciência de Brucke, tivera antes a vocação para encontrar o Graal científico da psicanálise e da noção de inconsciente. Ele menciona os estados latentes da vida da alma, o que parece em si mesmo uma linguagem mística, mesmo sendo crítico, mais uma vez, da utilização religiosa da noção de inconsciente.

Ele se refere, sempre em seu artigo sobre o inconsciente de 1915, a um sistema inconsciente e a um sistema consciente e mesmo a uma mediação ou ponte possível que ele chama pré-consciente. Com frequência aparece sua ideologia médica positivista, sobretudo quando ele trata da relação do aparelho psíquico com a anatomia, concretamente, da atividade ligada à função do cérebro. Não se deve esquecer que a tese médica de Freud, de 1891, sobre as afasias é preliminar a todos seus estudos acerca da psicanálise. Na época, ele se interessava pelas idéias de John Stuart Mill e de Hughlings Jackson. A noção de sistema e estrutura do aparelho psíquico sempre o interessara; em minha opinião, tratava-se de uma maneira de dar forma e corpo ao inconsciente. Nesse mesmo artigo, ele menciona as inscrições no inconsciente como se se tratasse de fatos ou de acontecimentos que tinham deixado suas marcas “anatômicas” no encéfalo, o que implica uma espécie de arqueologia do inconsciente. Toda leitura da linguagem inconsciente é uma espécie de busca arqueológica. Certamente uma arqueologia do presente na transferência. Uma tal leitura é sempre uma experiência inspirada e afetiva: a arte da interpretação ou hermenêutica onírica.

O mundo do inconsciente

Sempre no mesmo texto, Freud trata de sentimentos inconscientes. Ele faz referências também a conceitos tais como culpabilidade inconsciente, angústia inconsciente e, certamente, presença da pulsão. Ainda nesse artigo, ele retoma a idéia de uma representação inconsciente das coisas e dos afetos bem como de sua relação com a repressão e de suas implicações nos sistemas *Ics* e *Cs*. O que é reprimido no *Cs* permanece capaz de ação. A idéia de ação, em termos de organismo e de corpos, remete aos fenômenos de conversão e somatização. Será que a conversão é uma passagem ao ato no corpo?

A noção de investimento, para Freud, refere-se às partes do corpo anatômico e fisiológico bem como à transferência.

Melanie Klein, em seu artigo “As origens da transferência” (Klein, 1952, p.204), começa por dizer que a transferência opera ao longo de toda a vida e influen-





cia todas as relações humanas; ela também assinala que a primeira forma de ansiedade é de natureza persecutória. O trabalho interior de um instinto de morte dirigido, segundo Freud, contra o organismo suscita o medo do aniquilamento. Esses sentimentos persecutórios endógenos são intensificados por experiências exteriores penosas. Mas, para Melanie Klein, só há ansiedades persecutórias. No início da vida, a criança, graças à cisão do ego (posição esquizoparanóide), dirige também seus sentimentos de satisfação e de amor para o “seio bom” (ou a boa experiência)... A noção de mundo interno é muito bem descrita por Melanie Klein (Klein, 1935, 1946) e Paula Heimann: a primeira a define como um conjunto conglomerado de formas “vivas” (habitantes imaginários) que constituem uma realidade em si, produtos do contato, do “comércio” com o mundo que nos cerca. Mundo interno e mundo externo fazem parte do universo único do sujeito. De acordo com Melanie Klein, as fantasias inconscientes são vividas como objetos parciais ou totais que têm relações entre eles e com o ego. Nós os sentimos como vivos e ativos em nós mesmos. O problema é que o termo objeto usado por Melanie Klein sugere que o imaginário poderia ser concebido como *coisificado*. Ela, pessoalmente, confessou-me não se sentir muito feliz com o termo objeto; queria significar uma forma objetual, boa ou perseguidora, no imaginário inconsciente. Segundo Paula Heimann (Heimann, 1952), as fantasias do mundo interior não são separáveis das do mundo exterior e é a limitação de nossa capacidade descritiva que as faz aparecer como duas entidades diferentes que se influenciam reciprocamente.

Cito Melanie Klein, completando Freud, para assinalar minha posição pessoal de psicanalista em relação à noção de inconsciente. Do mesmo modo, a noção de mundo interno deve completar a de inconsciente. O mundo interno é, para ela, “um espaço do corpo e do pensamento” (consciente/inconsciente) ocupado por “seres” fantasiosos, representantes imaginários inconscientes e, ao mesmo tempo, reais em sua relação com o mundo. O objeto interno é uma realidade mental que representa ou simboliza um personagem do mundo (pai, mãe, etc.). O superego, para Melanie Klein, é também um objeto interiorizado particular com funções específicas. Não será essa função educativa ou moral que transforma o objeto interno em superegótico?

Em oposição a uma psicologia do comportamento e a uma psiquiatria descritiva, Freud introduz uma dimensão interior que Melanie Klein concebe também como viva e em movimento. O objeto interiorizado e o superego não são instâncias estáticas, assim como não o são o ego e o id; mas, entre eles, eles representam uma verdadeira comunidade de trocas, um espaço de vida em estado de transformação.





Discussão

Pessoalmente, interesse-me pela aplicação clínica da teoria de Freud sobre o aparelho psíquico e suas implicações no processo psicanalítico. O bom encaminhamento do processo psicanalítico caracteriza-se por modificações de estados possíveis seja no plano tópico e dinâmico da repressão, seja no plano dos fenômenos projetivos e introjetivos. O que conta na transferência, segundo Freud, é o comércio entre os dois sistemas *inconsciente/consciente* através da mediação do pré-consciente.

Na última parte do escrito de Freud (1915), ele se refere à identificação do inconsciente (*Agnoszierung*); explica que uma pesquisa aprofundada sobre a psicose narcísica promete nos proporcionar novos conceitos ou esclarecimentos relativos ao aspecto enigmático do inconsciente. Freud coloca-se, então, o problema do modo de identificar especificamente o que é inconsciente, ou, mais ainda, o que pode ser a linguagem do inconsciente.

Freud se interessa particularmente pelas idéias de Karl Abraham (1908) a propósito da esquizofrenia descrita por Bleuler. Retoma, assim, seu interesse pela neurose narcísica e suas possibilidades de transferência.

Melanie Klein comenta a dificuldade de reprimir, para o psicótico, sua tendência a projeções *sui generis* (identificações projetivas patológicas), pois seu ego é demasiado frágil. Tratar-se-ia também de uma fuga ou de uma espécie de fobia em relação ao próprio ego e a seu mundo interno. Samuel, o paciente antes mencionado, disse-me um dia com espanto: “Você sabe, minhas alucinações eram antigamente pensamentos”. Tratava-se, provavelmente, de pensamentos persecutórios e intoleráveis. Em um certo momento, durante uma sessão, Samuel começa a sair do seu estado de negativismo afetivo e social e traduz seu sofrimento. Ele se coloca problemas existenciais tais, que se pergunta se a vida vale a pena ser vivida; chega ao ponto de me perguntar se a eutanásia não se justifica no seu caso. A tomada de contato com seus próprios sentimentos de vida e de morte (Eros e Tanatos) torna-se intolerável. Um retorno à vida era, pois, uma carga demasiada pesada a assumir. Seu desligamento afetivo tinha lhe servido de anestésico, às vezes, à dor, mas também ao “prazer intolerável” de viver.

Eu encontrei nos psicóticos crônicos um medo global para com tudo, inclusive para a alegria. Alegria e brincar são fenômenos muito ligados: a capacidade de brincar na vida está ligada à capacidade de dar e receber. Na base desse comércio afetivo e econômico, coloca-se a disponibilidade ou não para o brincar e suas regras de troca: uma ética a respeitar e a partilhar.





Metáforas do inconsciente

Certo dia, durante um seminário em Paris (em 10 de julho de 1978), que Bion e eu realizamos, perguntei-lhe o que era o inconsciente para ele e ele me respondeu: *“O inconsciente é uma noção com freqüência mistificada, considerada irreal e imaterial, enquanto que, para mim, o inconsciente existe e ele é real e vivo como uma árvore. A globalidade da árvore não se constitui somente daquilo que aparece ao observador, mas essa globalidade inclui o que se esconde na terra: suas raízes”* (Resnik, 1979).

O inconsciente para Bion é substancial e total, fazendo parte da realidade formal e substancial da árvore da vida. Mas perguntar-se qual é a realidade da árvore da vida pode significar, também, perguntar-se qual é a realidade do inconsciente, quais são suas raízes e suas ramificações.

Pessoalmente, não posso conceber a noção de inconsciente sem sua máscara: o corpo.

O inconsciente, a pessoa e suas máscaras

O título “O inconsciente e suas máscaras” remete à imagem de corpo e à noção de pessoa em nossa cultura. É interessante notar que a palavra latina *persona*, derivada do etrusco *phersu*, significa propriamente “máscara de teatro”, depois “personagem”. *Phersu* corresponde ao grego *prosopeion* (máscara): a máscara da pessoa (*prosopon*). A máscara liga-se à pessoa como a sombra ao corpo. Não se poderia falar do inconsciente como da realidade sombreada do corpo vivo? Ou o inconsciente em si mesmo é a expressão corporificada dessa matéria sombreada fundamental?

A sombra do corpo, as máscaras do corpo, ou as diferentes maneiras de aparecer nu ou “fantasiado” vão definir o personagem que representa a pessoa. Normalmente há uma certa coerência entre o ou os personagens e a pessoa. O psicótico, com freqüência, é um personagem dissociado de sua pessoa. Ele pode mesmo aparecer diferente cada vez, em função da ideologia delirante que o domina nesse momento; trata-se de uma realidade caleidoscópica discordante e desarmoniosa. A pessoa criativa, essa tem uma certa plasticidade do ego que lhe permite viver a multiplicidade de suas fantasias e de suas intuições, sem perder a identidade de pessoa.

Antonin Artaud (1964) diz: *“A máscara liga-se à pessoa como a sombra ao corpo. A sombra do corpo, a máscara do corpo, a ‘fantasia’ dá a cada ator como que um duplo corpo, duplos membros e, em sua fantasia, o artista, metido nela, parecer, mesmo para ele, nada mais que sua própria ‘efígie’ (...).”* Mas é sempre o in-





consciente, por vezes consciente dele mesmo, que fala através da pessoa.

O inconsciente investe a vida interior e exterior através de suas projeções intencionais. Em toda relação humana há um discurso que se prolonga, que se materializa de inconsciente a inconsciente através do corpo e suas “emanações”. A atmosfera de toda relação, e sobretudo a da transferência psicanalítica, traduz-se por uma semântica climática: *Stimmung*. Em *Stimmung* há *Stimme*: a voz. O psicanalista torna-se, desse modo, uma espécie de afinador de um instrumento muito delicado: o aparelho psíquico, que não se encontra bem afinado, nem sempre em harmonia entre seu ser e sua maneira de parecer.

Inconsciente, fantasia e criatividade

Sobre as implicações entre música e inconsciente, há esta lembrança de Wagner para com Veneza: “*Em uma noite de insônia em Veneza, eu me pus ao balcão de minha janela acima do Grande Canal. Como um sonho profundo, a cidade fantástica das lagunas estendia-se na sombra diante de mim. Do silêncio mais absoluto elevou-se o chamado queixoso e rouco de um gondoleiro que acabara de despertar em sua barca. Ele chamou diversas vezes, até que, de bem longe, o mesmo chamado lento lhe respondeu ao longo do canal noturno: eu reconheci a velha frase melódica dolorosa sobre a qual o Tasso tinha escrito os versos conhecidos, frase velha de séculos e certamente anterior aos canais de Veneza e a sua população. Após pausas solenes, esse diálogo de sonoridades longínquas animou-se enfim e pareceu se fundir em um uníssono, depois, perto e longe, o sono tendo retomado seu império, os sons extinguiram-se. O que me poderia dizer dela, à luz do sol, a Veneza formigante e variegada, que esse sonho noturno e sonoro não carregasse com infinitamente mais intensidade às regiões profundas de minha consciência?*” (Baizallas, 1908).

Essa citação de Baizallas sobre Wagner aparece como uma verificação da presença do inconsciente na inspiração contemplativa do artista. É precisamente o artista que reencontra sua música interior em contraponto com o ritmo musical da cidade.

O conhecimento exterior, o tempo e o espaço, a estética do ambiente são sempre afetados pelo impacto das projeções inconscientes. Na experiência estética dá-se o encontro entre duas paisagens: a do mundo interno e a do mundo externo. No artista inspirado, a emoção aparece freqüentemente como inquietante e sugestiva. O espírito do artista e do músico, no caso de Wagner, vai encontrar, através do sonho e da *rêverie* de suas contemplações, sentimentos específicos que variam, seguidamente, do grito, do sofrimento ao canto e da pulsão de morte à alegria de viver. É a relação de jogo com o inesperado, a *inquietante estranheza* (Freud, 1919, p.217) que caracteriza





todo sentimento de descoberta. A aproximação espontânea, ou fundamentalmente inconsciente da vida, permite olhar a vida cotidiana como uma aventura infinita.

Raymond Lulle, o poeta cabalista de Maiorca, no século XIII, reata a idéia da árvore à alquimia e à astrologia. Ele estabelece um vínculo entre o espírito dos metais e o espírito das estrelas. A alquimia é a metáfora por excelência para nos dar uma imagem viva do inconsciente como matéria em estado permanente de transformação e de metamorfose.

É a transformação seletiva do inconsciente para a consciência e o retorno do reprimido, assim como o desenvolvimento de uma hermenêutica adequada e pessoal que me interessam em minha aventura de psicanalista. Em outros termos, considerando meu interesse pela linguagem do corpo e a linguagem do sonho, o que me fascina é desmascarar, com o paciente, as mil formas de ser e de parecer da dimensão inconsciente de nossa existência.

Conclusão

O título “O inconsciente e suas máscaras” é uma maneira de personificar e materializar uma concepção com frequência considerada abstratamente. Em todo caso, Eduard von Hartmann, já citado neste texto, privilegia filosoficamente a idéia de organismo e a noção de corporeidade como constitutiva de uma constituição global de um inconsciente vivo.

Eu escrevi vários trabalhos sobre a noção de inconsciente que cito ao longo desta nova contribuição e estou certo de não me deter por aqui.

A experiência psicanalítica é uma busca da visibilidade do inconsciente para tornar perceptível o que está “lá”, porém negado pelo ego, negado pela memória, essa outra memória que Freud pôs em evidência sob a forma do reprimido e dos traços mnemônicos.

Eu ainda queria dar, através desta contribuição, uma imagem viva, clínica e criativa de meu trabalho sobre o inconsciente na prática psicanalítica. Conceber a experiência psicanalítica como um campo antropológico e arqueológico é sempre estimulante para mim; seu horizonte aparece cada vez mais vasto. Ele nos convida a utilizarmos nosso mundo fantasioso e nossa intuição na floresta do inconsciente, como o faz o poeta, logo que descobre suas metáforas e as torna “visíveis”.

O tema do inconsciente encontra-se na base do pensamento de Freud e sempre, em meu caso, me interessou e estimulou a escrever. Eis aqui um testemunho condensado de minhas últimas idéias sobre esse tema. □





Salomon Resnik

Abstract

In this article, the author presents his interpretation of the unconscious in Freud and his proposal of relating the unconscious and the body. He focus on the body as the possible carrier of different masks that represent the individual's unconscious, that means he does not conceive the notion of unconscious without its mask, the body. In the author's opinion, the unconscious expresses itself and shows its different masks in the dream and in the body.

Resumen

En este trabajo, el autor presenta su lectura del inconsciente en Freud y su forma de relacionar inconsciente y corporalidad. Apunta el cuerpo como siendo el posible portador de diferentes máscaras que representan el inconsciente del individuo, o sea, no concibe la noción de inconsciente sin su máscara, el cuerpo. Según el autor, es en el sueño y en el cuerpo que el inconsciente se exprime y muestra sus diferentes máscaras.

Referências

- ABRAHAM, K. (1908). Les différences psychosexuelles entre l'hystérie et la démence précoce. In: *Ouvres complètes*, Tome I. Paris: Payot, 1965.
- ARISTOTE. *Metaphysics*. Everyman Library. London: Dent & Sons, 1961.
- ARTAUD, A. (1964). Le Théâtre et son double In: *Oeuvres Complètes*. Paris: Gallimard.
- BAIZALLAS, A. (1908). *Musique et inconscience*. Paris: Felix Alcan.
- BION, W.R. (1970). *Attention and Interpretation*. London: Tavistock, p.92.
- DESDOITS, Th. (1892). *La Philosophie de l'inconscient*. Paris: A. Roger et F. Chernoviz.
- FREUD, S. (1893-1895). Studies in Hysteria. In: *Standard Edition*, v.2, London: The Hogarth Press, 1962.
- . (1895). Project for a scientific psychology. In: *Standard Edition*, v.1. London: The Hogarth Press, 1966.
- . (1897). Extract from the Fliess Papers, Letter 66. In: *Standard Edition*, v.1. London: The Hogarth Press, 1966, p 258.
- . (1900). The Interpretation of Dreams. In: *Standard Edition*, v.4-5. London: The Hogarth Press, 1958.
- . (1915). L'inconscient. *Œuvres Complètes*, v.13. Paris: PUF, 1988.
- . (1919). The Uncanny. In: *Standard Edition*, v.17. London: The Hogarth Press, 1957, p 217.
- . (1923). The Ego and the Id. In: *Standard Edition*, v.19. London: The Hogarth Press, 1962, p.3-66.
- GREENE, B. (2000). *The Elegant Universe*. London: Vintage, 2000.





- HARTMANN, E. von. (1931). *Philosophy of the unconscious*. London: Kegan Paul, Trench, Trubner and Co.
- HEIMANN, P. (1952). *Certaines fonctions de l'introjection et de la projection dans la première enfance*. Paris: PUF, 1995.
- KLEIN, M. (1935). *Contribution à l'étude de la psychogénèse des états maniaco-dépressifs*. Paris: Payot, 1989.
- . (1946). *Notes sur les mécanismes schizoïdes*. Paris: PUF, 1995.
- . (1952). Les origines du transfert. *Revue Française de Psychanalyse*, N. 1-2, Tome XVI, p.204.
- MERLEAU-PONTY, M. (1979). *Le visible et l'invisible*. Paris: Gallimard.
- RESNIK S. (1979). Inconscio. In: *Enciclopedia Einaudi VII*. Torino: Einaudi, 1979.
- . (1984). *La mise en scène du rêve*. Paris: Payot.
- . (1994). *La visibilité de l'inconscience*. Castrovillari: Teda Edizione, (CS).
- . (1999). *Personne et Psychose*. Larmor Plage: Éditions du Hublot, p.34.

Recebido em 06/11/2003

Aprovado em 19/11/2003

Tradução de **Clotilde Pereira de Souza Favalli**

Revisão técnica de **Luciane Falcão**

Salomón Resnik

20 rue Bonaparte,
75006 – Paris – França

© Revista de Psicanálise – SPPA





Atenção montador

a página **452** é branca





O analisando de hoje e o inconsciente (sobre o conceito de zonas psíquicas)*

Norberto C. Marucco**, Buenos Aires

O autor, baseado na obra de Freud e com contribuições de autores pós-freudianos, descreve o que poderia definir como organizações metapsicológicas freudianas e suas conseqüências na formação do inconsciente. Utiliza a denominação de “zona psíquica” para referir essas organizações metapsicológicas, cada uma com sua particular modalidade de inconscientização e específicas vias de retorno. Os diferentes modos de inconscientização afloram no campo analítico em condições favorecidas pelo setting. Esta proposta, ele a desenvolve através de quatro segmentos:

- 1) *O analisando de hoje*
- 2) *Zonas psíquicas e inconscientização*
- 3) *A inconscientização e as posições do analista contemporâneo*
- 4) *Algumas considerações sobre realidade exterior e o inconsciente*

* Na redação deste informe recorri a idéias que desenvolvi há muitos anos, mas em particular em quatro de meus últimos textos: *Édipo, castração e fetiche* (1996), *A neurose hoje. Nas vias de acesso às zonas psíquicas* (1998), *O prazer na fantasia e na realidade* (2000), *Alguns apontamentos psicanalíticos* (2001). Por essa razão peço desculpas ao leitor por algumas reiterações que considero imprescindíveis para dar conta desta apresentação.

** Membro da Associação Psicanalítica Argentina.





Introdução

Quero, em primeiro lugar, agradecer à *Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre* seu convite para participar deste número em homenagem ao seu décimo aniversário. É para mim uma honra participar desta prestigiosa *Revista* de uma não menos prestigiosa instituição psicanalítica que conta com meu melhor reconhecimento e afeto. Por outra parte, devo dizer que me honra integrar esta publicação junto a tão destacados membros do pensamento psicanalítico local e internacional.

O convite para dar minha posição pessoal sobre o tema do inconsciente implica um compromisso muito sério, posto que se trata, nada mais nada menos, do que de se posicionar face a um dos temas mais importantes da teoria psicanalítica, essencial para a compreensão do psiquismo e suas derivações psicopatológicas e para a definição do exercício da prática analítica, isto é, os elementos da técnica que se utilizam para desvelar a expressão do inconsciente.

Para começar, devo dizer que o inconsciente implica a noção de trabalho psíquico, o processo primário, a pulsão, o problema da representação, a questão do originário e do secundário em psicanálise, etc. Um leque de problemáticas abre-se com somente se mencionar o tema para o qual nos convoca o convite da *Revista*. O inconsciente interroga, pede, solicita a atenção do analista. Como primeira situação, então, dever-se-á definir o ponto de partida em que nos situamos para tratar de explicar, a partir de uma teoria, a partir do *après coup* do momento atual, a existência do inconsciente.

O termo *o inconsciente* me parece que expressa melhor o que tento transmitir, que é a dinâmica pela qual se traduz o processo de inconscientização.

Por razões de espaço e pelas dificuldades inerentes ao tema, não vou me ocupar nem do processo primário que conforma o inconsciente, nem de colocar a problemática do originário, que, suponho, outros autores vão desenvolver. Tampouco me ocuparei do inconsciente como sistema ou instância psíquica, ou seja, a problemática do inconsciente e do id (ainda que, em alguns momentos, roce esses temas). Mas meu interesse neste texto é tratar de dar conta da idéia do inconsciente como produto de uma modalidade própria do funcionamento psíquico que é a de *inconscientizar*. Desde já não gostaria de entrar na problemática de se o originário é estruturante do inconsciente, tanto desde a posição filogenética que Freud introduz em sua concepção das fantasias originárias, quanto da posição que Laplanche (1996) sustenta com muito acerto sobre “a prioridade do outro” na conformação do inconsciente. Incons-





ciente originário, para mim, como “conceito transicional”, poderíamos dizer, a partir do qual se produziriam os fenômenos de repressão secundária que são os que habitualmente “chegam” a nossos ouvidos.

Quando trato de me deslocar desse centro de interesse tão atrativo, que é o inconsciente como instância ou o inconsciente como sistema, para me ocupar dos fenômenos de inconscientização, creio responder a minha maneira de entender a obra freudiana. Na leitura do trabalho freudiano sobre sua própria doutrina é onde posso entrever distintas modalidades de inconscientização com suas distintas formas de expressão do funcionamento psíquico e da psicopatologia. Assim também as maneiras como a prática psicanalítica é formulada nessa área.

Fundamentado, pois, na obra de Freud e com a contribuição dos autores pós-freudianos, tentarei descrever o que poderia definir como *as organizações metapsicológicas freudianas e suas conseqüências na formação do inconsciente*. Utilizo a denominação de “zona psíquica” para me referir a cada uma dessas organizações metapsicológicas com sua particular modalidade de inconscientização e suas específicas vias de retorno.

Nessas reflexões, o *setting* deixará de ser um sistema fechado (dogmático em alguns casos) para transformar-se em um campo (Baranger, 1969), um *setting* definido a partir do encontro, em uma situação analítica cujas condições permitam que aflorem os diferentes modos com que o psiquismo inconscientiza o conflito psíquico.

Limitar-me-ei, então, ao desenvolvimento dessa proposta através de quatro segmentos: 1) O analisando de hoje, 2) Zonas psíquicas e inconscientização, 3) A inconscientização e as posições do psicanalista contemporâneo, 4) Algumas notas sobre a realidade exterior e o inconsciente.

O analisando de hoje

Durante muitos anos a psicanálise esteve circunscrita quase exclusivamente ao tratamento do que poderíamos denominar como “neuroses clássicas”, apoiando-se para isso na teoria da representação e no conceito de neurose transferencial. Análise até certo ponto “cientificista”, no estilo do que poderia ser a elaboração de Signorelli em Freud; uma análise que, assentada no terreno da representação, se mantinha de certo modo distanciada de outros destinos da pulsão. A clínica foi-se encarregando de assinalar as limitações dessa posição, a tal ponto que, na atualidade, as fronteiras da psicanálise se definem e, ao mesmo tempo, se confundem por aquilo que cai fora, o que está “além” do conceito de neuroses clássicas, em outras palavras, por aquelas expressões psicopatológicas que transcendem o mero retorno do reprimido e a opera-





Norberto C. Marucco

tória de um inconsciente que, conformado pela repressão, se expressa em sua qualidade significativa¹.

O analisando de hoje muitas vezes nos coloca no campo de um “além do representável”, terreno das expressões vinculadas ao corpo, ao narcisismo e a um tipo de compulsão à repetição que é manifestação da pulsão de morte. Expressões da psicopatologia que me levaram a pensar na coexistência de “zonas” ou “áreas” de funcionamento psíquico que se definem a partir de uma singular estruturação do aparelho psíquico (Marucco, 2001) e que determinam distintas configurações do inconsciente. Essas zonas inconscientizadas confluem no analisando (com predomínio de algumas delas nas distintas patologias e com franco desequilíbrio nos pacientes severamente perturbados), definindo as posições do analista e as condições do campo analítico.

Considero que o analisando de hoje não é um analisando “novo”, cuja patologia seria um produto original de sua peculiar relação com a cultura (tema controvertido cujo desenvolvimento não cabe fazer aqui). Ao mesmo tempo me pergunto: no homem dos ratos ou no homem dos lobos não se escutam já alguns ecos que “prenunciam”, por exemplo, o inconsciente da cisão do ego? Poder-se-ia desconhecer na paixão homossexual de Dora uma paixão narcisista vinculada ao inconsciente de uma “estrutura idealizadora”, que, ao não ser ouvida, conduziu à ruptura analítica? Seria possível enumerar muitos casos como esses. Não só entre os analisandos de Freud, mas também entre os nossos. Então, talvez poderíamos considerar que as fronteiras atuais da psicanálise se definiriam em função de um corpo teórico e clínico que durante muito tempo se deteve nos avatares de polêmicas estéreis entre posições supostamente antagônicas. Seria necessária uma melhor “afinação” de nossos instrumentos conceituais para abordar zonas do psiquismo inconscientizado que antes pareciam inacessíveis e talvez também chegar a descobrir “outras áreas de funcionamento psíquico” (“outros inconscientes”) que atualmente permanecem ignoradas.

Zonas psíquicas e inconscientização

O enfoque metapsicológico que proponho sustenta-se no que considero como os cinco pilares básicos freudianos, cinco verdadeiras “introduções” – como prefiro chamá-las – a temas fundamentais da metapsicologia que tiveram profunda repercussão na compreensão dos processos de inconscientização assim como na instalação da

1. Quero assinalar aqui que o conceito de repressão e de inconsciente reprimido, que iluminou o campo da psicanálise, provocou com a mesma intensidade de sua luz um engeguetamento que deteve a investigação em outros modos de inconscientização, das vias de retorno desses “outros inconscientes”, e, ainda como tarefa pendente de investigação, das distintas maneiras como o inconsciente “trabalha”.





psicopatologia. São os que definem, por sua vez, a modalidade da cura analítica e os recursos da técnica. Essas cinco introduções são 1) a dos sonhos, 2) a do narcisismo, 3) a da pulsão de morte, a 4) das identificações, 5) a do fetichismo. Trata-se de conceitos fundamentais na obra freudiana, que não só demarcam balizas no desenvolvimento ou no aprofundamento da metapsicologia, mas que, em verdade, explicam as modalidades de estruturação do aparato psíquico. Essas distintas modalidades determinam “zonas” ou “áreas” de funcionamento psíquico de acordo com cada modo particular de estruturação. Considero que Freud, ao longo de sua obra, as foi descobrindo e descrevendo, mesmo sem enunciá-las como tais, e que, ao fazê-lo, nos pôs na pista do que hoje devemos desenvolver e definir mais profundamente para nos facilitar o acesso à patologia atual. As estruturas psicopatológicas nos mostram, em sua complexidade clínica, as manifestações dessas “zonas inconscientizadas” que coexistem e se superpõem simultaneamente no aparelho psíquico. Isso não supõe ver o aparelho psíquico como uma espécie de mapa onde as distintas regiões se colocam em um plano, umas junto às outras, mostrando limites precisos entre elas. Talvez, como já assinalai, a imagem mais representativa do que tento descrever seja a do quadro de Dali que expõe *Gala despida olhando o mar que, a uma distância de 18 metros, se transforma no retrato de Abraham Lincoln (Homenagem a Rothko)*, de 1976, que se exhibe no Teatro-Museu Dali de Figueras. Nele a imagem de conjunto é uma só, mas é a *relatividade do ponto de vista do contemplador* que revela a coexistência de distintas estruturas, cada uma delas com uma *lógica própria* que se manifesta aos sentidos de modo particular. Na análise, esse “ponto de vista” seria o de uma dupla paciente-analista interagindo na dinâmica da transferência-contratransferência. Cada uma dessas zonas psíquicas, em seu particular modo de estruturação, funcionamento e manifestação, compromete também de maneira diferente e particular os recursos do silêncio, a interpretação, a construção, a mente do analista, e imprime seu selo nas condições mesmas do *setting*, assim como de outros aspectos da técnica psicanalítica. É essa a *atualização* que proponho para entender e abordar a clínica de hoje (tema esse que desenvolvo mais amplamente no próximo segmento)

A introdução dos sonhos (Freud, 1900) conceitualiza um inconsciente sexual e significante (que começa a delinear-se precisamente no livro dos sonhos e culmina em seu trabalho sobre “O inconsciente” da primeira tópica) formado por representações e cuja pulsionalidade é dada pela pulsão sexual afetada pela repressão. Isso descreveria uma “zona” do aparato psíquico caracterizada pelas manifestações desse *inconsciente reprimido*, sexual e significante, cujas expressões patológicas configurariam as chamadas “neuroses clássicas”: a histeria, a neurose obsessiva, as neuroses fóbicas.

Com *a introdução ao narcisismo*, Freud (1914) nos introduz em “outra psica-





nálise”, basicamente a da problemática do ego na teoria, na clínica e na condução da cura. O narcisismo marca um dos momentos fundantes da estruturação psíquica. Em sua descrição, Freud reconstrói o processo que vai do auto-erotismo à conformação do narcisismo; ou seja, desse “novo ato psíquico” pelo qual se constitui o ego², e que é, no meu entender, a identificação primária passiva (Marucco, 1978) (que Freud define como prévia a toda carga de objeto e que Laplanche, 1989, colocaria como o significante enigmático na constituição do inconsciente e talvez na criação da pulsão). Demonstra a importância do objeto na constituição do psiquismo e, por consequência, nas características das patologias e no devir do processo analítico. Um objeto cujo protagonismo estará marcado, por sua vez para o sujeito, pela importância de seu papel para a criação do ideal. Assim se traçam sendas e assim se definem destinos: “o menino deverá...a menina deverá...” (no dizer de Freud, 1914). Essas sendas, esses destinos se encontram também em territórios do inconsciente reprimido? Ou, quando falamos da *cegueira*, da fatalidade do destino, transitamos por uma área diferente? Talvez estejamos aí em outra zona inconscientizada, zona narcisista que arreda a história do desejo dos outros, à semelhança das caixas chinesas. A importância de ter o objeto e de frustrar-se no/por ele. Recordemos Freud: pela frustração cria-se um ideal. Ideal ao qual se consagrará o amor que antes se consagrava ao “ego verdadeiro”. Instala-se, assim, um ideal narcisista que implica uma estrutura intrapsíquica que denominei de “estrutura idealizadora” (Marucco, 1998a). Projetado num objeto externo, esse ideal intrapsíquico, essa estrutura idealizadora torna-se a idealização do objeto

Então, a introdução do narcisismo lança luz sobre a zona psíquica na qual se mostra com maior significatividade a importância do objeto e as consequências que sua privação tolera no forjamento do ideal que tenta reconstruir uma história mítica de amor, independente, é claro, da realidade material. Esse mecanismo tem suas consequências, sendo uma delas a constituição de uma afirmação frente ao poderio do objeto. O inconsciente que conforma a *estrutura idealizadora* é tanto lugar de refúgio face ao poder do objeto, quanto fonte de patologias quando a projeção do ideal intrapsíquico se coloca em um objeto externo ao qual se outorga um excesso de poder (as adições, as depressões, alguns fenômenos de massa, etc.)³.

2. O tema da constituição do ego, como é sabido, é de extrema densidade teórica. Explanei esse tema em particular nos capítulos 2 e 3 do meu livro *Cura analítica e transferência* (1998).

3. Quando, na clínica, se apresenta um paciente com escassa tolerância à privação do objeto, é porque não pôde construir esse ideal ao qual consagrar o amor que, antes, era consagrado ao ego pelo objeto, ficando à mercê desse último. No outro extremo da patologia, pode ocorrer que, frente à humilhação, ou seja, frente ao reconhecimento da castração, o indivíduo fique se deleitando numa união narcisista com o ideal, desligando-se assim totalmente do objeto. Todavia ainda há outra possibilidade: Freud descreve um processo pelo qual esse ideal intrapsíquico se projeta em um objeto externo. Se isso acontece, produz-se o estado de enamoramento: o indivíduo entrega seu ego ao poder do objeto.





Chegamos agora à *introdução da pulsão de morte* na obra freudiana que, no meu modo de ver, conduz a dois portos ou, melhor, a duas travessias. Por uma parte, “O ego e o id” (Freud, 1923) e o conceito de compulsão à repetição. O inconsciente (aquele inconsciente do dizer e do significante) será, agora, também o inconsciente do trauma. Quando Freud, em “Além do princípio do prazer” (1920), reconceitualiza o trauma, faz do id de “O ego e o id” um conceito clínico particularmente rico. O id (o inconsciente) inclui o inconsciente, mas é algo mais. O que é esse “algo mais”? Como diz, até então o inconsciente era um inconsciente sexual *reprimido* e se expressava em representações de palavras, poderíamos dizer, no conceito de significante. Em troca, o id é um inconsciente *no qual coexiste a dualidade pulsional vida e morte* (essa última expressada particularmente como compulsão à repetição). Com esse conceito de id, pois, o campo analítico incluirá histórias de significantes e histórias de traumas. A patologia psíquica não será, então, somente a maneira como se expressa um desejo, mas também a maneira como se expressa o sofrimento: *a teoria traumática* volta a se recuperar em 1920.

Essa teoria traumática expressa-se em três planos da repetição: 1) repetição dos fragmentos e ramificações do complexo de Édipo (correspondente ao inconsciente dos sonhos, ou seja, o inconsciente reprimido, sexual e significante da primeira tópica); 2) repetição do narcisismo ferido que está “além do princípio do prazer”, quase poderíamos dizer “além do desejo”, e que em última instância é uma repetição da humilhação, da desilusão ou do que essa encobre: *o inconsciente da estrutura idealizadora*; 3) *repetição de vivências do tempo primordial* que não estão ligadas a representações de palavra. Chamei a essas marcas mnêmicas de “ingovernáveis” (Marucco, 1980), assinalando que a tarefa psicanalítica por excelência a propósito delas é o encontro da representação (Marucco, 1998). Precisamente a introdução da pulsão de morte e, com ela, do conceito de compulsão à repetição, explicaria a existência de uma zona do aparelho psíquico que comandaria a repetição dessas marcas mnêmicas do tempo primordial, *ingovernáveis*, que seriam incapazes de ligadura com o processo secundário. Ponto de expressão dos traumas pré-verbais, da violência do objeto no alvorecer do psiquismo. Expressão cabal de um destino cruel, cujos desígnios somente a força de uma representação pode deter: toda a trama do representável, irrepresentável, não representado, em relação ao inconsciente, conjuga-se no cenário que apresenta essas problemáticas na psicanálise contemporânea⁴.

4. Outra inquietante questão aparece relacionada com a pulsão de morte. Se entendemos que a pulsão sexual é estimulada a partir desse *plus* de sexualidade do objeto, se a própria vida surge da vida do outro, por que não pensar que a pulsão de morte pode conter também uma sujeição ao desejo de morte que provém do outro, ao seu ódio, a sua hostilidade? Creio não ser irrelevante considerar, aqui, que esse tipo de colocação se torna enormemente mais complexo, quando o consideramos à luz das condições do campo analítico e do papel que o desejo do analista desempenha tanto (*continua na próxima página*)





Norberto C. Marucco

Se a introdução do narcisismo e da pulsão de morte serviu para descrever essa zona do aparelho psíquico na qual se mostra a significatividade do objeto e que leva a hierarquizar, na cura analítica, a dialética entre a pulsão e o objeto, a problemática do ego e do superego que se introduz em “O ego e o id” aprofunda quanto a um fato resultante dessa dialética entre a pulsão e o objeto que seria a *identificação*. Precisamente, considero que o tema da identificação é outro dos grandes desafios à psicanálise contemporânea pelas dificuldades que entranha. O “inconsciente das identificações” retorna, em geral, na conduta, nos atos, mas também na própria maneira de conceber a vida, no caráter. E vale aqui uma pergunta: por que razão o caráter ficou “fora” da análise durante tanto tempo? Distintos tipos de identificação conduzem, por um lado, à inclusão na cultura e, por outro, ao fenômeno do debilitamento da pulsão.

A tensão entre o ego e o superego denominada de “sentimento inconsciente de culpa” não só se manifesta com o sintoma de perda de auto-estima (fonte fundamental das depressões das denominadas “patologias do vazio”), mas em particular através da necessidade de adoecer ou da necessidade de castigo. Esse sentimento de culpa, que é fonte de ingresso na cultura e, ao mesmo tempo, fonte de patologia, é um dos temas chaves que, no meu modo de ver, a psicanálise contemporânea deve investigar.

(De outra parte, o tema do masoquismo coloca não poucas dificuldades à psicanálise contemporânea. Refiro-me especificamente ao masoquismo primário que se aninha no ego, derivação direta da pulsão de morte, e que leva o ego a sua destruição. Masoquismo do ego e/ou sadismo do superego. Como dar conta de uma pulsão que aninha em si o germe de sua própria destruição? Como explicar a confluência desse masoquismo do ego com a ação de um superego que, herdeiro de uma identificação, produz também um destino de morte? O que é o suicídio? Um ato induzido pela pulsão ou por um superego que se abate com fúria impiedosa sobre o ego, até conduzi-lo a sua aniquilação mesma? Perguntas à espera de uma profunda investigação sobre o “primário” no psiquismo e sobre o inconsciente que está além da representação).

Por último, a *introdução do fetichismo* na teoria (tal como a denominou Pontalis, 1978) inaugura um novo desenvolvimento metapsicológico ao que me referi como “a terceira tópica freudiana” (Marucco, 1980, op. cit.) porque implica a aparição de uma defesa chave, como é a desmentida, e um efeito fundamental, que é a

(*continuação da página anterior*) em sua vertente erótica quanto temática. Também aqui – parafraseando Freud – a vitória final caberá aos batalhões mais fortes (Freud, 1923, 1937): que papel representará a libido do analista dirigida a seu paciente, sua própria aposta pulsional? Sem dúvida é significativo, aqui, o desejo do analista, que traz sua própria pulsionalidade como motor de mudança e transformação.





cisão do ego. A partir dali podemos entender um aparelho psíquico com um ego cindido pela ação da desmentida. Mas façamos um breve percurso que nos permita nos situarmos no tema: como resultante do interjogo entre o Édipo e a castração, definir-se-á a estruturação do aparelho psíquico. No caminho que a criança faz em seus enlaces libidinosos com o pai e a mãe, sobrevem o momento em que tem que enfrentar-se, por um lado, com o reconhecimento da castração da mãe e, por outro, com a ameaça da castração do pai. Se reconhece a castração, a ameaça de castração do pai ganha significação. A defesa, então, é reprimir a pulsão. Constitui-se assim o inconsciente reprimido. Da história do Édipo fica como herdeiro o superego. Quando Freud publica em 1924 “O sepultamento do complexo de Édipo”, coroa sua teoria fálica. O aparelho psíquico completa sua conformação com esse sepultamento. O ego finalizará dependendo de seus amos: o id, com seu mundo pulsional, o superego, com suas exigências e a realidade exterior⁵.

Mas três anos depois Freud escreve o Fetichismo. A inclusão do Fetichismo aparentemente introduz o estudo de uma perversão. Freud, todavia, já se ocupara disso muito antes. Por que necessita, em 1917, dedicar um artigo ao fetichismo? Por que, depois de ter publicado “O sepultamento do complexo de Édipo” e de ter feito uma síntese final sobre a resolução do complexo de Édipo, reaparece o fetichismo? Freud volta ao fetichismo porque encontrou um mecanismo que dá conta não só da perversão propriamente dita, mas de uma modalidade de estruturação do aparelho a partir da *verleugnung*. A desmentida, então, passa a ter um papel fundamental na conformação do psiquismo. Dissemos que, frente à ameaça de castração, uma parte do ego há de reconhecê-la e de reprimir seu Édipo, fundando o inconsciente reprimido – história do sepultamento do Édipo. Mas outra parte do ego desmentirá a castração e, ao fazê-lo, *conformará um inconsciente não reprimido produto da desmentida*, com suas particulares vias de retorno. Quando a castração materna não é reconhecida e se põe no lugar do pênis materno (por deslocamento e transmutação de valores), um objeto que se transforma em condição do gozo sexual, estamos ante uma perversão: o fetichismo, campo da patologia da desmentida. Mas quando essa transmutação de valores, esse deslocamento do pênis materno não se faz sobre um objeto concreto, mas sobre algo que o desejo cria “à vontade” no dizer de Rosolato (1978) (esse certo brilho sobre o nariz que Freud assinalou, 1927), estamos ante a criação do que denominei de “fetiche virtual” (Marucco, 1996-97); esse outro inapreensível, imaterial, é condição para assegurar a sobrevivência da pulsão, já que a castração é sorteada pelo deslocamento sobre um objeto que tem algo daquele objeto primário, incestuoso,

5. O ego, acuado por esses perigos, apelará à angústia como sinal e conformará, a partir disso, uma estrutura psíquica inconsciente, uma arquitetura básica do psiquismo, diria eu.





Norberto C. Marucco

sem ser ele. Octave Mannoni (1969) cunhou uma expressão muito ilustrativa para descrever, no discurso do paciente, a ação da desmentida: “já o sei...mas mesmo assim...”. O “já o sei” denotaria o reconhecimento da castração e a construção do reprimido inconsciente, enquanto que o “mas mesmo assim...”, a ação da desmentida que “*inconscientizaria*” a castração, preserva a pulsão e seu correlato, a fantasia. Daí que o “fetiche virtual” seja condição da eleição do objeto amoroso assim como da criatividade. Não há possibilidade de criação sem essa capacidade para desmentir certa parte da realidade que, ao mesmo tempo, se aceita. Isso implicaria criar equivalências entre castração e “realidade” (Marucco, 2000).

A introdução do fetichismo, então, e do conceito de desmentida que me serviram de ponto de partida para desenvolver o conceito de “fetiche virtual” como condição do amor e para precisar o modo de funcionamento acorde com a desmentida que sua constituição habilita (como essa possibilidade de reconhecer e, ao mesmo tempo, desconhecer a castração respectivamente) descrevem o funcionamento de uma zona inconsciente do aparelho psíquico de características peculiares e formas de expressão clínica e psicopatológica.

O “fetiche virtual” e a desmentida são, pois, estruturais e ambos condicionam a escolha do objeto amoroso, a sobrevida da pulsão, e implicam a possibilidade da criação. Quando a pulsão desfalece pela impossibilidade de constituir esse “fetiche virtual” que, de algum modo, assegura que algo da pulsão edípica seguirá latejando nele, voltamos a nos encontrar com as normopatias, com a perda da capacidade de amar (capacidade de amar que, para Freud, constituía uma das condições da cura analítica)⁶.

A inconscientização e as posições do analista contemporâneo

Retomo neste segmento o desenvolvimento anterior sobre minha concepção de “zonas ou áreas de funcionamento psíquico inconscientes”, mas me colocando agora no campo da clínica e das diferentes posições que o analista deve assumir frente a seus modos particulares de expressão psicopatológica.

Trata-se, ante de tudo, de aguçar os “sentidos analíticos” com o fim de poder detectar no paciente as distintas maneiras como se expressa o inconsciente em cada

6. Aludo, com o conceito de “normopatias”, a diferentes expressões freudianas que designam, em meu entender, diferentes níveis de repressão. Desde o vocábulo alemão “*untergang*” (repressão, Freud, 1924) ao “*zugrunde gehen*” (sepultamento/aniquilamento), até culminar com a palavra *katastrophe* (catástrofe/demolição, Freud, 1925) que apontariam a um ideal cultural de provocar no inconsciente a “desaparição” do complexo de Édipo (Freud, op. cit., p.275), o que implicaria, em meu entender, quase uma abolição pulsional, em outro modo de dizer, sujeitos que vivem sem pulsão/paixão.





uma dessas “zonas de funcionamento psíquico”. E a partir daí encontrar as vias de acesso terapêutico mais adequadas, calibrando de acordo com elas seus instrumentos técnicos. É claro que, da “intemporalidade” do tempo do inconsciente, ouviremos, na maioria das vezes, simultaneidade e/ou justaposição nas expressões das diferentes zonas. Daí a maior complexidade do trabalho analítico. Mas isso só nos leva a enfatizar a necessidade de poder distinguir em cada momento qual é a estrutura psíquica inconsciente que está “tomando a palavra” (isto é, o momento em que retorna ao organizado de onde partiu em algum momento para inconscientizar-se) e poder, daí, incluí-la em uma nova temporalidade (a do processo analítico, a da vida).

Talvez seja irrelevante clarear que, se sigo uma ordem (que, quem sabe, poderia definir-se como “cronológica” quanto à evolução da teoria psicanalítica) na descrição das distintas zonas psíquicas, é somente com a finalidade da exposição, mesmo sendo fácil comprovar que a progressão dos descobrimentos de Freud e os achados posteriores a ele revelam, nesse ordenamento, um grau crescente de complexidade, tanto no relativo à constituição e organização do psiquismo, quanto a suas modalidades de inconscientização e a suas expressões patológicas.

É assim que a “zona do sonho”, talvez justamente por ter sido a primeira, tenha sido também a mais intensamente interrogada pela teoria psicanalítica, tendo-se alcançado nela (sempre em termos relativos) os melhores resultados, as respostas mais bem sucedidas. A tarefa do analista dirige-se, aqui, fundamentalmente ao desvelamento do desejo em sua expressão através dos significantes, e o *setting* analítico define-se pelo paciente recostado num divã...sua possibilidade motora inibida... quase anulado o pólo perceptivo...Poder-se-ia dizer que estão dadas as condições para que a cadeia associativa se vá desenrolando à maneira de um sonho (Green, 1990a). A atenção flutuante e a interpretação definem, nessa zona, a posição do analista, a escuta analítica, para descobrir no golpe do significante o núcleo do inconsciente reprimido, condensado ou deslocado e seus modos de retorno: os sintomas que se tornam sintomas transferenciais.

A associação livre é fundamental, um instrumento privilegiado para detectar o inconsciente sexual e significativo. Mas quando nos encontramos também com outras zonas psíquicas em que o psicopatológico se expressa através do ato, bastará a associação livre somente? Não necessitaremos de um “instrumento” que permita detectar, por exemplo, as expressões do ato? Interessa-me reiterar o fato de que no conceito de inconsciente está contido o reprimido e algo mais que o reprimido...

Contudo, quando a libido objetal se “desgasta”, para dizê-lo assim, no que Green chamou de a “*loucura neurótica*” (ou “*psicose erótica*”) e que Freud (1912) definiu como enamoramento, estamos em outra zona: o inconsciente narcisista, que sublinha a importância do objeto na constituição do psiquismo e, portanto, nas caracte-





Norberto C. Marucco

terísticas da patologia e no devir do processo analítico. Zona, então, do narcisismo, da criação do ideal e da conformação da *estrutura* idealizadora (a que já fiz referência no segmento anterior). Ora, quando essa “estrutura idealizadora” se projeta no analista, põe-se em jogo uma transferência idealizada na qual se reeditará uma espécie de “amor aditivo”. O analista encontrar-se-á, assim, incluído em uma complexa e particular trama relacional, “ocupando” o lugar desse objeto idealizado capaz de definir o destino de uma vida. Quantas mudanças podem dar-se no circuito da repetição, quando o inconsciente dessa zona é advertido, analisado e desmontado, e quantos destinos cegos se podem criar numa análise em que isso não seja revelado?

“Instalado” nesse lugar, o analista deverá desmontar o poderio da idealização, recuperando como representação histórica o que se transformou em estrutura psíquica. O instrumento técnico para fazê-lo serão as *interpretações* e as *construções* com as quais tentará dar conta da história de uma desilusão que se produziu e que foi negada, permitindo assim sua transformação em representação. Outra maneira de dizê-lo, trata-se de transformar a criança narcisista inconscientizada em uma recordação agônica.

Por outra parte, a posição do analista é solicitada de uma maneira muito particular, quando, perdendo o batalhão de Eros a luta pela vida, deixa aflorar no analisando a ação de uma pulsão de morte que se expressa em termos de um inconsciente configurado por um tipo de repetição e pela ação da desligadura. Assim, quando o campo analítico se aventura nesse território do inconsciente, é necessário afinar a “escuta” da repetição e do silêncio.

Nessas histórias de traumas, já não basta ao analista transitar pela *via de levar* (isto é, interpretar). Deverá, também, transitar pela *via de porre*, outorgar significação a esses traumas que se repetem uma e outra vez com demoníaca insistência. Campo da interpretação e da construção de uma história: histórias de aproximações, de afastamentos, de distâncias...Momento do empurrão historizador da psicanálise desenvolvido às vezes exageradamente e às custas da transferência, perigosamente desalojada do campo analítico.

Vale lembrar que, quando Freud descreveu em “Mais além...” (1920) a repetição do sofrimento, a repetição do trauma, o que o assombrou na realidade foi essa intenção (nem sempre alcançada) da repetição do trauma com o fim de ligar-se, para poder assim entrar na série prazer-desprazer. Pareceria, nesse sentido, que o primeiro princípio para Freud teria sido a ligadura⁷: “*Sem ligação prévia não haveria repeti-*

7. Se aceitássemos que, previamente ao princípio do prazer ou ao nirvana, há algo que poderíamos chamar “princípio de ligadura”, isso nos abriria uma melhor compreensão de conceitos como o da identificação primária (que denominei “passiva”) como prévia a todo enlace libidinal de objeto. Creio que a essa mesma problemática se referem C. e S. Botella (1997) com seu princípio de “convergência-coerência” e o que Green denomina, decididamente, como o “tempo da ligação”.





ção, a não ser desorganização e fragmentação (Green, 2001, p.111). Então, hoje, colocaríamos a compulsão à repetição em uma etapa prévia ao prazer, mas contendo em seu núcleo *uma busca incessante de ligadura*. Talvez, nesse sentido, se entenda a repetição também como uma possível demanda de um processo de objetualização bloqueado. As expressões clínicas dessa área de inconscientização poderiam ser a tendência ao ato ou as manifestações psicossomáticas. Na clínica, essas buscas (de ligadura e objetualização) envolveriam decididamente o analista com seu paciente em um trabalho a ser aclarado na *singularidade do campo analítico* (Marucco, 1995), incluindo uma concepção da temporalidade muito mais complexa. Quando um indivíduo preso na compulsão à repetição não acede à possibilidade de ligadura, seu tempo é “assassinado”, no dizer de Green (2001). Nesse “assassinato do tempo”, creio que está comprometida a psicanálise de hoje, e é aqui que *a aposta libidinal inconsciente do analista é fundamental* para dar ligadura a esse trauma que ficou atado a uma compulsão à repetição⁸.

A “contratransferência”⁹, mais especificamente o que produz a mente do analista, seria o lugar privilegiado de onde pode operar tanto sobre a desligadura quanto sobre essas hulhas mnêmicas que não tiveram representação de palavra. E poderá fazê-lo se puser em jogo sua capacidade de ligadura com sua capacidade de *rêverie*, no dizer de Bion, de devanear, nessa zona de fronteira.

Mas qual a garantia de que essas palavras que a mente do analista introduz não aflorem de alguma problemática dele mesmo? A análise do analista e sua própria auto-análise são imprescindíveis como proteção frente ao abuso que, como objeto, possa exercer sobre o paciente. Nessa zona psíquica, um desafio da análise atual é

8. Neste âmbito em que campeiam a compulsão à repetição e a pulsão de morte, três tempos de angústia se impõem para mim: um primeiro tempo em que a *angústia* é nublada pela compulsão à repetição. Na análise, é o tempo detido; é o impasse analítico em que nada muda. A expressão clínica desse funcionamento psíquico implica que o dia de hoje seja igual ao de ontem e torna absolutamente previsível o dia de amanhã. Pesadamente, instala-se um segundo tempo de progressiva e paulatina desligadura. Tendo a denominá-lo de tempo da desinvestidura, aproximação ao que chamaria de “tempo final”, quando a angústia adquire um matiz de “nadificação” que o aproxima das angústias do vazio. Na realidade, é o reencontro com aquela angústia traumática do desamparo em consequência da devastação do representado pela repressão. É por isso que considero “vital” (que valha o adjetivo em seu pleno sentido pulsional) que o processo da análise possa ser conduzido a um terceiro tempo que oriente de modo diferente essa compulsão à repetição e sua angústia concomitante de “nadificação”. Esse novo tempo estará “marcado” pela posição do analista e, em particular, por sua própria aposta pulsional. Trata-se de um tempo em que a angústia, frente à *própria angústia pulsional sexual do analista*, tem a oportunidade de mudar-se em investidura e ligadura, ativando e quase gerando pulsão de vida em seu analisando. Então, nova angústia “pulsional” para o paciente, que poderá vir a ser nas expressões já conhecidas dessa angústia pulsional. Por último, se restaurará o “sonho nosso de cada noite” com sua busca infatigável da realização do desejo e, por sua vez, o reconhecimento do amor do outro e pelo outro.

9. Devo esclarecer que o termo “contratransferência” me parece extremamente limitado para conotar minhas idéias acerca do inconsciente do analista. A expressão “mente do analista” (M. Baranger, 1992), sendo mais abrangente, é mesmo assim provisória para meu esquema conceitual.





Norberto C. Marucco

transformar o suposto destino, ou pelo menos a parte dele, em uma neurose que possa ser acessível à e operável por nossa prática analítica. Trata-se disso em toda essa zona inconscientizada, isto é, de levantar os efeitos paralisantes do vínculo com um objeto, para recuperar o empurrão transformador (Green, 1997), neogenético (se me permitem a expressão) da pulsão. Pelo menos em meu entender, é isso que a psicanálise deve procurar no inconsciente dessa zona psíquica.

Quanto ao sentimento de culpa inconsciente como expressão da tensão entre o ego e o superego, numerosos dados da clínica dão conta de sua presença, que, em casos extremos, leva um indivíduo a “viver de joelhos”, por assim dizer, desculpando-se e pedindo perdão por tudo, inclusive por sua própria existência. Essa “enfermidade” tem ampla expressão cultural. Quanto disso subjaz na base de comportamentos submissos e obedientes de indivíduos que acabam sendo cultores de processos de massa que, posteriormente, podem chegar a terríveis derivações para a sociedade e a cultura? Freud (1923) diz em uma nota de rodapé e referindo-se à reação terapêutica negativa: “*Se conseguimos relevar essa pesada carga de objeto atrás do sentimento inconsciente de culpabilidade, conseguiremos muitas vezes um completo êxito terapêutico, que, em caso contrário, resulta muito improvável e depende, antes de tudo, da intensidade do sentimento de culpabilidade e talvez também de que a personalidade do analista permita que o enfermo faça dele seu ideal do ego, circunstância que traz consigo, para o primeiro, a tentação de arrogar-se, em relação ao sujeito, o papel de profeta ou redentor*¹⁰. *Mas como as regras da análise proibem tal aproveitamento da personalidade médica, devemos confessar honradamente que tropeçamos aqui com outra limitação dos efeitos da análise, a qual não tornará impossível as reações patológicas, senão que dará ao ego do enfermo a liberdade para decidir-se nessa forma ou em outra qualquer*” (Freud, 1923 p.51). Essa fecunda citação freudiana nos permite nos incluímos novamente no perigo da sugestão (e muito próximos, no plano da técnica, do que ocorreu no terreno de algumas psicoterapias), ou seja, do poder do outro. Mas haverá alguma exceção à proibição de se fazer uso do poder dessa sugestão? E se assim fosse, por quanto tempo? Será o poder sugestivo o responsável pela prolongada duração de algumas análises? Freud fez uma clara e severa advertência ética: o analista deverá abster-se de ocupar esse lugar de “profeta”, “redentor”, e deverá dar ao paciente a liberdade de escolher *mesmo sua enfermidade*. Mas, alertados por Freud desse perigo, não podemos deter-nos aqui, sem pelo menos tentarmos ir um pouco além. Ao que alude, quando diz que, ainda com o risco de cair nesse perigoso lugar de “profeta” e de “redentor”, há a possibilidade de que o sujeito faça do analista seu ideal do ego e “salvar-se”, assim, de sua própria “destruição”? Pode-

10. O destaque é meu.





mos recusar esse risco sempre? Ou teremos, em determinadas situações, que vestir as máscaras ilusórias de salvadores, profetas, redentores e logo nos desmascarar, *liberando desse modo o indivíduo para decidir sua vida guiado por suas pulsões* e não compelido pelo poder do objeto?

Nas reações terapêuticas negativas (RTN), esse estranho e paradoxal adoecer quando um indivíduo melhora, refletem-se os ecos que provêm desse inconsciente em que se trava a dura batalha por desprender-se do poderio do objeto da identificação primária passiva (Marucco, 1978). O paciente avança em seu tratamento... e, contudo, em vez de melhorar, se sente enfermo. O que sucede? A psicanálise atingiu seu topo? Alguns consideram com Freud que, chegado a esse ponto, o analista tem que reconhecer os limites de seu instrumento. De minha parte considero que é precisamente quando se produz esse “adoecer ao melhorar” que o analista deverá ajustar a lente para aceder a essa luta entre o ego e o superego – nesse “*outro inconsciente*”, nessa outra “zona psíquica”, poderíamos dizer – e trabalhar intensamente. É esse um inimigo que surpreende, especialmente porque parece gestar-se nas entranhas mesmas do processo analítico e dirigir seus ataques diretamente contra ele e seu representante, o analista. “Quando *lhes damos esperanças e nos mostramos satisfeitos pela marcha do tratamento*¹¹, mostram-se descontentes e pioram marcadamente”, diz Freud, em “O ego e o id” (1923, p.50), com assombro frente a essas reações inesperadas e, em aparência, injustificadas. Mas quem “dá” esperanças? A análise ou o analista? Imposição de desejos inconscientizados do analista? Se assim for, a reação terapêutica poderia estar a serviço de desligar-se do desejo do outro e, portanto, ser “positiva” (Marucco, 1979), ao oferecer ao sujeito um caminho para a desidentificação, permitindo-lhe desligar-se inclusive do analista nas etapas finais do processo analítico. Nesse terreno, na complexidade desse “inconsciente das identificações” com esse outro que constitui e “aliena” e no seio mesmo dos “momentos transferenciais” (Marucco, 1978), a psicanálise terá que descobrir os caminhos que conduzam a uma desidentificação capaz de recuperar para o sujeito o impulso vivificante de sua própria pulsão (Green, 1997). Enquanto, na psicanálise contemporânea, certas teorias chegaram a propor a identificação com o próprio analista como maneira de “corrigir” identificações patológicas, considero cauteloso manter importantes precauções nesse sentido. Eu diria deste modo: precaver-se tanto de cair numa abstinência tal que possa representar para o paciente uma exigência de desinvestimento perigosa para sua economia psíquica, quanto de uma identificação com o analista que sele um novo destino, tão estranho ao sujeito quanto era o “projeto de vida” gerado em sua patologia.

11. O destaque é meu.





Norberto C. Marucco

Quanto ao inconsciente da desmentida e à criação do “fetiche virtual”, desejaria fazer agora, a partir da perspectiva da clínica e da posição do analista, a seguinte reflexão: essa brecha da cisão do ego, que se produz graças ao mecanismo da desmentida, poderia fechar-se? Deveria fechar-se? Todo esforço para fechá-la só a levaria a deslizar, a “corrigi-la” em um sentido ou em outro (ambos potencialmente perigosos). Se essa fenda da cisão do ego “deslizasse” no sentido da aceitação da castração (desalojando a área da desmentida), isso conduziria a uma progressiva desaparecimento da pulsão sexual, gerando a idealização do objeto¹². Se, em troca, a fenda “deslizasse” na direção da área da desmentida, a perversão dominaria as relações de objeto, podendo chegar a desconhecer a própria realidade (o delírio em vez da criação)¹³. O resultado desejado seria o equilíbrio criativo entre o “já o sei” (reconhecimento da castração) e o “mas ainda assim...” (ação do inconscientizado pela desmentida que preserva a pulsão e seu correlato, a fantasia). Se a teoria da cura favorece excessivamente o desenvolvimento simbólico (aceitação da castração), isso estreitaria o espaço criativo da fantasia inconsciente. Nessa ótica poderíamos pensar uma teoria da sublimação relacionada com esse par dialético do reconhecimento e do desconhecimento da castração.

O *fetiche virtual* seria, então, uma dobradiça que, no dizer de Freud, implicaria um sim à castração, ao mesmo tempo que um triunfo sobre ela. Nesse pequeno “detalhe” (aquele “brilho no nariz”) não “inventariado” no *marketing* sexual pós-moderno, joga-se uma estruturação psíquica que contém a possibilidade da satisfação sexual, as condições do amor e a potencialidade da criação. Nas palavras de Assoun (1995): “A *psicanálise faz dele o ‘sintoma instituinte’ desse ‘mal-entendido estrutural’ que é a castração (...). O fetiche é estigma indelével porque ‘o homem’ está sujeito...à cisão!*” (p.154). Através dele, metapsicologicamente, reafirma-se a primazia do falo, ao mesmo tempo que o objeto materno conserva sua vigência fundante; e na clínica (ou na vida) o inconsciente da pulsão sexual recupera sua força. O *fetiche virtual*, então, não só deverá ser respeitado e sustentado, mas ter a possibilidade de ser recriado no inconsciente do vínculo analítico. Nossa clínica psicanalítica cotidiana será o âmbito em que observaremos (ativamente) o encontro entre a paixão da pulsão liberadora e a presença do objeto que exige a idealização (castração?)

Em síntese, toda análise que embarque em um reconhecimento excessivo da

12. Isso significaria uma reinstalação do objeto do apego pré-edípico, que, mesmo sendo necessário para o desenvolvimento estrutural do objeto, poderia resultar iatrogênico na cura e “paralisante” na vida, quando implica a reafirmação do poderio do objeto. Poderio mascarado sob a forma das “normopatias” que caracterizam certos tipos de vida.

13. Neste ponto me refiro não à desmentida como estruturante do aparato psíquico, mas a seus efeitos patogênicos. Tema muito importante, fonte de preocupação e debate na literatura psicanalítica contemporânea.





realidade tenderia a provocar um cerceamento da potência da pulsão. A falta de pulsão não só é produto da história psicopatológica de um indivíduo, também pode ser parte da história de um processo analítico no qual o reconhecimento excessivo da realidade foi calando a potencialidade do mundo pulsional em suas duas vertentes: a criação e a satisfação nas condições do amor.

Se há o risco de se descuidar da importância do “*mas ainda assim*” em favor do “*já o sei*”, também há a opção contrária, ou seja, incentivar o “*mas ainda assim*” sem chegar a reconhecer o “*já o sei*”. A análise coloca-se, no meu entender, no adequado e artesanal equilíbrio entre o “*já o sei*” e o “*mas ainda assim*.”

Algumas considerações sobre realidade externa e inconsciente

Uma última e breve consideração (do que mereceria ser um capítulo à parte) em relação ao tema da realidade exterior e o papel que representa na estruturação de um psiquismo inconsciente. Em várias oportunidades afirmei (Marucco, 1985, 2003) *que deveríamos considerar a possibilidade de incluir a realidade exterior como uma quarta instância psíquica junto ao ego, id e superego* (Freud, 1923). A realidade atual, geradora com frequência cada vez maior do que poderíamos denominar “trauma coletivo”, coloca-nos também numa zona de fronteiras que é necessário compreender e reconceitualizar. Trata-se de uma realidade traumática que exige do ego uma perda de catexis por um sobreinvestimento constante da realidade. O ego se dedica a proteger-se do “aniquilamento” da realidade (Freud, 1919). Não vive *na* nem *com* a realidade, mas *se protege* dela. Nesse esforço, perde libido e, no extremo, seu desejo. Emerge então em cena um ego diminuído em sua capacidade de amar e trabalhar que, preso por essa realidade e sobreinvestindo-a para poder controlá-la, vai dissolvendo passo a passo os apelos da pulsão de vida, ou seja, do inconsciente, produzindo-se assim não só uma redução de sua pulsão sexual, mas, mais ainda, afetando todo o seu viver. A consequência dessa “surdez libidinal” do ego produz uma liberação da pulsão de morte, ponto de perigo máximo no psiquismo *pela ação de um inconsciente gerado, nesse caso, pelo efeito de um trauma social “acumulativo”*¹⁴.

Nesse terreno a desligadura, que um objeto reclama, convoca a posição do analista a abrir passagem para o mundo representacional não somente através das construções, mas também estimulando a criação do que poderíamos chamar o “tecido psíquico” (inconsciente) (Marucco, 2002), ou seja, a fantasia (aquilo que se gera

14. Tema que desenvolvi extensamente num capítulo de um livro de vários autores, de edição próxima no Brasil.





Norberto C. Marucco

não só no espaço que vai do processo primário ao secundário, mas também no encontro dos processos primário e secundário) (Green, 1990b; Marucco, 2000).

Quanto a como intervir em relação à situação traumática e à relação do indivíduo com a realidade exterior, direi em primeiro lugar que creio haver diferentes possibilidades de ação analítica. A primeira alude à relação entre o ego e o inconsciente pulsional. No campo analítico, o analista tem que estar atento a escutar seu próprio inconsciente, fazendo ele mesmo um “desinvestimento” momentâneo da realidade” para possibilitar-se o contato com suas pulsões sexuais de vida e para defender-se da ação destrutiva da pulsão de morte (tanto em sua face violenta quanto em sua ação de desligadura). Ou seja, trata-se aqui não tanto do reconhecimento da realidade, necessária enquanto representativa da castração, mas também da possibilidade de uma desmentida estrutural que, por sua vez, a desconheça (fetiche virtual)¹⁵. Assim o analista poderá conectar-se com seu próprio mundo de fantasias. E assim, por essa conexão com a fantasia que se aproxima do conceito de “regrediência” (C. e S. Botella, 1997), o analisando poderá, via identificação, entender e ligar o inconsciente do trauma e recuperar para si a possibilidade de um tempo pulsional oposto àquele tempo cristalizado, morto pela desligadura (perda do inconsciente reprimido?).

Recuperada na análise a capacidade de escutar o mundo libidinal adormecido, abrem-se para o inconsciente pulsional as rotas já conhecidas: a satisfação direta, a inibição de sua meta e os caminhos sublimatórios. O ego, *conduzido e conduzindo suas pulsões ver-se-á mais inclinado a recuperar a auto-estima e o sentimento de si afetados pela situação traumática inconscientizadora.*

Creio que chegou o momento de me deter. Tentei sair da “cegueira do inconsciente reprimido” para pensar em distintas zonas de inconscientização, em seus modos de funcionamento e em suas expressões psicopatológicas. Também me ocupei das distintas posições do analista frente a essas expressões do inconsciente no analisando de hoje. Contudo, ainda assim estou insatisfeito. O fechamento deste texto é o começo de uma aventura (de ficções analíticas, diríamos)¹⁶ que não tem portos seguros, mas que estimula o encontro sempre frustrado com meus enigmas e com os enigmas de nossa prática psicanalítica contemporânea. □

15. É a criação, como já assinali, do “fetiche virtual” dessa instância pela qual a pulsão possa voltar a gerar-se como pulsão sexual e aceder assim à ligadura, à satisfação e às possibilidades da criação.

16. “*Todo analista que acompanha o analisando em seu próprio percurso (graças à superação sucessiva de seus desconhecimentos) vê-se confrontado, em um momento dado, com o que se oculta. Mas o que se oculta a ele como psicanalista tem conseqüências (legíveis) na cura do paciente. Também com o que se lhe oculta, o psicanalista, impelido por uma exigência interior, realizará um trabalho de elaboração teórica. Como a loucura, quando destrói as crenças e faz surgir a verdade, a teoria como ficção psicanalítica pode, em momentos assim, fazer surgir a verdade. Mas isso só tem lugar se a psicanálise aceita desprender-se do controle do saber e abandona com ele uma proteção ilusória*” (Maud Mannoni, 1980).





Abstract

The author, based on Freud's work, and with the contribution of post-Freudian authors, describes what would be the definition of the Freudian metapsychological organizations and its consequences in the constitution of the unconscious. He utilizes the term "psychic zone" when relating to these metapsychological organizations each one with its particular way of working unconsciously as well as specific return pathways. The different ways of becoming unconscious come to surface in the analytic field through special conditions provided by the setting. He develops this proposition through four segments:

- 1) Today's analytic patient
- 2) Psychic zones and unconscious ways of becoming uncouncious
- 3) Becoming uncouncious and the posture of the contemporaneous analytic attitude
- 4) Some considerations about the external reality and the unconscious

Resumen

El autor partiendo de la obra de Freud y con contribuciones de autores post-freudianos, describe lo que podría definir como organizaciones metapsicológicas freudianas y sus consecuencias en la formación del inconsciente. Usa la terminología "zona psíquica" para mencionar a estas organizaciones metapsicológicas, cada una con su forma particular de inconscientización, bien como caminos específicos de retorno. Las diferentes maneras de inconscientización afloran en el campo psicoanalítico en condiciones favorecidas por el setting. Él desarrolla esta proposición por intermedio de cuatro segmentos:

- 1) El analizando de la actualidad
- 2) Zonas psíquicas e inconscientización
- 3) La inconscientización y las posiciones del analista contemporáneo
- 4) Algunas consideraciones sobre realidad exterior y el inconsciente

Referências

- ASSOUN, P-L. (1995). *El fetichismo*. Buenos Aires: Nueva Visión.
BARANGER, M. (1992). La mente del analista: de la escucha a la interpretación. *Rev. Psicoanál.*, v.49, p.223-237.





Norberto C. Marucco

- BARANGER, W.; BARANGER, M.(1969). Problemas del campo psicoanalítico. Buenos Aires: Kargieman.
- BOTELLA, C.; BOTELLA, S. (1997). *Más allá de la representación*. Valencia: Promolibro.
- FREUD, S. (1900 [1899]). La interpretación de los sueños. In: *Obras completas*, v.4. Buenos Aires: Amorrortu, 1988.
- . (1914). Introducción del narcisismo. In: *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1988.
- . (1919). *Lo ominoso*. In: *Obras completas*, v.17. Buenos Aires: Amorrortu, 1988.
- . (1920). Más allá del principio de placer. In: *Obras completas*, v.18. Buenos Aires: Amorrortu, 1988.
- . (1921). Psicología de las masas y análisis del yo. In: *Obras completas*, v.18. Buenos Aires: Amorrortu, 1988.
- . (1923). El yo y el ello. In: *Obras completas*, v.19. Buenos Aires: Amorrortu, 1988.
- . (1924). El sepultamiento del complejo de Edipo. In: *Obras completas*, v.19. Buenos Aires: Amorrortu, 1988.
- . (1925). Algunas consecuencias psíquicas de la diferencia anatómica entre los sexos. In: *Obras completas*, v.19. Buenos Aires: Amorrortu, 1988.
- . (1927). Fetichismo. In: *Obras completas*, v.21. Buenos Aires: Amorrortu, 1988.
- . (1937). Análisis terminable e interminable. In: *Obras completas*, v.23. Buenos Aires: Amorrortu, 1988.
- GREEN, A.(1990a). *La nueva clínica psicoanalítica y la teoría de Freud*. Buenos Aires: Amorrortu.
- . (1990b). *De locuras privadas*. Buenos Aires: Amorrortu.
- . (1997). *Las cadenas de Eros (Les chaînes d' Eros. Actualité du sexuel)*. Buenos Aires: Amorrortu.
- . (2001). *El tiempo fragmentado*. Buenos Aires: Amorrortu.
- LAPLANCHE, J.(1989). *Nuevos fundamentos para el psicoanálisis*. Buenos Aires: Amorrortu.
- . (1996). *La prioridad del otro en psicoanálisis*. Buenos Aires: Amorrortu.
- MANNONI, O. [1973 (1969)]. *La otra escena. Claves de lo imaginario*. Buenos Aires: Amorrortu.
- MARUCCO, N.C. (1978a). Narcisismo, escisión del yo y Edipo. Una introducción a manera de epílogo. *Rev. Psicoanál.*, v. 35, p.221-225.
- . (1978b). ¿Momentos o neurosis transferencial? Reflexiones sobre la transferencia en la obra de Freud. *Rev. Psicoanál.*, v. 35, p.79-112.
- . (1979). Para la teoría de una resistencia final (¿RTN o “necesidad de enfermar”?). *Rev. Psicoanál.*, v. 36, p.611-632.
- . (1980). Introducción de [lo siniestro] en el yo. *Rev. Psicoanál.* v. 37, p.233-246.
- . (1985). Acerca de Narciso y Edipo en la teoría y práctica psicoanalítica. Lectura desde la inclusión de la cultura. *Rev. Psicoanál.*, v.42, p. 121-158.
- . (1996). Edipo, castración y fetiche. *Rev. Psicoanál.*, v. 53, p. 677-686.
- . (1997). Oedipus complex, castration & fetish: revision of sexuality's psa. *International Journal of Psycho-analysis*, v. 78, p. 351-355.
- . (1988a). *Cura analítica y transferencia. De la represión a la desmentida*. Buenos Aires: Amorrortu.
- . (2000). El Placer en la realidad y en la fantasía. Acerca de la pulsionalidad de la fantasía. *Rev. Psicoanál.*, v. 57, p.7-18.
- . (2001). Algunas puntuaciones psicoanalíticas. Desde mi práctica clínica. *Rev. Fr. Psicoanál.*, v. 65, (Hors Série, “Courants de la psychanalyse contemporaine”, dir. André Green. Paris: PUF).
- . (2002). La estructura del psiquismo y la cultura. *Rev. Psicoanál.*, v.59.
- MARUCCO, N.C. et al (1995). La función analítica y (la presencia de) el analista. El papel de la singularidad real en la transferencia. *Rev. Psicoanál.*, v. 52, p.731-748.





O analisando de hoje e o inconsciente (sobre o conceito de zonas psíquicas)

PONTALIS, J. B. (1978). *Entre el sueño y el dolor*. Buenos Aires: Sudamericana.
ROSOLATO, G. (1978). *La relación de desconocido*. Barcelona: Petrel.

Recebido em 21/11/2003
Aceito em 26/11/2003

Tradução de **Clotilde Pereira de Souza Favalli**
Revisão técnica de **Magali Fischer e Tula Bisol Brum**

Norberto Carlos Marucco
San Luis, 3364
(1186) – Buenos Aires – República Argentina
E-mail: marucco@ciudad.com.ar

© Revista de Psicanálise – SPPA





Atenção montador

a página **474** é branca





O inconsciente freudiano na atualidade: um olhar lacaniano

José E. Milmaniene*, Buenos Aires

O autor desenvolve a definição de Lacan acerca do inconsciente estruturado como uma linguagem, para clarear, assim, as diferenças face a outros marcos conceituais que o consideram como um reservatório de fantasias ou de objetos já-dados-aí. As idéias centrais do trabalho giram em torno da diferença entre o inconsciente reprimido e o inconsciente forcluído. O autor se detém nas manifestações desse último, que se expressam atualmente nas chamadas patologias do prazer. Expõe, além disso, diferentes considerações sobre a gênese sócio-cultural da repressão e da forclusão, assim como a recaída pós-moderna em políticas de prazer que dão conta da defecção estrutural da figura simbólica do Pai Morto. Postula que a deficitária função paterna gera uma constituição subjetiva, na qual predominam os retornos, ao Real, do não simbolizado, dada a ausência do significante do Nome do Pai. Desse modo, tenta-se articular a concepção lingüística do inconsciente com a concepção freudiana do trauma enquanto núcleo forclusivo residual irreduzível à metaforização. Finalmente, descrevem-se freqüentes atitudes clínicas que tendem a despoetizar e substancializar a psicanálise, transformando a hermenêutica psicanalítica, de um sentido a ser construído no encontro de dois sujeitos em transferência recíproca, em uma prática de tradução simultânea de sentidos preexistentes.

* Membro da Associação Psicanalítica Argentina.





Introdução

O genial descobrimento de Freud realizado há já um século conserva intactas sua vigência e sua capacidade de gerar novos desenvolvimentos teóricos e clínicos. A fecundidade do conceito de inconsciente verifica-se não só no campo da clínica psicanalítica, mas incide, também, em quase todos os discursos em que o Saber se organiza. Freud não só descobriu um território inexplorado até então, senão que o constituiu como objeto formal de estudo e inventou um método para sua decifração. O inconsciente e suas formações – sintomas, lapsos, sonhos – não apenas adquiriu estatuto teórico formalizado; Freud também desenvolveu um método para seu desvelamento que opera, simultaneamente, como terapia. Inventou um dispositivo que permite, graças à palavra do sujeito em transferência, o conhecimento desse enigmático “outro palco” onde habitam nossos desejos e prazeres mais profundos, que são os que em definitivo determinam o curso de nossa vida, governam nossas escolhas e assinalam nosso destino. O inconsciente freudiano estruturado como uma linguagem articulada na operatória metafórico-metoniímica gera um *determinismo fortuito* que, no tempo histórico da ressignificação, rege plenamente a subjetividade. O sujeito é produto do discurso dos Outros significativos de sua infância, e sua existência singular é o produto do (des)encontro dos significantes com os núcleos objetivos de prazer, que operam como objetos causa de desejo. As unidades fantasmáticas que constituem as células do inconsciente são, pois, construções imaginárias precariamente simbolizadas, ancoradas sobre núcleos compactos de prazer. As fantasias freudianas não são mais do que o modo particular de cada sujeito de tentar preencher a abertura que se abisma entre o discurso dos Outros que nos falam e o objeto de prazer que se é para o Outro primordial. O sujeito é, pois, esse produto que surge como resposta ao desencontro entre as palavras da Lei e os prazeres corpóreos gerados pela erotização materna. Isto é, a subjetividade é a brecha mesma que se instala entre os significantes e o gozo, a qual, por meio da identidade, o ego sutura com sua falsa consciência ideológica.

Tornar o inconsciente consciente supõe, para Freud, aceitar em primeira instância essa cisão radical e constitutiva e reconhecer esse espaço vazio e excêntrico que constitui o núcleo de um sujeito que acredita ser o que supõe ser, desconhecendo que é um mediador evanescente e errático entre as palavras do Outro e o gozo, tornando objeto, de seu corpo desejante. Não se trata, então, de um ego que se encontre ameaçado por um inconsciente substancializado, pleno de objetos fantasmáticos, mas do *sujeito do inconsciente*, desgarrado pela tentativa sempre falida de domar suas pulsões e de processar os prazeres opacos à significação. O sujeito é a própria respos-





ta à abertura que chamamos inconsciente e que se situa como um espaço vazio, mas eficaz, que se retesa entre as palavras do Outro e o prazer do corpo. Subjetivar-se mediante a Palavra implica chegar a articular uma liberdade responsável, ali, onde assumimos nossos desejos e os inscrevemos no campo da Lei. O sujeito do inconsciente não é nada mais, então, do que a resposta imaginariamente consistente, produto do trânsito que vai do desejo da Mãe ao Nome-do-Pai.

Vejamos como Zizek (2002) descreve esse efeito de sujeito enquanto resposta à cisão constituinte: *“A psicanálise nos coloca na presença de uma terceira via: a causalidade do encontro traumático, do sujeito exposto à mensagem enigmática sexualizada do Outro, a mensagem que o sujeito busca em vão interiorizar, revelar-lhe o sentido, graças ao que permanece sempre um núcleo duro excessivo, a Coisa interior que resiste a qualquer translação. Definitivamente, se existe algo, algum núcleo duro resistente à simbolização, esse núcleo não é o real imediato do instintual ou de qualquer outra sorte de causalidade, mas sim o real de um encontro traumático inassimilável, de um enigma que resiste à simbolização. Assim sendo, o real não somente não se opõe à liberdade, mas constitui sua condição mesma. O tremendo impacto de ser afetado/‘seduzido’ pela mensagem enigmática do Outro desconstrói o automaton do sujeito, abre um hiato que o sujeito é livre para preencher com seus esforços (em última instância falidos) para simbolizá-lo. A liberdade não é, finalmente, nada mais do que o espaço aberto pelo encontro traumático, o espaço que se deve preencher com suas simbolizações/translações contingentes e inadequadas”*.

O sujeito é, pois, o mediador entre o determinismo dos desejos e as ordens e mandatos interiorizados de seus progenitores e os graus de liberdade que a apropriação e interpretação dessas mensagens cifradas lhe proporcionam. O sujeito tem, assim, tão somente a liberdade de dirigir o jogo enquanto “sabe-fazer-com” o que pretenderam fazer com ele e dele. O inconsciente feito consciente é, portanto, o espaço que se oferece ao sujeito para recuperar sua liberdade, na medida em que se apropria, com suas próprias significações, das mensagens traumáticas procedentes do enigma que o liga ao Abismal desejo materno em sua metaforização sempre fracassada do significante do Nome do Pai. Esse *sujeito do inconsciente* encontrar-se-á cindido entre as palavras do Outro e o gozo de seus objetos corpóreos, marcas e resíduos da primitiva erotização materna e de sua mítica história libidinal.

Assim sendo, esse vazio eficaz que chamamos inconsciente adquire entidade graças aos objetos que o preenchem, gerando-se um limite exterior/interior configurado pelas palavras que aludem a eles sem jamais apreender a vacuidade que se abisma como seu mais além ou seu mais aquém. Os desejos assumidos e reconhecidos como próprios, ao longo de um árduo trabalho de subjetivação, carregam sempre as





marcas dos desejos parentais, transformados e processados, é claro, pela maquinaria edípica, que produz sentidos que entesouram a mais valia fortuita resultante da combinação dos desejos maternos e das palavras paternas. Esse efeito de sentido inédito reconhece sua origem, pois, nas insistências repetitivas dos gozos somados aos graus de liberdade do sujeito, tanto maiores quanto mais seu ego se desenvolve às expensas do id. Quando a identidade pessoal vacila enquanto ficção consistente, o sujeito pode restituí-la graças a uma estruturação sintomática ou caracteropática, ou apelar, então, para o desvelamento que a hermenêutica psicanalítica propõe, para que os desejos que provêm originalmente dos Outros significativos possam ser apropriados pelo sujeito que se constitui nesse mesmo ato. Ao reconhecê-los como próprios e lhes imprimir seu selo pessoal, esses mudam de perspectiva, dado que, agora, o sujeito não é, meramente, falado por eles, mas é capaz de decidir-se por opções suas, as quais hão de incluir, sem dúvida, a história em uma nova narração, feita de repetições com diferença. O relato da gesta do advento do sujeito tende a fixar o inconsciente a esse núcleo duro e inalterável residual que, ainda que perdure, carece já dos efeitos patogênicos geradores de toda formação sintomática ou de todo acting.

A sublimação será o caminho mediante o qual o sujeito poderá forjar “assintomaticamente” sua causa e tramitar simbolicamente seus gozos. O ato criador carrega, assim, a marca das identificações, porém recompostas em uma nova produção que tem uma qualidade “inventiva” e mantém uma distância simbólica adequada das vicissitudes da história edípica. A sublimação possibilita trocar as fantasias originárias em um novo produto criado sobre a base do “outro anterior”, mas que, agora, é o “próprio” interiorizado em uma mesmidade que já reconhece a alteridade como o outro diferente de um si mesmo historicizado através da evocação narrativa da gesta de seu advento. O inconsciente se define e se reduz a um Real contornado pelas palavras que nomeiam seus gozos e suas fixações fetichistas. Em termos de Žižek (2003): “*Sim, mas o desejo de quem? Não o meu. O que encontramos no núcleo mesmo da fantasia é a relação com o desejo do outro, com a sua opacidade: o desejo posto no palco na fantasia, não é o meu, mas sim o desejo do Outro. A fantasia é o modo que o sujeito tem de responder à pergunta sobre que objeto ele mesmo é aos olhos do outro, para o desejo do outro; isto é, o que o Outro vê nele, que papel ele desempenha no desejo do outro. Uma criança, por exemplo, esforça-se por resolver, através de sua fantasia, o enigma do papel que desempenha como ponto médio das interações entre sua mãe e seu pai, o enigma de como mãe e pai travam suas batalhas e acertam suas contas através dela. Em resumo, a fantasia é a prova mais evidente de que o desejo do sujeito é o desejo do outro.*”

Vê-se claramente a que ponto o inconsciente se constitui como esse território ignorado produto do desejo enigmático do Outro e como as fantasias inconscientes





configuram um modo de tramitar e de enfrentar o trauma original que supõe sermos um mero objeto passivo à mercê do gozo do Outro. Mas também se nos oferece a possibilidade de tornarmos conscientes tais desconhecimentos, e o sujeito pode subjetivar-se na liberdade responsável de todo ato criador, que institui um desejo no ato mesmo de fazê-lo próprio. Mas Freud não propicia a apropriação do desejo como ato puro além da ética e da Lei do Pai, ao contrário, diz ao sujeito que conhecer suas determinações inconscientes o torna ainda mais responsável em relação a si mesmo e ao Outro.

O inconsciente reprimido e o forcluído

Entre as contribuições relevantes do pós-freudismo que cooperaram em uma mais sólida formalização do inconsciente, gostaria de mencionar as de Lacan, o qual, mercê de uma rigorosa leitura de Freud, ampliou o horizonte teórico e clínico do inconsciente apelando para importações conceituais de outros campos do saber tais como a lingüística, a antropologia estrutural, a topologia e a filosofia. Assim, aos lúcidos desenvolvimentos de Freud sobre o *inconsciente reprimido* e suas formações evidenciadas nos efeitos transacionais dos retornos do reprimido, Lacan acrescenta suas idéias sobre o que chama de inconsciente forcluído. Do mesmo modo como, no inconsciente reprimido, os mecanismos defensivos se acham constituídos basicamente pela repressão e a desmentida, no inconsciente forcluído o mecanismo que opera é o *repúdio* ou a *forclusão*. Desse modo Lacan sustenta, ao longo de sua obra, que o que *não chega a ser simbolizado retorna no Real e a partir do Real*, isto é, o que não alcança inscrever-se como símbolo devido a uma afirmação primordial, reaparece fora do campo simbólico sob a forma de *alucinações, delírios ou atuações*. Já não se trata, aqui, de suspender repressões para se ter acesso ao inconsciente, mas de reconstruir as repressões que faltam, buscando alcançar que o paciente simbolize seus núcleos objetivos de gozo que permanecem irreduzíveis à metaforização. Maleval desenvolveu didaticamente, em seu livro *A Forclusão do Nome do Pai* (2002), as idéias de Lacan a respeito disso. Lacan sustenta que a abolição do Significante do Nome do Pai, que gera a ausência da operação representada pela Metáfora do Pai – graças à qual o sujeito deixa de ser o falo imaginário do desejo da mãe –, origina um sujeito incapaz de simbolizar o falo e a castração. Isso gera uma desarticulação psicótica da subjetividade e se constitui, assim, um inconsciente forcluído, caído no Real, (des)articulado em metáforas delirantes e alucinações fantasmáticas que evocam restitivamente o Pai sob a forma de Deus nos delírios místicos ou messiânicos. Ou também composto de um universo de objetos bizarros alucinatórios, que tornam pre-





José E. Milmaniene

sentes os órgãos do corpo fragmentado, desagregados por cortes e talhos castratórios que não chegaram a ser simbolizados. Esse mundo obscuro e terrorífico acossa um sujeito que nem sequer chega a se colocar as perguntas existenciais constitutivas da subjetividade enquanto buscas de algum tipo de resposta para a *falta*, dado que a presença excessiva do real não deixa espaço para nenhuma interrogação. Diferentemente da neurose, aqui, a resposta delirante antecipa a pergunta, e o sujeito naufraga na certeza da convicção psicótica, na qual não há brecha possível por onde se filtrar alguma pergunta pelo Desejo do Outro, dado que o sujeito já sabe que o Outro não o Deseja, mas sim o condena a ser um puro objeto inerte de seu Gozo.

Na atualidade, as patologias já não são predominantemente expressão do inconsciente reprimido enquanto padecimento da subjetividade, mas nos aparecem como *patologias do gozo* tal como o desenvolvi em meu livro *O gozo e a Lei* (1995). As patologias do gozo são expressão do inconsciente forcluído e se revelam no tempo pleno do acting, no qual não impera a angústia de uma subjetividade desgarrada e sofredora, mas o gozo pleno de um sujeito destituído pela hegemonia ilimitada de suas pulsões expostas no real. As metáforas, as alusões, as palavras e os discursos são substituídos pela ação pura que desconhece a Lei e o limite ético. O inconsciente forcluído desenvolve-se no Real, e a poética do eixo metafórico/metonímico é substituída pela conduta hedonista do narcisismo tanático, pelo puro gozo masoquista e pela exibição impudica do privado no palco do mundo. As fantasias se realizam, e o universo das fantasias reprimidas é substituído pelas correntes pulsionais expostas sem nenhuma mediação simbólica. No tempo pleno do acting ou da passagem ao ato, reina uma temporalidade maníaca que desconsidera a história, sobre um horizonte narcisista em que o Outro fica reduzido a um mero objeto de gozo. Se o inconsciente reprimido é a condição mesma da subjetividade – desgarrada pela angústia e pela culpa –, o inconsciente forcluído é a condição de um sujeito “egoárquico”, no qual o ego do narcisismo fusionado de modo simbiótico com seus duplos projetados substitui o sujeito cindido do inconsciente. A realidade costuma ser, então, o campo de desdobramento das metáforas delirantes, e quando o Real se adapta plenamente à realidade, torna-se impossível abordar o sujeito em sua problemática existencial – dado que esse (sujeito) “mente realmente com a verdade” – e, assim, se distancia do mundo ficcional. O *cinismo* costuma ser o discurso que tenta dar conta do acting, visto que o sujeito costuma justificar com razões intelectuais, científicas ou acadêmicas seus desvarios psicopáticos.

As contribuições de Lacan sobre o inconsciente forcluído, solidárias com sua teorização do objeto pequeno “a”, causa do desejo e do desejo transcendental de Gozo permitem re-situar toda a clínica psicanalítica. Essa se assenta, então, sobre uma clínica baseada na pulsão de morte, no superego e no masoquismo primordial,





de modo tal que o desvelamento das motivações inconscientes costuma não ser suficiente nas patologias de gozo, já que o sujeito não deseja renunciar a seu sofrimento erotizado, nem admiti-lo. As interpretações devem, pois, acompanhar-se do ato do analista, o qual, enquanto vacilação calculada de sua neutralidade, pode eventualmente resultar em manobra eficaz para propor algum tipo de redução do gozo. É o valor subjetivante do limite como ato ou palavras que “façam ato” que se deve usar como instrumento para admitir o gozo obsceno e poder enfrentar com contundência um sujeito que quer “curar-se” sem renunciar precisamente ao gozo que é o próprio núcleo de seu padecimento. A teorização do inconsciente forcluído e do gozo que lhe é consubstancial permite enfrentar com maiores recursos as já por si mesmas difíceis patologias do gozo, nas quais “o sujeito faz causa com o objeto” do sacrifício, dado que se identifica com o objeto na sua fantasia já não simbolicamente, mas realmente.

As expressões atuais do inconsciente forcluído tendem a universalizar-se e a expressar-se de forma multifária sem se confinar exclusivamente ao campo clínico das psicoses ou às condutas francamente transgressoras. Parece que, na pós-modernidade, a defecção estrutural da Figura do Pai perturba extremamente a subjetivação, e o sujeito circula no limiar do simbólico com o Real. Sem necessidade de recorrer às patologias severas, observamos, hoje, múltiplos signos que delatam essas pontas do real nas quais se insinua o inconsciente forcluído. Enumerarei somente algumas situações a modo de exemplo.

1. Os casais unidos por vínculos de violência, verdadeiros “apegos apaixonados”, nos quais tanto é difícil a convivência, quanto são traumáticas as tentativas de separação. O inconsciente circula entre os dois integrantes da díade, à maneira “moëbiana”, externalizado numa relação que ata os membros do par como se o fizesse “de fora” da subjetividade, alienados ambos no perigoso interjogo configurado por projeções especulares recíprocas, o que se afasta muito de ser a expressão de duas neuroses complementares. Aqui se trata de um sujeito simbioticamente fusionado com o outro, numa relação dual especular cheia de agressividade, de luta mortal em torno do falo positivado como objeto de gozo demasiadamente real. O inconsciente forcluído expressa-se em retornos paranóides e/ou ciumentos que invadem os sujeitos a partir do próprio Real, razão pela qual é difícil tornar conscientes as correntes homossexuais e incestuosas inconscientes que operam nesse palco.

Também os pactos sadomasoquistas consensuais são expressão de um simulacro contratual articulado sobre a fixação compartilhada em torno de objetos fetiche que proporcionam o orgasmo no cúmulo da dor, mais do que sobre fantasias com alto gradiente simbólico.

Do mesmo modo a “mulher espancada” é o produto de uma relação em que os golpes e as pauladas que recebe de seu parceiro operam como a realização material





concreta de fortes fantasias masoquistas que atingem sua consumação, dado que acontecem dissociadamente, como se proviessem de mais além de um outro alienado com quem se sustenta um vínculo cindido e a quem se concedem todas as licenças e todas as absolvições.

2. A pornografia supõe a exposição obscena da sexualidade sem condição erógena e sem qualquer poética que faça o prazer condescender ao desejo, segundo expressa Lacan em relação ao amor (1975). Na pornografia os objetos adquirem um estatuto real, o olhar adere ao olho e nele se acolhe e as palavras à voz, e os gozos se “vêm” na união dos corpos objetivados que “mostram” a libido através dos órgãos sexuais expostos como tais. Trata-se de encontrar na realidade o segredo misterioso do gozo; a ejaculação masculina e o orgasmo feminino se oferecem ao olhar do espectador, que se separa assim de si mesmo, transformando a cisão subjetiva em uma “divisão” real na qual as fantasias exteriorizadas deixam de ser o que há de mais exclusivo e privado para serem reencontradas na “exterioridade” de uma cena primária que encarna projetivamente as fantasias mais regressivas. O sujeito se desapossa de sua interioridade, dado que os objetos de fruição aparecem fora, dissolvendo-se assim toda a latência que os suportes fantasiosos supõem no campo do desejo condenado a sua eterna insatisfação (Milmaniene, 2001).

3. Os núcleos irredutíveis à metaforização próprios dos fanatismos (racismo, xenofobia, anti-semitismo) e os preconceitos sexuais (machismo, feminismo, homofobia, etc.) falam de um inconsciente forcluído, na medida em que o sujeito não conseguiu assumir simbolicamente a castração, que se acha depositada, maciça e realmente, no Outro, que se pretende destruir para sentir-se assim, ilusoriamente, resguardado da mesma.

Os perversos, ao não poderem simbolizar o Falo, dada a desmentida da castração da Mãe, elevam o pênis à categoria de fetiche absoluto. A equação imaginária pênis=Falo não consegue resolver-se, e o sujeito naufraga em práticas de prazer que são a expressão de uma alienação radical do campo simbólico, devido a uma severa desmentida da diferença irredutível entre os sexos. A construção de um universo “unisex” com figuras andróginas comprova o que se disse, na medida em que a realidade se organiza de acordo com uma ordem “real” indiferenciada.

4. As condutas psicopáticas assentadas nas políticas dos actings sustentados costuma ser a expressão de um acentuado déficit na assunção da Lei do Pai e da ética que lhe é substancial. O que atua submete o outro e o manipula como um objeto a serviço de seu gozo narcisista, sem culpa e sem remorso. O *desejo inconsciente* é substituído pela *vontade de Gozo*, o que supõe, em todo acting, a abolição da fórmula da fantasia, enquanto o sujeito se identifica com o outro rebaixado à categoria de objeto degradado.





5. A crescente tendência a se viver à beira do perigo, tal como o evidenciam os chamados esportes de alto risco, levados ao limite de suas próprias normas e regulamentos. O sujeito assume a vertigem intensa que lhe produzem os desafios em que se expõe a própria vida e sustenta que, sem se arriscar uma e outra vez face à ameaça da morte, não atinge nenhuma espécie de entusiasmo. De cima de sua onipotência, cataloga de covarde todo aquele que prefere o prazer de uma vida em que já se convive inevitavelmente com o risco, mesmo sem provocá-lo.

6. Os fundamentalistas e os terroristas que fazem causa com a Causa, pela qual se imolam em sacrifício. A lógica férrea do sacrifício não admite questionamento, e a entrega letal ao Outro do gozo preside práticas em que a morte adquire o estatuto de um ideal. Nenhuma repressão bloqueia a ação pura da pulsão de morte, e o sujeito, como um objeto masoquista, se incorpora ao delírio que o obriga a imolar-se. As ordens insensatas e os mandatos superegóicos que determinam que se goze ferozmente provêm de homens endeusados que elevam seus caprichos à categoria de Lei e que destituem, mediante suas prédicas plenas de ódio forclusivo, a mesma Referência Simbólica em nome da qual dizem falar. A dúvida e a vacilação face ao instante fatal são deslocadas pela convicção de um gozo nirvânico que supõem alcançar somente na morte e após a morte. Previamente a seus atos criminais, costumam filmar seus discursos tanáticos como modo de ratificar provocadoramente, justo antes de morrer, a certeza da verdade que os embarga.

7. A conflituosa relação com a Lei e o crescente desafio frente a ela expressam-se nos maus tratos ao corpo, submetido que é a sofrimentos extremos. Assim se o tatua, corta, escarifica e perfura para marcá-lo com sinais que não são senão marcas reais da castração ativamente procurada e deficitariamente simbolizada no corpo. As cicatrizes e lesões das feridas buscam inscrever realmente símbolos sobre a carne como modo de expressão da rebeldia à ordem sócio-cultural e de ataque à diferença sexual. Busca-se, através da mortificação real do corpo, algum tipo de singularidade escassamente metaforizada, pois se tenta instalar laços sociais mais além das idéias e compromissos ideológico-políticos, laços baseados exclusivamente na comunhão que proporcionam as imagens feitas signos de pertença a subgrupos marginais e contestadores. Também as incessantes e repetidas operações de cirurgia estética constituem expressões do culto ao gozo corporal que tentam, em nome da estética, debilitar a ordem “natural”, mesmo criando corpos (des)articulados sobre zonas fragmentárias recortadas de uma totalidade harmônica. Se o neurótico teme padecer algum tipo de injúria a seu esquema corporal, essas práticas, ao contrário, buscam construir um corpo feito de partes recortadas segundo alguns altos gradientes narcisistas.

8. No campo da arte, observa-se certa tendência à degradação sublimatória e à perda da distância simbólica, mercê de propostas artísticas que buscam elevar obje-





José E. Milmaniene

tos de dejetos anais excrementícios à categoria de obras de arte. É como se o artista quisesse expressar manifestamente a latência contida em toda arte como seu sentido oculto, evitando qualquer procedimento formal de mediação sublimatória. A dessublimação que expõe lixo, expressão de verdadeiros colapsos simbólicos, alude à exposição direta, no Real, da própria Coisa incestuosa. Se o neurótico tende a reprimir suas pulsões para manter aberto o hiato que separa o limite simbólico dos conteúdos edípicos e pulsionais, certas expressões da arte atual pós-moderna tendem a substituir o objeto sublime que alude à Coisa por objetos abjetos que dizem Tudo, desarticulando o meio-dizer alusivo, condição da discursividade humana.

O inconsciente e seus modos de expressão

O inconsciente reprimido, tradicionalmente, expressa-se através de uma subjetividade desgarrada entre a Lei infiltrada de mandatos superegóicos que ordenam gozar e os desejos bloqueados ou inibidos devido a uma forte imaginação incestuosa dos mesmos. O sujeito padece na solidão a dor de uma existência trespassada pela insatisfação e encontra em seus sintomas neuróticos formas mediadoras de descarga de suas pulsões. As fantasias neuróticas tornam-se ainda mais reprimidas devido a sua proximidade com os conflitos edípicos e à escassa distância simbólica que mantêm com os objetos incestuosos. O desgarramento subjetivo retesa-se ao máximo, já que o sujeito se encontra preso entre as falsas opções, ou de se submeter de modo masoquista a uma lei superegóica, ou de, ao contrário, atuar desejos que supõem imaginariamente a consumação incestuosa. Confrontado com esses dilemas insolúveis, o neurótico opta pelo gozo auto-erótico que a passividade abstinente lhe proporciona. E quando atua, o faz através do acting maníaco que o leva a transgredir e expiar com castigos a culpa de condutas altamente desafiantes e, portanto, arriscadas. Em vez de buscar a ação libertadora do ato genuíno, que não recebe nenhuma sanção quanto à legitimidade simbólica de suas motivações, transgredir e realiza precisamente “isso” que não se deve fazer. Contudo, deve logo enfrentar as consequências de sua atuação frente ao sadismo impiedoso de um superego que, casualmente, ordena que se faça o que ele mesmo proíbe. Essa dialética da culpa e da expiação através do castigo instala-se porque proporciona o duplo gozo de transgredir e logo padecer a culpa por isso, reduplicação erotizada que é difícil dialetizar.

Mas seja como for, as patologias da subjetividade centram-se no padecimento de um sujeito que sempre faz recair a castração de seu lado e que derrama o sofrimento sobre si mesmo. A operatória psicanalítica é possível, visto que o sujeito se queixa ao Outro das causas de seu padecimento, Outro a quem ouve, após lhe expor um





discurso em cujos interstícios se filtram as expressões do retorno do reprimido. O eixo transferencial encontra-se preservado dentro do campo simbólico, e os sintomas neuróticos e as interpretações circulam num dispositivo que serve de desdobramento a um renovado Pacto com a Palavra .

O neurótico desenvolve seu drama, produto da dor de existir, visto que não encontra a “causa” que lhe dê sentido à vida nos limites da ordem sócio-cultural e não costuma precipitar-se no palco do real, salvo, é claro, durante atuações fugazes, às quais os escrúpulos e o temor põem rápido freio, mas que, apesar de tudo, costumam eternizar-se em uma culpa que nunca se cancela.

No entanto, os dramas neuróticos, passíveis de influência psicanalítica, foram perdendo proeminência a favor do incremento das patologias do gozo. Nessas últimas, os núcleos não simbolizados da subjetividade a favor de uma figura paterna ausente que não impôs a Lei retornam no e desde o Real sob dois estilos que podemos categorizar do modo que segue.

a. A atitude *narcisista-histérica da queixa*, que implica em atribuir ao Outro a causa de todas as desgraças e a quem se pede a solução reparadora dos problemas não resolvidos. O sujeito se exime de assumir a parte que lhe cabe na desdita que o assola e se regozija narcisistamente com o prazer que a queixa lhe proporciona. A passividade desloca toda ação transformadora, e quem adota essa posição prefere que as coisas persistam em sua opacidade inerte e estática para poder permanecer ancorado na queixa e no ressentimento. A fantasia latente que preside essas posições subjetivas consiste em que supõem que somente eles teriam sido capazes de restabelecer a ordem justa e equilibrada do universo, se lhes tivesse sido dada a oportunidade de que a vida os privou. A inflexão narcisista é preservada, pois, em função de que o sujeito se crê uma vítima inerme de circunstâncias que ele ignora ter contribuído a plasmar.

b. A atitude paranóide, que supõe ser o mundo o produto de uma conspiração gestada por um suposto agente paranóide ao qual se atribui uma existência real enquanto Outro do Outro. Essa atitude deriva no *cinismo*, já que se descrê da ficção e se lê a realidade “como se” fosse totalmente Real; assim como na *desconfiança*, dado que se supõe que tudo é efeito de algum ignoto agente que conspira nas sombras, culpável de todas as calamidades.

Tanto a posição paranóide quanto a narcisista-histérica implicam algum tipo de restituição, no real, do colapso simbólico, cujos efeitos se verificam enquanto o sujeito projeta no “exterior” de sua subjetividade as próprias determinações inconscientes que o embarçam.





José E. Milmaniene

Sobre o trauma

O inconsciente reprimido organiza-se em torno a um núcleo traumático originário não suscetível de integração nem tramitação simbólica alguma e que persiste residualmente depois de todo o trabalho interpretativo, à semelhança do “umbigo” do sonho de que nos fala Freud. Não se trata, pois, de reparar esse resto opaco à significação, nem de torná-lo mais “tolerável”. Ao contrário, a tarefa consiste em constituí-lo como trauma através das palavras que, enquanto envoltura formal de significações, o confinam em um “lugar” pleno de gozo que, em função de sua essencial imutabilidade, gere precisamente efeitos de mudanças subjetivas. Isto é, trata-se de o sujeito situar-se de um modo existencial diferente frente ao real do gozo absoluto que supõe a confrontação com todo aquele fato traumático, que evoca, com o núcleo de sua radical irreversibilidade, a morte – castração mesma. A ilusão de diluir o trauma, ao esgotá-lo em uma rede cheia de sentido, cai, assim, para emergir o realismo que supõe o ato de apropriar-se de algo inerte e irreduzível, mediante o recurso de incluí-lo em uma nova rede de significações. Essa nova rede simbólica supõe a assunção radical da não integração definitiva do núcleo de gozo forcluído, o qual outorga, paradoxalmente, mais opções ao sujeito. Esgotamos, pois, na análise, os sentidos reprimidos e avançamos nos sobrepondo à impotência em que a neurose nos mergulha, para chegarmos a esse ponto de impossibilidade. Os enunciados que aludem ao real do sexo e da morte poderão, assim, ser assumidos por um sujeito “diferente”, visto que já modificou sua posição subjetiva ao mudar seu lugar de enunciação.

Talvez se trate de contornar os objetos de prazer que configuram esse núcleo traumático abismal com palavras e criações sublimatórias que os confinam em um lugar residual sem maior eficácia clínica sobre o sujeito. Em outros termos, trata-se de tentar o máximo esvaziamento possível do gozo que nos fixa no trauma, para nos situarmos como produtores da *vacuidade do lugar*, o que se constituirá, portanto, como o espaço de desdobramento privilegiado de toda prática simbólica. Se o não simbolizado retorna no real, trata-se, pois, de que o inconsciente forcluído se esgote e perca sua eficácia patogênica graças ao acatamento criativo da memória historicizante e à Lei Paterna que lhe serve de suporte, únicas garantias de que não colapse a ordem sócio-cultural, enquanto se preserva a brecha entre a Coisa incestuosa ausente e os objetos contingentes que a representam. O inconsciente reprimido é o resultado, pois, do vazio de gozo que se produz como resultado da negativização que gera a palavra legislante do Pai, assim como, ao invés, o inconsciente forcluído é produto da ausência do significante do Nome do Pai, o que origina o espaço “demasiadamente real” no qual circulam os objetos de gozo que, desde fora da cena simbólica, aniquilam o sujeito. Assim, em vez de confrontar-se com a falta que aspira à sua plenitude





impossível, o sujeito deve se submeter à tirania dos objetos bizarros alucinatórios, ou naufragar nas vicissitudes do acting em cujo tempo sem tempo *falta a falta*.

É interessante pensar na evolução do processo cultural que distanciou o sujeito do Gozo e das manifestações próprias do inconsciente forcluído com suas expressões de paganismo, sacrifício, promiscuidade e sadismo vingativo. Pode-se pensar que o progresso na espiritualidade, de que nos fala Freud em sua obra *Moisés e o monoteísmo* (1939), e que supôs a passagem do fetichismo idólatra à iconoclastia monoteísta, gerou no mesmo ato o sujeito do inconsciente e seu mundo fantasmático reprimido. A plenitude do real do mundo pagão, infestado de deuses frente aos quais se desdobravam as fantasias atuadas foi substituída pelo altar vazio que continha *nada* dos símbolos organizados como escritura ao redor do nome do Deus inominável e não figurável, correlativos de uma subjetividade acoçada pelo temor e pela culpa. As letras esboçaram o contorno de um espaço sublimatório, o que finalmente é causa e conseqüência de uma maior elaboração das fantasias reprimidas. Graças às Tábuas da Lei, que não representam senão as proibições do incesto e do parricídio, emerge um sujeito que, produto da figura do Pai morto, carrega suas fantasias cindidas, inibido de consumá-las pela culpa interiorizada. Instala-se, assim, no próprio núcleo da subjetividade um *vazio transcendental*, puro lugar que hospeda o “nada”¹ enquanto meras representações significantes, que distam muito do universo forclusivo, inundado de objetos densos tendentes a colapsar esse mesmo vazio que é condição de toda busca desejante.

Na pós-modernidade assistimos a uma recaída “forclusiva” – dada a defecção estrutural da figura do Pai e a degradação da Referência Simbólica absoluta – a qual poderíamos denominar neopagã. Então, o vazio da linguagem enquanto palavra verdadeira é substituído pela proliferação de objetos desprezados residuais, a santidade da singularidade absoluta dos nomes por ícones tatuados na carne, a dignidade do verbo por criações imaginárias que literalizam qualquer metáfora, a sensualidade pela lascívia, o desejo pelo gozo desenfreado, a sensualidade pela obscenidade e a pornografia; enfim, sucumbem as fantasias, e o sujeito do inconsciente emerge objetivado, dado que se deixa cair da negatividade simbólica ao abismo material do real.

1. N. Revisão Técnica: “nadedad” no original. Neologismo do autor, querendo significar o “Nada” o “Vazio de Objetos”, o espaço das representações que caracteriza o inconsciente reprimido.





José E. Milmaniene

A “despoetização” do inconsciente

Gostaria, agora, de refletir sobre algumas estratégias clínicas que tendem a despoetizar a prática psicanalítica, privando-a, assim, de qualquer potência inerente ao levantamento das repressões, mercê de um trabalho interpretativo que, contendo um estilo discursivo próximo ao poético, recupera o “creacionismo significante” bloqueado e inibido pela enfermidade.

a. *Esquematização*: a inclusão do caso singular em uma categoria clínica, diagnóstico necessário por outro lado, pode derivar em uma “substancialização” do inconsciente, que se considera como uma entidade “já-dada-aí”, reservatório de objetos e pulsões aos quais se aplica um discurso baseado na tradução simultânea de sentidos, que desconhece que *o desejo é sua interpretação*. Entifica-se o inconsciente e obtura-se sua criatividade, que é sempre o produto inédito da circulação de metáforas que metaforizam outras metáforas, conseqüentemente à fecunda e necessária mediação pela escuta e/ou o dizer do Outro. O inconsciente emerge como o produto do encontro entre dois sujeitos em transferência recíproca, e o extravio positivista consiste em supô-lo como uma entidade autogestada autônoma e auto-suficiente. Para os que sustentam essa concepção do inconsciente, a cura não consiste em recuperar os significantes faltantes, ou em pôr em palavras o que foi silenciado ou forcluído do discurso do Outro em Um, mas sim em recuperar para a consciência tramas argumentais fundadas em fatos acontecidos efetivamente no passado traumático da infância, para além de toda resignificação. Trata-se, em tal caso, de recuperar os fatos “tal como aconteceram”, extravio conceitual que desloca a construção de um mito eficaz, mediante o qual se tenta estabelecer a “boa distância” simbólica entre o sujeito e seus objetos de desejo. Por isso a psicanálise tenta reinstalar a continuidade da cadeia discursiva em seus pontos de fratura mediante a formulação interpretativa na qual a poética do dizer recupera com vantagem estética a dignidade simbólica e o “brilho fálico” de um universo turvado pela obscenidade pulsional que não chegou a tramitar sublimatoriamente.

No entanto, a formalização abusiva do discurso psicanalítico pode derivar no que Roland Barthes chamou de *assemia* (2003) e que se caracteriza por ser um regime vazio de sentido: “*Seria como uma língua que só existe por sua sintaxe e não por seu léxico*”. E em relação ao repetido intento de formalizar com exatidão as ciências humanas, acrescenta: “*A formalização é um pouco uma moda. Do mesmo modo que não penso que o estruturalismo seja uma moda, penso que a formalização, a vontade de situar o discurso das ciências humanas sob a fiança do algoritmo, da fórmula matemática, é uma tentação geral que não é justa. É preciso que uma língua exista*





por seu léxico, isto é, por certa impureza, pela polissemia que todo léxico ou a introdução de um léxico numa sintaxe representam". Então, ainda que se faça necessária certa formalização da teoria psicanalítica para prevenir os riscos de uma excessiva proliferação do sentido, que pode nos submergir em um vórtice caotizante, devemos nos precaver em instalar uma vigilância que, sob a forma de uma rigorosa formalização obsessiva, se constitua em um meio que, ao lutar contra os "riscos da polissemia", derive em uma eventual limitação superegóica da criatividade. Em tal caso podem surgir os discursos tediosos, monótonos, repetitivos, dessexualizados, que pareceriam duplicar tautologicamente em termos teóricos o que o paciente relata anedoticamente. O óbvio torna-se, assim, um modo de despoetização, especialmente quando se trata da "tradução simultânea de sentidos", basicamente naquelas concepções da psicanálise que supõem que o sentido está sempre "já-dado-aí", mesmo antes de uma efetiva produção como efeito da intersecção do dizer do paciente em seu (des)encontro com o dizer do analista.

Recordemos, também, que o sentido a desvelar resulta da circulação dos significantes no interior de uma "estrutura descentrada" e que todo "estremecimento do sentido" umbilica em um sem-sentido mais radical, aspirado por um lugar vazio que negativiza toda significação, seja como *plus* ou como falta. O lugar excêntrico e vazio que é causa de toda concatenação significativa se chama castração e é aludido pelo significante isento de significado (Falo).

Talvez se trate, numa análise, seguindo Barthes, de transcrever a monossemia que embarga o paciente – enquanto agressividade e resistência à simbolização – para um registro polissêmico de linguagem, expressão de uma recuperada capacidade de falar e de fantasiar. Deve-se, pois, substituir o universo tautológico, onde vive o sujeito que padece, pelo prazer de habitar um mundo de linguagens desejanter abertas a uma ordem de interpretação e legibilidade.

b. Pragmatismo. Essa atitude psicanalítica reduz a prática a um conjunto de intervenções táticas e estratégicas limitadas a recortar cenas descontextualizadas, sem capacidade de incluí-las em uma política "fragmentariamente totalizadora", perdendo-se, assim, a possibilidade de referir-se a um projeto subjetivo transcendental, desejado nas fantasias fundamentais, das quais toda existência é expressão. As manobras terapêuticas tendem a resolver as cenas nada mais que em si mesmas, sem qualquer orientação que as inclua na política geral do gozo do paciente. Desse modo, as manobras táticas e/ou estratégicas podem resultar vitoriosas, mas se carece de uma concepção global que determine qual é o desejo do sujeito, bem como suas fantasias fundamentais para além das contingências anedóticas do viver. A resolução de conflitos concretos, se não os trabalhamos também como metáforas do real traumático,





impossibilita a criação de uma construção narrativa que inclua numa seqüência libidinal-histórica os eventos do viver. Devemos elevar as ações e acontecimentos à dignidade de cenas que recuperem algum valor metafórico e interpretá-los em consequência, para que esses não se estancem no imaginário como meras repetições de fatos que se devem reparar ou retificar em sua realidade. Se a atitude do terapeuta não permite simbolizar o real subjacente, de nada serve tornar evidente o latente de uma conduta e tentar modificá-la. Os acontecimentos não devem literalizar-se para retificar a conduta desviada, mas sim devem servir para extrair um ensinamento dos gozos repetitivos que se enlaçam em uma rede complexa, que se deve traduzir para que o analisando possa falar sobre aqueles fatos ou situações nas quais se alienou. O sujeito luta para falar e escrever, dado que poder discorrer sobre o vivido distancia do imediatismo existencial e instala o sujeito no sistema simbólico, tal como o evidencia a necessidade de sustentar algum tipo de diálogo com o Outro, seja sob a forma de conversações mundanas de café – tertúlias, charlas –, seja o que se configura na escritura de diários pessoais, cartas, poesia e, por último, nos privilegiados diálogos analíticos.

c. Messianismo. Uma forma freqüente de esvaziar a análise de seu conteúdo poético consiste em postergar a revelação de uma verdade mediante uma promessa de características messiânicas, que perpetua as expectativas quanto a um dizer futuro, a favor do qual se formulam escassas interpretações ou construções concretas no presente, o que se constitui como um tempo preliminar de um acontecer permanentemente diferido. A brecha entre o material manifesto e o latente resulta, assim, intransponível e a interpretação mais justa não poderá formular-se nunca, dado que se supõe insaldável a dívida com o saber. Imagina-se, então, que todas as encarnações positivas da verdade adoecem de uma incompletude radical e a poética do dizer é substituída por sinalizações e intervenções que aparecem como meramente instrumentais, destinadas a preanunciar a palavra redentora que será pronunciada alguma vez, quem sabe.

d. Dogmatismo. A repetição ecológica dos ditos dos mestres, arremedando-se seu estilo, seja através de seu modo de escrever, seja através da reiteração de frases feitas ou slogans cristalizados, coíbe toda criatividade, – além do que não produz nenhum ganho no saber –, exceto a proporcionada pela simples variação estilística, dado que dizer de outro modo já supõe dizer algo diferente. Ademais, para fundar uma palavra poética, se requer o parricídio simbólico, cujo produto se torna escritura original enquanto expressão de um estilo próprio. A submissão idealizante ao Pai deriva em grosseiras mimeses ou em cópias ruins que “especularizam” o autor, com





o que terminam por condená-lo à mera repetição, redundando num dispositivo de leitura totalmente empobrecedor que desnaturaliza a intenção “inventiva” do criador.

Mas, então, onde situarmos nosso dizer? Devemos sortear o risco do esquematismo, do dogmatismo, do messianismo e do pragmatismo, tentando criar um espaço em que circule uma palavra que ligue *a beleza do dizer à verdade de uma teoria conjectural*. A beleza estilística sem teoria que a sustente resulta numa arte sem eficácia clínica, e a teoria sem cuidado formal transforma-se num dispositivo que desmente a essência do objetivo terapêutico, que consiste em aprender a falar. Mas o falar que resulta do trânsito pela psicanálise deve levar consigo o núcleo poético intrínseco a uma prática que se cria *na e através da linguagem*. A “redenção laica” que a psicanálise postula consiste no resplendor de uma fugaz revelação que permite espreitar a Verdade do encontro traumático com o gozo abismal do Outro. A revelação de uma verdade alcança, na psicanálise, o sentido do poético, dado que fala à beira mesma do Real, gerando-se o fulgor de uma revelação que eleva o objeto contingente ao sublime da Coisa. Quando os fatos adquirem a dignidade do acontecimento graças a sua historicização formulada com “as boas palavras”, um efeito duradouro de sentido se produziu: o sujeito torna-se liberado das palavras vazias para ascender à hierarquia dos nomes. □

Abstract

The author analyzes Lacan’s definition of the unconscious structured as a language in order to clarify the differences between this definition and other concepts that consider the unconscious a reservoir of phantasies and already-there-given objects. The central ideas of this article are about the difference between the repressed unconscious and the foreclosed unconscious. The author carefully considers the manifestations of the foreclosed unconscious, which are currently expressed in the so-called pathologies of jouissance. In addition, he provides different aspects of the sociocultural genesis of repression and foreclosing, as well as the postmodern relapse in pleasure policies that include the structural defection of the symbolic figure of the Dead Father. He asserts that the deficient paternal function gives origin to a subjective constitution, in which the return of the non-symbolic to the Real predominate due to the absence of the significant of the Name of the Father. Accordingly, the author tries to articulate the linguistic conception of the unconscious with the Freudian concept of trauma as a residual foreclosed nucleus that cannot be reduced to the metaphorical process. Finally, the author describes the frequent clinical attitudes that are prone to





José E. Milmaniene

take away poetics and turn psychoanalysis to-substance, by transforming psychoanalytical hermeneutics, from a significance to be created in the encounter of two subjects in reciprocal transference, into a practice of simultaneous translation of preexisting senses.

Resumen

El autor desarrolla la definición de Lacan acerca del inconsciente estructurado como un lenguaje, para precisar así las diferencias con otros marcos conceptuales, que lo consideran como un reservorio de fantasías o de objetos ya-dados-ahí. Las ideas centrales del trabajo giran en torno a la diferencia entre el inconsciente reprimido y el inconsciente forcluido. El autor se detiene en las manifestaciones de éste último, las que se expresan actualmente en las llamadas patologías del goce. Realiza además distintas consideraciones sobre la génesis sociocultural de la represión y la forclusión, así como sobre la recaída posmoderna en políticas del goce, que dan cuenta de la defeción estructural de la figura simbólica del Padre Muerto. Postula que la deficitaria función paterna genera una constitución subjetiva en la que predominan los retornos en lo Real de lo no simbolizado dada la ausencia del significante del Nombre del Padre. Asimismo se intenta articular la concepción lingüística del inconsciente con la concepción freudiana del trauma, en tanto núcleo forclusivo residual irreductible a la metaforización. Finalmente se describen frecuentes actitudes clínicas que tienden a despoetizar y sustancializar el psicoanálisis, transformando la hermenéutica psicoanalítica de un sentido a construir en el encuentro de dos sujetos en transferencia recíproca, en una práctica de traducción simultánea de sentidos pre-existentes.

Referências

- FREUD, S. (1939). Moisés y la religión monoteísta. In: *Obras completas*. v.23. Buenos Aires: Amorrortu, 1988, p.108-112.
- BARTHES, R. (2003). *Variaciones sobre la escritura*. Buenos Aires: Paidós, 2003, p.51.
- LACAN, J. (1975). *El seminario de Jacques Lacan, Libro 20*. Barcelona: Paidós, 1981.
- MALEVAL, J.C. (2002). *La forclusión del nombre del padre*. Buenos Aires: Paidós, 2002.
- MILMANIENE, J. (1995). *El goce y la ley*. Buenos Aires: Paidós, 1995.
- . (2001). Jacques Lacan: el sublime objeto del psicoanálisis. *Revista de Psicoanálisis*, v.58, n.4, p.831-849.





ZIZEK, S. (2002). *Quién dijo totalitarismo?* Valencia: Pre-textos, 2002, p.73-74
———. (2003). *Las metastasis del goce*. Buenos Aires: Paidós, 2003, p.263.

Recebido em 09/08/2003

Aceito em 13/08/2003

Tradução de **Clotilde Pereira de Souza Favalli**

Revisão Técnica de **Paulo Oscar Teitelbaum**

José E. Milmaniene

Amenábar 995 3*B

1426 – Buenos Aires – Argentina

E-mail: josemilman@arnet.com.ar

© Revista de Psicanálise – SPPA





Atenção montador

a página **494** é branca





O inconsciente na pós-modernidade: as tensões epistêmicas

Jorge L. Ahumada*, Buenos Aires

O enfraquecimento, quando não o descarte puro e simples, da possibilidade de acesso a conhecimentos válidos, que caracteriza a época atual – tanto a pós-modernidade quanto o pós-modernismo como ideologia literária ou filosófica – não introduz senão tensões no acesso, delimitação e conceitualização do psiquismo inconsciente. O presente trabalho centra-se em alguns aspectos dessa complexa problemática, em especial no impacto sobre como se concebe a cientificidade e o modus operandi da psicanálise a partir das cosmovisões clássica e romântica, incluindo de que modo as versões restritivas da idéia de ciência em jogo são postas a serviço de se questionar a pertinência do método psicanalítico como aproximação empírica válida e, assim, resgatar para a literatura e a filosofia a exclusividade dos terrenos do psiquismo humano que as referidas disciplinas seguem considerando como seus.

* Membro da Associação Psicanalítica Argentina e Membro Honorário da Sociedade Britânica de Psicanálise.





Que os nossos conceitos psicanalíticos estejam longe de serem unívocos vale para a idéia mesma de inconsciente. Desde os inícios da obra de Freud, na primeira tópica, são inconscientes tanto os impulsos instintivos quanto as experiências vivenciais que cederam à repressão e também os processos de pensamento. Esses, inconscientes em sua origem, somente por momentos e de forma fragmentária se fazem conscientes. Na segunda tópica, a partir da introdução da cisão do ego, o conceito de inconsciente se complexifica ainda mais. Desde então, o insitamente inconsciente do aparelho pulsional, as experiências vividas que foram reprimidas e o inconsciente dos processos de pensar, para não entrar no vasto tema das cisões do ego, corresponderão a muitas diferentes modalidades de ser inconsciente e a diferentes graus de acesso ao *insight*.

Antes de considerar as tensões que, no atual contexto da pós-modernidade, recaem sobre a possibilidade mesma de um ponto de vista epistêmico acerca de como entender o psíquico inconsciente, faz-se necessário esclarecer que, embora o assunto magno da “morte das evidências” tenha recebido tal denominação em fins do século XIX a partir da obra de Friedrich Nietzsche, suas raízes se encontram, no início desse século, nas origens do movimento romântico. Tanto em Schiller, quanto em Schlegel e Keats, para citar somente alguns, o modo da criação artística – em especial da criação poética – assumiu o valor de modelo geral, supra-ordenando-se a qualquer consideração evidencial. A auto-expressão substituiu assim, em nossas vidas cotidianas, as noções de desenvolvimento pessoal e evolução psíquica que se arraigavam em nossa dependência das evidências.

Se, no final do século XIX, Nietzsche, na filosofia, e os modernistas franceses, Rimbaud, Mallarmé, Baudelaire, para citar alguns, retomaram a supremacia da auto-expressão, o espírito romântico, recém iniciado o século XX, brilhou no futurismo de Marinetti com suas proclamações de uma fusão prometeica do homem e da máquina e logo nos supematistas russos, assim como no surrealismo em suas duas vertentes, artística e política, cujo ponto de confluência se exacerba na idéia da “obra de arte total”, que implicava a passagem emancipatória global do modelo da arte para o cenário político-social, pondo em ato a expressão mais vigorosa da herança romântica. A preeminência dos pós-modernismos filosóficos e literários herda e exacerba a herança romântica, disso resultando uma ampla mudança de rumo dos usos e funções do inconsciente.





Pós-modernidade e pós-modernismo

Como julgo indispensável diferenciar conceitualmente pós-modernidade e pós-modernismo, digamos que entendo a primeira como a época em que vivemos, não importa se a chamemos de “Era do Vazio” com Lipovski, de “Sociedade do Espetáculo” com Debord, de “Tecnopólio” com Postman, enquanto Baudrillard destaca os simulacros, a hiper-realidade e o êxtase da negação e Jameson sublinha a abolição do tempo histórico, abordagens essas que supõem retomar-se uma ou outra característica arquetípica dos tempos que correm. Segundo sustenta esse último autor, Fredric Jameson (1991, p.366), atualmente principal porta-voz acadêmico da esquerda norte-americana, o pós-moderno começa a aparecer a partir do momento em que o processo de modernização não encontra mais obstáculos e triunfalmente implanta sua própria lógica autônoma. Nessa referida lógica, operante à semelhança de um jogo computacional cujos parâmetros mudam de um momento para outro, cada um se torna uma mera peça, pois dar o melhor de si, por exemplo, não garante a própria posição em um determinado trabalho. Em tal contexto social de seriação, no qual a mudança fortuita das regras torna fantasmático o futuro pessoal, dá-se o terror do anonimato iminente que leva, por sua vez, a um descuido e a uma involuntariedade deliberadas em que o sucedido ou se reformata ou se destina ao esquecimento. Com o que, diz aquele autor, na pós-modernidade, realidade social e ideologia coincidem.

Quanto ao vocábulo pós-modernismo, restrinjo-lhe o uso para nomear uma cosmovisão, ou, caso se queira, um estilo, que rege hoje os meios filosófico-literários. Em seu âmbito próprio, pode-se vê-lo ao mesmo tempo como uma reação face ao modernismo literário e uma prolongação do dito modernismo, caracterizada, conforme Jameson, pela passagem da paródia ao *pastiche* em uma sucessão na qual a ironização típica do modernismo mais e mais se esvazia de conteúdo.

Se é útil, para não dizer indispensável, distinguir entre a pós-modernidade como a época da sociedade midiática e globalizada em que nos toca viver e o pós-modernismo como a mais recente vertente acadêmica do modelo romântico da arte, assumindo a qualidade de cosmovisão, à qual seremos livres para aderir ou não, isso não implica de modo algum deixar de lado que pós-modernidade social e pós-modernismo confluem à semelhança de duas caras de uma mesma moeda. Concomitâncias semelhantes dão-se em nosso campo: um crítico literário norte-americano, Norman Holland, cuja vinculação com a psicanálise o levou a propor há mais de três décadas uma influente postura quanto à “resposta do leitor”, na qual a interação texto e leitor segue um paralelo com o modelo da interação psicanalítica, sustenta que, ainda que o pós-modernismo seja o clima intelectual em que hoje se situa a psicanálise, ele não se arriscaria a definir um termo tão inapreensível, que talvez designe mais um estilo.





Jorge L. Ahumada

Em coincidência com outros autores, Holland coloca como característica do estilo pós-moderno a primazia dada ao complexo e ao contraditório, às superfícies sobre as profundezas, às particularidades sobre as generalizações simplificadoras, àquilo que se contrapõe sobre o confirmatório, ao simultâneo sobre o seqüencial, ao fragmentário sobre o unitário. No âmbito da arte, diz ele, os pós-modernistas valorizam o uso da ironia, da paródia e do *pastiche*, trabalhando uma linguagem liberada das ancoragens tradicionais, isto é, emancipada de referentes, linguagem na qual a manipulação dos signos ocupa o primeiro plano, assumindo-se como um fim em si mesma (1998, p.1207).

Classicismo e romantismo na psicanálise

Em um trabalho publicado há quase quinze anos, *A visão clássica e a visão romântica da psicanálise*, o filósofo Carlo Strenger (1989) sustenta que, embora raramente se o diga explicitamente, uma tensão entre essas duas atitudes de base ocorre em nossa disciplina desde a década de vinte, exacerbando-se nos últimos tempos. Citando Hulme (1924), menciona que, para a atitude romântica, o homem, fonte inesgotável de possibilidades, é intrinsecamente bom, as circunstâncias é que o arruinam; para a atitude clássica, em troca, o homem, intrinsecamente limitado, deve ser disciplinado pela ordem e a tradição para alcançar algum grau de decência. Estabelece como paradigmático o classicismo de Kant na filosofia e o de Freud na psicanálise, enquanto Rousseau e Goethe exemplificam o romantismo filosófico e Ferenczi, Winnicott e Kohut o romantismo psicanalítico.

Freud, argumenta Strenger, contrapõe, desde o início, o princípio de prazer e o princípio de realidade, colocando-se do lado da razão em oposição ao instintivo e ao infantil e negando a seus pacientes tudo que ocorra fora dos *insights*, isto é, do que os aproxime da verdade com respeito a eles mesmos. Sendo um pessimista cultural, Freud pensa que a natureza humana é frágil e que as teorias não devem fomentar ilusões, atendo-se a um *ethos* de veracidade e busca da maturidade psíquica. Aqui, no que o filósofo francês Paul Ricoeur (1970) chamou de uma hermenêutica da suspeita, não se costuma aceitar como tal o que o paciente sustenta e o que parece sublime costuma-se tomar como satisfação encoberta do infantil; não há, pois, lugar no inconsciente, diz Strenger, para segredos românticos, nem tesouros ocultos e se supõe que somente a verdadeira maturidade pode nos redimir, pois as ilusões infantis na continuação de uma realidade prazerosa sem esforços nos levariam, em última instância, a maiores sofrimentos.

Em contrapartida ao classicismo de Freud, Strenger coloca Kohut como exem-





plo do ponto de vista romântico em psicanálise, sustentando que as controvérsias que despertou resultam, em boa medida, da contraposição entre classicismo e romantismo. Para Kohut, diz, a idealização é essencial, pois quem na infância não idealizou seus pais não alcança uma vida suficientemente significativa. O self coesivo kohutiano é uma estrutura bipolar que incluirá, por um lado, a experiência de si mesmo como digno de amor, valioso e capaz e, por outro, os valores que darão direção e sentido à vida. O primeiro pólo é o pólo da ambição e do exibicionismo, o segundo é o dos ideais e valores. Sua polaridade básica dá-se entre a alegria e a vitalidade, por um lado, e a depressão e o vazio, por outro. Segundo Strenger, Kohut põe de cabeça para baixo as colocações freudianas: se a criança encontra prazer nos seus órgãos como tais, verá isso como a resultante de um fracasso dos que a criam em ajudá-la a instaurar um self coeso, e o mesmo ocorrerá em torno da conflitiva edípica. Em sua ética romântica, não bastará a razoabilidade, pois sem entusiasmo e alegria a vida não merece ser vivida.

Uma diferença central na atitude analítica ocorre, diz, em relação à suspeita terapêutica. Enquanto o analista clássico está disposto a suspeitar das aparências, a fim de incrementar o autoconhecimento por parte do analisado, para o analista kohutiano, no paciente, o traem suas vivências de depressão e de vazio e ele tende a buscar o núcleo humano subjacente aos desejos perversos na idéia de que esses são intentos de controlar as vivências de desvitalização. Ele empatiza com o paciente, evitando a confrontação e, em suas histórias clínicas, ajuda o analisado a entender como seus pais falharam com ele e que muito do ódio e desprezo que sente para consigo mesmo deriva da incapacidade desses pais para desfrutarem dele como ser humano.

Na idéia geral de que o analista provê “*muito mais do que o conteúdo cognitivo de suas interpretações*” (p.601), isto é, de que o analisado incorpora sua cosmovisão global, sustenta que é muito diferente incorporar a visão clássica ou a visão romântica centrada no entusiasmo e na plena subjetividade. Ainda que reconheça não haver uma dicotomia entre ambas as atitudes, pois muitas das interpretações bem sucedidas dependem de se obter um equilíbrio, em boa medida segundo o tipo de patologia do paciente (p.605), para Strenger o tema vai além do puramente técnico e implica, em última instância, a tensão entre identificar-se com a própria perspectiva, por um lado, e desprender-se dela, por outro (p.606). Nós, seres humanos, necessitamos *viver* intensamente nossas necessidades e desejos, o que vai além do pensá-los (p.607), mas, se não nos questionarmos, nos tornaremos impulsivos e irreflexivos, prejudicando os outros e a nós mesmos. Essa tensão, diz, é irresolúvel, pois ambas as perspectivas fazem parte da natureza humana.





Jorge L. Ahumada

A apoteose do romantismo expressivo e o ocaso do *Realitätsprinzip*

Deve-se concordar quanto à distinção de uma corrente clássica e uma corrente romântica em psicanálise e também em que Freud, com sua consistente indagação do método e sua ênfase no *insight* acerca das realidades psíquicas em jogo como a via régia para as evoluções psíquicas, resulta ser o epítome da atitude clássica. Mas mais duvidoso, posto que insuficientemente matizado em suas complexidades, é atribuir a Kohut – e mesmo a Ferenczi e a Winnicott – o papel de exemplos da atitude romântica. Na verdade, ao buscar um representante extremo da dita atitude, nós o encontraremos na postura que foi adotando o mesmo Strenger, como mostra seu livro último, *A busca da voz na psicanálise atual* (2002), em que, com a idéia de que as tarefas da individuação mudaram de plano no curso do século XX, se coloca sob o duplo apadrinhamento de Federico Nietzsche e Michel Foucault.

Previsivelmente, a crítica do status epistêmico da psicanálise tal como Freud o concebeu é o primeiro passo em seu intento de acoplar a psicanálise à cosmovisão romântica. E digo previsivelmente porque os mesmos passos nós os encontramos já em Foucault e também em autores psicanalíticos amplamente influentes como Jean Laplanche, conforme detalho em outro trabalho (Ahumada, 2001). É a partir de uma visão restritiva e unitária com respeito à pluralidade muito heterogênea do amplo campo das ciências que se descarta a cientificidade da psicanálise, abrindo as portas à apoteose romântica da auto-expressão: o livro aponta, segundo o que expõe, para “*uma radicalização do enfoque construtivista na linha nietzscheana e foucaultiana*” (p.32). A psicanálise passa a ser uma disciplina do “si mesmo” no sentido que Foucault daria a esses termos, na qual a situação terapêutica envolve uma desordem e falta de organização tais que qualquer intenção purista de pensá-la levaria ao fracasso (p.76).

Previsivelmente, pois, Strenger sustentará como eixo epistêmico – ou, melhor dito, anti-epistêmico – de sua argumentação que “*ao longo da maior parte de sua história a psicanálise operou sob uma noção ilusória de teoria*” (p.43), a qual se põe a desqualificar como “*demasiado vaga para permitir sua comprovação científica, ou que, na medida em que pôde ser comprovada, não recebeu confirmação científica*” (Grünbaum, 1984, p.44). A invocação do denominado indutivismo estrito de Grünbaum como definidor do que cabe e do que não cabe considerar científico parece-me suficientemente esclarecedora da postura fiscalista em que Strenger pretende se apoiar. E é característico, penso, do universo primordialmente retórico em que circula que tão categórica afirmação seja tomada diretamente por válida, sem necessidade aparente de esclarecimentos a respeito. Somente em uma brevíssima referência bem mais adiante afirmará que “*uma teoria é uma estrutura formalizada de con-*





ceitos e proposições combinada com asserções mais ou menos claras sobre as condições que contariam como evidência das ditas proposições “, enquanto que “o mito é uma construção narrativa que permite elucidar a experiência e gerar sentido, mas não verdade ou falsidade, e que certamente não reúne condições de aceitabilidade epistêmica” (p.73).

Tal oposição abre um grande oco no campo do conhecimento, pois coloca, de um lado, as teorias formalizadas e, do outro, os mitos, que não se atêm a condições de verdade ou falsidade; não há, pois, conhecimento científico exceto o das “leis” formais, o mais é mito sem possibilidade de justificação, nem valor de verdade. Uma vez enunciada e dada por aceita, tal colocação, na qual, sob o tema da formalização, campeia um dedutivismo encoberto calcado na estrutura das chamadas “ciências exatas”, passa a ser o *mot d’ordre* para distinguir o que é aceitável como ciência do que não o é. Considerando-se, ademais, o fato evidente de que a conceitualização em psicanálise não gera teoria formalizada, não resta a Strenger a não ser considerar as conceitualizações psicanalíticas como mitos sem nenhum valor epistêmico. Ainda que já o tenha feito mais amplamente em outras ocasiões (1994,1997c), explícito assim de forma sumária os grosseiros mal-entendidos fiscalistas – pois ele os toma, repito, da estrutura das chamadas “ciências exatas” lideradas pela física – nos quais apóia sua peremptória, mas não por isso menos enganadora, afirmação de que a psicanálise, e Freud em primeiro lugar, se conduziu ao longo da história com uma “noção ilusória de teoria”.

Efetuada essa hipérbole do papel da razão dedutiva, Strenger supõe, como antes o fizeram vários proeminentes filósofos neopositivistas do círculo de Viena, que todas as ciências, desde a física até a paleoantropologia ou a etologia, cuja estrutura está tão pouco formalizada como a da psicanálise, deveriam por força aderir a uma estrutura epistêmica unitária ditada pela física e centrada na dedução. E não é demais reiterar que também seu mentor Michel Foucault aderiu firmemente, no capítulo 6 da parte IV de sua *Arqueologia do saber* (1969), à idéia cartesiana (e ulteriormente popperiana) de que os níveis de formalização da teoria são essenciais para delimitar o que é ou não é ciência.

O grande vazio epistêmico que Strenger e Foucault introduzem no campo do conhecimento científico, e de modo mais genérico as correntes literário-filosóficas pós-modernas, suprime de chofre a totalidade das ciências observacionais e suprime também, desde o ponto de vista metodológico, o papel central da observação. O que revoga o embasamento observacional do método clínico da psicanálise no qual, como bem dissera Freud, “*uma ciência baseada na observação deve trabalhar seus achados um a um e resolver seus problemas passo por passo*” (1925, p.58). Estamos face





ao ocaso do *Realitätsprinzip*, do princípio freudiano de realidade.

Daí que Strenger sustente que, nos tratamentos, “a técnica tem um papel só incidental” (p.86), que priorizar a evolução psíquica conduz a um moralismo do desenvolvimento (p.179), que se deve dar lugar à uma *protestação ontológica da subjetividade, na qual*, alcançando um espaço para rechaçarem as realidades pessoais e sociais que lhes sejam insuportáveis, os indivíduos possam *recriar-se a si mesmos* segundo seus desejos. Considera exemplares sua paciente Tamara e o filósofo Michel Foucault, cujas atividades sadomasoquistas lhes trouxeram um modo de governar a dor de suas experiências conflitivas, transmutando-as em parte integral da construção deles mesmos como obras de arte (p.181) em uma narrativa heróica de autocriação. No caso de Tamara, uma masoquista sexual orgulhosa de viver tanto fora de todo limite quanto de suas condutas de alto risco, incluindo consumos diários de uma variedade de drogas no que Strenger admite ser um universo gélido e cruel, os eixos de sua identidade consistiam em transformar a dor em prazer, forjando-se uma identidade na interminável luta contra toda convenção social. Foucault, de quem o aproximou o livro de James Miller, *La pasión de Michel Foucault* (1993), cumpriu, para Strenger, uma vida filosófica exemplar transformando os traumas de sua infância em uma luta contra os valores, categorizações e noções sociais que o condenavam à humilhação: as idéias acerca da loucura, o olhar médico, a idéia mesma da natureza humana, o sistema penal, as noções acerca da sexualidade, até colocar finalmente a noção grega antiga do cuidado de si mesmo como fonte de toda a ética atual. Foucault detestava, diz, toda classificação, queria que todos os corpos e todos os prazeres estivessem disponíveis ao desejo individual e encontrava no sadomasoquismo uma forma de contato humano em que os partícipes se uniam para explorar os limites da dor e do prazer, do terror e do êxtase, em que todos os limites se quebravam; o interno e o externo, o “si mesmo” e os outros, o horror e o êxtase se fundiam nas atuações teatrais do sadomasoquismo consensual. Em um nível mais profundo, os rituais sadomasoquistas permitiam-lhe reencontrar-se com a dor e os temores mais profundos no âmbito de um enquadre protetor.

Tamara e Foucault ilustram, sustenta Strenger, o mito da luta heróica contra as limitações do destino em um projeto ontológico de autocriação. A partir dessa perspectiva, o complexo de Édipo não teria que ver com o amor proibido e a rivalidade com a mãe ou o pai, mas com o tolerar ter nascido da união sexual de pais que não escolhemos como tais. No limite, afirma, o desejo edípico seria alguém tornar-se a causa de si mesmo, *causa sui*, ou, o que é igual, poder autocriar-se e ser Deus. As neo-sexualidades, assinala, são artes cênicas que refletem a necessidade estética e a necessidade autoral, fusionando o prazer sexual com a vivência triunfal, sobrepondo-se à dor traumática no campo de jogo de uma estética da existência que celebra as





vozes individuais. O espaço lúdico esteticista, argumenta Strenger, onde festejamos a pluralidade como expressão da capacidade humana de criar formas de vida sempre novas, é uma celebração da individualidade que abandona toda patologização das diferenças, é o lugar para onde – em um grande virada – deverá transladar-se a psicanálise.

Chegamos assim ao ponto de chegada da vertente romântica da psicanálise à qual me referi em *El renacer de los ídolos. El inconciente freudiano y el inconciente nietzscheano* (Ahumada, 2001). Enquanto em seu trabalho inicial de 1989, Strenger não perdia de vista que não cabe estabelecer dicotomias claras entre as atitudes de indagação e de contenção e sustentação emocional que se vinculam às cosmovisões mencionadas, mas que se trata de alcançar equilíbrios, dependendo do tipo de patologia do paciente, e que dependerá do dito equilíbrio a obtenção de boas interpretações, em seu livro recente o analista resulta indistinguível do guia espiritual ou do guru, pois, diz ele, o que faz o paciente no tratamento é aprender de seu terapeuta a linguagem e as convenções de uma disciplina do “si mesmo”, com o que não cabe distinção alguma entre docência e terapia. E se antes reconhecia que, se não nos questionarmos, nos tornaremos impulsivos e irreflexivos, prejudicando os outros e nós mesmos, agora o objetivo passa pelo auto-endeusamento na narrativa heróica e na institucionalização da transgressão. Ainda que o autor não nos proporcione maiores textos clínicos nos quais fundar uma opinião, parece-me, sim, relevante um breve texto de sua paciente Tamara, recordando uma cena de seus seis anos com o pai violento na qual teve um pensamento súbito – “*Se desfruto a dor, serei uma mesma pessoa com papai e ele não poderá nunca mais fazer-me mal*” (p.185) – a partir do qual seu projeto de autocriação apontou-lhe para que demonstrasse que podia ser um varão através da transformação da dor em prazer e unir-se assim com seu pai. O pano de fundo da postura romântica mostra-se aqui com clareza: o que subjaz à atitude heróica é a reversão da situação traumática em uma identificação triunfal com o agressor. Que, aqui, a tensão anti-epistêmica – o desprezo pelo *insight* – derive do temor à revivescência do trauma é suficientemente nítido e indica um tema muito presente no marco pós-moderno: a passagem das psicopatologias da neurose para as patologias narcisísticas e borderlines. Mas o fato de o problema ser grande não lhe dá o mérito de transformá-lo em uma ideologia global. Uma coisa é que alcancemos ou não ajudar Tamara a elaborar sua infância traumática e outra, muito distinta, é supor que as dependências que derivam de ter-se nascido de mãe e pai em vez de ser *causa sui* constituam por si um trauma inabordável merecedor de estatuto ontológico.





O anti-epistêmico como valor axial da pós-modernidade

Há certo consenso em que a anulação do tempo histórico caracteriza o contexto social da pós-modernidade, o que tem efeitos cruciais quanto à situação do inconsciente. No marco sócio-cultural em que se deu o descobrimento freudiano, *a situação da atemporalidade dos processos inconscientes* teve como precondição a possibilidade de *contrastá-los com um psiquismo consciente capaz de estabelecer e sustentar uma temporalidade* na delimitação de um antes e um agora e também uma capacidade de alcançar as necessárias fronteiras cotidianas de verdade e falsidade e de estabelecer aprendizagens em um decurso vivencial temporalizável. No marco da sociedade pós-moderna e da cultura da imagem, a infinitização do presente resulta na abolição tanto da historização das próprias vivências quando da atenção às evidências que está na base da possibilidade de aprender com as experiências, a tal ponto que, em um trabalho anterior (Ahumada, 1997a), me pareceu indispensável falar de uma cultura *borderline*.

Na medida em que a sociedade pós-moderna, isto é, no contexto da tecnocultura das mídias, ocorre e se avaliza uma abolição da historização pessoal e da atenção à aprendizagem pela experiência, a resultante é que os conteúdos psíquicos primitivos não elaborados afloram mais e mais à superfície do que sucede no campo social e tendem a articular-se em modalidades grupais e/ou políticas.

As tensões entre a versão epistêmica baseada na busca paciente das evidências relevantes e no respeito às mesmas que caracteriza o método freudiano e a versão anti-epistêmica que, como constatamos nas postulações de Strenger, é parte constitutiva do pós-modernismo, se destacam também ao se comparar a indagação freudiana e esse outro epítome do pós-modernismo literário, a desconstrução derridiana. O método freudiano confia em abrir espaço mediante a associação livre do analisado que aporta novas evidências e a atenção paralelamente flutuante do analista como forma de recebê-las, para o impacto dos novos achados que modificarão as suposições prévias conscientes de ambos, no que em outros lugares (Ahumada, 1997b, 2003) caracterizo como um método contra-indutivo. Ao contrário, o paradigma pós-moderno da desconstrução derridiana, restringindo-se ao modelo do texto ao mesmo tempo que o questiona e renunciando, já de início, à aspiração de separar verdade e falsidade, não aponta para materiais novos, nem para alcançar pontos de decisão nos quais o analisado possa chegar a discernir o que é e o que não é certo e, conseqüentemente, o que é mais importante, o que lhe diz, ou não lhe diz respeito.

Dado que, por razões de espaço, me centralizei nas tensões que surgem frente à idéia de inconsciente a partir da cosmovisão do pós-modernismo acadêmico tanto filosófico como literário, queria para finalizar fazer uma breve consideração sobre as





tensões que não mais a noção de inconsciente, mas a idéia mesma de psiquismo agita nas correntes do Tecnopólio, isto é, no amálgama das tecnociências e dos *stablishments* industriais e comerciais que, promovendo a substituição maciça da idéia de psiquismo pela idéia de cérebro, domina ainda boa parte das neurociências e setores não desdenháveis da filosofia neopositivista da ciência. Os ideólogos desses setores incluem autores influentes como Grümhaun e Popper, para os quais a ciência é única e não múltipla e deve ater-se *in toto* aos parâmetros da física.

Veja-se uma prova do orgulhoso desprezo face ao psíquico nos setores ligados às tecnociências sobre o requisito epistêmico mais básico, recolher as evidências pertinentes a cada campo de estudo, requisito que, cabe assinalar, já era bem claro para Aristóteles: há pouco, em uma confrontação na Sociedade Psicanalítica de Nova York, Adolf Grümhaun manifestou a convicção de que sua completa carência de experiência vivencial quanto à psicanálise, longe de constituir um inconveniente para a veracidade ou pertinência de suas argumentações, o colocava em uma situação de vantagem quanto à objetividade! (Trupp, 1999, p.171). Difícil encontrar no terreno da ciência uma melhor apologia da ignorância. □

Abstract

Weakening, or even simply discarding, the possibility of access to valid knowledge, which is a characteristic of the current historic moment – that is, the postmodernity and the postmodernism as a literary and philosophical ideology – only brings tensions, limitation and conceptualization to the access to the unconscious. The present article focuses on some aspects of this complex matter, especially on the impact on how the scientific features and the modus operandi of psychoanalysis are understood based on the classic and romantic universal points of view. It also analyzes how the restrictive versions of the idea of science are employed when one considers the relevance of the psychoanalytical method as a valid empirical approach and, thus, returns to the literature and philosophy the exclusiveness of the human psychism, which is considered as part of their domain by the above mentioned disciplines.

Resumen

Que el debilitamiento, cuando no el descarte liso y llano, de la posibilidad de acceso a conocimientos válidos signa tanto a la época actual – la posmodernidad – cuanto al posmodernismo como ideología literario o filosófica, no puede sino intro-





Jorge L. Ahumada

ducir tensiones en el acceso, la delimitación y la conceptualización del psiquismo inconciente. El presente trabajo se centra en algunos aspectos de esta compleja problemática, en especial en el impacto de como se concibe la cientificidad y el modus operandi del psicoanálisis desde las cosmovisiones clásica y romántica, incluyendo la manera en que las versiones restrictivas de la idea de ciencia que entran en juego quedan puestas al servicio de cuestionar la pertinencia del método psicoanalítico como aproximación empírica válida y de tal modo rescatar para la literatura y la filosofía la exclusividad de los terrenos del psiquismo humano que dichas disciplinas siguen considerando como propios.

Referências

- AHUMADA, J. L. (1994). O que é um fato clínico? A psicanálise clínica como método indutivo. In: ———. *Descobertas e refutações. A lógica do método psicanalítico*. Rio de Janeiro: Imago, 1999, 199-219.
- . (1997a). Crise da cultura e crise da psicanálise. In: ———. *Descobertas e refutações. A lógica do método psicanalítico*. Rio de Janeiro: Imago, 1999, 13-31.
- . (1997b). A contra-indução na prática psicanalítica: Aspectos metodológicos y técnicos. In: ———. *Descobertas e refutações. A lógica do método psicanalítico*. Rio de Janeiro: Imago, 1999, 221-244.
- . (1997c). Para uma epistemologia da psicanálise clínica. In: ———. *Descobertas e refutações. A lógica do método psicanalítico*. Rio de Janeiro: Imago, 1999, 257-277.
- . (1997d). Descobertas e refutações. A psicanálise clínica como lógica da indagação. In: ———. *Descobertas e refutações. A lógica do método psicanalítico*. Rio de Janeiro: Imago, 1999, 341-358.
- . (2001). The rebirth of the idols. The Freudian unconscious and the Nietzschean unconscious. *Int. J. Psychoanal.* v. 82, n. 2, p.219-234.
- . (2003). *La objetividad en el marco clínico: el doble trabajo de las evidencias*. Panel: Idea y observación: ¿puede la observación clínica evaluar las interpretaciones y las teorías? 43º Congreso de la IPA, Nueva Orleans. www.ipa.org.uk
- FOUCAULT, M. (1969). *L'Archéologie du Savoir*. París: Gallimard.
- FREUD, S. (1925). An autobiographical study. In: *Standard Edition*. v.20, London: The Hogarth Press, 1962.
- GRÜNBAUM, A. (1984). *The foundations of psychoanalysis. A philosophical critique*. Berkeley: University of California Press.
- HOLLAND, N. N. (1998). Reader-response criticism. *Int. J. Psychoanal.* v.79, n.6, 1203-1211.
- HULME, T. S. (1924). Classicism and romanticism. In: ———. *Speculations*. London: Routledge.
- JAMESON, F. (1991). *Postmodernism, or the cultural logic of late capitalism*. Durham: Duke University Press.
- MILLER, J. (1993). *La pasión de Michel Foucault*. Santiago de Chile: Andrés Bello, 1995.
- RICOEUR, P. (1970). *Freud and Philosophy. An essay in interpretation*. New Haven: Yale Univ. Press.
- STRENGER, C. (1989). The classic and the romantic vision in psychoanalysis. *Int. J. Psychoanal.* v. 70, n.4, 593-610.





O inconsciente na pós-modernidade: as tensões epistêmicas

_____. (2002). *The quest for voice in contemporary psychoanalysis*. Madison: International University Press.

TRUPP, M.S. (1999). Letters to the editor. Response. *Int. J. Psychoanal.* v. 80, n.1, 171.

Recebido em 29/06/2003

Aceito em 13/08/2003

Tradução de **Clotilde Pereira de Souza Favalli**

Revisão técnica de **Paulo Henrique Favalli** e **José Carlos Calich**

Jorge Ahumada

Las Heras 3898, 3° "H",
1425 – Buenos Aires – Argentina

E-mail: jahumada@elsitio.net

© Revista de Psicanálise – SPPA





Atenção montador

a página **508** é branca





Epistemologia do inconsciente – Características esquizo-paranóides nos caminhos da ciência e da prática psicanalíticas: tolerância de paradoxos, realismo e idealismo ingênuos*

Paulo Cesar Sandler**, São Paulo

Este estudo compacta investigação publicada sob forma de livros. Constitui uma tentativa de mostrar o ethos da psicanálise através de uma historiografia de idéias. Tenta mostrar que alguns parentescos entre a teoria do conhecimento (ou epistemologia) e a psicanálise. A psicanálise seria a consecução de um projeto delineado, mas temido por Kant: uma exploração tão profunda no âmbito numênico, que se confunde com o âmbito da própria mente. Estudar a mente seria praticar a epistemologia mais pura, pois não se faria epistemologia sem uma apreensão mais firme de seu instrumento príncipes, a própria mente e seus métodos. Outros paralelos funcionais são apontados, por exemplo, as epistemes, na filosofia, são guias subjacentes ou inconscientes para o conhecimento, que demandam elucidação. Equivalem às fantasias inconscientes, na mente e na psicanálise, já que estas últimas são também guias subjacentes e inconscientes para o conhecimento que demandam elucidação. Considera-se que a natureza prática da psicanálise a diferencia da epistemologia tanto no seu berço como na sua razão de ser, a clínica. São propostas as definições quanto à postura psicanalítica básica, ou seja, a tolerância de paradoxos sem tentativas de resolvê-los (que sempre implicam em clivagens) e às duas posturas que impedem o conhecer,

* Esta é a versão em português, bastante modificada, de um estudo apresentado no IPAC, Nice, 2001, no painel oficial sobre Epistemologia e Psicanálise, mediado por Sandor Abend; os outros apresentadores foram Samuel Sizman e Charles Hanly.

** Membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.





Paulo Cesar Sandler

que se propõe denominar de realismo e idealismo ingênuos. Estas tendências – que causaram miséria na filosofia (a guerra idealismo versus realismo) – poderiam ser evitadas pelo analista que aproveitasse da experiência do filósofo. O estudo inclui uma hipótese sobre o estado da mente do pesquisador, em termos da posição esquizo-paranóide. No idealista prevalece o fenômeno esquizóide no realista, o fenômeno paranóide. No movimento psicanalítico, ambos expressam-se pelas adesões fáceis a modelos transplantados, na falta de apreensão ou reação contra a obra de Freud. No realismo ingênuo, a modelos positivistas, no idealismo ingênuo, a modelos hermenêuticos.

“...A teoria pode ser necessária para representar a semelhança entre pessoas separadas por raça, religião, linguagem e espaço, medida em termos de, ou por tempo e distância física. Nossa consideração é como este ‘âmbito’, geralmente deixado a cargo de gênios, possa ser administrado por seres humanos comuns. Nietzsche fala que um grupo precisa produzir ou encontrar gênios; como reconhecê-los e preservá-los quando encontrados? Será a ‘mente’ humana o órgão sensorial que poderia ser adaptado para esta finalidade? Será que a teoria da consciência de Freud pode ser estendida ao todo da mente humana e ao objeto de sua atenção a qualquer coisa que esteja ‘aliás’”

Bion, 1975, p.128

“Ah, clamo por uma musa...qual a chama do ourives e o apagador dos amanauenses – Ela ousará depurar do uso natural dos sentidos o uso antinatural de abstrações, pelo qual nossos conceitos das coisas ficam tão mutilados quanto é blasfemado e fica suprimido o nome do criador”

J.G. Hamann, c.1780¹

Nos tempos anteriores a Freud este estudo dificilmente seria possível. Para Kant, o âmbito do inconsciente, absolutamente negativo, ou “minus” na linguagem proposta por Bion (1962), era incognoscível. Era um conceito-limite. Vivia-se então o primado da “todo-poderosa consciência”, como a chamou Freud na *Interpretação dos Sonhos*.

1. “Ö for a muse like the fire of a goldsmith and like the soap of the fullers! – She will dare to cleanse the natural use of the senses from the unnatural use of abstractions, by which our concepts of things are just as mutilated as the name of the creator is suppressed and blasphemed” (J.G.Hamann, c. 1780), na versão inglesa citada por Isaiah Berlin.





Epistemologia quer dizer “estudo do conhecimento”. Inconsciente quer dizer “não conhecido” (*Unbewußt*). Uma teoria do conhecimento sobre o puro não-conhecido? Teremos nos enredado em uma contradição em termos, ao aceitarmos a consigna dada pela Revista de Psicanálise da SPPA para escrever um estudo?

O convite caiu como um relâmpago. Como na metáfora de Poincaré², era apenas um relâmpago em uma noite escura, mas este relâmpago talvez seja tudo. Pois foi justamente esta a aventura e a pretensão de Freud: conhecer algo não conhecido e desenvolver métodos – notavelmente nunca conhecidos, mas feitos no “aqui e agora”, como escrevia Freud, ou no “spur of the moment”, como escrevia Bion. Faríamos, assim, ao praticar psicanálise, uma “epistemologia” do inconsciente? A misteriosa atividade de psicanálise: conhecer ainda que por lampejos fugazes o que não se conhece jamais – não de modo último. Por métodos sempre desconhecidos, por advirem do paciente e de nossa experiência. O analista, como o físico que estuda micropartículas, vivificaria a metáfora de Otto von Neurath, que dizia que a ciência era um barco que demandava ser construído no momento mesmo em que atravessava o oceano³.

Há uma série de evidências: **i.** da natureza epistemológica da psicanálise; **ii.** de que a epistemologia foi um precursor não-médico da psicanálise, sempre que prestou atenção à mente e à verdade; **iii.** de que a psicanálise nasceu como uma saída à milenar guerra idealismo versus realismo; que talvez não passe de uma, dentre muitas, das persistentes dificuldades de captar o ethos imaterial da mente. Como tantas guerras que divorciam casais, esta divorciou as ciências das humanidades e colocou os dois em perigo (Berlin, 1956).

Em outros textos (Sandler, 1997), tentei mostrar a evidência de como a psicanálise e a física, simultaneamente, apreendem aspectos e manifestações mais próximas aos númena como jamais se conseguira antes. Levou as descobertas de Kant a conseqüências que ele presumia possíveis, mas antes da psicanálise produziram mais obscurantismo do que conhecimento, como as certezas racionais do Positivismo e o Absoluto de Fichte e Hegel. O caráter prático e não filosófico da física e da psicanálise e a atenção a indivíduos desta última parecem ter fornecido o diferencial: a âncora na realidade dos fatos. Ela impede vôos imaginativos desbridados. Por definição Freud usa de modo respeitoso o que os românticos alemães descobriram, o *Unbewußt*, não conhecido. Então, como pode ser conhecido? Conhecer parcialmente, transitariamente, ou conhecer parcialmente um todo – ou totalmente um aspecto de algo –

2. Esta citação foi feita por Wilfred Bion e serve de mote ao livro *Cogitações*.

3. Von Neurath fez parte do “Círculo de Viena”, o núcleo neopositivista formado por Ernst Mach, Moritz Schlick, Ludwig Wittgenstein quando jovem, Rudolph Carnap e outros, que buscavam testar proposições científicas em termos de seu valor-verdade.





continua mantendo vivo o fato de desconhecermos aquilo de modo último. Isto mantém viva a marcha do conhecer.

A epistemologia do inconsciente: psicanálise propriamente dita? Ou psicanálise: epistemologia do inconsciente propriamente dita?

Um paradoxo nos aguarda. Hoje em dia parece factível descrever alguns produtos deste processo de conhecer, psicanálise. Temos seus nomes, graças ao afincamento científico (em outros termos, amor à verdade) e à intuição de alguns grandes autores. Embora os “conheçamos”, pela natureza prática da psicanálise, nunca os conhecemos naquele paciente em particular. As configurações particulares dos “habitantes numênicos” do *Unbewußt* (sinônimo de não conhecido, inconsciente), como elas aparecem no aqui e agora, sempre são desconhecidas. Por vezes emergem pelo seu negativo, ou “menos”, ou podem estar fragmentadas, distorcidas, marcadas por regressão, fixação, inveja e uma infinidade de combinações de tudo isto. Então são conhecidas teoricamente e desconhecidas praticamente; são transcendentais, podem apenas enquanto duram – e isto é fugaz.

Freud nos legou quase todas as formulações verbais destes “habitantes numênicos”, o mais próximo de “O” que se conseguiu chegar: Édipo, transferência, fantasias inconscientes, instintos epistemofílicos, de vida e de morte, dois princípios do funcionamento mental, narcisismo primário, trabalho onírico, relações de objeto e aspectos de culpa ligados a ela. Ele não descobriu o inconsciente, como se diz, mas deu-lhe, via medicina, utilidade prática; certamente descobriu a psicanálise, o trabalho onírico (filho direto do *Bildungskraft* dos românticos), o princípio da realidade (o do prazer/desprazer era conhecido desde os gregos), os instintos de morte.

De sua abertura, alguns estenderam e desenvolveram algo. Klein descreveu como ninguém antes nem depois dela *quais* eram algumas das fantasias inconscientes e nos legou a possibilidade de apreendermos as “posições” e a inveja e a avidez primárias, ligadas e provenientes do narcisismo primário. Estendeu ainda o estudo da culpa, reparação e sua origem no ódio e no amor objetal e o que ocorria nos primórdios da vida humana entre o bebê e a mãe e o pai. Winnicott nos mostrou o falso *self* e o objeto transicional e aprofundou ainda mais a observação sobre vicissitudes das relações inconscientes de mãe e bebê. Bion descreve o funcionar do continente-contido, estende o estudo de Freud sobre desenvolvimento do pensar e do trabalho onírico, centrando-se na introdução do princípio da realidade no inconsciente humano, além de mecanismos de funcionamento inconsciente em grupos.

Não estou incluindo aqui contribuições de autores como Hartmann, Kohut e muitos outros – a consigna diz respeito ao inconsciente, e estes autores lidaram com o ego e a consciência. Será que um estudo sobre “epistemologia do inconsciente” bem poderia parar por aqui? Pois psicanálise propriamente dita é a epistemologia do





inconsciente; ela é a teoria do inconsciente. Constitui o grande estudo de seus “habitantes” – o elenco há pouco expresso. No entanto, por mais que este elenco que tentei compor – não mais que taquígrafia – possa fazer sentido a um analista experiente, ele não passa de uma coleção de jargão.

Caso típico de “mais fácil falar do que fazer”⁴. Sua apreensão não é intelectual. Depende de uma atividade experiencial, “vivível” na hora que ocorre – eterna enquanto dura. Posto que é chama – e se chama psicanálise. Não se pode encontrá-la em um escrito, mas nos consultórios de psicanalistas quando eles se encontram com seus pacientes, durante tantos desencontros e um ou outro encontro. Da pessoa consigo mesma, de modo último. Os dois, paciente e analista, precisam ser “suficientemente bons”. Como os Agamenona multi da *Eneida*, citados por Bion, nós, estes analistas e pacientes, podemos não ter o talento e a oportunidade dos grandes autores. Mas de nós depende a psicanálise mesma, a “epistemologia do inconsciente”.

Definições

Epistemologia é o estudo do conhecimento, das teorias que o justificam e dos obstáculos a este estudo, sejam eles perceptuais, psicológicos e mais recentemente sócio-políticos. Lida com a Percepção e Processos de Pensar. *Episteme* é um fragmento de conhecimento; *Doxa* é o discurso sobre ele. Ambos instrumentam a *Filosofia da Ciência*, que se constituiu no exame crítico das teorias científicas e dos métodos científicos, inclusive aqueles que cuidam da coleta de dados e de sua reunião e ainda de sua comunicação (verbal ou não) e, especialmente, da Refutação (que inclui avaliações de resultados). Estes termos sugerem a semelhança entre os problemas enfrentados pelo epistemólogo e pelo psicanalista⁵. *Epistemologia está para o conhecimento assim como o inconsciente está para a mente*. Objetos internos, instintos e seus equivalentes psíquicos (fantasias inconscientes) são a bengala do cego para a

4. O ditado é dos povos de fala inglesa: “easier said than done”.

5. Estas atividades parecem ser de tal modo aparentadas que a filosofia chegou a ser considerada como único campo autorizado a estudar a mente; a psicanálise foi vista como intrusa; e a psicanálise, que se impôs como protótipo do estudo da mente tem sido vista, tanto elogiosa como denegritoriamente, como filosofia. Esta visão nega-lhe seu *ethos* prático e científico. Durante os últimos dois milênios, os filósofos têm se interessado e desinteressado ciclicamente tanto da verdade como da “mente” e de seu funcionamento. A “mente” e seu funcionar têm sido denominados de modo variado: “entendimento humano”, “espírito”, “alma”, “personalidade”, “caráter”, “realidade psíquica” (depois de Freud). Para alguns, a mente é uma condição da própria existência da filosofia; para outros, seu mais terrível engano.





Paulo Cesar Sandler

vida humana. Podem ser vistos como análogos a “epistemes”: as diretrizes subjacentes para o conhecer, inefáveis e não sensorialmente apreensíveis.⁶

Idealismo, chamado nos tempos de Freud solipsismo e, em tempos mais antigos, de subjetivismo, é a idéia de que o universo e a realidade não passam de criações da mente. Sempre desemboca no relativismo, que entroniza a opinião individual. *Realismo* é a idéia de que a realidade material externa a nós, apreensível pelos cinco sentidos básicos, resume tudo que possa ser visto como realidade.

Mal-estar na filosofia

Vou acoplar a visão epistemológica a respeito da psicanálise à visão psicanalítica a respeito da epistemologia. Talvez possamos aprender a tragédia histórica do epistemólogo, para evitar repeti-la como farsa na história do movimento psicanalítico. Pois, como na música, onde estão os grandes filósofos aparecidos com Confúcio, Platão e aparentemente terminando com Nietzsche? A resposta fácil, pois racional e plausível, do “fim dos grandes sistemas” (apregoadada pelos pós-modernos) parece-me pertencer ao campo da psicofarmacologia e da psicologia, na medida em que provê ansiolítico e terapia de reforço. Parece-me mais que eles se bandearam para a matemática, a física, a biologia.⁷

Nossa investigação, publicada sob forma de livro (a série *A Apreensão da Realidade Psíquica*, publicada desde 1997), mostra que a “guerra” do Idealismo versus o Realismo divorciou a ciência das humanidades. Este divórcio foi observado por Isaiah Berlin, o fundador da moderna historiografia das idéias. As reverberações desta “guerra” no movimento psicanalítico têm afastado os psicanalistas do trabalho de

6. Começando com Freud, muitos analistas pensam que a tarefa da psicanálise muitas vezes se funde com a do epistemólogo – depois de Freud, Sandor Ferenczi, Ernest Jones, Melanie Klein, Edward Glover, Donald Winnicott, H. Searles, Wilfred R. Bion, Roger Money-Kyrle, Theodor Reik, Elliott Jaques, J.O. Wisdom, Karl Menninger, George Klein, André Green e James Grotstein mantiveram a “postura epistemológica”. Epistemologia parece a este autor um ancestral da psicanálise. Suponho que Gaston Bachelard foi um dos primeiros estudiosos a pensar deste modo. Seu modo é realizado de modo inverso ao que proponho aqui e que me parece ter sido o de Freud; pois psicanálise nasce da clínica, mas Bachelard não contou com a experiência clínica.

7. “*Se a psicanálise não provê um refúgio seguro para seus asnos selvagens...*” (Bion, 1975, p. 9). Creio que os filósofos, abandonando a verdade e a mente, não cuidaram da filosofia. Ave de arribação, procurou refúgios mais seguros: os grandes pensadores pós-Nietzsche, Buber e Bérngson, com exceção de Santayana, parecem ter sido físicos (Planck, Einstein, Heisenberg), matemáticos (Poincaré, Schrödinger), biólogos (Dobzhansky), sociólogos (Weber). Outros, de Braithwaite a Russell, de Bachelard a Derrida, de Mills a Nozick, de Cassirer a Habermas, parecem-me mais aplicadores (artesãos) do que descobridores. Como Furtwangler, Schnabel, Menuhim, Pressler, artesãos; diferem de artistas, Bach, Mozart, Beethoven, Brahms. “Où sont les neiges d’antan?”. Onde estão os Spinoza, Bacon, Pascal, Kant, Goethe, Hegel, Schopenhauer de hoje em dia?





Freud, como tentamos mostrar em um estudo publicado na *Revue Française de Psychanalyse* (Sandler, 2001). Esta guerra foi consequência do que propus chamar a “primeira grande clivagem” na história do pensar: aquela havida entre mente e matéria. Ligada ao estado de mente de pessoas como Aristóteles e Descartes, perdurou – e ainda perdura no positivismo – por mais de 2000 anos. Só teve uma alternativa com as obras de Freud, Planck e Einstein.

Epistemologia e psicanálise: parentes, amigas ou estranhas?

Aquilo que foi descoberto no movimento romântico como constituindo os instintos e operacionalizado medicamente (a serviço de indivíduos em certos sofrimentos de sua vida) por Freud são algo para nossa vida; o mesmo se aplica para as “epistemes”. Instintos e epistemes são *diretrizes subjacentes* para o conhecer.

A “necessidade de conhecer” do ser humano – o instinto epistemofílico observado por Freud⁸, filho direto do “impulso (ou “ânsia”) de conhecer” referido por Aristóteles na *Metafísica* – desenvolveu esforços para apreender a realidade *como ela é* (como diziam Francis Bacon, Samuel Johnson e Immanuel Kant). Este desenvolvimento foi irregular por ter comportado *démarches*. Vem de Platão e chega aos cabalistas; interrompe-se então pelo catolicismo romano. É retomado por Kant e segue agora sem interrupção do iluminismo e da medicina para os românticos alemães; culmina em Freud, nos físicos modernos e nas contribuições de Klein, Winnicott e Bion. Este desenvolvimento nos permite afirmar hoje que este avanço em tentar satisfazer a necessidade do ser humano de conhecer se deu por meio de abstrações, gradualmente “de-sensorializadas”. Os modos pré-verbais parecem ter sido os mais antigos: constituíram as Artes (Música, Pintura, Escultura). Há dúvidas se a aquisição da linguagem precedeu as inscrições rupestres; mas certamente modos verbais sofisticados foram muito posteriores: Mitos, Prosa/Poesia, Teatro, Filosofia, Ciência.

O critério mais antigo que se conhece para a ciência, desenvolvido por Aristóteles, Descartes e Locke, foi o de que é necessário haver uma concordância racional entre idéias. Esta concordância deu-se por meio da lógica euclidiana. Mas ela criou um esquema auto-alimentante, racional e lógico, tornando impossível a distinção entre o pensador e o louco – como observou Hume. Assenhorar-se de lógicas internas

8. Por um fato talvez iluminado pelo ódio ao conhecer, metaforicamente ilustrado em mitos como o da expulsão do paraíso após Eva ter provado o pomo da árvore da sabedoria ou o mito de Babel, a literatura psicanalítica atribui a Melanie Klein a autoria do conceito, instinto epistemofílico. Ela jamais reivindicou isto. Freud o formula no caso do pequeno Hans.





Paulo Cesar Sandler

não conduz a descobertas, mas a circularidades que dotam a dedução de uma credibilidade ilusória, meramente *a priori* (descobre-se oracularmente aquilo mesmo que se predisse que se iria descobrir⁹), e a indução, de uma credibilidade *ad hoc*.

Mas a ciência real demanda uma coerência entre idéias (conceitos) e experiência (objetos empíricos de estudo). Spinoza e Kant observaram esta necessidade, que fez renascer a ciência. O âmbito artístico da ciência e o âmbito científico da arte se estabelecem em uma busca intuitiva por *elementos básicos* que permitem generalizações atemporais que abarcam casos individuais. A formulação destes elementos lampeja a realidade transcendente última. Embora incognoscível de modo último, é intuível através de formulações simbólicas como $E=mc^2$, Édipo. Estes modelos (Kant, 1781; Freud, 1938; Bion, 1962, 1963, 1965) científicos esboçam fugaz e transitoriamente suas contrapartes na realidade já existente. Foi assim que Freud irrompeu no âmbito numênico, que Kant contemplou mas temia adentrar.

Semelhanças

A psicanálise lida com a Verdade e a Mente através da uma intuição disciplinada, livre da corretagem da razão e, em um certo momento, dos sentidos. Integra em um quadro de referência médico os *insights* sobre a verdade, mente, vida e natureza obtidas pelo desenterrar que pessoas dos séculos dezessete, dezoito e dezenove¹⁰ fizeram do *cognitio dei experimentalis* dos antigos gregos e dos cabalistas¹¹. As “Formas” e o demiurgo de Platão são formulações ancestrais da Realidade Psíquica e da Realidade Material e também de Conteúdo Latente e Manifesto, respectivamente.

Diferenças

Equipados com intuição não-mística para se impulsionarem no desconhecido, os Românticos foram além das aparências sensorialmente apreensíveis. Freud foi ainda mais longe: a experiência viva permitiu-lhe explorar o âmbito paradoxal, atem-

9. A expansão deste ponto para uso de psicanalistas encontra-se na descrição do método dedutivo e sua análise crítica, no volume I da série *A Apreensão da Realidade Psíquica*.

10. Quando menciono a Renascença, espero que o leitor o perceba, a Grécia Antiga está implícita.

11. Esta foi a frase cunhada por São Thomas de Aquino. “Dei” pode ser substituído hoje pelos Noumena de Kant, ou ciência, ou arte, ou pelo “O” de Bion. Ver Scholem, G. (1941). *A Mística Judaica*, versão brasileira, supervisionada por J. Guinsburg. S. Paulo: Perspectiva (english version, *Major Trends in Jewish Mysticism*); Yates, F. (1979). *The Occult and the supernatural in the Elisabethan Age*: Ark Paperbacks; D’Arcy, M.C. (1953). *St. Thomas Aquinas*. Dublin: Clonmore & Reynolds.





poral/transitório do inconsciente, moradia da verdade e mentira humanas. Freud aperfeiçoou a apreensão da realidade externa através da apreensão da Realidade Psíquica interna. Sua dedicação médica para com o indivíduo que sofre traz utilidade prática para a condição do epistemólogo. Considerar a Natureza e a Realidade tais como são o capacitaram a ultrapassar o princípio do prazer/desprazer, para trazer à luz a existência de um Princípio da Realidade. Este último é o gerador de uma função epistemológica da mente. A clínica engendrou um vértice que não “fala a respeito de”, mas “é” e “sofre”. Onde havia “verdades absolutas”, explicativas, positivas, Freud permitiu que houvesse a natureza “negativa”. Isto foi desenvolvido por Bion e Green: a função do “menos”, do não. Na prática isto significa considerar o valor da frustração e da alucinação. A psicanálise transformou o “conhece-te a ti mesmo” socrático em um “tornar-se quem se é” (Bion, 1965, p.148 e seguintes); eu acrescentaria, através de se conhecer, ainda que transitoriamente, a verdade e a mentira de cada um. Transferência, identificação projetiva, podem ser consideradas como mentiras, erros epistemológicos. Através de um intuir “binocular” (Bion, 1962) ou em “dupla via” (Grotstein, 1981, 2002) de pares paradoxais, discrimina-se aquilo que é daquilo que não é, o real do irreal: “o...efeito da psicanálise, caso exista, depende do quanto o analisando foi capaz de usar a experiência para ver um aspecto de sua vida, ou seja, ele mesmo, como ele é....a psicanálise é uma atividade do analisando e do analista para determinar a verdade; assim, os dois estão engajados – não importa o quão imperfeitamente – naquilo que é, em sua intenção, uma atividade científica” (Bion, 1992).

Espero que o leitor perdoe a indulgência de uma fábula: um hominídeo macho ouve o choro de um serzinho que mais parece miniatura sua, desamparado. Terá sido este o nascimento do conhecimento, quando este hominídeo tolerou a perda de sua parceira – até então vista exclusivamente como fonte de prazer – e a ligou paradoxalmente ao estímulo acústico de dor. Dor até então do serzinho, agora sua também? Teria este hominídeo sido capaz de substituir o ato prazeroso com o pensamento de uma experiência emocional ligada a uma necessidade natural – o casal sexual criativo e sua criação?

Origens

Os fatos clínicos capacitaram Freud a dispensar a episteme explicativa de causas e efeitos ligados por lógica. Ele libertou a psicanálise da ilusão do observador neutro, pois nossa personalidade é tanto nosso método quanto nosso objeto de estudo. A análise pessoal é nossa ferramenta epistemológica. Permite algum conhecimento das interferências que o observador participante – o analista – exerce sobre os





Paulo Cesar Sandler

fenômenos observados. Foi assim que ele iluminou os dois princípios do funcionamento mental; que o sonhar é uma ferramenta epistemológica da mente individual para se conhecer autocriticamente; os três instintos básicos (de vida, morte e epistemofílico) e o narcisismo primário. O “historicismo” (aqui entendido como um método de análise desenvolvido por Vico, Hamann e von Herder)¹² permitiu que Freud usasse os mitos como “*ferramentas para encontrar fatos*” (Bion, 1992, p.114)¹³ que evocam “*invariâncias*” transcendentais; ele desenterrou Édipo¹⁴ e observou a existência daquilo que nomeou (pois não havia nenhum nome disponível) de fantasias inconscientes e objetos internos. O âmbito numênico descrito por Kant corresponde – e nos parece ter originado o conceito de “realidade psíquica”. Freud não formulou o inconsciente, os românticos alemães o fizeram. Mas ele formulou pela primeira vez na história da civilização ocidental o conceito de realidade psíquica e material (númena e fenômenos).

Hegel desenvolveu a dialética grega; de um embate destrutivo de opostos (tipificados pelos sofistas) surgiu a complementaridade das teses e antíteses resultando em sínteses. Nossa sugestão é que, assim como Freud vem de Kant, o interjogo das posições esquizo-paranoide e depressiva e a continuidade da iluminação dos conteúdos paradoxais das “phantasias” (ou fantasias inconscientes, como hoje são mais comumente chamadas), as funções, vínculos e transformações/invariâncias descritas por Bion originam-se da obra de Hegel. O mesmo vale para o seio, paradoxalmente criado pelo bebê e já existente. Os pares dialéticos descritos por Hegel beneficiam-se das conquistas do Iluminismo e transformam-se em contrapontos vivos, se-moventes. Não de um modo guerreiro, mas criativo (algo que os hegelianos de esquerda jamais captaram).¹⁵

Talvez a primeira reação da prática científica que se desvencilhou do positivismo – ele mesmo uma reação aos excessos idealistas do romantismo – tenha sido a psicanálise, ao se afastar de relações de causa e efeito e previsibilidades. Pois Hegel

12. Muito diferente do modo de Heidegger; esta distinção me parece fundamental.

13. Myths are powerful enough to convey macro, universal truths and it they also are valid at the micro, individual level, as part 'of the primitive apparatus of the individual's armoury of learning'. In the text that considers the myth as a 'fact-finding tool', Bion states explicitly: "I wish to restore its place in our methods so that it can play the vitalizing part there that it has played in history and in Freud's discovery of psychoanalysis" (Bion, 1963, p. 66). He scrutinizes the Oedipus Myth (Bion, 1963) and the myth of Babel (Bion, c. 1960, published in 1992, p. 226)

14. Diferente de conceitos filosóficos, eles têm uma contraparte na vida de cada pessoa. Bion, que observou que análise real é vida real, também propôs que considerássemos os dois princípios do funcionamento mental; o interjogo das posições formuladas por Klein está entre as formulações mais próximas dos númena que o ser humano já conseguiu fazer.

15. Estas afirmações podem parecer excessivamente resumidas ou até arbitrárias. A investigação que as fundamenta está nos volumes III, IV, V e especialmente VI e VII da série *A Apreensão da Realidade Psíquica*, publicada pela Imago, 2000-2003.





queria ter fundado uma ciência, mas seu objeto nunca foi empírico e sim a própria ciência, restringiu-se a uma teoria da ciência. O positivismo e os formalismos imperaram depois de Hegel. O positivismo foi um movimento, inventado por Comte, depois transformado em religião, que tentou ditar e padronizar critérios que determinassem o que é ciência e se algo é ciência; adaptou o cartesianismo a uma caricatura do empirismo: neutralidade do observador, crença em causas e efeitos, previsibilidade, apreensão dos fenômenos limitada ao sensorio e à materialidade, tri-dimensionalidade, dedução e indução baseadas em lógica formal. Posteriormente, com Popper, que retrocedera do neo-positivismo para o positivismo, adotou mais dois critérios: falseabilidade e reprodutibilidade dos fenômenos dos experimentos científicos. Formalismos são padronizações de métodos para assegurar resultados; tentou-se impô-los, sem sucesso, na matemática, até 1934, quando Gödel demonstrou sua impossibilidade. Produziram, apontou Adorno, reificações dos métodos. Ambos provavam ser de tal modo limitados que se invalidaram. Alguns ramos de investigação continuam acreditando – trata-se apenas de uma crença – na supersimplificação positivista, como nas assim chamadas neurociências. Quase simultaneamente à psicanálise (1905), a física desafia a materialidade, sensorialidade, causalidade e neutralidade do observador e, trinta anos depois, a matemática desiste do formalismo. Neste entretempo, surge o neo-positivismo, que abomina a intuição e tenta testar o valor verdade de proposições e enunciados científicos de modos que podem ser vistos como lógico-gramaticais. Mach, Schlick, o jovem Wittgenstein, Carnap e Lakatos podem ser vistos como seus expoentes.

Bion tentou validar as interpretações do analista por meio da proposta neo-positivista e, assim, aristotelicamente, discerniu no discurso psicanalítico os objetos, elementos, transformações e seu “valor verdade”. Posteriormente tentou uma “busca da Verdade, ‘O’”, sendo “O” seu símbolo para o âmbito numênico.

Os grandes autores da psicanálise evitaram “*uma engenhosa manipulação de símbolos*” (Bion, 1975, p.102). Não se arriscaram a criar “*uma vasta paramnesia para preencher o vácuo de nossa ignorância*” (Bion, 1979, p.152-3). Ao invés disto, observaram conjunções constantes de senso comum e as formularam através de uma “*linguagem de consecução*”. Observaram associações livres (que se constituem na atividade do brincar, no adulto) no “aqui e agora” da sessão. Assim como as condições de partícula-onda, ou matéria-energia, nas quais convive um paradoxo monista de dois estados, a imaterialidade psíquica (ou da mente, seja qual for o nome que se lhe dê) possui contrapartes na realidade material e ambas as formas de uma existência convivem.





Duas ingenuidades

Mas a mente provou ser “...um fardo excessivo, que a besta dos sentidos não pode carregar” (Bion, 1975, p. 85). Parafrazeando, agora com a verdade, a paradoxal realidade tal como ela é, invariavelmente sentida como frustradora e na maior parte das ocasiões realmente frustradora, acaba sendo um fardo excessivo que a besta do desejo não pode carregar. Estes fardos excessivos estão implicados nas “Duas Grandes Clivagens”¹⁶ da história ocidental, duas grandes guerras travadas em nome do conhecimento, mas contra o conhecer:

- i. Imanência de transcendência;
- ii. Matéria de mente.

Como em qualquer guerra, a primeira vítima foi a Verdade. “Ou” substituiu o “e” integrador: matéria *ou* energia, mente *ou* *body*, psique *ou* soma, certo *ou* errado, causa *ou* efeito, insano *ou* normal, dor *ou* prazer, conhecido *ou* desconhecido, bom *ou* mau, pênis *ou* seio, mãe *ou* pai, amigo *ou* inimigo, realidade *ou* alucinação e, a mais danosa para o analista, Realidade Psíquica *ou* Realidade Material. Duas posturas provêm destas clivagens que abominam paradoxos¹⁷.

Idealismo ingênuo

Um desprezo totalitário pela Verdade. Tipifica os povos primitivos, as crianças e a personalidade psicótica de uma forma modificada, por mesclar desafio cínico a desprezo, à delinquência. Trata-se da crença de que a mente é um produto da imaginação individual ou grupal. Nega uma “realidade lá fora” e nega “pensamentos sem pensar”. “*A imaginação é a base do conhecimento*”, dizia Hitler. (Cohen, 1989). Em nosso campo é representada por uma defesa de explicações hermenêuticas (no sentido de Gadamer e Heidegger), explicações de significados e descrições de significados que abominam as generalizações, não são susceptíveis à verificação. O idealismo concebe o ser humano como um criador divino-símile¹⁸, reduzindo ciência

16. Penso que eles divorciaram a ciência das humanidades. Aristóteles iniciou este divórcio; São Tomás de Aquino o aprofundou, assim como Maimonides, Avicena, Descartes e Comte; Spinoza, Goethe, Freud, Planck e Einstein o reverteram.

17. Kant criticou tanto a “razão pura”, quanto sua contraparte negativa, o “idealismo cego”, mas deixou sementes ambivalentes no que se refere à experiência; não tendo sido capaz de ser um cientista, sua carreira muito breve nesta área produziu alguns vôos imaginativos selvagens, como a idéia de que o vento que sopra no Mar do Norte seria gélido pelo fato de ter que cruzar o Oceano. O trabalho de Kant deixa margens a ser tomado de modo clivado; tanto o realismo, quanto o idealismo são parte integral de sua herança, tão importantes quanto seus alertas a respeito deles.

18. Como no pensamento do Bispo Berkeley; criticado abertamente por Kant, neste esquema não haveria coisas, apenas idéias.





a ideologia¹⁹, postulando acordos políticos entre grupos de pares que escolhem “paradigmas” sem a menor consideração à realidade dos fatos.²⁰

“P.A.: E é isto mesmo; não consigo ver por que razão uma partícula biológica infinitamente pequena que é lançada do centro galáctico sobre um torrão de sujeira – a que nós demos o nome de Terra – poderia, durante uma vida efêmera que não dura nem mesmo mil voltas em torno de um sol, imaginar que o Universo das Galáxias está em conformidade com suas limitações.

PAUL: As leis da natureza são apenas as leis do pensamento científico.

ROBIN: E se aceita rapidamente, como se fosse algo pleno de significado, que estas forças colossais ‘obedecem’ às leis do mesmo modo que nós obedecemos convenções sociais” (Bion, 1975, cap.5).

A advocacia que os “pós-modernos” fazem do discurso e a análise metafórica que lida com as palavras de um modo antropomórfico/animista – como se o discurso e as palavras pudessem gerar sentidos ou suas relações – um desprezo tipo Pôncio Pilatos assevera – obviamente, sem evidência empírica, apenas com base em raciocínios que a verdade é um assunto não filosófico (Rorty, R, op. cit). Privilegiam o significativo às expensas do significado, lidando com as palavras de um modo antropomórfico e animista, como se pudessem gerar significado de modo autônomo, ape-

19. Os pós-modernos podem ser vistos como provenientes dos excessos do estruturalismo; ver Lévy-Strauss, C. (1950), “Introduction a l’ouvre de Marcel Mauss”, in *Sociologie et anthropologie*, by M. Mauss, PUF; Althusser, L. (1967). *Philosophy and the Spontaneous Philosophy of the Scientists and Other Essays*. Verso, 1990, pp. 200-239; Feyerabend, P.K.(1975). *Science in a Free Society*; e também *Against Method*, ambos da New Left Books; Foucault, M. *El Nacimiento de la Clínica* (1963), versão em espanhol, por F. Perujo, Siglo Veinteuno. Pode-se ainda citar os enunciados simplistas vestidos de um palavrório epistemológico da moda, como os que dizem que a psicanálise seria uma prática vitoriana; à mesma episteme falsa contraditoriamente subjaz o enunciado que sempre acompanha o anterior, qual vagão tender, de que psicanálise seria uma prática judaico-bolshevista. Hoje é vista como judaica. A episteme básica é a idéia de que a psicanálise é decadente.

20. Thomas Kuhn, na esteira de Karl Popper, defendeu a descartabilidade da ciência; confundiu uma crítica de costumes da falsa ciência com ciência real. Imre Lakatos, apesar de sua polêmica política com Kuhn, apreendendo que este último defendia uma visão idealista totalitária e politizada (o “Ovo da serpente”, na metáfora filmada por Ingmar Bergmann), seguiu o mesmo caminho. Esta idéia de descartabilidade, ou seja, que uma boa ciência é aquela que pode ser provada falsa, é um totalitarismo que nega a existência da verdade. Ver Kuhn, T.(1970). *The StructureRevolutions*; Chicago Un. Press; Rorty, R. (1982). *The Consequences of Pragmatism*, cap. 6, Harvester; Lakatos, I. (1963-4). *Proofs and Refutations*, publicado em quatro partes, *Brit J. Phil. Sci.* 14; Lakatos, I & Musgrave, A.E., editors, (1970), *Criticism and the Growth of Knowledge*. Cambridge. Estas tendências se acoplam à visão de que toda ciência seria ideologicamente orientada, tipificada por Louis Althusser.





Paulo Cesar Sandler

nas através de suas interrelações²¹. “*Aqui está uma vantagem do psicanalista sobre o filósofo: seus enunciados podem ser relacionados a ‘realizações’; e as ‘realizações’²², a uma teoria psicanalítica. O que o pensamento psicanalítico requer é um método de notação e regras para seu emprego. Elas nos habilitarão a fazer o trabalho na ausência do objeto, para facilitar a continuidade do trabalho na presença do objeto. Há tempos se reconhece a barreira para este trabalho constituída pela atividade desbrida das fantasias do analista: enunciados pedantes por um lado e verbalização carregada de implicações não observadas por outro; elas significam que o potencial para mal-entendidos e deduções falsas é tão elevado que chega ao ponto de pôr a perder o valor de um trabalho executado com instrumentos tão defeituosos*” (Bion, 1965, p.44). Culmina na legalização das opiniões individuais, uma postura “leitura-über-alles” que elogia a imaginação ligada ao desejo como a única verdade a que o homem pode aspirar. Desprezam-se os desenvolvimentos que Freud fez para além do princípio do prazer/desprazer; assim, a episteme psicanalítica (ou pretensamente psicanalítica) desta “psicanálise” é uma pré-psicanálise, dos tempos de um Freud ofuscado por satisfação de desejo, dos seus tempos da cocaína e das relações causais. Com o combustível do “pouco saber”²³, os pós-modernos parecem incapazes de “...apreender o fato de que a natureza da relatividade... inclui o paradoxo” (Bion, 1975). Estas leituras desfiguram a bissexualidade observada por Freud e a relatividade observada por Einstein em um relativismo e o Princípio da Incerteza de Heisenberg em um “Princípio da Ignorância”. Tomam a incognoscibilidade última de “O” (o símbolo que Bion propôs para o âmbito numênico) pela sua inexistência; que, em última análise, é uma profunda negação da existência da verdade e da realidade.

Quando não se apreende o âmbito não sensorialmente apreensível e imaterial dos númena, há concomitantemente uma clivagem. Ela supervaloriza uma “mente” mal apreendida de um modo alucinado, desencarnado, escravizado pelo desejo. O idealista ingênuo vive em uma pobreza travestida de riqueza auto-atribuída, cujo

21. No movimento psicanalítico, o textualismo de Ricouer e suas adaptações, por Lyotard. Ver Ricouer, P. (1977). The question of Proof in Freud's psycho-analytical writing. *J.A.P.A.*25:835; Derrida, J. (1978) Structure, Sign, and Play in the Discourse of the Human Sciences, em *Writing and Difference*, Routledge & Kegan Paul; Lyotard, J.F (1979). *The Post Modern Condition*; Manchester, 1984. Penso que estes autores distorceram, por exagero e facciosidade, o trabalho de Bachelard e de Derrida; aos primeiros me parece faltar o cuidado em relação à realidade e verdade; o elogio das leituras individuais pode ser visto nos escritos de Deleuze, Foucault, Latour. Ver Bachelard, G. (1938). *A Formação do Espírito Científico (contribuição para uma psicanálise do conhecimento)*. Versão brasileira, por E.S.Abreu. São Paulo: Contraponto, 1996.

22. “realize” no original. Não há equivalente em português. Corresponde a um processo mental de “tornar real”, dar-se conta internamente de algo.

23. Talvez o trabalho de Gilles Deleuze seja um exemplo paradigmático desta tendência. Sokal e Brickmont expuseram a questão do pouco saber entre os pós-modernos. Sokal, A. & Brickmont, J. (1998). *Fashionable Nonsense. Postmodern intellectuals' abuse of Science*. New York: Picador.





conteúdo seria a imaginação individual. Nega que a criação real demande um casal. Fica perplexo quando as leis da ciência natural não obedecem às leis de seu funcionamento mental²⁴ (Bion, 1967). Schiller o descreve como o “poeta sentimental” (“Sentimentalische Dichter”): “sua observação é deslocada pela sua imaginação; sua sensibilidade, por suas idéias”²⁵ (Schiller, 1795).

Realismo ingênuo

Houve na filosofia uma reação contra o idealismo ingênuo, que hoje existe também no movimento psicanalítico. Trata-se do *Realismo ingênuo*, que desconsidera a Mente. A “ciência” positivista acredita que a realidade possa ser apreendida baseando-se no aparelho humano cuja função é concretizar certos estímulos. Ou manter concretos, ainda que sob formas modificadas em relação ao estímulo, os sentidos e a consciência racional que privilegia os fenômenos sobre os númena. Elementos (na acepção mais pura do termo) empiricamente intuídos – como aqueles intuídos por Freud, Einstein, Planck, Shakespeare e muitos outros – ficam substituídos por tentativas de extrair raízes. Mas elementos não são raízes, causas últimas; são relações, geralmente binárias. O realista ingênuo acredita tornar a realidade tangível por meio da descrição de causas, predição de efeitos, leis racionais e a locação das coisas em um modelo euclidiano-cartesiano que fica sendo tomado pela própria realidade. O realismo ingênuo nega que a razão é escrava da paixão (Bion, 1965, p.73).

A impossibilidade de intuir a natureza transcendente negativa das Formas (platonianas) transmuta os númena, na mente do realista ingênuo, em imanências positivas, concretizadas. O realista ingênuo parece não conseguir observar que a reprodutibilidade dos fenômenos analíticos depende da intuição de sua natureza não sensorialmente apreensível, não concreta, e não de uma crença em uma neutralidade axiomática do observador, que é o gerador de uma reificação dos métodos (Adorno et al, 1969). A quantificação positivista de dados “clínicos” os reduz às suas manifestações concretas. O realista ingênuo vive em uma pobreza mental plena de concretude vazia. Tenta aplicar a objetos animados os métodos apropriados para lidar com objetos inanimados. Seus conceitos são destituídos de elementos-chaves e de invariâncias elementares.

Os “paradigmas” do idealista ingênuo e a “falseabilidade” do realista ingênuo têm em comum sua aversão à Verdade, “O”: ambos criam uma ciência sempre mutan-

24. Ver especialmente “A Theory of Schizophrenia” e “Development of Schizophrenic Thought”.

25. Pode-se notar que uso o termo “ingênuo” no mesmo sentido de Kant, Cassirer e Bachelard; difere do uso de Schiller.





Paulo Cesar Sandler

te. Ambos coletam paramnésias eruditas, advocatícias que negam o inconsciente. Ambos hipervalorizam a realidade material, seja entronizando-a (positivismo), ou negando-a (idealismo).

Uma visão psicanalítica

Estarão a análise pessoal e a intuição analiticamente treinada e o aprender da experiência clínica fadados a serem substituídos por aprendizados racionais e “paradigmas” importados que fracassaram em seus próprios campos? Será mesmo possível substituir o sofrimento romântico das experiências intuitivas apaixonadas da análise pessoal, do analisar pessoas, por vãos indisciplinados de imaginação erudita – por um lado – ou por quantificações de dados grosseiros, grosseiramente captados (como contagem de palavras, interrupção de sonhos e assemelhados)? Não seria hora de retornar ao empirismo puramente psicanalítico, o empirismo clínico? Mas como retornar a ele, em tempos de tanto ataque à análise pessoal?

Uma fonte de engano parece ser a subserviência do desejo e do prazer, que se manifesta como desconsideração à verdade e ao amor e a um desprezo senso-concretizado à mente e à vida. “Invariâncias” são suplantadas por uma “pluralidade de significados”, que parecem se originar tanto da imaginação do analista quanto dos conteúdos manifestos do analisando. O não-seio, ou seja, o que surge entre o seio real e o seio idealizado, faz com que seja possível o pensar, ao tolerar o âmbito do negativo. Não tolerar que o seio real difira do seio que é desejado (ou mesmo necessitado), de um modo inevitavelmente frustrador, pode ser a base das duas ingenuidades. Elas ficam imobilizadas na posição esquizo-paranóide. O idealista alucina o seio ideal; prevalecem fenômenos paranóides. O realista concretiza o seio que não pode prover conforto; prevalecem fenômenos esquizóides.

O senso de verdade

Uma contribuição psicanalítica à epistemologia é o conceito de “senso de verdade” (Bion, 1961), obtido quando a pessoa se dá conta de que o objeto que é amado e o objeto que é odiado são o mesmo e um só objeto. Lida com pares antitéticos e seu desfecho, incluindo a criação, vida e a natureza tais como são – um avanço no desconhecido. Caso falte o senso de verdade, ocorrem tentativas concretas de se tornar dono de uma “verdade absoluta”. O senso de verdade torna possível aquilo que sugeri anteriormente como caracterização da postura psicanalítica básica: tolerar parado-





xos sem tentar resolvê-los. Sem esta tolerância, Religião substitui Pesquisa, Prescrição substitui Descrição, Moral substitui Compreensão, Representação substitui Apresentação, Entendimento substitui Apreensão, Deveria substitui a apreensão daquilo que é (como é), falsa complacência e conluio substituem “estar uno a” (“atonement”, Bion, 1970). O paciente aprende sobre análise, mas permanece virgem de análise. A tarefa psicanalítica equaciona-se com a adaptação a um padrão *a priori* – que é sempre alguma teoria psicanalítica. O resultado geralmente é uma cura definida culturalmente: uma adaptação externa e não interna, do self com o verdadeiro self. Nenhum dos dois ingênuos podem descobrir Funções Reais, nem tampouco Elementos – e menos ainda Verdade, “O”, que aparecem em pares paradoxais, tanto em teorias como no aqui e agora da sessão. Esta transcendência intuível, feita do que é verdade, através de seu poder totalizante, que ao mesmo tempo generaliza e dá conta de casos particulares, confere cientificidade a uma teoria. Não é criação do paciente nem do analista.

O praticante idealista é o aprendiz de feiticeiro no movimento psicanalítico, aferrando-se à imaginação e aos sentimentos violentos como se eles fossem a base do conhecimento. O realista, o engenheiro de nosso movimento, não consegue ultrapassar os conteúdos manifestos. Ambos confundem a atividade alucinatoria da mente, um contraponto negativo da apreensão da realidade, com fantasiar e sonhar. O idealista a exagera; o realista a vê como patologia. Os psicanalistas de hoje poderiam aprender com uma menininha talentosa de cinco anos, em seu terceiro ano de análise: “É fácil desenhar um ursinho de pelúcia. Você precisa ter um ursinho de pelúcia, prestar atenção nele e então você imagina um pouquinho”. □

Abstract

This paper compacts investigation published elsewhere as books. It constitutes an attempt to present the ethos of psycho-analysis through a historiography of ideas. It tries to establish some kinships between epistemology (theory of knowledge) and psycho-analysis. The latter seems to be the achievement of a task outlined but at the same time feared by Kant. It is so a deep exploration in the noumenal realm that is mistaken as the realm of the mind itself. To study the mind would be the purest epistemology. It would not be possible to practice epistemology if it lacked a firm grasp of its main tool, mind itself and its methods. The study pinpoints other functional parallels: for example, the fact that epistemes, in philosophy, are underlying or unconscious guidelines to knowledge awaiting elucidation. They are in this sense equivalent to the unconscious phantasies, in one’s mind and to the analytic theory.





Paulo Cesar Sandler

For the latter also are underlying, unconscious guidelines to get knowledge, awaiting illumination. The author considers that the practical nature of psycho-analysis differentiates it from epistemology, due to its cradle which is also its *raison-d'être*; namely, the clinic. Some definitions are proposed: (i) about the basic psycho-analytic posture, namely, the tolerance of paradoxes with no attempts to resolve them (these trials always have splitting as their aftermath); (ii) about two postures that hamper or precludes knowledge, namely, the naïve realism and the naïve idealism. The analyst is enabled to avoid these trends if he profits from the philosopher's experiences which caused the misery of philosophy (the idealism versus realism conundrum). The paper includes a hypothesis about the researcher's state of mind in terms of the paranoid-schizoid position. In the realist, schizoid phenomena prevail; in the idealist paranoid phenomena prevail. In the psycho-analytic movement the two tendencies express themselves by the easy adhesion to transplanted models extraneous to analysis, as a replacement to the lack of apprehension or even attack toward Freud's work. In the naïve realism the adhesion is to positivist models; in the naïve idealism, to hermeneutic models.

Resumen

Este estudio compacta la investigación publicada en la forma de libros. Constituye un intento de mostrar el Ethos del Psicoanálisis por intermedio de una historiografía de ideas. Trata de mostrar alguna parentela entre la teoría del conocimiento (o epistemología) y el psicoanálisis. El psicoanálisis sería la consecución de un proyecto delineado, pero temido por Kant: una explotación tan profunda en el ámbito de los números, que se confunde con el ámbito de la propia mente. Estudiar la mente sería practicar la epistemología más pura, pues no se practicaría la epistemología sin una apprehensión más firme de su instrumento *princeps*, la propia mente y sus métodos. Otros paralelos funcionales son señalados, por ejemplo, las epistemes, en la filosofía, son guías subyacentes o inconscientes para el conocimiento, que demandan elucidación. Son equivalentes a las fantasías inconscientes en la mente y en el psicoanálisis, ya que estas últimas también son guías subyacentes e inconscientes para el conocimiento que demandan elucidación. Se considera que la naturaleza práctica del psicoanálisis la diferencia de la epistemología, pudiendo ser en su origen como en su razón de ser, en la clínica. Son planteadas las definiciones sobre la postura psicoanalítica básica, o sea, la intolerancia para paradojas sin tratativas de resolverlas (que siempre implica en clivages) y las dos posturas que impiden el conocimiento, que se propone denominar de realismo e idealismo ingenuos. Estas tendencias que causaron la mise-





ria en la filosofía – (la guerra del idealismo versus realismo) – podrían ser evitadas por el analista que viniera a aprovechar de la experiencia del filósofo. El estudio incluye una hipótesis sobre el estado de la mente del investigador en términos de la posición esquizo-paranoide. En el idealista prevalece el fenómeno esquizoide, en el idealista, el fenómeno paranoide. En el movimiento psicoanalítico, los dos se expresan por medio de adhesiones fáciles a los modelos trasplantados, en la falta de aprehensión o reacción contra la obra de Freud: en el realismo ingenuo, a los modelos positivistas; en el idealismo ingenuo, a los modelos hermenéuticos.

Agradecimentos: à Dra Viviane Mondrzak e Dr José Carlos Calich, pelo convite para publicar estas idéias e acolhida; aos Drs Jorge Canestri, pelo estímulo à versão original em inglês e pela oportunidade da divulgação inicial do estudo, no IPAC – Nice 2001; e ao Dr André Green e Sra Francesca Bion, pela leitura dos originais e sugestões; e de modo especial, ao Dr Aldo Luiz Duarte, pelo contínuo apoio, contraponto e leitura dos textos que serviram de base para este estudo.

Referências

- ADORNO, T.; POPPER, K.R.; DAHRENDORF, R.; HABERMAS, J.; ALBERT, H.; PILOT, H. (1969). *La disputa del positivismo en la sociología alemana*. Versão castelhana por J. Muñoz. Barcelona: Grijalbo, 1973.
- BERLIN, I. (1956). *The Age of Enlightenment*. New York: Meridian Books, 1984.
- . *Against the Current*. London: Pimlico, 1997.
- . *The Sense of Reality*. New York: Farrar, Straus and Giroux, 1997.
- BION, W.R. (1961). A Theory of Thinking. In: *Second Thoughts*. London: Heinemann, p.119.
- . (1962). *Learning from Experience*. London: Heinemann.
- . (1963). *Elements of Psycho-analysis*. London: Heinemann.
- . (1965). *Transformations*. London: Heinemann.
- . (1967). *Second thoughts*. London: Heinemann.
- . (1970). *Attention and Interpretation*. London: Tavistock Publications, p.28.
- . (1975). *Uma memória do futuro*, v. 1: *O sonho*. Rio de Janeiro: Imago, p.80.
- . (1992). *Cogitations*. London: Karnac Books, 1992, p.114.
- COHEN, P. (1989). *The Architecture of Doom*, Suécia, 1969 (versão filmada)
- . (1993) *Explanation in Science and in History*. In: Ruben D.H., ed. *Explanation*. Oxford: Oxford University Press, 1993, pp.17-42.
- GROTSTEIN, J. (Ed.) (1981). *Do I Dare Disturb the Universe? A Memorial to Wilfred R. Bion*. Beverly Hills: Caesura Press.
- GROTSTEIN, J. (1995). “Bion’s transformations in O, the ‘thing-in-itself’ and the ‘real’: toward the concept of the ‘transcendent position’.” 39th IPA International Congress, San Francisco, California.
- KANT, I. (1781). *Crítica da Razão Pura*. Versão brasileira por V. Rohden. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1980, p.105.





Paulo Cesar Sandler

SANDLER, P.C. (1997). Reflexões com a física. In: *A Apreensão da Realidade Psíquica*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

———. (2001). Le projet scientifique de Freud en danger un siècle plus tard. *Rev. Franç. de Psychanal.*, número hors série.

SCHILLER, F. (1795). Über Naïve und Sentimentalische Dichtung. In: *Schillers Werke*, v. 10. Basel: E. Jenny ed., 1946, p. 257.

Recebido em 16/11/2003

Aceito em 10/12/2003

Paulo Cesar Sandler

Rua Joinville, 157

04008-010 – São Paulo – SP – Brasil

E-mail: sandler@uol.com.br

© Revista de Psicanálise – SPPA





Representação e inconsciente

Roaldo Naumann Machado, Porto Alegre*

O presente trabalho tem por objetivo o estudo da representação e sua função na estruturação do inconsciente. Para tanto, o autor trabalha com os conceitos de representação-corpo, representação-coisa e representação-palavra procurando estabelecer aproximações quanto às suas formações e enlaces. Baseado principalmente na obra de Freud, refere-se também a outros autores como David Maldavsky e Piera Castoriades-Aulagnier.



* Membro da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.





“Entretanto, hoje ainda se olha a psicanálise como algo suspeito e místico, e seu inconsciente é, entre o céu e a terra, uma daquelas coisas que a sabedoria acadêmica nem se atreve a sonhar”.

Freud, 1941a, p.170

“Viver é experimentar de uma forma continua o que se origina de uma situação de encontro”.

Castoriades-Aulagnier, 1975, p.30

À guisa de introdução: uma definição

O nosso tema proposto versa sobre a representação. Embora possamos coletar várias definições sobre o termo, é importante que se possa razoavelmente definir o que entendemos por representação. O novo dicionário Aurélio, nos aspectos que dizem respeito ao nosso assunto, fala de *“coisa que se representa, reprodução do que se pensa, conteúdo concreto apreendido pelos sentidos, pela imaginação, pela memória ou pelo pensamento”*. Já Ferrater Mora, sintetizado por D. Maldavsky (1977, p.27), sistematiza o conceito da seguinte forma: *“1) representação como equivalente à percepção, isto é, como apreensão de um objeto presente no campo perceptual; 2) representação como reprodução consciente de percepções passadas, isto é, como lembranças; 3) representação como antecipação de eventos futuros a partir da combinação de percepções prévias, isto é, representação como imaginação, 4) representação como composição na consciência de percepções não atuais, isto é, como imaginação ou inclusive alucinação”*. Enfatiza também Maldavsky a diferença e o caminho circular, isto é, dialético, entre a representação e a apresentação: assim a representação surge a partir da percepção e pode, como assinala a definição de Ferrater Mora, gerar alucinações, bem como as representações uma vez constituídas em sistemas, como Freud sugere na Carta 52 (1950b), podem organizar os estímulos sensoriais em entidades coerentes e com sentido. Valem neste sentido, conforme também assinala Maldavsky (1977, p.28), as considerações de Lacan (1956-57) apud Maldavsky (1977) privilegiando o sentido etimológico da palavra alemã *Vorstellung*, isto é, uma re-apresentação ou algo que se coloca entre o sujeito que percebe e a coisa do mundo, categorizando o universo sensível. Este último só é apreensível através da representação. Também, neste sentido, cabe lembrar o que entende Castoriades-Aulagnier (1975, p.23) por atividade de representação estabelecendo uma semelhança com os processos orgânicos do metabolismo. O material que se incorpora com o





objetivo de torná-lo homogêneo à estrutura incorporadora é um elemento de informação e, em última instância, não poderá exceder a capacidade estrutural de cada sistema (originário, primário e secundário). Esta é uma “*lei geral*” dos sistemas de registros (p.27).

Tomemos, entretanto, a sugestão esboçada por Freud na Carta 52 de que as representações, uma vez constituídas, são organizadoras das apresentações do universo sensível aproximando o sugerido com os conceitos de instinto (*Instinct*) e de pulsão (*Trieb*). Estes, como refere Maldavsky (1986, p.93-4), são essencialmente abstratos e somente podem ser inferidos por sua eficácia.

Iniciemos com o conceito de instinto e sua significação para a nossa proposição, isto é, para o discernimento dos elementos que constituem a representação. Assim, como afirma D. Maldavsky (1986, p.94-5), os instintos em relação com as pulsões possuem características distintas, embora provenham de uma fonte hereditária comum: “*O primeiro põe em cada indivíduo da espécie um selo igualador; o segundo, em câmbio, implica diferenças; 2) o primeiro gera desenlaces, resulta estruturante, ordenador do psiquismo; o segundo constitui uma exigência de trabalho para o aparelho anímico*”. Seguindo as sugestões de Freud, o autor reporta-se ao Homem dos Lobos (1918, p.108), no qual é sugerida a existência de “*esquemas congênitos que, como categorias filosóficas, ordenariam as impressões vitais. Sustentaria a hipótese que são precipitados da história humana*”. Portanto, para Freud, o instinto constitui o núcleo do inconsciente (1915b, p.191-2, 1918, p.109, 1916, p.338). Assim a eficácia do instinto, como ordenador do sistema representacional, manifesta-se diante de duas vertentes: a pulsional e a sensorial. As fantasias primordiais seriam esquemas formais para as vivências e conteúdos para as pulsões numa interação dialética permanente entre forma e conteúdo (Maldavsky, 1986, p.95). É, também, neste sentido que compreendemos a afirmação de Freud (1941b, p.302): “*A espacialidade é a projeção do caráter extenso do aparelho psíquico. Nenhuma outra derivação é possível. Em lugar das condições ‘a priori’ de Kant, nosso aparelho psíquico...*”. É claro, como já foi assinalado, cada sistema impõe a estrutura relacional que lhe é própria aos elementos que representa, lei segundo a qual funciona a psique (Castorides-Aulagnier, 1975, p.26).

Portanto, pensamos que as representações em geral estariam constituídas por três ângulos de um triângulo. O instinto, tanto do ponto de vista estruturante de uma forma, bem como do aspecto de provedor de conteúdos (fantasias primordiais), constitui o primeiro. O segundo é constituído pela pulsão que busca o objeto, nunca nos esquecendo que tais aspectos obedecem ao princípio da inexcitabilidade dos sistemas não investidos (Freud, 1917a, p.226 e 233, 1920, p.30, 1925a, p.247) que estabelece que um sistema somente se torna operante quando investido de dentro, e, final-





mente, o pólo sensorial constitui o terceiro vértice estruturante da representação. Portanto, do nosso ponto de vista, todas as representações estão constituídas por fragmentos oriundos destes três vértices. Faltando quaisquer destes três aspectos, a representação não se organiza.

Assim, se para Freud (1923a, p.21-2) os processos de pensamento nada mais são que deslocamentos energéticos dentro do aparelho psíquico, o fato de que os mesmos acedam à consciência significa que tal deslocamento se processou através de determinadas representações. Os pensamentos inconscientes (Freud, 1900, 1911a, 1912, 1915b, 1923a) seriam deslocamentos energéticos que atravessariam representações cujo acesso aos sistemas mais suscetíveis de consciência, especialmente o pré-consciente, estaria impedido. Portanto, “*o processo do pensar se constitui desde o representar*” (1911a, p.226).

Resta-nos estabelecer se as sensações oriundas dos afetos se constituem em representações em si ou se são, por simultaneidade, ligadas às demais representações, pois um dos destinos da pulsão é a busca objetal e o outro é a descarga que origina os afetos (1950a, p.357-62). O texto freudiano é ambíguo quanto a este aspecto. Em algumas ocasiões parece nos dizer que apenas adquirem o *status* de representação aquelas provenientes do universo sensível exterior e que os afetos ligam-se a estas últimas das mais variadas formas (Freud, 1923a, p.25). Em outras ocasiões, e isto veremos com maior detalhe quando examinarmos a representação-corpo e a constituição do ego real originário, Freud parece optar pela ascendência dos afetos à categoria de representações. Maldavsky (1977) parece também optar pela primeira hipótese sobre a representação, isto é, de que as mesmas se constituem através do que se capta do universo exterior. No presente texto seguirei as sugestões de Castoriades-Aulagnier (1975, p.29) que assim se expressa: “*Diremos então que o prazer e o desprazer se referem, neste texto, às duas representações do afeto que podem produzir-se no espaço psíquico: o prazer designa o afeto presente em toda ocasião em que a representação dá forma a uma relação de prazer entre os elementos do representado e, por isto mesmo, representa uma relação de prazer entre o representante e o representado; o desprazer designará o estado presente em toda ocasião em que a representação dá forma a uma relação de rechaço entre estes mesmos elementos e, assim, a uma relação equivalente entre o representante e a representação*”. Dentro do proposto não podemos esquecer ainda que Freud (1923a, p.24), criticando a denominação de afetos inconscientes, afirma que os mesmos têm um caminho direto para o consciente diferentemente das demais representações e que, como veremos adiante, estas representações tendem naturalmente a ligar-se às representações oriundas do universo exterior. O fato de que também os afetos sofram transformações com fins





de desfiguração do verdadeiro sentido inconsciente nos atesta sobre a jurisdição que o sistema pré-consciente, como veremos, exerce sobre o inconsciente através do fenômeno da repressão (1900, p.177).

Sobre a Carta 52

Nos anos que precederam a publicação da *Interpretação dos Sonhos*, obra que alicerçou a psicanálise como a ciência por excelência do psiquismo humano, Freud escreveu uma série de trabalhos e cartas, alguns só publicados após a sua morte, também chamados de trabalhos pré-psicanalíticos, de extrema importância para a compreensão contemporânea da psicanálise e também dos seus escritos posteriores. Valho-me especialmente de três publicações, *Afasia*, *Carta 52 a Fliess* e o *Projeto de Psicologia*, datados de 1891, 1896 e 1895, respectivamente, para embasar as considerações que aqui faço sobre a representação e o inconsciente.

Na *Carta 52*, Freud (1950b, p.275) esboçou o primeiro esquema de um aparelho psíquico do ponto de vista psicanalítico. Muito preocupado com a formação da memória, seu primeiro esboço, à semelhança do que formula na *Interpretação dos Sonhos* (1900, p.529-40), contém cinco organizações, das quais apenas três são promovidas ao que denominamos de representação: “*Se eu pudera indicar acabadamente os caracteres psicológicos da percepção e das três transcrições, com isso haveria escrito uma nova psicologia*” (1950b, p.275). Examinemos com um pouco mais de atenção a percepção e as três transcrições esboçadas por Freud. Para que possamos acompanhar melhor o raciocínio, reproduzo abaixo o esquema de Freud:

| P | Ps | Ic | Prc | Coc |
|-----|-----|-----|-----|-----|
| X X | X X | X X | X X | X X |
| | X | X X | X | X |
| | | X | | |

Assim, como pertinentemente assinala D. Maldavsky (1977, p.29), a percepção é constituída de neurônios onde a mesma se gera. A esta percepção se acrescenta a consciência, sem que isto signifique a inscrição de um traço mnêmico, embora, sem este requisito, tal traço de memória não se constitua: “*Consciência e memória se excluem entre si*” (Freud, 1950b, p.275). Seria esta uma consciência primária, já que um pouco mais adiante Freud se refere a uma “consciência-pensar” secundária? Independentemente destas considerações, como também assinala Maldavsky (1977), a percepção difere das “*potentes massas em movimento*” constitutivas do mundo em si, poderíamos antecipar e dizer “da coisa em si”, das quais o sistema ϕ (perceptivo),





através das telas de proteção, retira apenas “*quocientes das energias exógenas*” e, devido ao fato de tais telas funcionarem também como filtros, “*somente deixam passar estímulos de certos processos com período definido*”, constitutivos da qualidade sensorial que advirá à consciência através do sistema ω (Freud, 1950a, p. 348, 350, 355, 408). Portanto, os três X localizados no esquema freudiano abaixo de P têm determinada posição ao mesmo tempo semelhante e diferente dos demais. A inter-relação desta primeira descarga excitante que se processa em P e sua relação com o sinal de percepção Ps, passando pela consciência e depositando-se como resto mnêmico na memória, aparece perfeitamente descrita no Projeto (1950a, p.408) desta maneira: “*Segundo minhas premissas, uma percepção sempre excita w, ou seja, libera sinais de qualidade. Falando com mais precisão, excita consciência em w (consciência de uma qualidade), e a descarga da excitação w, como qualquer descarga, brindará uma notícia para ψ , que é justamente o sinal de qualidade*” (sinais de percepção-Ps). Não podemos deixar de lembrar que isto esta perfeitamente de acordo com o postulado muitos anos após (1923a, p.22), quando Freud afirma que “*somente pode tornar-se consciente o que uma vez foi percepção consciente; e, exceto os sentimentos, o que desde dentro quer se tornar consciente terá que tentar transpor-se em percepções exteriores*”.

A primeira transcrição, isto é, aqueles estímulos que são registrados como traços mnêmicos, portanto constitutivos do que chamamos de representação e provedores da memória, são os sinais de percepção Ps completamente insuscetíveis de consciência articulados por simultaneidade. Repare-se que o esquema posiciona dois X na mesma posição que os anteriores e dois X abaixo dos mesmos diferentemente dos posicionados sob a letra P. Aqui divisamos esquematicamente o que Freud sugere como retranscrição: o novo transcrevendo o antigo e este inscrito no novo. Notamos em todas as demais formas esquemáticas a mesma disposição em que o antigo é preservado nos X superiores, enquanto que os inferiores vão sendo dispostos em formas diferentes tornando o conjunto novo. Esta primeira transcrição aproxima-se muito do que também denominamos de representação-corpo, cuja estrutura organizadora é denominada por Freud, como veremos mais adiante, de ego real originário. Poderíamos também estabelecer uma analogia com o que Castoriades-Aulagnier descreve como o originário.

A segunda retranscrição é o inconsciente propriamente dito ou inconsciência (Ps) como denominou Freud na Carta 52. Seus nexos ordenadores são causais, correspondem a conceitos e também inacessíveis à consciência. Este sistema inconsciente, como Freud formulará posteriormente (1900, 1912, 1915b, 1923a), abriga o que se denomina de representação-coisa, objeto também de maior detalhamento posterior. O conceito de um inconsciente dinâmico repousa diretamente sobre estas con-





siderações, assim com o de repressão. Também as disposições dos X mantêm posições semelhantes e não idênticas às anteriores. O pensar, quando acede à consciência, é predominantemente visual, “*de algum modo está mais próximo dos processos inconscientes que o pensar em palavras e, sem dúvida alguma, mais antigo que este último, tanto ontogeneticamente como filogeneticamente*” (Freud, 1923a, p.23). O ego que administra tais representações é essencialmente o que Freud denomina de ego prazer purificado (1915a, p.130). Trata-se do sistema primário regido por uma lógica que, como veremos, se aproxima do descrito como identificação primária em que a parte substitui o todo.

A terceira retranscrição é o pré-consciente (Prc) ligado às representações-palavra correspondente ao que Freud denomina de “eu oficial”. Possui determinada lógica interna que apenas admite outras representações como traduzíveis de acordo com certas regras. Trata-se de uma “consciência-pensar” secundária obtida por um efeito posterior (*Nachträglich*) na ordem do tempo. É a maneira habitual como tomamos consciência de nós mesmos e, segundo Freud, através da reanimação alucinatória das representações-palavra. Também, como nas situações anteriores, seus X superiores são idênticos aos das outras transcrições, mas, no seu conjunto, aparece a diferença. A preocupação de Freud com a representação-palavra, como veremos um pouco mais adiante, remonta ao texto sobre a afasia (1891) e aparece explicitada sob o termo “*associação lingüística*” no Projeto (1950a, p.413). O pensar desta lógica se faz predominantemente através de representações-palavras: “*Por sua mediação, os processos internos de pensamentos são convertidos em percepções. É como se ficasse evidenciada a proposição: ‘todo saber provém da percepção externa’*” (Freud, 1923a, p.25). Cabe também a este sistema o acesso ao controle da consciência e da motricidade, inclusive com as deformações tão características das representações e dos afetos a elas ligados (Freud, 1900, p.163). Estas três formas de representar originam-se, como pondera Castoriades-Aulagnier (1975, p.24), por uma reflexão da atividade sobre si mesma, isto é, atividade que constitui a memória.

Quanto à consciência em si (Coc), Freud apenas nos comunica que seriam também neurônios-percepção e que careceriam de memória. Sabemos de outros escritos de Freud, contemporâneos à Carta 52, que a consciência é tratada como se um sistema fosse (ω) e que, carente em si de memória, teria a função de captar a qualidade do período que se transformaria em consciência (Freud, 1950a, p.354-5, 412; Castoriades-Aulagnier, 1975, p.24). Talvez pudéssemos aprofundar a questão da consciência examinando com cuidado o que Freud postula exatamente sobre o “*investimento-atenção*” (Freud, 1950a, p.408-11). Este investimento propiciaria uma consciência secundária da percepção motivada pelo processo do pensar “*justificado biologicamente*”. Observemos, entretanto, que Freud formula a hipótese de que, para





que o investimento-atenção se desloque sobre a percepção, o sistema ψ , através de w , deverá receber sinais de qualidade. Durante a vigília tais sinais são permanentes, alguns despertando atenção e outros não. Aos primeiros caberia uma consciência secundária e nos perguntamos se aos segundos não caberia uma consciência primária, uma percepção forcluída como propõe Castoriades-Aulagnier (1975, p. 31-2), uma consciência da qual não tomamos consciência. Também poderíamos nos perguntar sobre a pertinência de uma consciência própria do originário, primário e secundário. Estas especulações não são mais do que hipóteses e estão sujeitas a revisões. De qualquer maneira, este sistema ou órgão de consciência funciona em conexão íntima com o pré-consciente: “*O suceder consciente é para nós um ato psíquico particular, diverso e independente do suceder posto ou suceder representado e a consciência nos parece um órgão sensorial que percebe um conteúdo dado em outra parte*” (Freud 1900, p.162-3), após e no momento de ser representado.

Este ordenamento lógico das retranscrições obedece ao que Freud, como vimos no segmento anterior, propôs como atividade ordenadora do instinto (Machado, 2001). Sabemos que estas retranscrições, como coloca Castoriades-Aulagnier (1975, p.27), embora ordenadas em lógicas temporais diversas dentro do psiquismo, coexistem nas formas do originário, primário e secundário e que qualquer vivência é operada pelos três sistemas de uma forma simultânea (1975, p.18, 24-5): “*Semelhante conservação de todos os estádios anteriores junto à forma última só é possível no anímico e não estamos em condições de obter uma imagem intuível deste fato*” (Freud, 1930, p.72).

A representação-corpo e o ego real originário

Em 1923 (a, p.27) Freud postulou que a forma pela qual tomamos notícia do nosso corpo é através da dor. Se percorrermos com um pouco de atenção obras tão iniciais como a Interpretação dos Sonhos, veremos que em inúmeras ocasiões Freud refere que nossos sonhos são formados também por estímulos oriundos do nosso soma (1900, p.233). Este adquire, portanto, a condição de representabilidade através dos sonhos. Neste sentido Freud, citando Strümpell, assim escreve: “*A alma alcança no dormir uma consciência muito mais profunda e vasta de sua corporeidade do que na vigília, e se vê precisada de receber e deixar que operem nela certas impressões de estímulos provenientes de partes e alterações de seu corpo dos quais nada sabia em vigília*” (1900, p.31). Freud também está de acordo com o filósofo Schopenhauer que postula que não só os estímulos advindos do mundo exterior, também os oriundos do soma ficam sujeitos a uma figurabilidade imposta por determinadas tendên-





cias de formatação(1900, p.61-2). Torna-se necessário, entretanto, acrescentar que a dor poderá ser constituinte ou desconstituinte das representações primitivas do corpo. É possível que o que a torna constituinte é o fato de que a mesma possa, assim como a angústia, ultrapassar a condição de traumática para constituir-se como sinal de defesa. Em outros trabalhos (Machado, 1994, 2003) foi chamada a atenção para o papel estruturante ou desestruturante que desempenha a dor na constituição de tais representações-corpo primitivas, seguindo exatamente a sugestão feita por Freud (1950a, p. 351-2; 1923a, p.27). O momento lógico no qual tais representações adquirem o *status* de uma organização é anterior ao da abertura das zonas erógenas como reais promotoras da ampliação do espaço psíquico (Machado, 1992).

Assim sendo, neste segmento procuraremos aprofundar as considerações de Freud relacionadas sobretudo à Carta 52, principalmente as que dizem respeito à primeira transcrição por simultaneidade. Cremos que, talvez, a forma mais acabada de expressão de tais transcrições corresponda a este momento lógico denominado de ego real originário (Freud, 1915a, p.130) em que representante e representado, isto é, a representação que abriga estes dois aspectos, no dizer de Piera Castoriades-Aulagnier, se confundem.

Quais os sistemas de representações que irão constituir esta estrutura primitiva denominada por Freud de ego real originário? Correspondem tais considerações ao que também denominamos genericamente de representações-corpo? D. Maldavsky (1980, p.27) assim define esta organização representacional primitiva: “1) o arco reflexo; 2) preferência pelo mecanismo de fuga como forma de eliminar o estímulo; 3) enlace entre si destas sensações endógenas de tensão e alívio, de desprazer e prazer, correspondendo a diferentes órgãos em homeostase somática e investidos libidinosamente. Este último momento constitui a primeira estrutura, o ego real originário”. Certamente, se nos detivermos com um pouco mais de atenção no sugerido, nos damos conta que se tratam de transformações e apreensões representacionais sucessivas que permanecem, como sugere Freud, profundamente inconscientes.

Assim este sistema representacional tem como tarefa essencial o estabelecimento da diferenciação entre dor e necessidade (Freud, 1926, p.159) e é exatamente através das representações de dor e satisfação que o sistema se organiza, nunca deixando de ressaltar a importância deste “saber prévio que é uma preparação para entender” instintivo (Maldavsky, 1986 p.94; Freud, 1916, p.338). Quais, portanto, os passos pelos quais a organização primitiva “ego real originário” atravessaria para poder se engendrar a si mesma? Encontramos algumas sugestões de Freud no seu Projeto de Psicologia (1950a). Assim, na secção [12], é tratada a questão da vivência de dor. As quantidades hipertróficas de estímulos oriundos do exterior, escreve Freud, provocam a dor. O sistema ψ (memória) reage a elas da seguinte maneira: “1) um





grande acréscimo de nível é sentido como desprazer em ω (consciência); 2) ocorre uma inclinação de descarga que pode ser modificada em certas direções; 3) estabelece-se uma facilitação entre esta e uma imagem-recordação do objeto excitante da dor. Portanto são descritas aqui as etapas sucessivas dos registros de certas tensões internas, portanto afetos que se ligam a outros registros por simultaneidade, como a percepção do objeto excitante da dor. A representação, além do “*saber prévio*”, contém dentro de si o pólo pulsional e o sensorial.

Dado que uma das funções primordiais deste ego real originário, em vias de formação, é exatamente distinguir o dentro e o fora, isto é, a necessidade da dor, pois estas são no início indistinguíveis (Freud, 1915a, p.130, 1926, p.159), o fato de este passo ser consumado com a ajuda da vivência de satisfação, como veremos, estabelece a forma pela qual tomamos notícia do nosso corpo e, portanto, representamo-lo. O primeiro objeto algógeno é, portanto, a necessidade.

Na secção [11] do mesmo Projeto, Freud descreve o que pensa ser a vivência de satisfação. Três passos se fazem também necessários para que esta se constitua e assim o objeto de satisfação imprima seu registro. Além da sensação de descarga duradoura das tensões de necessidade que geram o desprazer, ocorre o investimento de um objeto, exatamente o responsável por tal descarga. Entre este último e o soma estabelece-se uma facilitação constituinte da pulsão. Talvez seja esta umas das primeiras ocasiões nas quais Freud conceituou o que futuramente denominaria de pulsão (*Trieb*), conceito este fundamental para a constituição do que posteriormente denominaria de desejo (1900, p.557-8). A estas considerações acrescenta que a “*dor deixa como seqüelas facilitações de particularíssima amplitude dentro de ψ ...da vivência de dor resulta uma repulsão, uma inclinação de desinvestimento da imagem mnêmica hostil... o que constitui a defesa primária ou repressão (Verdrängung)... a emergência de outro objeto no lugar do hostil foi o sinal de que a vivência de dor havia terminado e o sistema ψ , instruído biologicamente, tenta reproduzir o estado que determinou o fim da dor*” (Freud, 1950a, p.366-7). Do ponto de vista de Castoriades-Aulagnier (1975, p.29), a dualidade pulsional descrita por Freud em 1920 se expressa no paradoxo do desejo: o primeiro objetivo é a reunificação com o objeto de satisfação e o segundo, complementar e sincrético, se expressa pela fórmula “*desejo de não ter que desejar*”, cuja conseqüência será o desaparecimento imediato de todo objeto que possa suscitá-lo, pois toda representação de objeto também é a causa do desprazer do representante. Esta é a repressão originária descrita acima na citação de Freud. A prevalência de tal defesa, isto é, da repulsão, pode gerar uma situação de tal forma radical, que a representação não se constitui e com isto a vida não se torna possível.

Queremos dizer, com o escrito acima, que a constituição da representação do





objeto se faz paralelamente à constituição da representação-corpo, pois, ao mesmo tempo em que a substituição do objeto hostil pelo objeto de satisfação é operada, também ocorre a transformação da dor em necessidade. Assim o terceiro tempo descrito por Maldavsky, no qual órgãos são investidos entre si através de sensações de prazer e desprazer, constituindo o ego real originário, se faz presente e esta organização primitiva não só testemunha a presença das primeiras representações do corpo, como ela própria é este conjunto de tais representações. Veremos, outrossim, que, para a efetiva constituição da representação-coisa, de acordo com Freud, outros passos também se fazem necessários.

Antes de terminarmos este capítulo, seria interessante nos perguntarmos de que maneira poderíamos incluir os conceitos de originário e de pictograma desenvolvidos por Castoriades-Aulagnier (1975) dentro do que denominamos de representações-corpo primitivas. Para esta autora (p.16), tais conceitos implicam na ausência da representação-palavra e a posse exclusiva da “*imagem de coisa corporal*”, verdadeiro “*fundo representativo*” somático das outras produções psíquicas que constituem o primário e o secundário. Este fundo representativo que tem como origem o corpo erógeno é a precondição absolutamente necessária para qualquer atividade que implica no representar.

A representação-coisa, o ego prazer purificado e a progressiva ascensão ao ego real definitivo

Este segmento versará principalmente sobre a constituição da representação da coisa e a inscrição do sujeito, ambos separados dentro do psiquismo. Para tanto é necessário o estudo de três representações, a saber, a representação-movimento, a representação-coisa e a representação-palavra que, juntamente com a representação-corpo, constituem os fundamentos necessários para o estabelecimento do núcleo do sujeito em si e sua representação como separada da representação-coisa. Assim, se nos ativermos com atenção às propostas de Freud, poderemos observar que tais situações lógicas são estabelecidas de forma sincrética e o estudo das mesmas separadamente se dá, principalmente, por razões didáticas, embora se tratem de momentos lógicos diferenciados. A jurisdição da lógica do primário, sistema que privilegia a representação-coisa, pertence ao ego prazer purificado como propõe Freud (1925b, p.254-6, 1930, p.67-9).

Tomemos como ponto de partida para nossa elaboração a colocação de Freud (1915b, p.197): “*O que chamamos de representação-objeto (Objektvorstellung) consciente decompõe-se agora na representação-palavra (Wortvorstellung) e na repre-*





sentação-coisa (Sachvorstellung), que consiste, se não no investimento da imagem mnêmica direta da coisa, ao menos de restos mnêmicos mais distanciados derivados dela". Examinando com cuidado o que Freud conceitua como representação de objeto em 1891 (p.90-1, 1915b, p.207-13), notamos que o que corresponde à representação-objeto é o que é denominado no texto sobre o inconsciente de representação-coisa. Cabe-nos, entretanto, a questão do que realmente significa "*imagem direta da coisa*". Talvez a notícia mais direta que dela possamos ter corresponda à inscrição denominada, na Carta 52, de traço mnêmico P. Outrossim, como bem assinala Strachey em uma nota ao pé da página (1915b, p.198), Freud equipara a *Sachvorstellung* à *Dingvorstellung* (1900, p.302; 1917b, p.253).

Retornemos, entretanto, ao texto Afasia (1891, p.90-1; 1915b, p.211-12): "*Por sua vez, a representação-objeto é um complexo associativo das mais diversas representações visuais, acústicas, tácteis, cinestésicas e outras. Pela filosofia sabemos que a representação-objeto não contém nada mais do que isto e que a aparência de ser uma coisa (Ding), cujas propriedades nos são transmitidas por nossos sentidos, surge só pelo fato de que, pelo conjunto das impressões sensoriais que recebemos de um objeto do mundo, admitimos a possibilidade de uma série maior de novas impressões dentro da mesma cadeia associativa (J. S. Mill). Assim a representação-objeto se nos apresenta como algo não fechado...*". A coisa em si somente é percebida por suas representações e, da mesma maneira que Eliade, na sua *História das crenças e das idéias religiosas* (1983, p.23-4), refere que a opacidade dos documentos paleolíticos só encontra sentido se estes últimos se encontrarem inseridos num sistema de significações, também as representações adquirem valor psíquico ou sentido se pertencentes a uma cadeia associativa (Maldavsky, 1977, p.28). Isto é confirmado pelo fato de que as representações-coisa não se apresentem isoladas e sim em complexos associativos. Voltaremos a este assunto posteriormente. Portanto, para Freud, o componente visual está para a representação-coisa da mesma forma que o componente auditivo está para a representação-palavra. Tais componentes detêm em relação aos demais uma função estruturante. A representação-coisa constitui-se numa unidade mínima de sentido (Lieberman, citado por Maldavsky, 1977, p.26). Entretanto devemos lembrar que o que distingue a representação-coisa de Mill da de Freud é o fato de que esta última é uma representação-coisa erógena. Isto está de acordo com o postulado por Castoriades-Aulagnier de que não pode existir qualquer informação sem uma "*informação libidinal*". A própria configuração de uma representação é um ato de investimento libidinal, pois "*No organismo não ocorre nada de certa importância que não ceda seus componentes à excitação da pulsão sexual*" (Freud, 1905a, p.186; 1924b, p.169). Sem estas condições, a atividade de representar se faria impossível como seria impossível a própria vida (Castoriades-Aulagnier, 1975 p.28).





Entretanto, é necessário que se faça uma abordagem da representação-coisa de outros pontos de vista. Seguirei para tanto as sugestões de D. Maldavsky (1977, p.24-40), que possui uma visão particularizada e penetrante do Projeto freudiano (1950a). As secções especialmente revisadas são as de número [15], [16], [17] e [18] do capítulo 1, bem como o capítulo 3. Aprofundemos, portanto, o estudo das representações-coisa como oriundas principalmente de um conjunto de estímulos provenientes do mundo exterior. Tanto do ponto de vista quantitativo quanto do qualitativo, é indiscutível que, para Freud, apenas cocientes dos estímulos atingem o nosso aparelho psíquico *“posto que, segundo o discernimento da física, o mundo exterior se compõe de potentes massas em movimento... das quais nossos aparelhos nervosos terminais... como diques e telas de proteção, apenas permitem que cocientes das Q exógenas os atravessem”* (Freud, 1950a, p.348-51). No que concerne à qualidade, de acordo com Freud, a grande responsável pelas sensações conscientes, *“Os órgãos dos sentidos não só atuam como telas de Q... sim também como filtros, pois que deixam passar apenas estímulos de certos processos com período definido”* (1950a, p.355). Trata-se, portanto, exatamente do que discutíamos no segmento sobre a Carta 52, quando abordamos as considerações sobre a consciência. Todas estas considerações, e certamente existiriam outras mais que nos tornariam um tanto quanto repetitivos, são aqui trazidas para demonstrar que as representações, no nosso caso, a da coisa, apenas é inscrita após a ultrapassagem dos crivos quantitativos e qualitativos que fazem com que o real não possa ser apreendido como tal.

Dentro do descrito na secção [15], que estabelece os critérios apropriados que distinguem os processos primários dos secundários pelo sólido sinal de qualidade advinda da percepção exterior, estando o desejo suficientemente não investido para que a alucinação não se produza e estabelecendo-se, exatamente por isso, a distinção tão fundamental para a vida entre percepção e alucinação, ou entre processo secundário e primário, examinemos as secções que se seguem no Projeto para compreendermos os passos iniciais da estruturação das representações-coisa, movimento e palavra. Já no início da secção [16], após Freud considerar que a coincidência completa entre o investimento do desejo e o investimento da percepção pouco ou nada traz para o estabelecimento dos juízos, no segundo caso, quando o complexo perceptivo não coincide com o investimento do desejo, as mais profundas considerações para a nossa teoria poderão ser obtidas deste fato. Assim, o investimento de desejo alcança os neurônios a e b; já o complexo perceptivo alcança os neurônios a e c. Estará, então, estabelecida uma semelhança, não uma identidade. A experiência ensina que a ação específica não deverá, desta maneira, ser efetuada. Isto só poderá ocorrer quando a identidade puder ser restabelecida. Para isto é necessário que se estabeleça um gradiente dentro de diversos complexos perceptivos, até que o neurônio c desembo-





Roaldo Naumann Machado

que no neurônio b, estabelecendo-se a identidade desejada: “*Como regra geral, se obtém uma imagem-movimento que se interpola entre o neurônio c e o neurônio b, e com a reanimação desta imagem (portanto uma representação-movimento), mediante um movimento efetivamente executado, se estabelece a percepção do neurônio b e, com isto, a identidade buscada*” (p.374). Freud prossegue trazendo o exemplo da criança que busca o peito de frente e o encontra de lado. Através destas representações-movimento estabelecidas dentro de Ψ e lembradas pela criança, estabelece-se o movimento da cabeça que busca a identidade propiciando a ação específica. Para a constatação da presença da semelhança e não da identidade, “*A linguagem criará o termo juízo (Urteil), e descobrindo a semelhança que de fato existe entre o núcleo do eu e o ingrediente constante da percepção, por um lado, e os investimentos cambiantes dentro do manto e o ingrediente inconstante da percepção, por outro lado, nomeará a coisa do mundo (Ding) o neurônio a, e o neurônio b, sua atividade ou propriedade, em suma, seu predicado*” (p.373). Portanto, da mesma forma que o eu possui um núcleo irredutível à coisa em si, o vice-versa é verdadeiro, pois esta última contém um algo também irredutível ao eu: “*O real-objetivo permanecerá sempre não discernível*” (Freud, 1940, p.198). Esta representação-movimento há pouco descrita é um dos aspectos constituintes fundamentais para o estabelecimento da representação do eu e da coisa (Maldavsky, 1977, p.33), pois sem ela o segmento cambiante, isto é, os predicados permaneceriam estáticos, impossibilitando este eterno movimento de aproximação e diferenciação, introjeção e projeção, situação *sine qua non* para a constituição da representação estabelecida pela contínua oscilação entre libido objetal e narcisística.

É o discernimento e o pensar reprodutor (Freud, 1950a, p.372) que possibilitam a atenção e comparação dos segmentos semelhantes e idênticos da percepção. Freud na secção [17] sobre o recordar e o julgar, teorizando sobre o “*complexo do semelhante*”, estabelece de uma maneira mais profunda seu discernimento entre a coisa do mundo e sua representação. Esta última não se refere às coisas de um modo geral e, sim, a um semelhante humano, portanto, uma representação-coisa erógena (Maldavsky, 1977, p.30). Assim Freud nos propõe que o objeto da percepção é parecido ao sujeito, isto é, “*um semelhante*”. Trata-se do primeiro objeto de satisfação, o primeiro objeto hostil e a única força auxiliar. Deste objeto emanam complexos perceptíveis em parte novos e incomparáveis e outros que podem ser reduzidos a lembranças existentes dentro do sujeito (Freud 1950a, p.414-5). Assim, por exemplo, alguns traços visuais são irredutíveis. Outros, como, por exemplo, os movimentos de seu corpo, coincidirão com movimentos próprios do sujeito. Freud nos sugere que também as vivências de dor atravessadas pela emissão do grito fazem parte destes segmentos perceptíveis redutíveis às vivências do eu: “*Outras percepções do objeto,*





por exemplo, se grita, despertarão a lembrança do gritar próprio e, com isto, as vivências próprias da dor” (p.377). Portanto, para Freud, “O complexo do semelhante pode ser separado em dois componentes, um dos quais se impõe por ser uma estrutura constante, se mantém reunido como uma coisa do mundo, enquanto que o outro é compreendido por um trabalho mnêmico, isto é, pode ser reconduzido a uma notícia do próprio corpo. Esta decomposição de um complexo perceptivo se chama seu discernimento; ela contém um juízo e encontra seu término quando a meta é alcançada” (p.377). Vemos, portanto, que o discernimento das coisas inanimadas do mundo é necessariamente precedido e compreendido pelo animismo infantil que impõe às mesmas a erogeneidade do corpo (Freud, 1912-13, p.91-4).

Maldavsky (1977, p.31-2) afirma que nos encontramos, portanto, dentro de uma lógica de predicados e que a representação-coisa pode ser compreendida de três pontos de vista: “Trata-se de outro sujeito, isto é, de um semelhante; tem um certo grau de coerência; é irreduzível em seu núcleo ao próprio sujeito, embora, por certos elementos variáveis se assemelhe a este... o outro é irreduzível ao próprio sujeito, embora como sujeito, também é sujeito”. Podemos, portanto, compreender agora de uma forma mais acabada a prevalência organizadora do sentido da visão sobre outras percepções tais como as tácteis, auditivas, olfativas, gustativas, cinestésicas e outras. As representações-movimento e as percepções acústicas emanadas do complexo perceptivo e de dentro do eu, primeiramente como descarga (o grito) e progressivamente adquirindo uma função secundária de extraordinária importância para nós humanos, a função da comunicação (Freud, 1950a, p.362-3, p.414-5), fazem parte deste intrincado desenvolvimento que estabelece esta unidade mínima de sentido, a representação-coisa. Esta última, embora possua seu núcleo irreduzível em relação ao sujeito, possui algo dos investimentos narcisistas deste último. Podemos depreender isto da afirmativa de Freud (1940, p.148): “É difícil enunciar algo sobre o comportamento da libido dentro do id ou do superego. Tudo que sabemos disto se refere ao ego, no qual se armazena toda quantidade inicial de libido. Chamamos narcisismo primário absoluto a este estado. Dura até que o ego comece a investir com libido as representações de objetos, isto é, transformar libido narcisista em libido de objeto”. Assim, as representações-coisa levam na condição de objetos internos um *quantum* de libido narcísica, libido esta que é a base da semelhança e que será reconhecida, mas que também estabelece a diferença. A representação-corpo é o suporte inicial e necessário para a constituição de qualquer representação-coisa: “é uma geografia sexual simbólica”, afirma Freud (1905b, p.88) em relação ao segundo sonho de Dora, e é através desta geografia que o primário se faz evidente. Portanto, como salienta Maldavsky (1977, p. 33), umas das diferenças fundamentais entre os conceitos de representação-coisa de 1891 e 1895, respectivamente da Afasia e do Projeto, está em que,





neste último, tal representação possui o caráter de irredutível ao sujeito, enquanto que no primeiro texto não observamos isto. Uma outra diferença está que, na Afasia, a representação não possui o caráter erógeno que adquire no Projeto e que claramente aparece na citação referida acima sobre o sonho de Dora.

O corpo e suas representações são, portanto, fundamentais para a configuração das respectivas semelhanças e diferenças entre as representações-corpo e as representações-coisa. Poder-se-ia dizer que estas últimas constituem as primeiras e vice-versa: *“No que diz respeito ao juízo, cabe ainda assinalar que seu fundamento é evidentemente a preexistência de experiências corporais, sensações e imagens de movimentos próprios. Se estas últimas faltarem, o setor variável do complexo perceptivo permanecerá incompreendido, isto é, poderá ser reproduzido, porém não proporcionará nenhuma orientação para ulteriores caminhos do pensar”* (1950a, p.378). É nesta inesgotável interação, portanto, entre libido narcisista e libido de objeto que se tecem as infindáveis relações entre as inúmeras representações, e a cadeia de significantes encontra a sua origem. Seria também extremamente importante e interessante teorizarmos sobre os possíveis destinos da irredutibilidade das representações nas situações de duplicação tão afins das identificações primárias narcisistas de patologias psicóticas e narcisistas, porém isto é tarefa para um trabalho posterior.

O sujeito, através da sua representação, estabelece com o outro, isto é, com suas representações, um conjunto de relações vinculares conscientes e inconscientes, denominadas por Freud de lugares psíquicos: *“Na vida anímica do indivíduo, o outro se encontra integrado com total regularidade, como modelo, como objeto, como auxiliar ou como inimigo, e por isto, desde o começo, a psicologia individual é simultaneamente psicologia social...”* (1921, p.67). Assim, como pondera Maldavsky (1977, p. 34-7), as representações se transformam de acordo com seus conteúdos e de acordo com seu lugar posicional. As mais variadas organizações psíquicas trazem combinações destas relações. Uma variação bastante conhecida formulada por Freud (1915a, p. 122-3) diz respeito às posições ativa e passiva do sujeito e do objeto na sua configuração vincular em relação ao par sadomasoquista. Outro aspecto, também descrito por Freud (1905a), é a transformação de determinada representação, quando se estabelece a diferença dos sexos. O que era em parte irredutível entre o sujeito e a representação-coisa torna-se mais irredutível com o estabelecimento da diferença dos sexos. Neste sentido é o que compreende Maldavsky (1977, p. 34-5), quando cita Freud (1921, p. 99-100) referindo-se à transformação representacional devida à mudança posicional sofrida na fase pré-edípica e edípica em relação ao sujeito. Assim, a relação do sujeito com a imagem do outro varia, conforme este último ocupe a posição de modelo, objeto de desejo ou ajudante de acordo com o momento pré-edípico e as





relações pertinentes ao complexo de Édipo positivo ou negativo (Freud, 1921, p.99-100; 1923a, p. 34-5). É neste sentido que também entendemos a ação das profantaisias como parte do instinto (*Instinkt*) na função de organizar a experiência sensorial e vivencial e que, como conteúdos, preenchem e dão significado à pulsão (Maldavsky, 1986, p.95). Podemos, à guisa de exemplo, examinarmos com cuidado, como o faz o próprio autor, a transformação representacional que se processa no interior do psiquismo do melancólico Christoph Haizmann, no que diz respeito à representação do pai na medida em que a repressão vai se desfazendo. Encontramos, portanto, as devidas posições de ajudante, modelo, objeto de desejo e rival, assim como a explicitação, pelo discurso progressivamente delirante do pintor, das fantasias primordiais constituintes do complexo de Édipo, especialmente o negativo, bem como as expressões ternas, eróticas e hostis das moções pulsionais vigentes, todas essas em permanente transformação, provocando com isto uma série especialmente rica de representações condensadas (Freud, 1923b, p. 87-94).

Algumas considerações ainda se fazem necessárias antes de concluirmos este capítulo. Trata-se de resumirmos a maneira pela qual o sistema representacional inconsciente, que tem como unidade a representação-coisa, se organiza a partir das fantasias primordiais. Como já foi esboçado na nossa introdução, as fantasias primordiais são, para Freud, esquemas universais que organizam as representações vivenciais como nódulo do inconsciente. Os complexos em geral, como o de Édipo e de castração, para Freud, são expressão da combinação de inúmeras representações organizadas de acordo com tais esquemas. O referido acima sobre o complexo do semelhante encontra-se assim redimensionado dentro da obra freudiana nos complexos de Édipo e de castração, embora possamos compreender a sua origem pré-edípica. Os critérios de simultaneidade, analogia e causalidade citados na Carta 52 e no capítulo VII da Interpretação dos Sonhos são assim organizadores de tais fantasias universais, bem como, através deles, estas últimas encontram sua operacionalidade. A própria causalidade, constituída a separação entre a representação do sujeito e do outro, expressa esta inter-relação constante entre causa e efeito e é a condição *sine qua non* da possibilidade de configuração do ontogenético através da filogenia. Somente assim as fantasias primordiais de sedução, cena primária, castração e, podemos acrescentar, de retorno ao ventre materno, se constituem como vivências e, depositadas no núcleo do inconsciente, fazem parte do complexo associativo denominado de complexo de Édipo e complexo de castração. Isto também está de acordo com as propostas de Bion sobre a concepção oriunda de uma pré-concepção inata (1963). Também compreendemos com maior abrangência a citação de Mill referida acima, quando expressa que a representação-coisa só pode ser entendida “*pelo conjunto das impressões sensoriais que recebemos de um objeto do mundo, admitindo a possibilidade de uma*





Roaldo Naumann Machado

série maior de novas impressões dentro da mesma cadeia associativa” (Maldavsky, 1977, p.57). Nunca é demais insistirmos no fato de que as fantasias primordiais encontram no primário sua condição de configuração. Assim, é esta ‘extraterritorialidade’ que, uma vez instituída, é a condição da expressão da fantasia e que implica no reconhecimento de dois espaços psíquicos: o do representante e o do representado (Castoriades-Aulagnier, 1975 p.31), espaço este onde irá operar a cena primária.

A representação-palavra e a emergência do ego real definitivo

Em 1891(p.90-1) Freud definiu a representação-palavra “*como uma representação complexa, construída a partir de distintas impressões; isto é, correspondente a um intrincado processo de associações no qual intervêm elementos de origem visual, acústica e cinestésica. Certamente a palavra adquire seu significado a partir de seu enlace com a representação-objeto...*”. Esta definição coincide com a descrita acima (1915b, p.197), com a ressalva que Freud se refere à representação-coisa e não à representação-objeto. Acrescente-se a isto que Freud, como refere Maldavsky (1977, p.40; conf. Freud, 1891 p.86-7), postula que a representação-palavra, ao contrário da representação-coisa, é um todo fechado constituído da imagem sonora da palavra, da imagem do movimento articular da palavra falada, da imagem da palavra escrita e da imagem do movimento ao escrevê-la (Freud, 1950a, p.413). O primeiro aspecto acústico é o organizador dos outros e, embora o todo seja fechado, é suscetível de ampliação (1891, p. 90-1): “*A palavra é essencialmente o resto mnêmico da palavra ouvida*” (1923a, p.23) articulada às demais representações, como dissemos, pela reanimação alucinatória dos restos mnêmicos acústicos.

Há uma série de elementos que são importantes para este caráter discreto, distinto de uma palavra que implica na sua condição de essencialmente fechada e exclusiva (Freud, 1950a, p.413), embora suscetível de ampliação. Maldavsky (1977, p.42-3;), baseado em Freud, refere que a experiência formadora da respectiva representação é fundamentalmente passiva, pois a recebemos da cultura, em que o caráter reprodutivo ativo é o subsequente. Vejam-se, por exemplo, as referências de Freud ao aspecto imitativo da experiência humana (1950a, p.379) e à reanimação alucinatória de restos mnêmicos acústicos para a evocação da palavra (Carta 52, 1950b, p.275). Baseado nesta circunstância reprodutora ativa da palavra é que Freud afirma que as palavras são escassas, exclusivas, e que apenas podemos pronunciar uma palavra de cada vez (1891, p.87). Diga-se de passagem, Freud publicou todo um estudo destinado à psicopatologia da vida cotidiana (1901) no qual os capítulos sobre os lapsos da língua, da escrita e da leitura tratam extensivamente do fato de que, em determinadas





circunstâncias, a palavra perde seu caráter de exclusividade e adquire “*antigas liberdades*” que já não mais possui. Assim sendo, o componente motor da palavra tem a incumbência de selar a sua condição discreta (Freud, 1891, p.104). Ora, tal condição discreta é também a condição *sine qua non* de sua lógica pré-consciente, e visualizamos, na reprodução da imagem motora da palavra ouvida, sua condição para que a mesma se constitua em peça essencial da pré-consciência e de que apenas uma de cada vez possa ser pronunciada. Desde muito cedo Freud advogou que o sistema pré-consciente detinha o poder sobre o sistema muscular (1900, 1915b, 1923a); assim sendo é este sistema que reproduz ativamente as impressões cinestésicas (representações-movimento) que constituirão parte da representação-palavra na tentativa de reprodução do modelo cultural que se oferece. No escrito acima sobre o complexo do semelhante (1950a, p.377), no que se refere ao grito, encontramos com dois momentos lógicos sucessivos de grande importância para a formação da representação-palavra. Num primeiro momento há o registro do grito como próprio, grito este devido à alteração interna, isto é, expressão dos afetos, e no segundo, quando se ouve o grito de um semelhante, este pode ser reconduzido às experiências do próprio sentir ativando-se a representação-movimento cinestésica da fala. Está, portanto, inaugurada a linguagem verbal, testemunho do vínculo intersubjetivo: “*Esta via de descarga assume assim a função secundária, importante ao extremo para o entendimento (Verständigung; ou comunicação), e o desamparo inicial do ser humano é a fonte primordial de todos os motivos morais*” (Freud 1950a, p.362-3, p.414-5). Como a reprodução se processa num sentido temporal, estamos diante dos momentos primeiros e fundamentais da constituição do pré-consciente. Para que a representação-palavra atinja a sua constituição mais ou menos definitiva, são necessários mais alguns passos, como a inserção das imagens visuais das letras, obtidas com o soletrar e a imagem da totalidade da palavra. Estas, por sua vez, se associam às imagens cinestésicas e acústicas da palavra, condições estas necessárias para uma leitura com compreensão (Freud, 1891, p.81-90; Maldavsky, 1977, p.43).

Algumas considerações ainda devem ser feitas antes que, seguindo a sugestão de Maldavsky, passemos a considerar o enlace das representações-palavra com as representações-coisa originando as verdadeiras representações-objeto (Freud, 1915b, p.197). A unidade constitutiva do inconsciente propriamente dito é a representação-coisa na qual prevalece a organização visual. Já, no que diz respeito ao pré-consciente, a unidade constitutiva é a representação-palavra na qual prevalece a organização acústica. De acordo com Freud (carta 52, 1950b, p.275), o pré-consciente está constituído não somente de termos lingüísticos, mas “*sim também de um conjunto de regras combinatórias destes termos, tal como destacou Liberman (1974)*” (Maldavsky, 1977, p.46). Tais regras estão intrinsecamente ligadas ao fenômeno da repressão no





qual, por várias razões, o pré-consciente como sistema não acolhe o advindo do inconsciente e, quando o faz, dá origem a inúmeras formações de compromisso das quais citamos algumas como os sintomas, os sonhos, os diversos lapsos, etc. Nestas circunstâncias perde-se o vínculo entre a representação-coisa e representação-palavra que, segundo Freud (1981, p.96), é o mais débil. Voltaremos a examinar daqui a pouco estes vínculos associativos entre representações-coisa e palavra distinguindo a neurose e a esquizofrenia de acordo com Freud.

Outro aspecto que apenas citamos *en passant* é a distinção entre a palavra manuscrita e a palavra impressa. Esta última, de acordo com Freud (1930, p.90), é a “*linguagem do ausente*” e implica num maior distanciamento entre o sujeito e o outro, tornando a irredutibilidade entre ambos muito mais definitiva. As cartas manuscritas, especialmente as de amor, conduzem a uma maior proximidade dos elementos constitutivos do complexo do semelhante. Embora em tais circunstâncias a palavra permaneça enlaçada pelas imagens sonoras, imagens articulares, imagens da escrita e a imagem do movimento ao escrevê-las, isto é, a prevalência de sentidos distais, esforçamo-nos por incluir nas mesmas sentidos proximais como o tato, gosto e olfato, resignados pela lógica do pré-consciente, embora possamos remeter a representação-palavra a eles, como esta última deverá ser remetida à representação-coisa. Uma carta manuscrita é diferente de uma carta datilografada e certamente, nos dias atuais, do correio eletrônico.

Passemos para o exame do enlace das representações-coisa com as representações-palavra que pode ser estudado, como sugere Maldavsky (1977, p.48-55), a partir dos fenômenos patológicos que testemunham sua dissociação. Além dos inúmeros trabalhos sobre as neuroses de transferência, Freud (1914, p.79-82; 1915b, p.193-201) estuda tais situações através da hipocondria e da esquizofrenia. Nestes dois textos Freud nos afirma, a partir do fenômeno da dor corporal, que o investimento excessivo do corpo é o causador de um correspondente desinvestimento dos objetos. Nos estados hipocondríacos, tão comuns nas neuroses narcisistas como a esquizofrenia, a distribuição libidinal segue um destino semelhante. Trata-se da vivência hipocondríaca do *Senatspräsident* Daniel Paul Schreber, que se alterna com o seu estado delirante (Freud, 1911b). Assim “*A hipocondria é para a parafrenia o que, aproximadamente, as outras neuroses atuais são para a histeria e neurose obsessiva*” (1914, p.81). Portanto, do ponto de vista de Freud, nestas situações, ocorre uma estase de libido no corpo e suas representações, da mesma forma que, nas neuroses de transferência, ocorre uma estase de libido no plano das representações-coisa.

No capítulo VII do trabalho sobre o inconsciente (1915b), Freud retorna ao que denomina de processo restitutivo das neuroses narcisistas (1914, p.83). Inicia tecendo considerações sobre o que ocorre com a libido nas esquizofrenias, que, reti-





rada dos objetos, estabelece uma situação equiparável ao narcisismo primitivo carente de objeto. Isto é o responsável pela apatia total na qual desemboca o processo, originando uma repulsa ao mundo exterior e inacessibilidade terapêutica. Acrescenta Freud que, sobretudo nos estádios iniciais da doença, se observa uma série de “*alterações da linguagem*” (1915b, p.194). Estas seriam responsáveis pelo modo de expressão rebuscada e amaneirada dos pacientes esquizofrênicos: “*As frases sofrem uma particular desorganização sintática que as tornam incompreensíveis para nós*” (p.194). O conteúdo das mesmas reporta-se principalmente a órgãos ou inervações do corpo. Estamos, portanto, diante da hipocondria, ou melhor, da estase libidinal nas representações-corpo. Como exemplos Freud cita casos do doutor Victor Tausk nos quais o primeiro diz respeito a uma paciente que disse ter seus olhos torcidos, pois se identificou com o amado que era um torcedor de olhos. Esta mesma paciente falseou sua posição postural pela mesma razão, isto é, identificou-se com o amado na sua posição falsa: “*O movimento de se colocar de outra maneira, observa Tausk, é uma figuração da mudança de falsear a posição e da ‘identificação com o amado’*” (p.195). Prossegue Freud ressaltando que o elemento que prevalece é o da inervação corporal: “*Outrossim, uma histérica no primeiro caso teria torcido convulsivamente os olhos e, no segundo, teria executado na realidade uma sacudida no lugar de sentir a sensação do mesmo e, em nenhuma destas situações, teria tido um pensamento consciente sobre isto, nem teria exteriorizado o mesmo com posteridade*” (p.195). De acordo com Freud, estas situações testemunham a “*linguagem hipocondríaca ou linguagem do órgão*”. Ora, as palavras sofrem o mesmo processo de deslocamento e condensação tão característico do processo de figuração onírica. Apresentam a concretude da representação-coisa. Trata-se, no dizer de Castoriades-Aulagnier (1975, p.18), “*de um ‘suplemento’ representado pela criação de uma interpretação ‘delirante’ que torna dizíveis*” os efeitos da atração que o originário e o primário exercem sobre a atividade do representar.

Cita Freud outro caso (Freud, 1915b, p.196): um paciente de sua observação abandonou todos os interesses na vida por causa da deterioração que sofrera a pele de seu rosto. Ocupava-se de suas espinhas e referia que, após espreme-las, formavam-se profundos orifícios: “*joga na sua pele o complexo de castração*”. Prossegue Freud dizendo que esta formação substitutiva apresenta muita semelhança com formações substitutivas da histeria, contudo guarda em relação às mesmas algo estranho: “*Um buraco diminuto dificilmente será tomado por um histérico como símbolo da vagina, que, em troca, estabelecerá tal relação com todos os objetos possíveis que encerrem um oco*” (p.197). Portanto, para Freud, o caráter diminuto e múltiplo dos buracos estabelece para estas formações um caráter estranho: “*Nos damos conta de que é o predomínio da referência da palavra sobre a referência da coisa*” (p.197). Da mes-





ma maneira descreve outro paciente de Tausk que comunicava sem resistência alguma a razão de sua inibição de calçar as meias: todos os buracos eram para ele um símbolo da abertura vaginal e o pé significava um símbolo do pênis, assim como cobri-lo, o ato onanista: *“O substituto foi prescrito por semelhança da expressão linguística, não pelo parecido da coisa designada. Toda vez que ambas, a palavra e a coisa, não coincidem, a formação substitutiva da esquizofrenia diverge da que se apresenta no caso das neuroses de transferência”* (p.197).

Portanto, para Freud (1915b, p.198), o sistema inconsciente possui os investimentos de coisa dos objetos e o *“sistema pré-consciente nasce quando esta representação-coisa é investida novamente pelo enlace das representações-palavra que lhe corresponde”* (p.198; Freud, 1923a, p.22). Assim, estes novos investimentos possibilitam a organização psíquica superior e o afastamento do processo primário em relação ao secundário. É, contudo, através do processo repressivo que as marcadas diferenças entre as neuroses de transferência e as neuroses narcisistas e psicoses se tornam mais inteligíveis. Freud pergunta-se de imediato se *“o processo que neste caso temos chamado de repressão tem, todavia, algo em comum com as neuroses de transferência”* (p.199). Conclui que, embora o processo de retirada do investimento consciente seja comum para ambas as afecções, *“esta fuga por parte do ego que ocorre nas neuroses narcisistas é muito mais profunda e radical”* (p.200). Prossegue nos dizendo que, na esquizofrenia, a retirada do investimento pulsional se amplia até a representação-coisa e que a representação-palavra superinvestida não é nada mais que *“o primeiro dos intentos de restabelecimento ou cura que tão chamativamente presidem o quadro clínico da esquizofrenia. Estes empenhos pretendem reconquistar o objeto perdido, e pode suceder a partir deste propósito que, tendo empreendido o caminho para o objeto passando pelo componente da palavra, deva se conformar com esta última no lugar das coisas”* (p.200). Assim, acrescenta Freud, sempre que *“pensamos em abstrato nos expomos ao perigo de descuidar os vínculos das palavras com as representações-coisa inconscientes e é inegável que o nosso filosofar cobra, então, uma intensidade de indesejada semelhança com a modalidade de obrar do trabalho dos esquizofrênicos”* (p.200). Poderíamos dizer que as palavras são ocas e que, na tentativa de restituição do vínculo com a realidade, são tratadas como se representações-coisa fossem.

Partimos, portanto, de duas situações que demonstram o estreito vínculo que a representação-palavra estabelece com a representação-coisa e vice-versa. Nas neuroses de transferência a representação-coisa permanece no inconsciente e, como a mesma é a representante da pulsão, é a partir dela que se estruturam as formações de compromisso que comprometem inclusive a linguagem falada. Esta é a expressão mais comum da repressão. Já nas neuroses narcisistas e psicoses, no nosso caso a





esquizofrenia, a repressão é bem mais radical. Desinveste a representação-objeto como um todo, inclusive aspectos dela que correspondem à representação-coisa, e, na tentativa de restituição, superinveste a representação-palavra. A representação-coisa não é a representante da pulsão e sim da realidade (Freud, 1924a, p.155). Freud ainda não havia conceituado de uma forma acabada os mecanismos da desmentida (*Verleugnung*) e da (*Verwerfung*). Estes foram descritos com mais precisão em 1927 e 1918. Porém o que realmente importa neste trabalho, para os nossos propósitos atuais, é o enlace que é operado entre as duas representações mencionadas. No caso das neuroses de transferência, a representação-coisa permanece dentro do sistema inconsciente e, a partir da mesma (complexos representacionais), originam-se os sintomas e as desfigurações oníricas (1900, p.162). No segundo caso a retração narcisista desinveste, inclusive, a representação-coisa, dando origem à linguagem do órgão, expressão lingüística da hipocondria (representação-corpo).

Ora, como se processa tal enlace entre representações-coisa e palavra? Maldavsky (1977, p.48), a partir de inúmeras sugestões de Freud, nos fornece algumas pistas: “*Para Freud a representação-coisa se enlaça através do componente visual com a representação-palavra, a qual se conecta com a coisa mediante o componente acústico*”. Para Freud (1891) existem três tipos de enlaces: o verbal, entre os componentes da representação das palavras, o gnóstico, entre a coisa exterior e sua representação e o simbólico, entre as representações de coisa e a palavra. Este último, que é o objeto de nosso estudo, é, segundo Freud, o mais frágil (1891, p.96). Maldavsky (1977, p.49), citando Freud, em especial o Projeto, refere que o assunto se tornou mais complexo a partir de algumas sugestões de Freud, que acrescentou aos aspectos visuais e acústicos das respectivas representações componentes cinéticos e tonais (musicais): “*consiste no enlace dos neurônios Y (restos mnêmicos) com neurônios (restos mnêmicos) que servem para a expressão das representações sonoras e que possuem, elas mesmas, a mais íntima associação com imagens lingüísticas motoras... da imagem sonora, a excitação alcança sempre a imagem-palavra, e desta, a descarga. Portanto, se as imagens mnêmicas (da palavra ouvida) são de tal índole que uma corrente parcial possa ir delas até as imagens sonoras e motoras da palavra, o investimento das imagens mnêmicas se acompanhará de notícias de descarga que serão os sinais de qualidade e, por isso também, sinais de consciência da memória*” (1950a, p.413). Certamente o sistema que opera para que a notícia da descarga se converta em qualidade é o ω , e é a partir de imagens obtidas através desta consciência que se estrutura “*o pensar observador, consciente*” (p.413). Portanto, para Freud, quatro são os elementos que, interligados, constituem a condição *sine qua non* de a representação se constituir em representação-palavra e aceder à lógica pré-consciente: componentes visuais, acústicos, sonoros e motores, sendo que os sonoros





constituem parte dos acústicos propriamente ditos. Estes últimos são os organizadores por excelência da palavra, enquanto que os primeiros da representação-coisa.

A idéia de que o pensamento é uma figuração de um ato de pensamento procede do componente motor que enlaça as representações-coisa com as palavras. Também, como referimos anteriormente neste trabalho, temos uma dimensão mais abrangente da jurisdição que o pré-consciente exerce sobre a descarga motora. Nossos sonhos, como afirma Freud inúmeras vezes (1900), atingem as dimensões plásticas e dramáticas com as quais estamos familiarizados pela ausência do componente motor ligado ao pré-consciente. Assim, mesmo as imagens verbais que fazem parte de um sonho sofrem esta concretude tão característica dos deslocamentos e condensações pertinentes à representação-coisa e tão próprias do pensamento esquizofrênico que indicam a prevalência do primário sobre o secundário: *“tratam coisas concretas como se fossem abstratas”* (1915b, p.201) e vice-versa, uma verdadeira *“palavra-coisa-ação”* como propõe Castoriades-Aulagnier (1975, p.16). Portanto, para Freud, um pensamento consciente não poderá distanciar-se demasiadamente das representações-coisa e, também baseados em Freud, acrescentaríamos, das representações-corpo. De acordo com Castoriades-Aulagnier, o originário, o primário e o secundário atuam simultaneamente e permanentemente, facilitando o enlace entre as múltiplas representações e estabelecendo a condição fundamental para que a linguagem humana seja compreensível e veículo da comunicação.

À guisa de conclusão: identificação e representação

Certamente o exposto nem de longe atinge o objetivo de apreciarmos com toda a profundidade exigida temas tão complexos como os propostos. Seriam necessárias investigações mais detidas sobre as características dos enlaces entre as referidas representações entre elas próprias e entre as diferentes formas nas quais as mesmas se apresentam. Também seria interessante um estudo mais aprofundado sobre as linguagens do erotismo, isto é, a prevalência de determinadas organizações pré-conscientes nas diversas formas de expressão pulsional. Tal estudo já é objeto de investigação mais detalhada por David Maldavsky como demonstram suas últimas publicações (1999, 2000).

Antes de terminar gostaria de discutir brevemente o tema das identificações primária e secundária, pois penso que o mesmo se refere diretamente ao problema das representações e sua forma de processamento. Valho-me de três textos de Freud: do capítulo IV da *Interpretação dos Sonhos* (1900), mais especificamente a parte que trata da identificação histérica (p.167-8), do capítulo VII da *Psicologia das Massas e*





Análise do Ego (1921, p.99-104) e do capítulo III do Ego e o Id (1923a, p.30-40).

Começemos com a identificação primária. Freud (1923a, p.31-3) nos diz que “no começo de tudo, na fase oral primitiva do indivíduo, é completamente impossível distinguir entre investimento de objeto e identificação”. As futuras identificações reforçarão as identificações primárias que são “o resultado de uma identificação direta e imediata (não mediata) mais precoce do que qualquer investimento de objeto”. Os vínculos assim descritos estão organizados no sentido de ser o objeto (1921, p.100). Em Conclusões, idéias e problemas (1941b, p.301), Freud sintetiza o que compreende por uma identificação que corresponde a ser o objeto: “‘ter’ e ‘ser’ na criança. A criança tende a expressar o vínculo com o objeto mediante a identificação: ‘eu sou o objeto’. O ‘ter’ é posterior, volta-se em direção ao ‘ser’ após a perda do objeto. ‘O peito é um pedaço de mim, eu sou o peito’. Somente depois: ‘eu o tenho, portanto, eu não o sou...’”. A mesma ilação de pensamento Freud já formulara em 1925b (p.254-6) e em 1930 (p.67-9). Trata-se da forma de operar do ego prazer purificado. Portanto, deste ponto de vista, o termo identificação refere-se a um estado de ser do indivíduo em que objeto e sujeito estão confundidos. No momento seguinte, quando o ser possui o objeto, algo de libido narcisista foi perdido. É neste sentido que o irredutível do complexo do semelhante sofre, por obra da desmentida, uma redutibilidade que torna a semelhança uma identidade ilusória. O funcionamento do primário, baseado principalmente na causalidade em que a relação de causa e efeito (prazer e desprazer) entre os dois espaços psíquicos admitidos, isto é, o eu e o outro, são reconhecidos, sofre uma permanente oscilação entre tal reconhecimento e a sua desmentida. Como podemos reconhecer tal movimento? Uma das maneiras que o testemunham são, do nosso ponto de vista, os deslocamentos e condensações que sofrem as representações-coisa dentro do primário (Freud, 1900, p.193; p.311-5). Assim, as mesmas são superpostas pelas mais variadas razões nas quais a parte se confunde com o todo (a “compulsão a figurar uma unidade entre várias partes” descrita por Freud, 1900, p.194). E é próprio, portanto, do primário tal forma de representação em que os elementos a serem reconhecidos como separados são novamente superpostos, perdendo-se a distância simbólica tão própria do secundário e que caracteriza a desfiguração onírica (1900, p.193-5; p.584). Se, de acordo com o dito por Freud (1941b, p.301), parte da representação-coisa sempre retém libido narcisista, é exatamente esta que tende a desestabilizar a distância simbólica obtida pelo secundário, favorecendo os movimentos de condensação e deslocamento. A caixa de jóias (Freud 1905b, p.61), para o primário, não só representa o genital feminino de Dora, como é de fato o genital em si, e nela está o reconhecimento da própria castração assim como o reconhecimento da castração do outro. As jóias inclusas dentro da caixa expressam a desmentida da castração do sujeito e do outro. Vemos assim como





o complexo do semelhante se estrutura a partir de um movimento complexo de distanciamento e identidade tão própria desta figurabilidade do primário.

Com a prevalência do secundário, o menino deverá compreender que *“assim como o pai ele deve ser, também deve compreender a proibição de que assim como o pai ele não pode ser, pois não pode fazer tudo que o pai faz”* (1923a, p.36). As identificações secundárias obedecem a outros mecanismos mais complexos nos quais, dos objetos, se tomam apenas alguns traços ou aspectos, relegando para o inconsciente as identificações primeiras e originais. Estas visam a restabelecer o narcisismo irrestrito das organizações primitivas (1923a, p.46, 1930, p.73). A palavra e sua representação são de fundamental importância para a consolidação das identificações secundárias, exatamente pelo aspecto discreto que as mesmas apresentam como foi descrito acima. Talvez uma forma de entendermos com maior profundidade o que pretendemos possa ser o exame das identificações históricas. Freud (1900, p.100-1) assim se expressa: *“A identificação é um aspecto extremamente importante para o mecanismo dos sintomas histéricos; por este caminho os enfermos expressam em seus sintomas as vivências de uma série de pessoas... é como se padecessem por todo um grupo de pessoas e figurassem todos os papéis de um drama por seus recursos pessoais... portanto, a identificação não é uma simples imitação, sim apropriação sobre a base de uma mesma reivindicação etiológica; expressa um ‘igual que’ e se refere a algo comum que permanece no inconsciente”*. De uma forma semelhante Freud alude às identificações históricas em outros trabalhos (1921, p.100-1): *“Quiseste ser tua mãe, agora o és pelo menos no sofrimento. Eis aqui o mecanismo completo da formação histórica de sintoma”*. Podemos, portanto, entender que, nestas situações descritas, o que concerne à identificação primária fica sob repressão depositado no inconsciente, enquanto que, no pré-consciente, aparece a formação substitutiva sintomática. O sintoma é, em última análise, uma identificação primária que não pode estabelecer-se como tal. *“As psiconeuroses são, por assim dizer, o negativo da perversão”* (Freud 1905b, p.45). A idéia de que um sintoma possui vários significados simultaneamente e sucessivamente (Freud 1905b, p.47-8) nos remete à trama representacional do mesmo que permanece no inconsciente. No caso descrito acima da paciente esquizofrênica de Tausk, esta se identificou com o amado, e esta situação não submergiu no inconsciente. Ela é de fato o amado. cremos, como foi dito acima, que estas situações são muito próprias da forma de obrar do primário com seus deslocamentos e condensações. O secundário, exatamente pela prevalência da representação-palavra, não admite tais liberdades, a não ser como as enigmáticas formações de compromisso. O fato de que as identificações primárias cedam espaço para as secundárias pela ação da palavra é indicativo da presença deste mecanismo universal que chamamos de repressão. Penso que, com estas últimas considerações, podemos en-





cerrar o presente trabalho, sem deixar de apreender o inesgotável do nosso assunto, bem como, diga-se de passagem, da capacidade sem limites da alma humana de representar. □

Abstract

The present paper aims the study of representation and its function in the structuring of the unconscious. To achieve it, the author works with the concepts of body-representation, thing-representation and word-representation trying to establish connections related to their formations and enlacing. Based mainly upon Freud's work, he also refers to other authors as David Maldavsky and Piera Castoriades-Aulagnier.

Resumen

El presente trabajo tiene por objetivo el estudio de la representación y su función en la estructuración del inconsciente. Para tanto, el autor trabaja con los conceptos de representación de cuerpo, de representación de cosa y de representación de palabra, buscando establecer aproximaciones en tanto a sus formaciones y enlaces. Basado principalmente en la obra de Freud, se refiere también a otros autores como David Maldavsky y Piera Castoriades-Aulagnier.

Referências

- BION, W. (1963). *Elementos del psicoanálisis*. Buenos Aires: Hormé.
- CASTORIADES-AULAGNIER, P. (1975). *La violencia de la interpretación*. Buenos Aires: Amorrortu, 1997.
- ELIADE, M. (1983). *História das crenças e das idéias religiosas*. Rio de Janeiro: Zahar.
- FERREIRA, A. B. de H. (2003). *Novo Dicionário-Século XXI*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- FREUD, S. (1891). *La Afasia*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1973.
- . (1900). La interpretación de los sueños. In: *Sigmund Freud, Obras completas*. vs. 4e 5. Buenos Aires: Amorrortu, 1988, 29-707.
- . (1901). Psicopatología de la vida cotidiana. In: *Sigmund Freud, Obras completas*. v.6. Buenos Aires: Amorrortu, 1988, 1-284.
- . (1905a). Tres ensayos de teoría sexual. In: *Sigmund Freud, Obras completas*. v. 7. Buenos Aires: Amorrortu, 1988, p.109-210.





Roaldo Naumann Machado

- _____. (1905b). Fragmento de análisis de un caso de histeria . In: *Sigmund Freud, Obras completas*. v. 7. Buenos Aires: Amorrortu, 1988, p.1-108.
- _____. (1911a). Formulaciones sobre los dos principios del acaecer psíquico. In: *Sigmund Freud, Obras completas*. v.12. Buenos Aires: Amorrortu, 1988, p.217-232.
- _____. (1911b). Sobre un caso de paranoia descrito autobiográficamente (Schreber). In: *Sigmund Freud, Obras completas*. v. 12. Buenos Aires: Amorrortu, 1988, p.1-76.
- _____. (1912). Nota sobre el concepto de lo inconsciente en psicoanálisis. In: *Sigmund Freud, Obras completas*. v. 12. Buenos Aires: Amorrortu, 1988, p.265-278.
- _____. (1912-13). Totem y tabú. In: *Sigmund Freud, Obras completas*. v.13. Buenos Aires: Amorrortu, 1988, p.1-164.
- _____. (1914). Introducción del narcisismo. In: *Sigmund Freud, Obras completas*. v. 14. Buenos Aires: Amorrortu, 1988, p.65-98.
- _____. (1915a). Pulsiones y destinos de pulsión. In: *Sigmund Freud, Obras completas*. v. 14. Buenos Aires: Amorrortu, 1988, p.105-134.
- _____. (1915b). Lo inconsciente. In: *Sigmund Freud, Obras completas*. v.14. Buenos Aires: Amorrortu, 1988, p.153-214.
- _____. (1916). Conferencias de introducción al psicoanálisis. In: *Sigmund Freud, Obras completas*. v. 16. Buenos Aires: Amorrortu, 1988, 326-343.
- _____. (1917a). Complemento metapsicológico de la doctrina de los sueños. In: *Sigmund Freud, Obras completas*. v.14. Buenos Aires: Amorrortu, 1988, p.215-234.
- _____. (1917b). Duelo y melancolía. In: *Sigmund Freud, Obras completas*. v.14. Buenos Aires: Amorrortu, 1988, p.235-256.
- _____. (1918). De la historia de una neurosis infantil. In: *Sigmund Freud, Obras completas*. v. 17. Buenos Aires: Amorrortu, 1988, p.1-112.
- _____. (1920). Mas allá del principio de placer. In: *Sigmund Freud, Obras completas*. v. 18. Buenos Aires: Amorrortu, 1988, p.1-62.
- _____. (1921). Psicología de las masas y análisis del yo. In: *Sigmund Freud, Obras completas*. v. 18. Buenos Aires: Amorrortu, 1988, p.63-136.
- _____. (1923a). El yo y el ello. In: *Sigmund Freud, Obras completas*. v. 19. Buenos Aires: Amorrortu, 1988, p.1-66.
- _____. (1923b). Una neurosis demoníaca en el siglo XVII. In: *Sigmund Freud, Obras completas*. v. 19. Buenos Aires: Amorrortu, 1988, p.67-106.
- _____. (1924a). Neurosis y psicosis. In: *Sigmund Freud, Obras completas*. v. 19. Buenos Aires: Amorrortu, 1988, p.151-160.
- _____. (1924b). El problema económico del masoquismo. In: *Sigmund Freud, Obras completas*. v. 19. Buenos Aires: Amorrortu, 1988, p.161-176.
- _____. (1925a). Nota sobre la "pizarra mágica". In: *Sigmund Freud, Obras completas*. v.19. Buenos Aires: Amorrortu, 1988, p.239-248.
- _____. (1925b). La negación. In: *Sigmund Freud, Obras completas*. v. 19. Buenos Aires: 1988, p.249-258.
- _____. (1926). Inhibición, síntoma y angustia. In: *Sigmund Freud, Obras completas*. v.20. Buenos Aires: Amorrortu, 1988, p.71-161.
- _____. (1927). Fetichismo. In: *Sigmund Freud, Obras completas*. v. 21. Buenos Aires: Amorrortu, 1988, p.141-152.
- _____. (1930). El malestar em la cultura. In: *Sigmund Freud, Obras completas*. v. 21. Buenos Aires: Amorrortu, 1988, p.57-140.
- _____. (1940). Esquema de psicoanálisis . In: *Sigmund Freud, Obras completas*. v. 23. Buenos Aires: Amorrortu, 1988, p.133-210.





- . (1941a). Psicoanálisis y telepatía. In: *Sigmund Freud, Obras completas*. v. 18. Buenos Aires: Amorrortu, 1988, 165-184.
- . (1941b). Conclusiones, ideas, problemas. In: *Sigmund Freud, Obras completas*. v. 23. Buenos Aires: Amorrortu, 1988, 301-302.
- . (1950a). Proyecto de Psicología. In: *Sigmund Freud, Obras completas*. v. 1. Buenos Aires: Amorrortu, 1988, p.323-436.
- . (1950b). Carta 52. In: *Sigmund Freud, Obras completas*. v. 1. Buenos Aires: Amorrortu, 1988, 211-322.
- MACHADO, R. (1992). O ego da realidade original. uma aproximação freudiana do fenômeno psicossomático. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, v. 14, n. 3, p.201-209, set./dez. 1992.
- . (1994). A dor: uma abordagem freudiana do fenômeno psicossomático. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*. v. 16, n. 20, p.107-112, mai./ ago.
- . (2001). As cartas 46 e 52 de Freud a Fliess. significado para a obra freudiana e a psicanálise contemporânea. *Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre*, v. 8, n. 2, p.247-259.
- . (2003). Uma hipótese sobre a elaboração traumática transgeracional: Rapsódia de Agosto. *Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre*, v. 10, n. 1, p.71-85.
- MALDAVSKY, D. (1977). *Teoría de las representaciones*. Buenos Aires: Nueva Visión.
- . (1980). *El complejo de Edipo positivo*. Buenos Aires: Amorrortu, 1982.
- . (1986). *Estructuras narcisistas: constitución y transformaciones*. Buenos Aires: Amorrortu, 1986.
- . (1999). *Lenguajes del erotismo: investigaciones teórico-clínicas en neurosis y psicosis*. Buenos Aires: Nueva Visión.
- . (2000). *Lenguaje, pulsiones, defensas, rede de signos, secuencias narrativas y procesos retóricos en la clínica psicoanalítica*. Buenos Aires: Nueva Visión.

Recebido em 05/08/2003

Aceito em 24/09/2003

Roaldo N. Machado

Praça Dom Feliciano, 78/705
90020-160 – Porto Alegre – RS – Brasil
E-mail: roalmachado@aol.com

© Revista de Psicanálise – SPPA





Atenção montador

a página **558** é branca





O inconsciente na perspectiva da complexidade e do caos: uma abordagem inicial

Viviane Mondrzak*, Porto Alegre
Aldo Duarte***, Porto Alegre
Alice Lewkowicz**, Porto Alegre
Anna Luiza Kauffmann***, Porto Alegre
Eneida Iankilevich**, Porto Alegre
Gisha Brodacz**, Porto Alegre
Gustavo Soares**, Porto Alegre
Luiz Ernesto Pellanda*, Porto Alegre
Maria Regina Ortiz**, Porto Alegre

Este trabalho acompanha as discussões do grupo de estudos de epistemologia psicanalítica da SPPA. Tem como principal objetivo apresentar uma abordagem inicial sobre uma visão do funcionamento da mente e, principalmente, do inconsciente, a partir da perspectiva da Complexidade e da Teoria do Caos, idéias fundamentais no pensamento científico atual. Começa apresentando algumas noções sobre sistemas caóticos deterministas, tais como a sensibilidade às condições iniciais e a tendência a se organizarem e formarem padrões, as escalas fractais, que, mesmo imprevisíveis, podem ser reconhecidos retrospectivamente, (as escalas fractais). Após discute algumas relações entre estes conceitos e o inconsciente, destacando como a psicanálise antecipou alguns princípios básicos do pensamento científico de hoje, principalmente quando Freud introduz a noção de inconsciente com suas leis

* Membro da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

** Membro Associado da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

*** Membro Aspirante da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.



Viviane Mondrzak et alii

próprias, em constante relação com o consciente. O inconsciente surge como um sistema que apresenta um comportamento instável, aperiódico, e altamente complexo, do qual se auto-organizam determinadas estruturas como uma escala fractal. Destacam-se contribuições de Bion e Matte-Blanco que auxiliam na compreensão do inconsciente e a noção de que este conceito mantém seu mistério.

Introdução

Por que retomar o conceito de inconsciente? Não se trata do conceito sobre o qual Freud desenvolve a psicanálise, uma unanimidade entre os psicanalistas e entre pensadores de outras áreas, mesmo não tendo sido ele o primeiro a usar a expressão, nem seu “descobridor”? O pensamento filosófico do século XIX, através de Nietzsche e Schopenhauer entre outros, apresentava uma concepção de inconsciente marcada pelo romantismo, uma espécie de “subconsciência”, uma consciência profunda onde jazia um outro eu. Freud entra por este caminho, desbravando o inconsciente e levando o conceito às últimas conseqüências, principalmente quando, a partir do estudo dos sonhos, descreve seu funcionamento regido por leis próprias, fora do âmbito da consciência. A partir daí, a visão do homem nunca mais poderia ser a mesma, principalmente no que diz respeito à ilusão de ter o controle sobre seus atos.

Apesar desta inseparável identidade da psicanálise com o conceito de inconsciente, um olhar mais atento permite constatar que, sob o mesmo nome, subjazem modelos bastante diferentes. Assim, encontramos o termo “inconsciente” empregado de várias formas entre psicanalistas. Como substantivo, designando um “locus” definido por oposição a “consciente” e, apesar de sabermos que não há um local na mente correspondente a ele, ainda é um modelo espacial que não desapareceu dos textos psicanalíticos (Paniagua, 2001), possivelmente pela necessidade da mente humana de organizar as percepções nestes termos. Como adjetivo, relaciona-se predominantemente com a segunda tópica, usado como uma qualidade de conteúdos do ego, do superego e do id. Encontramos ainda o uso do termo associado à idéia de processo, de função, relacionado a formas específicas de operar da mente, como em Matte-Blanco (1975). O aspecto dinâmico, com a noção de conflito, permanece vinculado a “inconsciente”; da mesma forma, o modelo energético – forças inconscientes pressionando a entrada na consciência, em oposição à barreira da censura – também se faz presente. Mais recentemente deparamos com uma descrição do inconsciente como um sistema caótico determinista, tema que foi objeto de um painel no último congresso psicanalítico em Nice (Procci, 2002).





Acompanhando em linhas gerais a forma como a noção de inconsciente tem sido pensada nestes 100 anos de psicanálise, dentro da linha Freud-Klein-Bion que estamos focalizando e na qual incluímos Matte-Blanco, fica implícito que a visão de inconsciente em cada autor está inserida na sua concepção de modelo de funcionamento psíquico. Se em Freud este é um conceito essencial sobre o qual se estrutura o psiquismo, mesmo após a segunda tópica, em Klein fica privilegiado o conceito de fantasia inconsciente, onipresente na vida mental. Klein não estava preocupada em desenvolver uma teoria do inconsciente e tinha uma visão descritiva, a partir da clínica, não pretendendo mostrar como se formavam estas fantasias inconscientes. É como se estivesse implícito que eram produzidas por mecanismos intrínsecos ao aparelho mental, principalmente introjeção e projeção. Seguindo nesta evolução, Bion dedicase a estudar o funcionamento do “aparelho para pensar”, e a separação entre o que é consciente e o que é inconsciente é definida pela formação da barreira de contato composta por elementos alfa.

Matte-Blanco aproxima-se de Bion em vários aspectos e propõe consciente e inconsciente como modos de funcionamento, cada qual com sua lógica própria, assimétrica ou simétrica, intimamente relacionadas e representando formas distintas de discriminar relações. A lógica simétrica identifica a homogeneidade e caracterizaria o funcionamento inconsciente em seus vários níveis. Para ele, a qualidade de ser inconsciente não é primária, mas um produto necessário da relação entre o modo simétrico e assimétrico. O inconsciente é produto de uma limitação da consciência, que não tem condições de abarcar a complexidade de dimensões do ser (Matte-Blanco, 1975).

Em cada visão apresentada por estes autores é possível percebermos a influência do pensamento científico da época. Em Freud, os conceitos de energia, em Klein, noções da dialética de Hegel, em Bion, a física quântica e a matemática de Poincaré, em Matte-Blanco, a lógica matemática de Russell e, em todos, algo da epistemologia kantiana (Sandler, 1997).

Já o pensamento científico atual percebe, cada vez mais, a insuficiência do modelo cartesiano para explicar os fenômenos, tendendo de forma marcante para o estudo dos sistemas complexos (Santos, 1985), o que nos conduz à complexidade e ao caos.

Dentro desta linha de pensamento, este trabalho acompanha as discussões do Grupo de Estudos sobre Epistemologia Psicanalítica da SPPA. Tem como principal objetivo apresentar uma abordagem inicial sobre uma visão do funcionamento da mente e, principalmente, do inconsciente, a partir da perspectiva da Complexidade e da Teoria do Caos. Começa apresentando algumas noções sobre estes conceitos para, após, relacioná-los à compreensão do objeto deste estudo: o inconsciente.





A complexidade e o caos

O pensamento científico atual, afirma Santos (1993), vive “*um tempo atônito*” (p.5), um “*tempo de transição*” (p.6) em que o modelo da racionalidade não mais atende às necessidades do conhecimento. Esse modelo buscava leis aprendidas do que seria observação pura e experimentação que pudessem ser expressas por idéias matemáticas, compreendidas como “*idéias claras e simples a partir das quais se pode ascender a um conhecimento mais profundo da natureza*” (p.14).

Assim, vemos que a ciência cartesiana tem por objetivo simplificar, encontrar a expressão mais simples de situações complicadas, analisar e dividir sucessivamente um problema em seus componentes até chegar à expressão essencial deles. É bem essa a origem da idéia de *átomo*, “o que não mais pode ser dividido”, surgida na antiga Grécia, não porque tenha sido observado, mas como decorrência lógica de um limite para a divisão da matéria.

Esta simplificação lógica da ciência clássica considerava o surgimento de uma contradição como sinal de um erro de raciocínio, pois supunha que o mundo obedecia a uma lógica aristotélica e se buscavam explicações universais e certas (Santos, 1993). Mas a evolução da ciência seguia outro rumo. Pascal já percebia que, se era verdade que para conhecer o todo era necessário conhecer as partes, também era verdadeiro que para conhecer as partes se fazia necessário conhecer o todo. O todo é mais do que a soma das partes por um lado e menos por outro, mas nunca é igual. Mais, porque surgem propriedades emergentes, decorrentes da sinergia do todo; menos, porque as partes abrem mão de potencialidades para participarem do todo.

Nesta linha, seguiram-se os trabalhos de Poincaré utilizados por Bion e todas as descobertas da física quântica, apontando para a incerteza dos fenômenos e a impossibilidade de se obterem descrições exatas.

É importante ainda destacar os estudos de Ilya Prigogine, prêmio Nobel de Química de 1977, que revolucionaram o segundo princípio da termodinâmica. Sua teoria das estruturas dissipativas e o princípio da ‘ordem através de flutuações’ estabelecem que, em sistemas abertos, sistemas que funcionam nas margens da estabilidade, a evolução explica-se por flutuações de energia que, em determinados momentos, nunca inteiramente previsíveis, desencadeiam espontaneamente reações que, por via de mecanismos não lineares, pressionam o sistema para além de um limite máximo de instabilidade e o conduzem a um novo estado macroscópico. Essa transformação irreversível e termodinâmica é o resultado da interação de processos microscópicos segundo uma lógica de auto-organização numa situação de não-equilíbrio. Assim, novas organizações complexas surgem a partir da desordem (Santos, 1985).

Neste contexto, encontramos as contribuições de Edgar Morin, pensador fran-





cês contemporâneo que transita entre as ciências humanas, a biologia e a física, interessado em estudar este panorama marcado pela incerteza e caracterizado pela complexidade.

Morin (1991) é dos primeiros a reconhecer o pioneirismo de Freud no rompimento com a visão cartesiana – ainda que pretendesse seguir seus princípios paradigmáticos – ao colocar a psicanálise na linha da complexidade, descrevendo a presença de opostos simultâneos no inconsciente. Nas suas palavras: “*É extraordinário que uma idéia tão fundamental como o sistema aberto tenha também tardia e localmente emergido (o que já mostra que o mais difícil de perceber é a evidência). Com efeito, está presente, mas não explicitamente liberta em certas teorias, particularmente em Freud, onde o Eu é um sistema aberto simultaneamente sobre o isso e o superego, apenas podendo constituir-se a partir de um ou de outro, mantendo relações ambíguas, mas fundamentais com um e com outro; ...*” (p.28).

É ainda Morin quem chama a atenção para o fato de que “os elementos simples” já não são mais a âncora onde apoiar conceitos: “*Já não há mais solo firme, a ‘matéria’ já não é a realidade maciça elementar e simples à qual se podia reduzir a physis. O espaço e o tempo já não são mais entidades absolutas e independentes. Já não há mais não apenas uma base empírica simples, mas uma base lógica simples (noções claras e distintas, realidade não ambivalente, não contraditória, estritamente determinada) para constituir o substrato físico. Daí uma consequência capital: o simples (as categorias da física clássica que constituíam o modelo de qualquer ciência) não é mais o fundamento de todas as coisas, mas uma passagem, um momento entre complexidades, a complexidade microfísica e a complexidade macrocosmo-física*” (p.23).

Complexidade enfatiza a interconexão entre todas as variáveis do sistema, realçando a dependência deste em relação ao ambiente e afirma que, diferentemente do que se pensava, a entropia não tem um único sentido (do menos para o mais desordenado, de mais quente para mais frio), podendo os sistemas classificados por Prigogine como longe do equilíbrio encaminhar-se espontaneamente, sem interferência externa, da desordem para a ordem (uma *nova ordem*, diferente da anterior), dependendo para isso apenas de sua capacidade de auto-organização, de sua estrutura interna. Seres vivos são bom exemplo disto: contrariam a segunda lei da termodinâmica não apenas por serem sistemas abertos à energia, mas por criarem ordem a partir do caos. Assim, Morin fala de uma lógica da complexidade que afasta a causalidade simples e propõe que o conhecimento só pode ser alcançado a partir de uma dialógica entre ordem e desordem. Esta seria uma lógica que geraria ordem a partir do erro, do ruído (Eizirik, 1997).

A teoria determinista do caos tem sido utilizada para elucidar o funciona-





mento de vários sistemas complexos, mostrando que a desordem do sistema pode ser apenas aparente e que uma ordem (sem periodicidade) governa sistemas que eram antes considerados completamente aleatórios. Além disso, *paradoxalmente*, causas deterministas poderiam dar origem a efeitos imprevisíveis. Isto porque uma característica importante dos sistemas complexos (caóticos) é sua *sensibilidade e dependência às condições iniciais do sistema*; mudanças infinitesimais ocorridas no início do processo são capazes de determinar grandes mudanças (Abrams e Sardar, 1998).

Assim, a teoria do caos lida com sistemas complexos que, se por um lado obedecem às leis da física fundamental (o que inclui previsibilidade do processo), por outro, são imprevisíveis, tamanho é o grau de diversidade que apresentam. Sistemas complexos (considerados por Prigogine como distantes do equilíbrio) necessitam de um grande dispêndio de energia para manterem-se coesos. Após passarem por um *período caótico* (quando se desorganizam), tais sistemas buscam, em suas *estruturas internas*, uma redefinição (desconsiderando, neste momento, o ambiente) e, a partir desta *auto-organização*, avançam para um novo nível de organização (Prigogine, 1996).

Atualmente, o termo caos é utilizado no sentido de uma *desordem organizada*. Estas descobertas questionam o método científico clássico, baseado em princípios basicamente deterministas, no qual os efeitos são sempre proporcionais às suas causas. A questão que tem sido discutida, e que foi tema de um painel no congresso internacional de Nice, em 2001, é em que medida a teoria do caos, com uma linguagem e conceitos diferentes da psicanálise, pode contribuir de alguma forma com os conhecimentos psicanalíticos, sem que se constitua numa mera transposição, ou seja, respeitando as especificidades da cada área (Procci, 2002).

Assim, a proposta é que o funcionamento da mente poderia ser comparado ao comportamento de sistemas complexos (Quinodoz, 1997). E, principalmente, dentro do que nos interessa aqui, o trabalho inconsciente da mente, conforme observável no trabalho clínico, apresentaria características de um sistema caótico determinista. Vejamos alguns destes aspectos.

1) No inconsciente, como nos demais sistemas complexos, há uma “sensível dependência das condições iniciais”. Assim, pequenas diferenças na interação da criança com seus pais (ambiente), ou mesmo na interação paciente-analista numa sessão, podem causar grandes alterações.

2) Sistemas caóticos tendem a se organizar e formar padrões que, mesmo imprevisíveis, podem ser reconhecidos retrospectivamente. A teoria do caos mostra como uma atividade aleatória produz estruturas inesperadas que, com a repetição da experiência, voltam a um estado de caos do qual, com a repetição, emerge um padrão que se parece com o original. Este fenômeno é chamado de escala fractal, estudada





por Mandelbrot e que mostra como sistemas complexos apresentam similaridade quando examinados em diferentes níveis de magnitude. É encontrado na natureza, nas artes, em padrões de linguagem, na estrutura da personalidade, numa sessão de análise. Assim, o funcionamento inconsciente, comparável a um sistema caótico, tenderia a se organizar em padrões que apresentariam características comuns, assim como os derivados do inconsciente, mantendo uma estrutura básica comum, semelhante a um fractal.

3) O conceito de atrator foi desenvolvido para representar a variação de um sistema no tempo, a forma de um sistema conforme é esquematizado num espaço de fase, correspondendo ao que lhe dá a identidade. Um exemplo simples pode ser encontrado no fato de que, sempre que se esvazia um recipiente com água por um orifício de drenagem, a massa total entra em movimento com forma típica de vórtice. Entre todos os tipos de atratores, nos interessa especialmente o “atrator estranho”, que é um padrão aleatório de pontos não repetidos com duas características: tem uma forma previsível, mas composta por detalhes imprevisíveis e, ao mesmo tempo, é o que organiza o sistema e é produzido pelo sistema do qual faz parte. Assim, modelos inconscientes que influenciam o comportamento seguem padrões infantis que poderiam ser considerados “atratores”. Conteúdos mais próximos destes atratores seriam mais fixos, menos acessíveis ao trabalho analítico.

Todas essas características podem ser pensadas em termos intrapsíquicos ou em termos do que ocorre no processo psicanalítico. Se pensarmos no funcionamento psíquico, o modelo da teoria determinista do caos evidencia o aspecto de uma oscilação contínua entre material desorganizado, caótico, não perceptível pela consciência e uma organização em padrões que, apesar de guardarem semelhança com o original, podem ser criativos ao infinito, como os derivados do inconsciente de Freud, como as fantasias inconscientes de Klein, como os elementos alfa de Bion ou como as tríades assimétricas de Matte-Blanco. Todas essas formações corresponderiam a fractais por manterem uma estrutura comum, invariante. É importante a noção de que haveria no aparelho psíquico, como parte constituinte do ser vivo, uma tendência para esta auto-organização, para uma diminuição da entropia.

No processo analítico, portanto em outra dimensão, também aconteceriam momentos de desorganização caóticos, nos quais o material do paciente parece sem sentido, até que surja um fato selecionado que ordena o material num padrão. Assim, poderíamos pensar em paciente e analista formando um sistema complexo com características de sistemas caóticos deterministas, o que abre a possibilidade de se estudar se esta perspectiva auxilia no trabalho clínico, ainda que este aspecto escape aos propósitos deste artigo.





Seguindo nesta linha de reflexão, algumas questões sobre a forma de se pensar a mente, o que inclui as concepções sobre o inconsciente, surgem naturalmente.

Comentários

O que procuramos destacar é que a psicanálise antecipou alguns princípios básicos do pensamento científico atual, que enfatiza a complexidade, sobretudo quando Freud introduz a noção de inconsciente com suas leis próprias, em constante relação com o consciente. No entanto, por ser um homem de sua época, Freud tentou incluir estas noções dentro do pensamento cartesiano, propondo que estas áreas inconscientes fossem resgatadas pela consciência. Para Freud, a razão, fundamental no pensamento iluminista, era a única alternativa.

Mas de que forma compreendemos hoje a noção de inconsciente? Quais os conhecimentos que temos a respeito dos processos psíquicos que atuam sobre a conduta do indivíduo e que escapam à consciência deste? Este conhecimento é diferente e, se é, em que difere do que se tinha nos primórdios da psicanálise? De que forma tal conhecimento influencia nossa prática clínica na atualidade?

Como na totalidade do pensamento psicanalítico, também em relação à concepção do inconsciente podemos pensar que há um movimento de mudança, mesmo que, principalmente em nosso trabalho diário, ainda utilizemos como referência as várias formas nas quais o conceito tem sido pensado ao longo dos anos.

Ainda que sigamos, em alguma medida, preocupados com as razões e causas da forma de ser e de agir, bem como da estruturação psíquica dos indivíduos, ou seja, mesmo que sigamos pensando psicanaliticamente pelo vértice determinista (causa – efeito), parece-nos que a psicanálise atual tende a enfatizar cada vez mais a indeterminação e a imprevisibilidade dos processos psíquicos. Imprevisibilidade entendida aqui como aquela característica dos sistemas complexos caóticos deterministas.

Assim, o inconsciente surge como um sistema que apresenta um comportamento instável, aperiódico e altamente complexo, do qual se auto-organizam estruturas.

Talvez sejam as idéias de Bion e Matte-Blanco as que melhor reflitam a evolução do que há de mais revolucionário na concepção freudiana da mente como um sistema aberto e complexo, em que os paradoxos têm papel essencial. O inconsciente apresenta-se aqui mais como uma função da mente, em constante relação com as demais, como uma das formas de organizar os dados das experiências emocionais, que surgem como a matéria-prima sobre a qual qualquer conhecimento vai se construir. Assim, há uma clara tendência, dentro desta linha de pensamento, de deslocar





para a emoção a base da vida mental, rompendo com a dicotomia afeto/representação. Uma emoção seria o elemento cognitivo básico, que cresceria em complexidade à medida que outras funções fossem se agregando. Nas palavras de Morin, “*a computação mais vertiginosa é menos complexa que a mínima ternura*” (apud Gerber, 2003). De acordo com Matte-Blanco, qualquer experiência seria organizada simultaneamente em vários níveis, desde o mais simétrico, onde predomina a emoção, até o raciocínio mais abstrato, onde predominam os mecanismos de lógica assimétrica. No entanto, o fundamental neste modelo é que a simetria, modo de funcionamento que determina a característica de não perceptível pela consciência, continua essencial para a construção de todo pensamento criativo. “Inconsciente”, portanto, só pode ser pensado em relação a “consciente”. É como se do caos do simétrico fosse possível organizar infinitas tríades de relações que guardam algo do original. De alguma forma, é o inconsciente freudiano, sempre reconhecível através de seus derivados, mesmo que eles sejam diferentes em sua apresentação e magnitude, como nos fractais. São os infinitos elementos alfa, a partir dos quais os pensamentos poderão se desenvolver.

O inconsciente seria concebido como um número infinito de conjuntos infinitos, regidos pelos princípios da simetria, o que faria com que não reconhecesse indivíduos, apenas classes, porque não lida com objetos, mas com funções proposicionais. A transferência seria explicada pela concomitância do modo simétrico e do assimétrico: pelo primeiro, o analista preencheria alguma função proposicional, registrando semelhança com algum objeto primitivo; pelo segundo, o paciente teria alguma percepção de que o analista não é o objeto primário, já que seriam detectadas as diferenças (Matte-Blanco, 1975). A transferência, assim, apresenta-se como um fenômeno paradoxal, complexo no qual o analista é e não é o objeto primitivo.

Retomando a contribuição de Freud à história do conhecimento pela postulação do inconsciente como um outro nível de realidade, Gerber (1999) sugere que talvez o termo que melhor explicita a intenção freudiana seja a-consciente, no qual o prefixo A, alfa-privativo, conota um sentido de além, de transcendência. Ou seja, não um prefixo In que conote negação, oposição, no mesmo nível de realidade, mas o prefixo A apontando para além do nível de realidade consciente. Assim, o a-consciente destaca a característica do que está além da consciência na nossa vida mental.

Desta forma, parece haver, na clínica psicanalítica, uma clara mudança de ênfase: se, inicialmente, o fim a ser atingido era o acesso aos conteúdos “do inconsciente”, sendo o método analítico um meio para atingir este objetivo, cada vez mais se procuram formas de tornar acessível ao paciente o conhecimento do modo como organiza suas experiências emocionais, como percebe, sente, pensa e age. Em outras palavras, *conhecer sua escala fractal*. Para Bion, não importa tanto o conteúdo do





Viviane Mondrzak et alii

que é pensado, mas a forma de pensar, que possa incluir mais verdade sobre a experiência emocional. O inconsciente surge como o que não é dizível do apreendido da experiência emocional, utilizado preferencialmente como um instrumento, uma ferramenta que habilite compreender melhor a estruturação psíquica do paciente, através da experiência emocional que vivemos nas sessões psicanalíticas.

Além disso, a noção de inconsciente como um modo de percepção das experiências que se aproxima de uma emoção e não de uma lógica aristotélica coloca a observação psicanalítica como uma observação que também precisa ser aprendida para perceber o “inconsciente” não apenas como uma decodificação lógica de conteúdos, mas como uma percepção emocional que nos aproxima da noção de intuição, proposta por Bion e Matte-Blanco.

Pensamos hoje no inconsciente menos como algo a ser revelado e mais como algo a ser utilizado. O inconsciente deixa de ser algo que explica para ser algo que demanda explicação.

Vida é complexidade crescente. Fazendo curto um longo caminho, chegamos ao homem e sua vida mental, sistema complexo, em que corpo, mente e ambiente formam uma rede inseparável que a psicanálise segue procurando compreender em seus paradoxos. “Inconsciente” parece uma destas concepções que ainda mantém seu mistério, do qual nos aproximamos sabendo que, talvez, busquemos certezas impossíveis de serem alcançadas. □

Abstract

This paper is associated to the discussions of the SPPA - Study Group on Psychoanalytic Epistemology. Its main objective is to present an initial approach to the viewing of the mind's functioning and, above all, of the unconscious, as from the perspective of Complexity and Chaos Theory, fundamental ideas of the present scientific thought. It begins by presenting some notions about deterministic chaotic systems such as the sensibility towards the early conditions, and the tendency to organize and form patterns, the fractal scales that, although unpredictable, can retrospectively be recognized. Further on it discusses some relations between these subjects and the unconscious, emphasizing how Psychoanalysis anticipated some basic principles of today's scientific thought, mainly when Freud introduces the notion of the unconscious, with its own laws, in constant relation to the conscious. The unconscious emerges like a system that presents an unstable behavior, not periodic, and highly complex, from which certain structures organize themselves like a





fragmentary scale. There are outstanding contributions by Bion and Matte-Blanco that help understanding the unconscious as well as the idea that this concept keeps up its mystery.

Resumen

Este trabajo acompaña las discusiones del Grupo de Estudios de Epistemología Psicoanalítica de la SPPA. Tiene como principal objetivo presentar un enfoque inicial sobre una visión del funcionamiento de la mente y, principalmente, del inconsciente, desde la perspectiva de la Complejidad y de la Teoría del Caos, ideas fundamentales en el pensamiento científico actual. Comienza presentando algunas nociones sobre sistemas caóticos deterministas, tales como la sensibilidad a las condiciones iniciales y a la tendencia a organizar y formarse padrones, las escalas fractales, que, mismo imprevisibles, pueden ser reconocidas retrospectivamente. Luego, discute algunas relaciones entre estos conceptos y el inconsciente, destacando como el psicoanálisis anticipó algunos principios básicos del pensamiento científico de la actualidad, principalmente cuando Freud introduce la noción de inconsciente con sus leyes propias, en constante relación con el consciente. El inconsciente surge como un sistema que presenta un comportamiento inestable, no periódico, y altamente complejo, del cual se autoorganizan determinadas estructuras como una escala fragmentaria. Se destacan contribuciones de Bion y Matte-Blanco que ayudan en la comprensión del inconsciente y la noción de que este concepto mantiene su misterio.

Referências

- ABRAMS, I. e SARDAR, Z. (1998). *Introducing Chaos*. Totem Books, USA: Icon Books.
- EIZIRIK, M.F. (1997). Dialogar com o mistério do mundo: a aventura da complexidade em Edgar Morin. *Estudos Leopoldenses*, v.1, p.49-54.
- GERBER, I. (1999). *Atonal, aracional, inconsciente*. Trabalho apresentado no Congresso da FEPAL, Gramado, 2000.
- . (2003). E depois de Bion. *Revista Panorama*. Edição da Sociedade Psicanalítica de São Paulo, S. Paulo.
- MATTE BLANCO, I. (1975). *The Unconscious as Infinite Sets*. Londres:Duckworth,1975.
- MORIN, E. (1991). *Introdução ao Pensamento Complexo*. Lisboa: Instituto Piaget.
- PANIAGUA, C.(2001). The attraction of topographical technique. *IJPA*, 2001, p.671-684.
- PRIGOGINE, I. (1996). *O fim das certezas – tempo, caos e leis da natureza*. São Paulo: Unesp.
- PROCCI, W. (2002). Panel report: Chaos theory as a new paradigm in psychoanalysis. *IJPA*. v.83, p.487-490.





Viviane Mondrzak et alii

- QUINODOZ, J.M. (1997). Transitions in psychic structures in the light of deterministic chaos theory. *IJPA*. v.78, p.699-718.
- SANDLER, P.C. (1997). *A Apreensão da Realidade Psíquica*. Rio de Janeiro: Imago, v.1 e v.7, 1997.
- SANTOS, B.S. (1993). *Um discurso sobre as ciências*. Porto: Afrontamento, 1993.

Recebido em 01/12/2003

Aceito em 03/12/2003

Viviane Mondrzak

Av. Taquara, 198/201

90460-210 – Porto Alegre – RS – Brasil

E-mail: mondrazak@terra.com.br

© Revista de Psicanálise – SPPA





Normas Gerais de Publicação de Trabalhos

Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre

1. Os artigos publicados na *Revista de Psicanálise da SPPA* devem ajustar-se ao que se segue:

- a. O artigo deve ser inédito, excetuando-se trabalhos publicados em anais de congressos, simpósios, mesas redondas ou boletins de circulação interna de sociedades psicanalíticas.
- b. O artigo não pode infringir nenhum preceito ético e todos os esforços devem ser feitos de modo a proteger a identidade dos pacientes mencionados em relatos clínicos.
- c. O artigo deve respeitar as normas que regem os direitos autorais.
- d. O artigo não deve conter nenhum material que possa ser considerado ofensivo ou difamatório.
- e. O autor deve estar ciente de que, ao publicar o artigo na *Revista de Psicanálise da SPPA*, ele estará transferindo automaticamente o “copyright” para essa, salvo as exceções previstas pela lei. Fica, desta forma, vetada sua reprodução, ainda que parcial, sem a devida autorização da *Revista*.
- f. O artigo não deve estar sendo encaminhado simultaneamente para outra publicação sem o conhecimento explícito e confirmação por escrito do editor. Violações a essa regra, que impliquem em ações legais, serão de responsabilidade exclusiva do autor.
- g. Os conceitos emitidos são da inteira responsabilidade do autor.

2. Os originais deverão obedecer às seguintes exigências mínimas:

- a. Serão entregues, em dois disquetes (uma cópia de segurança). Os arquivos devem ser gerados no *Word for Windows* com a identificação do autor e título do trabalho. Devem ser remetidos à Editoria da *Revista*, cujo endereço é o da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre – Rua General Andrade Neves, 14, 8º andar, conj. 802A – 90010-210 - Porto Alegre - RS, ou por e-mail para revista@sppa.org.br
- b. O artigo deverá adequar-se às dimensões deste tipo de publicação. Sugere-se que, sem comprometer a clareza do texto, sua extensão não ultrapasse 11.000





palavras. Tabelas, gráficos, desenhos e outras ilustrações devem estar inseridas no texto sem prejuízo da qualidade das imagens. O conteúdo total de ilustrações não deverá exceder $\frac{1}{4}$ do espaço ocupado pelo artigo. Custos adicionais com ilustrações ficarão ao encargo do autor, que será previamente informado. Também é de responsabilidade do autor obter autorização para ilustrações, quando exigido.

- c. Os trabalhos deverão conter, em sua estrutura, título, resumo e palavras-chaves nos três idiomas, português, inglês e espanhol, e referências bibliográficas. A forma de apresentação da discussão dos conteúdos ficará a critério do autor.
- d. O resumo deverá ter no máximo 200 palavras e ser capaz de comunicar os pontos principais.
- e. O nome do autor e sua cidade deve constar no canto esquerdo logo abaixo do título. A titulação do autor deverá estar em nota de rodapé na primeira página.
- f. O endereço do autor, incluindo e-mail, deverá ser mencionado após as referências bibliográficas.

3. Referências bibliográficas:

Ao longo do texto as referências serão apresentadas citando o nome do autor seguido do ano de publicação entre parênteses como, por exemplo, Freud (1918) ou (Freud, 1918). Se dois co-autores são citados, os dois nomes deverão ser mencionados, por exemplo, Marty; de M'Uzan (1963) ou (Marty; de M'Uzan, 1963). Se houver mais de dois autores, a referência no texto indicará o primeiro, por exemplo, Rodrigues et al. (1983) ou (Rodrigues et al., 1983).

Citações literais deverão ser colocadas entre aspas. Além da revisão cuidadosa quanto à sua fidedignidade, deve ser indicado o número da página de onde foram retiradas. As inserções que forem feitas no texto original serão indicadas dentro de parênteses como, por exemplo, "ele (Freud) sugeriu que...". Grifos no original deverão ser assinalados. Ênfase adicional, no texto, também será indicada, acrescentando-se "grifos meus", entre parênteses, no final da citação. Usar reticências para indicar omissões no texto citado, por exemplo, "considerou-se... que assim foi o caso".

A lista de referências bibliográficas deverá incluir apenas as obras citadas no texto. Os autores serão mencionados em ordem alfabética e suas obras pela ordem cronológica da primeira publicação. Se várias obras citadas de um mesmo autor foram publicadas no mesmo ano, deve-se acrescentar à data de publicação as letras a, b, c, etc.





Quando um autor é referido individualmente e também como co-autor, serão listadas antes as obras em que ele é o único autor, seguidas das publicações em que ele é co-autor.

Os nomes dos autores não serão repetidos, mas indicados por um traço.

Os dados referenciados terão a seguinte ordenação:

a) Artigos publicados em revistas ou periódicos:

Autor. (ano da publicação entre parênteses). Título do artigo. Nome da revista ou periódico em itálico (por extenso ou abreviado). Volume, número, páginas (inicial e final).

Exemplo:

OGDEN, T.H. (1985). On potential space. *Int. J. Psycho-anal.* v. 66, n. 2, p.129-141.

b) Livros:

No caso de um só autor e mesma data:

Autor. (ano da primeira publicação entre parênteses). Título do livro em itálico. Local de publicação (cidade): editora, ano da edição.

Exemplo:

BION, W. R. (1961). *Experiências com grupos*. Rio de Janeiro: Imago, 1970.

No caso de coletânea de vários autores ou de um só autor com publicações em diferentes datas:

Autor. (Ano da primeira publicação entre parênteses). Título do capítulo ou artigo seguido de ponto e da expressão In: Nome do autor ou editor. Título do livro em itálico. Local de publicação (cidade): editora, ano da edição, páginas (inicial e final).

Exemplos:

ROSENFELD, H. (1971). Uma abordagem clínica para a teoria psicanalítica das pulsões de vida e de morte: uma investigação dos aspectos agressivos do narcisismo. In: SPILLIUS, E. B. (editor) *Melanie Klein hoje*. Rio de Janeiro: Imago, 1990, 17-29.

ROSENFELD, H. (1950). Nota a respeito da psicopatologia dos estados confusionais nas esquizofrenias crônicas. In: _____. *Os estados psicóticos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968, 62-74.





Normas gerais de publicação de trabalhos

No caso de texto constante de coleção de obras completas do autor:

Autor. (Ano da primeira publicação entre parênteses). Título do texto. In: Nome da coleção em itálico (por extenso ou abreviado). Volume. Local da publicação: Editora, data da edição, páginas (inicial e final).

Exemplos:

FREUD, S. (1905). Fragmento da análise de um caso de histeria. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. 7. Rio de Janeiro: Imago, 1972, 1-119.

FREUD, S. (1905). Três ensayos de teoría sexual. In: *Obras completas*. v. 7. Buenos Aires: Amorrortu, 1988, 109-224.

KLEIN, M. (1946). Notas sobre alguns mecanismos esquizóides. In: *Obras Completas*. v. 3, Rio de Janeiro: Imago, 1991, 17-43.

c) Monografias, teses, dissertações:

Autor. (Ano da publicação ou apresentação entre parênteses). Título em itálico. Local: nome da universidade ou instituição. Indicação de monografia, tese ou dissertação.

Exemplo:

LEVY, R. (2000). *Do símbolo à simbolização: uma revisão da evolução teórica e suas repercussões sobre a técnica psicanalítica*. Porto Alegre: Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre. Monografia.

4) Procedimentos de avaliação

Todo trabalho entregue para publicação é numerado e distribuído anonimamente em todas as suas etapas. É avaliado através de critérios padronizados por, pelo menos, três membros do Conselho de Revisores ou do Conselho Consultivo da Revista de Psicanálise da SPPA. Da mesma forma, o nome dos avaliadores é mantido em sigilo.

Uma vez aprovado pelo Conselho Editorial, a decisão final quanto à data de sua publicação dependerá do programa editorial estabelecido.





Índice de Títulos/Volume 10 (v./n./pgs./ano)

- ACEPÇÕES DA PALAVRA “INCONSCIENTE” NO QUADRO DA TEORIA DA SEDUÇÃO GENERALIZADA, TRÊS • Laplanche, Jean – v. 10, n. 3, 403-418, 2003
- ANALISANDO DE HOJE E O INCONSCIENTE (SOBRE O CONCEITO DE ZONAS PSÍQUICAS), O • Marucco, Norberto C. – v. 10, n. 3, 453-473, 2003
- APRENDER COM A EXPERIÊNCIA EMOCIONAL: CONSIDERAÇÕES SOBRE A FUNÇÃO DE TRADUÇÃO OU DE DESDOBRAMENTO DE I. MATTE-BLANCO/SEÇÃO ESPECIAL: MATTE-BLANCO • Bria, Pietro – v. 10, n. 1, 133-143, 2003
- BRINCAR E ASSOCIAÇÃO LIVRE: SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS NO TRATAMENTO PSICANALÍTICO DA CRIANÇA E DO ADULTO • Mello, Cátia Olivier – v. 10, n. 2, 235-245, 2003
- CINEMA E PSICANÁLISE/ESTÁTUA E ESPELHO: CONSIDERAÇÕES SOBRE O FILME *MORTE EM VENEZA*, DE LUCCHINO VISCONTI, BASEADO EM NOVELA DE THOMAS MANN • Fonseca, Paulo – v. 10, n. 1, 147-163, 2003
- CINEMA E PSICANÁLISE/TRANSGERACIONALIDADE E RESSIGNIFICAÇÕES: A PROPÓSITO DO FILME *A COLCHA DE RETALHOS* • Araujo, Marlene Silveira; Bergel, Marli; Heberle, Ricardo; Vasconcellos, Nazur Aragonez de; Wenzel, Maristela Priotto; Wolff, Mery Pomeranclum – v. 10, n. 2, 345-351, 2003
- CONFLITO PSÍQUICO E CRIATIVIDADE: ALGUNS EXEMPLOS COLHIDOS NA LITERATURA • Cruz, Juarez Guedes – v. 10, n. 1, 87-97, 2003
- CRIANDO VÍNCULOS – UM DIÁLOGO ENTRE A FILOSOFIA SOCIAL E A TEORIA DAS RELAÇÕES DE OBJETO • Steuerman, Emilia – v. 10, n. 1, 31-45, 2003
- EDITORIAL • Calich, José Carlos – v. 10, n. 3, 385-387, 2003
- EDITORIAL • Calich, José Carlos – v. 10, n. 1, 5-6, 2003
- EDITORIAL • Calich, José Carlos – v. 10, n. 2, 201-202, 2003
- ENTREVISTA • Botella, César – v. 10, n. 2, 355-367, 2003
- ENTREVISTA • Urribarri, Rodolfo – v. 10, n. 1, 167-185, 2003
- EPISTEMOLOGIA DO INCONSCIENTE – CARACTERÍSTICAS ESQUIZO-PARANÓIDES NOS CAMINHOS DA CIÊNCIA E DA PRÁTICA PSICANALÍTICAS: TOLERÂNCIA DE PARADOXOS, REALISMO E IDEALISMO INGÊNUOS • Sandler, Paulo Cesar – v. 10, n. 3, 509-528, 2003
- ESTÁTUA E ESPELHO: CONSIDERAÇÕES SOBRE O FILME *MORTE EM VENEZA*, DE LUCCHINO VISCONTI, BASEADO EM NOVELA DE THOMAS MANN/CINEMA E PSICANÁLISE • Fonseca, Paulo – v. 10, n. 1, 147-163, 2003
- FIGURABILIDADE E REGREDIÊNCIA/SEÇÃO ESPECIAL: BOTELLA • Botella, César; Botella, Sára – v. 10, n. 2, 249-341, 2003
- FUNÇÃO TRADUTORA E O QUANTUM INTELECTO-EMOÇÃO, A/SEÇÃO ESPECIAL:





- MATTE-BLANCO • Matte-Blanco, Ignacio – v. 10, n. 1, 101-131, 2003
- HIPÓTESE SOBRE A ELABORAÇÃO TRAUMÁTICA TRANSGERACIONAL: *RAPSÓDIA DE AGOSTO, UMA* • Machado, Roaldo Naumann – v. 10, n. 1, 71-85, 2003
- INCONSCIENTE E AS RELAÇÕES DE OBJETO, O • Hanly, Charles – v. 10, n. 3, 419-436, 2003
- INCONSCIENTE E SUAS MÁSCARAS, O • Resnik, Salomon – v. 10, n. 3, 437-451, 2003
- INCONSCIENTE E SUAS TENSÕES ATUAIS, O • Calich, José Carlos – v. 10, n. 3, 391-402, 2003
- INCONSCIENTE FREUDIANO NA ATUALIDADE: UM OLHAR LACANIANO, O • Milmaniene, José E. – v. 10, n. 3, 475-493, 2003
- INCONSCIENTE NA PERSPECTIVA DA COMPLEXIDADE E DO CAOS: UMA ABORDAGEM INICIAL, O • Brodacz, Gisha; Duarte, Aldo; Iankilevich, Eneida; Kauffmann, Anna Luiza; Lewkowicz, Alice; Mondrzak, Viviane; Ortiz, Maria Regina Pellanda, Luiz Ernesto; Soares, Gustavo – v. 10, n. 3, 559-570, 2003
- INCONSCIENTE NA PÓS-MODERNIDADE: AS TENSÕES EPISTÊMICAS, O • Ahumada, Jorge L. – v. 10, n. 3, 495-507, 2003
- PROPÓSITO DA FAMÍLIA NA ATUALIDADE, A • Milmaniene, José E. – v. 10, n. 2, 223-234, 2003
- REPRESENTAÇÃO E INCONSCIENTE • Machado, Roaldo Naumann – v. 10, n. 3, 529-557, 2003
- SEÇÃO ESPECIAL: BOTELLA/FIGURABILIDADE E REGREDIÊNCIA • Botella, César; Botella, Sára – v. 10, n. 2, 249-341, 2003
- SEÇÃO ESPECIAL: MATTE-BLANCO/“APRENDER COM A EXPERIÊNCIA EMOCIONAL”: CONSIDERAÇÕES SOBRE A FUNÇÃO DE TRADUÇÃO OU DE DESDOBRAMENTO DE I. MATTE-BLANCO • Bria, Pietro – v. 10, n. 1, 133-143, 2003
- SEÇÃO ESPECIAL: MATTE-BLANCO/A FUNÇÃO TRADUTORA E O QUANTUM INTELECTO-EMOÇÃO • Matte-Blanco, Ignacio – v. 10, n. 1, 101-131, 2003
- SER UMA MULHER? O PONTO DE VISTA DE UMA PSICANALISTA • Quinodoz, Danielle – v. 10, n. 2, 205-222, 2003
- SOBRE ADOLESCÊNCIA, LUTO E A POSTERIORI • Urribarri, Rodolfo – v. 10, n. 1, 47-70, 2003
- TEATRO DAS MÃOS, O • Haag, Geneviève – v. 10, n. 1, 9-29, 2003
- TRANSGERACIONALIDADE E RESSIGNIFICAÇÕES: A PROPÓSITO DO FILME *A COLCHA DE RETALHOS*/CINEMA E PSICANÁLISE • Araujo, Marlene Silveira; Bergel, Marli; Heberle, Ricardo; Vasconcellos, Nazur Aragonez de; Wenzel, Maristela Priotto; Wolff, Mery Pomeranclum – v. 10, n. 2, 345-351, 2003





Índice de Autores/Volume 10 (v./n./pgs./ano)

- AHUMADA, Jorge L. • O inconsciente na pós-modernidade: as tensões epistêmicas – v. 10, n. 3, 495-507, 2003
- ARAUJO, Marlene Silveira; BERGEL, Marli; HEBERLE, Ricardo; VASCONCELLOS, Nazur Aragonéz de; WENZEL, Maristela Priotto; WOLFF, Mery Pomerancblum • Transgeracionalidade e ressignificações: a propósito do filme *A colcha de retalhos*/CINEMA E PSICANÁLISE – v. 10, n. 2, 345-351, 2003
- BERGEL, Marli; ARAUJO, Marlene Silveira; HEBERLE, Ricardo; VASCONCELLOS, Nazur Aragonéz de; WENZEL, Maristela Priotto; WOLFF, Mery Pomerancblum • Transgeracionalidade e ressignificações: a propósito do filme *A colcha de retalhos*/CINEMA E PSICANÁLISE – v. 10, n. 2, 345-351, 2003
- BOTELLA, César • Entrevista – v. 10, n. 2, 355-367, 2003
- BOTELLA, César; BOTELLA, Sára • Figurabilidade e regrediência/SEÇÃO ESPECIAL: BOTELLA – v. 10, n. 2, 249-341, 2003
- BOTELLA, Sára; BOTELLA, César • Figurabilidade e regrediência/SEÇÃO ESPECIAL: BOTELLA – v. 10, n. 2, 249-341, 2003
- BRIA, Pietro • “Aprender com a experiência emocional”: considerações sobre a função de tradução ou de desdobramento de I. Matte-Blanco/SEÇÃO ESPECIAL: MATTE-BLANCO – v. 10, n. 1, 133-143, 2003
- BRIA, Pietro • SEÇÃO ESPECIAL: MATTE-BLANCO/“Aprender com a experiência emocional”: considerações sobre a função de tradução ou de desdobramento de I. Matte-Blanco – v. 10, n. 1, 133-143, 2003
- BRODACZ, Gisha; DUARTE, Aldo; IANKILEVICH, Eneida; KAUFFMANN, Anna Luiza; LEWKOWICZ, Alice; MONDRZAK, Viviane; ORTIZ, Maria Regina; PELLANDA, Luiz Ernesto; SOARES, Gustavo • O inconsciente na perspectiva da complexidade e do caos: uma abordagem inicial – v. 10, n. 3, 559-570, 2003
- CALICH, José Carlos • Editorial – v. 10, n. 1, 5-6, 2003
- CALICH, José Carlos • Editorial – v. 10, n. 2, 201-202, 2003
- CALICH, José Carlos • Editorial – v. 10, n. 3, 385-387, 2003
- CALICH, José Carlos • O inconsciente e suas tensões atuais – v. 10, n. 3, 391-402, 2003
- CRUZ, Juarez Guedes • Conflito psíquico e criatividade: alguns exemplos colhidos na literatura – v. 10, n. 1, 87-97, 2003
- DUARTE, Aldo; BRODACZ, Gisha; IANKILEVICH, Eneida; KAUFFMANN, Anna Luiza; LEWKOWICZ, Alice; MONDRZAK, Viviane; ORTIZ, Maria Regina; PELLANDA, Luiz Ernesto; SOARES, Gustavo • O inconsciente na perspectiva da complexidade e do caos: uma abordagem inicial – v. 10, n. 3, 559-570, 2003
- FONSECA, Paulo • CINEMA E PSICANÁLISE/Estátua e espelho: considerações sobre o





- filme *Morte em Veneza*, de Lucchino Visconti, baseado em novela de Thomas Mann – v. 10, n. 1, 147-163, 2003
- FONSECA, Paulo • Estátua e espelho: considerações sobre o filme *Morte em Veneza*, de Lucchino Visconti, baseado em novela de Thomas Mann/CINEMA E PSICANÁLISE – v. 10, n. 1, 147-163, 2003
- HAAG, Geneviève • O teatro das mãos – v. 10, n. 1, 9-29, 2003
- HANLY, Charles • O inconsciente e as relações de objeto – v. 10, n. 3, 419-436, 2003
- HEBERLE, Ricardo; ARAUJO, Marlene Silveira; BERGEL, Marli; VASCONCELLOS, Nazur Aragonez de; WENZEL, Maristela Priotto; WOLFF, Mery Pomeranchblum • Transgeracionalidade e ressignificações: a propósito do filme *A colcha de retalhos*/CINEMA E PSICANÁLISE – v. 10, n. 2, 345-351, 2003
- IANKILEVICH, Eneida; BRODACZ, Gisha; DUARTE, Aldo; KAUFFMANN, Anna Luiza; LEWKOWICZ, Alice; MONDRZAK, Viviane; ORTIZ, Maria Regina; PELLANDA, Luiz Ernesto; SOARES, Gustavo • O inconsciente na perspectiva da complexidade e do caos: uma abordagem inicial – v. 10, n. 3, 559-570, 2003
- KAUFFMANN, Anna Luiza; BRODACZ, Gisha; DUARTE, Aldo; IANKILEVICH, Eneida; LEWKOWICZ, Alice; MONDRZAK, Viviane; ORTIZ, Maria Regina; PELLANDA, Luiz Ernesto; SOARES, Gustavo • O inconsciente na perspectiva da complexidade e do caos: uma abordagem inicial – v. 10, n. 3, 559-570, 2003
- LAPLANCHE, Jean • Três acepções da palavra “inconsciente” no quadro da Teoria da Sedução Generalizada – v. 10, n. 3, 403-418, 2003
- LEWKOWICZ, Alice; BRODACZ, Gisha; DUARTE, Aldo; IANKILEVICH, Eneida; KAUFFMANN, Anna Luiza; MONDRZAK, Viviane; ORTIZ, Maria Regina; PELLANDA, Luiz Ernesto; SOARES, Gustavo • O inconsciente na perspectiva da complexidade e do caos: uma abordagem inicial – v. 10, n. 3, 559-570, 2003
- MACHADO, Roaldo Naumann • Representação e inconsciente – v. 10, n. 3, 529-557, 2003
- MACHADO, Roaldo Naumann • Uma Hipótese sobre a elaboração traumática transgeracional: *Rapsódia de agosto* – v. 10, n. 1, 71-85, 2003
- MARUCCO, Norberto C. • O analisando de hoje e o inconsciente (sobre o conceito de zonas psíquicas) – v. 10, n. 3, 453-473, 2003
- MATTE-BLANCO, Ignacio • A função Tradutora e o Quantum Intelecto-Emoção/SEÇÃO ESPECIAL: MATTE-BLANCO – v. 10, n. 1, 101-131, 2003
- MATTE-BLANCO, Ignacio • SEÇÃO ESPECIAL: MATTE-BLANCO/A função Tradutora e o Quantum Intelecto-Emoção – v. 10, n. 1, 101-131, 2003
- MELLO, Cátia Olivier • Brincar e associação livre: semelhanças e diferenças no tratamento psicanalítico da criança e do adulto – v. 10, n. 2, 235-245, 2003
- MILMANIENE, José E. • A propósito da família na atualidade – v. 10, n. 2, 223-234, 2003
- MILMANIENE, José E. • O inconsciente freudiano na atualidade: um olhar lacaniano – v. 10, n. 3, 475-493, 2003





- MONDRZAK, Viviane; BRODACZ, Gisha; DUARTE, Aldo; IANKILEVICH, Eneida; KAUFFMANN, Anna Luiza; LEWKOWICZ, Alice; ORTIZ, Maria Regina; PELLANDA, Luiz Ernesto; SOARES, Gustavo • O inconsciente na perspectiva da complexidade e do caos: uma abordagem inicial – v. 10, n. 3, 559-570, 2003
- ORTIZ, Maria Regina; BRODACZ, Gisha; DUARTE, Aldo; IANKILEVICH, Eneida; KAUFFMANN, Anna Luiza; LEWKOWICZ, Alice; MONDRZAK, Viviane; PELLANDA, Luiz Ernesto; SOARES, Gustavo • O inconsciente na perspectiva da complexidade e do caos: uma abordagem inicial – v. 10, n. 3, 559-570, 2003
- PELLANDA, Luiz Ernesto; BRODACZ, Gisha; DUARTE, Aldo; IANKILEVICH, Eneida; KAUFFMANN, Anna Luiza; LEWKOWICZ, Alice; MONDRZAK, Viviane; ORTIZ, Maria Regina; SOARES, Gustavo • O inconsciente na perspectiva da complexidade e do caos: uma abordagem inicial – v. 10, n. 3, 559-570, 2003
- QUINODOZ, Danielle • Ser uma mulher? O ponto de vista de uma psicanalista – v. 10, n. 2, 205-222, 2003
- RESNIK, Salomon • O inconsciente e suas máscaras – v. 10, n. 3, 437-451, 2003
- SANDLER, Paulo Cesar • Epistemologia do inconsciente – Características esquizo-paranóides nos caminhos da ciência e da prática psicanalíticas: tolerância de paradoxos, realismo e idealismo ingênuos – v. 10, n. 3, 509-528, 2003
- SOARES, Gustavo; BRODACZ, Gisha; DUARTE, Aldo; IANKILEVICH, Eneida; KAUFFMANN, Anna Luiza; LEWKOWICZ, Alice; MONDRZAK, Viviane; ORTIZ, Maria Regina; PELLANDA, Luiz Ernesto • O inconsciente na perspectiva da complexidade e do caos: uma abordagem inicial – v. 10, n. 3, 559-570, 2003
- STEUERMAN, Emilia • Criando vínculos – Um diálogo entre a filosofia social e a teoria das relações de objeto – v. 10, n. 1, 31-45, 2003
- URRIBARRI, Rodolfo • Entrevista – v. 10, n. 1, 167-185, 2003
- URRIBARRI, Rodolfo • Sobre adolescência, luto e a posteriori – v. 10, n. 1, 47-70, 2003
- VASCONCELLOS, Nazur Aragonez de; ARAUJO, Marlene Silveira; BERGEL, Marli; HEBERLE, Ricardo; WENZEL, Maristela Priotto; WOLFF, Mery Pomerancblum • Transgeracionalidade e ressignificações: a propósito do filme *A colcha de retalhos*/CINEMA E PSICANÁLISE – v. 10, n. 2, 345-351, 2003
- WENZEL, Maristela Priotto; ARAUJO, Marlene Silveira; BERGEL, Marli; HEBERLE, Ricardo; VASCONCELLOS, Nazur Aragonez de; WOLFF, Mery Pomerancblum • Transgeracionalidade e ressignificações: a propósito do filme *A colcha de retalhos*/CINEMA E PSICANÁLISE – v. 10, n. 2, 345-351, 2003
- WOLFF, Mery Pomerancblum; ARAUJO, Marlene Silveira; BERGEL, Marli; HEBERLE, Ricardo; VASCONCELLOS, Nazur Aragonez de; WENZEL, Maristela Priotto • Transgeracionalidade e ressignificações: a propósito do filme *A colcha de retalhos*/CINEMA E PSICANÁLISE – v. 10, n. 2, 345-351, 2003





Atenção montador
a página **580** é branca





Revista de Psicanálise

da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre

Pedidos de assinatura:

Encaminhar este cupom para a secretaria da

Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre

Rua Gen. Andrade Neves, 14 conj. 802

90010-210 – Porto Alegre-RS

Fone (0xx51) 3228-7583 – Fone/Fax (0xx51) 3224-3340

E-mail: revista@sppa.org.br

Valor da assinatura anual (3 números): R\$ 75,00

Valor de número avulso: R\$ 28,00

Promoção especial por tempo limitado:

Coleção completa (24 números): R\$ 240,00 (4 X R\$ 60,00)

Número avulso antigo: R\$ 15,00

Nome

Endereço

CEP..... Cidade

Fone..... E-mail:

(Cheque cruzado, nominal à Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre ou, se o preferir, solicite o envio de um DOC para pagamento bancário).





Revista de Psicanálise

da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre

Pedidos de assinatura:

Encaminhar este cupom para a secretaria da

Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre

Rua Gen. Andrade Neves, 14 conj. 802

90010-210 – Porto Alegre-RS

Fone (0xx51) 3228-7583 – Fone/Fax (0xx51) 3224-3340

E-mail: revista@sppa.org.br

Valor da assinatura anual (3 números): R\$ 75,00

Valor de número avulso: R\$ 28,00

Promoção especial por tempo limitado:

Coleção completa (24 números): R\$ 240,00 (4 X R\$ 60,00)

Número avulso antigo: R\$ 15,00

Nome

Endereço

CEP..... Cidade

Fone..... E-mail:

(Cheque cruzado, nominal à Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre ou, se o preferir, solicite o envio de um DOC para pagamento bancário).

